

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Gustavo de Oliveira Duarte

**O “Bloco das Irenes”:
articulações entre Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de
Envelhecimento**

**Porto Alegre
2013**

GUSTAVO DE OLIVEIRA DUARTE

**O “Bloco das Irenes”:
articulações entre Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de
Envelhecimento**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação

Orientador:
Prof. Dr. Fernando Seffner

**Porto Alegre
2013**

Gustavo de Oliveira Duarte

**O “Bloco das Irenes”:
articulações entre Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de
Envelhecimento**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação

Aprovada em 10 de abril de 2013.

Prof. Dr. Fernando Seffner – UFRGS - Orientador

Prof. Dr. Edvaldo Couto – UFBa

Prof. Dr. Júlio Assis Simões – USP

Prof. Dr. Johannes Doll – UFRGS

*“A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer*

*Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer*

*Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá*

*Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr*

*Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer”*

(Envelhecer, Arnaldo Antunes)

*“Viver é um rasgar-se e remendar-se”
(Guimarães Rosa)*

AGRADECIMENTOS

O exercício de escrever uma tese nunca vem sozinho, no meu kit de quatro anos do curso de Doutorado também veio a rotina de trabalhar e estudar ao mesmo tempo: a constante falta de tempo para saborear as valiosas leituras que tive acesso, a impossibilidade de cursar algumas disciplinas do Programa de Pós-graduação e de interagir mais com meus colegas, as constantes viagens entre Pelotas e Porto Alegre. Crises e reflexões pessoais e familiares também insistiram em entrar em cena, mais fortemente, neste período. Comer demais, caminhar de menos, parar de dançar (!), irritar as pessoas com o tema da tese. Solidão necessária. Livros, artigos, sites, música instrumental, facebook, florais e o próprio grupo investigado me ajudaram a levantar depois das algumas quedas.

Agradeço à minha família, principalmente a minha supermãe Antonieta, mulher guerreira: presença cigana, forte, calma, otimista, em todos os momentos. Cuidado e apoio nunca faltaram.

Agradeço ao Paulo Sérgio pelo companheirismo, pela ajuda, pela força, pelo compartilhar da vida, antes e depois da tese. Pelo “*Rasgar-se e remendar-se*”. Mudamos, ressignificamos, aprendemos e inventamos juntos.

Agradeço à outra família que escolhi: meus amigos e amigas querid@s de Santa Maria, de Porto Alegre e de Pelotas. Especialmente à Vanessa, Valdira e Lélia. A querida prima Ana Paula e “Vó” Lita.

Agradeço, especialmente, ao meu orientador, Professor Dr. Fernando Seffner, pelas belas e provocadoras aulas, pela atenção e dedicação carinhosa na orientação da pesquisa. Aprendi para além da tese.

Agradeço aos professores da banca de qualificação: Prof. Dr. Edvaldo Couto, Prof. Dr. Johannes Doll, Prof. Dr. Henrique Nardi e Prof. Júlio Simões pelos valiosos e precisos pareceres que me auxiliaram na construção e escrita da tese.

Agradeço aos colegas do Curso de Dança da UFPel pelas conversas, cafés, intermináveis reuniões, pela força e apoio durante o processo de estudo e de trabalho compartilhados.

Minha imensa gratidão a todos os integrantes do grupo investigado, especialmente para meus seis informantes principais que me possibilitaram uma significativa relação, parceria e total ajuda para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço pela convivência e pela confiança, por permitir acesso às suas experiências mais íntimas e complexas. Suas histórias de vida me fizeram refletir e ressignificar a minha. “Envelheci” com vocês. Acreditem: este grupo foi um presente para mim.

Sou grato a tod@s!

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado em Educação analisa um grupo de homens, a maioria deles com idade acima dos quarenta anos, que se identificam como homoafetivos e que se reúnem, sistematicamente, na cidade de Porto Alegre/RS com o objetivo de compartilhar experiências, desejos e angústias vivenciadas. O foco principal de investigação no grupo foi a questão do “assumir-se” (*coming out*), as articulações entre o processo de envelhecimento e a questão da amizade como uma política de estilização da existência. O trabalho foi inspirado a partir da perspectiva pós-estruturalista e dos estudos culturais. Além do acompanhamento das reuniões do grupo de 2009 a 2012, foram realizadas duas entrevistas com os seis informantes principais, analisadas as atas das reuniões do grupo e participações em alguns eventos extra-reuniões. Ao longo de uma trajetória de mais de dez anos de existência, a luta por um espaço de encontro para as reuniões deste pequeno coletivo, o constante movimento de entrada e saída de participantes e a constituição e o fortalecimento de um núcleo original, mais velho, caracterizaram o mesmo. A sociabilidade dos participantes, associada ao marcador idade, constituiu-se “dentro” e “fora” das reuniões do grupo, na divisão de subgrupos e, sobretudo, entre o dilema do assumir-se e a visibilidade exigida pela militância LGBT. Apesar da circulação de práticas homonormativas e de outras com tons preconceituosos e conservadores, a sociabilidade do grupo configurou-se como uma rede de apoio e suporte aos seus integrantes, sobretudo aos mais velhos, os quais mostraram alguns ensaios e possibilidades próximas de uma erótica do envelhecimento.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Homossexualidade, Envelhecimento, Amizade.

ABSTRACT

This doctoral dissertation in education looks at a group of men, most over the age of forty, who identify as homoaffective and who gather, systematically, in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, with the objective of sharing their experiences, desires and anxieties. The main focus of the dissertation was the question of coming out, understandings of the aging process and the question of friendship as a stylization of existence. The research was inspired by poststructuralism and cultural studies. Besides monitoring group meetings from 2009 to 2012, there were two interviews with six key informants, analyzed the minutes of meetings of the group and participating in some events outside the meetings. For more than ten years the struggle for a meeting space, the constant movement of incoming and outgoing participants and the establishment and strengthening of an original core, now older, have characterized the group. The sociability of the participants, associated with the marker of age, was constituted "inside" and "outside" of the group's meetings in subgroups and, above all, between the dilemma of coming out and the visibility demanded by LGBT activism. Despite the circulation of homonormative as well as prejudiced and conservative practices, the sociability of the group was configured as a support network for its members, especially the older ones, who demonstrated some attempts at and possibilities of an erotic aesthetics of aging.

Keywords: gender, sexuality, homosexuality, aging, Friendship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmides Etárias do Brasil.....	58
Figura 2 – Classificação das Teorias Sociológicas.....	60
Figura 3 – As 8 idades do ser humano de Eric Erikson.....	62
Figura 4 – Jornal Lampião de Esquina.....	68
Figura 5 – Jornal O Snob.....	68
Figura 6 – Identidade visual do blog Grisalhos gays.....	85
Figura 7 – Campanha do Nuances.....	89
Figura 8 – Parada Gay.....	117
Figura 9 – Entre armários e gavetas.....	138
Figura 10 – Malhando na Academia.....	150
Figura 11 – Na Sauna.....	151
Figura 12 – Capa da Revista Veja.....	162
Figura 13 – Na Balada.....	166
Figura 14 – Entre Amigos.....	207

SUMÁRIO

1 PESQUISAR EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: SITUANDO A PESQUISA E O PESQUISADOR.....	12
2 UM GRUPO DE HOMENS, HOMENS GAYS.....	22
2.1 O individual no coletivo: os participantes do Grupo.....	23
2.2 Histórico e trajetória do Grupo.....	36
3 PERCURSO METODOLOGICO – AS QUESTÕES DA PESQUISA.....	47
4 ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE: CONVENÇÕES E INVENÇÕES SOCIAIS.....	56
4.1 Ficando “mais velho”: olhares, limites e possibilidades.....	58
5 “CULTURA GAY”: (IN)VISIBILIDADES, PRÁTICAS E TENSÕES – SOCIABILIDADES ENTRE HOMENS.....	68
5.1 O Processo de Envelhecimento Gay.....	82
6 SEGREDOS E REVELAÇÕES: O DISPOSITIVO DO ARMÁRIO.....	91
7 ENTRE ROTINAS E RITUAIS: AMIZADE, HOMONORMATIVIDADE E VELHICE - A(S) “VERDADE”(S) SOBRE A(S) HOMOSSEXUALIDADE(S) NO GRUPO.....	100
7.1 A Presença do Coordenador: a “Madre superiora”.....	104
7.2 A Busca de um Trabalho Social – Solidariedade e Espiritualidade.....	111
7.3 Entre a Sala e a Rua.....	115
7.4 Gay? Não, Homoafetivo! Mas seja Discreto!.....	121
7.5 O Sofá da Hebe: os Convidados do Grupo.....	131
7.6 Dentro e Fora do Grupo – Dentro e Fora do Armário?.....	136
7.7 Sociabilidade(s) (im)possíveis: o Grupo e os subgrupos.....	149
7.8 Diálogos intergeracionais: aproximações e afastamentos.....	160
7.9 Ficando mais Velho: Entre Lembranças e Projetos.....	174
7.10 Terapias, Depressão e Solidão: Autoajuda?.....	183
8 “O BLOCO DAS IRENES”: POR UMA ERÓTICA DO ENVELHECIMENTO.....	190
9 DA SAUNA AO SARAU: A AMIZADE COMO UMA POLÍTICA DE ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA.....	196

REFERENCIAS	221
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista 1.....	231
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista 2.....	232
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	233
ANEXOS – Os “Artistas” do Grupo.....	234
ANEXO A - Curtindo na Sauna.....	234
ANEXO B - À procura do Eterno.....	235
ANEXO C - Reflexões.....	236

1 PESQUISAR EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: SITUANDO A PESQUISA E O PESQUISADOR

Desde meu ingresso no Curso de Educação Física, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), em 1995, entrei em contato mais intensamente com a diversidade de expressões sobre os modos de ser masculino e feminino, sobretudo na rica e complexa área dos esportes. Durante a graduação percebi, especialmente, como normas e regulações sobre o que era permitido, ou não, em determinados contextos, produziam diferentes efeitos sociais e, também, constrangimentos de quem não se encaixava neste ou naquele perfil. Foi a partir dos estudos da Ciência do Movimento Humano que me fizeram refletir e me impulsionaram a questionar as diferenças de gênero e suas relações com a temática da sexualidade, suas políticas e seus possíveis desdobramentos sociais.

Seja dentro ou fora da Escola, a partir de reflexões críticas da própria História da Educação (LOURO, 1999) e da História da Ciência (CHASSOT, 2003) fui percebendo a relação conhecimento-interesse ou, em outras palavras, entre saberes-poderes (FOUCAULT, 1986), que me permitiram compreender a historicidade e a construção de regras e normas sociais bem como articulá-las aos modos de condução, manutenção e controle da vida. Pude experimentar de perto algumas destas expectativas e cobranças sociais em diferentes momentos e espaços por onde circulei e ainda circulo como escolas, academias de ginástica e dança, clubes, eventos sociais, bares e boates, espetáculos artísticos, universidades, espaços religiosos, entre outros.

Durante a adolescência e o início da juventude ao transitar entre as fronteiras da hetero e da homossexualidade, senti muito bem o que é estar fora da norma, ou longe dela. Fui percebendo que o atestado de normalidade a partir de diferentes situações sociais seja em uma reunião de família, programas de televisão, notícias de jornais ou no contexto escolar ou acadêmico, na maioria das vezes era assinado por médicos, religiosos, juízes e, até mesmo, pelos/as próprios/as professores/as e orientadores/as educacionais. Quando da entrada na “vida adulta” até a invenção dessa pesquisa arrisco a destacar, a partir de minha própria trajetória

e de seus atravessamentos, que no âmbito do mundo profissional e da família é onde se travam os embates mais calorosos e as disputas mais acirradas em torno das articulações entre corpo, gênero e sexualidade, especialmente em relação à temática da homossexualidade masculina. Durante a graduação também iniciei meu contato com o público idoso na orientação de atividades de ginástica e dança, para uma quase totalidade de mulheres heterossexuais. Desde aquela época ficava imaginando por onde circulavam e como viviam as “bichas velhas”?

A temática desta pesquisa foi construída a partir do acompanhamento que realizei de um grupo¹ de homens homossexuais, que se autodenominam homoafetivos, constituído a partir do ano de 1998, na cidade de Porto Alegre/RS, com idades que variam entre 23 a 64 anos de idade. Inicialmente pretendia investigar especificamente gays com idade mais avançada, cronologicamente acima de sessenta anos², em virtude da aproximação com o público mais velho em minha prática profissional. No entanto, pareceu-me mais produtivo investigar as articulações possíveis entre homossexualidade e o processo de envelhecimento, temática esta que vem crescendo e se consolidando no Brasil. Esta pesquisa se insere neste movimento de interesse pelo tema, onde, contemporaneamente, alguns trabalhos vêm discutindo e problematizando a “velhice”, os “velhos” e suas experimentações afetivo-sexuais (SANTOS & LAGO, 2012; SILVA & MONTENEGRO, 2012; ANTUNES, 2012; SANTOS & FILHO 2011; POCAHY, 2011, NUNES, 2012).

Cada vez mais os olhares das áreas da Saúde e da Educação acompanham as transformações sociais que estamos vivenciando a partir do aumento da expectativa de vida da população brasileira e, sobretudo, do recorte gaúcho onde os índices de longevidade estão acima da média nacional³. Ao buscar possíveis espaços onde eu poderia encontrar meus futuros informantes, isto é, homens gays

¹ No próximo capítulo apresento a contextualização e a descrição do grupo que acompanhei e que serviu como objeto deste estudo.

² No Brasil são consideradas idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, conforme o Estatuto do Idoso (2003).

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a expectativa de vida no Brasil é de 72,4 anos, com uma média de 70 anos para homens e de 74 anos para mulheres. No estado do Rio Grande do Sul a expectativa de vida é de 75,5 anos, com uma média de 71,9 anos para homens e 79,3 para mulheres.

acima de sessenta anos, percebi certa dificuldade ao percorrer alguns espaços de sociabilização gay, sobretudo boates, e raramente encontrava algum “idoso gay”. Na época, no início do curso de Doutorado, em 2009, me perguntava: Onde estariam os gays velhos? Que lugares e espaços sociais freqüentam, ocupam? Como vivem sua (homo)sexualidade?, Que relações afetivas e sexuais estabelecem? Quais são os desafios e como percebem seu próprio processo de envelhecimento?

A partir de minha experiência pessoal e acadêmica, do estudo acerca das masculinidades e das trocas com demais colegas pesquisadores que também se debruçaram a estudar as relações entre gênero e sexualidade, constatei que os homens gays mais envelhecidos costumavam circular, principalmente em saunas e nos chamados “cinemas de pegação”, onde são exibidos filmes pornográficos. Nesta época, procurei investir na possibilidade de investigar em espaços outros, distintos destes citados, e buscar compreender as relações entre o processo de envelhecimento e a configuração da(s) sociabilidade(s) de homens gays acima cinquenta anos de idade, mas que não estivessem circunscritos, exclusivamente, em um espaço demarcado ou fixo. Decidi então procurar alguns espaços “formais” ligados à luta pelos Direitos Humanos e defesa dos homossexuais como as organizações não governamentais (ONGs) que já desenvolviam trabalhos voltados à população LGBT mais atuantes da cidade. Entrei, então, em contato com o *Nuances*⁴ e *Somos*⁵ para buscar algumas orientações sobre os projetos desenvolvidos na tentativa de encontrar algumas pistas de meus futuros informantes⁶.

O grupo de homens aqui analisado, para minha surpresa inicial, apresentou ligações com ambos os espaços citados e, a indicação da configuração do mesmo veio por intermédio do contato que busquei junto à equipe que desenvolve projetos no *Somos*.

⁴ NUANCES - Grupo pela Livre Orientação Sexual - tradicional e pioneiro pela livre orientação sexual, organização não-governamental voltada para a defesa dos direitos humanos dos homossexuais.

⁵ SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade é uma organização da sociedade civil, criada em 10 de dezembro de 2001 por um grupo de profissionais de Direito, Comunicação e Saúde, oriundos de organizações de luta pelos Direitos Humanos (DH) de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) e de pessoas que vivem com HIV/aids. (<http://somosglbt.blogspot.com>).

⁶ Maiores esclarecimentos sobre o caminho percorrido até o encontro com o grupo investigado encontram-se descritos no capítulo intitulado “percurso metodológico” desta tese.

A presente pesquisa filia-se à vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, aos Estudos de Gênero e Sexualidade, aos *Gays Studies*, aos estudos e teorizações sobre o corpo e suas relações aos Estudos sobre Envelhecimento. Esta tese também se apoia na noção de pedagogias culturais, pedagogias do gênero e da sexualidade, e entende o processo de envelhecimento como um aprendizado, complexo e contingencial. A escrita e o processo de pesquisa e produção desta tese estão ancorados, principalmente, nas teorizações e na trajetória de Michel Foucault, sobretudo na última fase de seus estudos. Portanto, cabe destacar que meu caminho investigativo, como professor-pesquisador, se desenvolve na área da Educação e que busco problematizar e contextualizar categorias como pedagogias do gênero e da sexualidade. Neste sentido compreendemos os sujeitos a partir de identidades múltiplas, plurais, não fixas e, portanto, que podem se transformar e até mesmo mostrar-se contraditórias (LOURO, 1999). A orientação deste cenário epistemológico privilegia a centralidade da linguagem a partir da produção das relações que a cultura pode estabelecer entre corpo, sujeito, conhecimento e poder.

O corpo, neste sentido, é compreendido como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder (MEYER, 2003), ou seja, o corpo também é construído pela linguagem. Nesta perspectiva a cultura é caracterizada com um campo de luta e de contestação na qual são produzidos múltiplos sentidos de masculinidade e feminilidade a partir de suas “marcas” sociais tais como classe, etnia, geração, religião, nacionalidade, entre outras. A categoria de gênero, a partir de uma visão construcionista do social, configura-se como uma ferramenta analítica e, ao mesmo tempo, política, uma vez que articulada à(s) sexualidade(s) e a outros marcadores culturais acaba funcionando como um organizador cultural e destacando o caráter relacional das práticas sociais. Ao pesquisar na interface e nas articulações entre educação, gênero e (homo)sexualidade(s) compreendemos que os estudos de gênero são capazes de construir a percepção e a organização concreta e simbólica das relações sociais. “O Gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 89).

Assim, toda expressão de gênero corresponde certa expectativa de orientação sexual, e também que a toda orientação sexual temos determinados

atributos de gênero que são esperados, hegemonicamente, e todo este jogo relacional me motiva a investigar e me interessa apreender a partir de minha inserção em campo, sobretudo com o atravessamento geracional. Compreendo que as identidades de gênero e sexuais são produzidas na e pela cultura e mostram-se permeadas por complexas relações de poder em diferentes articulações e instâncias sociais. As identidades, portanto, são nomeadas a partir de diferentes classificações como normais, desviantes, e/ou alternativas, no entanto, cabe destacar que algumas identidades não necessitam ou precisam de explicação, enquanto outras, não podem ou não devem falar por si (LOURO, 2000).

Compreendo a cultura como um campo de relações de poder. O poder de representar o outro, de se autorrepresentar, de estabelecer conexões positivas a partir de sua identidade, o poder de se apresentar como confiável, como digno, e não ser visto como um ser abjeto. Neste campo de negociações, podemos perceber que as construções culturais e as representações sociais são constituídas em meio a disputas de poder, ou seja, elas estão imersas em redes de poder em diversos campos e lugares sociais. Desse modo, a sexualidade não se constitui apenas como uma questão pessoal, mas configura-se como social e política na medida em que ela é aprendida, é construída ao longo da vida, de muitos modos e por diferentes atravessamentos. Ao relacionarmos as compreensões de corpo e de sexualidade faz-se necessário articular os conceitos de identidades, práticas sexuais e de gênero. As diferentes formas de viver prazeres e desejos contribuíram para os chamados processos de afirmação e diferenciação, conforme Stuart Hall (1997) denominado de políticas de identidade.

De acordo com Guacira Louro (1999) a compreensão da sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, está envolvida em processos culturais e plurais. No texto “O Corpo e a Sexualidade” da obra *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade*, de Jeffrey Weeks (1999), este propõe explorar as significações de corpo e da sexualidade a partir de suas marcas, seus atravessamentos de gênero, classe e raça/etnia. O autor destaca que a sexualidade configura-se como um fenômeno social e histórico que ultrapassa a dimensão biológica, envolvendo um conjunto de crenças, ideologias e imaginações e, em relação ao processo de regulação social dos corpos, tanto nos ambientes

públicos quanto nos privados. Ao admitir que a sexualidade tenha uma história e que foi/é construída pela linguagem por meio de significados e sentidos atribuídos ao termo sexo, Jeffrey Weeks demarca sua posição contrária à ideia de uma evolução das práticas sexuais. As construções acerca da sexualidade, neste sentido, são moldadas no interior de redes - relações de poder. Assim, as identidades de gênero e sexuais são construídas e definidas por relações sociais, são moldadas, portanto, pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1999).

Michel Foucault, no primeiro volume de sua História da Sexualidade, propõe uma rejeição à chamada hipótese repressiva (interdição-censura-negação) uma vez que reconhece uma explosão discursiva sobre o sexo em relação aos pudores do puritanismo vitoriano na transição dos séculos XVII e XVIII. Na articulação entre poder e saber relacionada à sexualidade, a compreensão de poder torna-se fundamental. Assim, “o poder” configura-se como “uma multiplicidade de relações de força, um jogo de lutas e afrontamentos, é uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p.89). E é no discurso, ou seja, na multiplicidade de elementos discursivos que poder e saber se articulam. A sexualidade, desta forma, constitui-se num ponto de passagem, denso, pelas correlações de força: desequilibradas, instáveis, tensas. A resistência é constitutiva do poder e, logo, não há poder sem resistência. A célebre citação de Michel Foucault nos esclarece que

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

A sexualidade configura-se, neste sentido, uma invenção social a partir dos discursos que se mostram instauradores de saberes e que por sua vez produzem verdades. Tais verdades acabam por interpelar os sujeitos a partir de diferentes situações sociais, nas quais as identidades podem apresentar um caráter fragmentado, instável, transitório. A partir da centralidade da sexualidade nas sociedades modernas, ganharam destaque os movimentos de fixação identitária: pela aparência e referência dos corpos que acabam por ancorar certa identidade.

Jeffrey Weeks (1999) nos apresenta um referencial crítico ao essencialismo sexual e, ao questionar a fixidez do masculino e do feminino, o autor prefere explorar a natureza cambiante de certas categorias sociais como a infância, a prostituição e a homossexualidade, por exemplo. No que se refere à sexualidade e às normas sociais entrou em cena, historicamente, a força das tradições sexuais via a hegemonia de um sistema classificatório. Não raras vezes, compreendemos que a influência dos saberes educacionais acabou por reforçar divisões hierárquicas e reducionistas dos movimentos e ações dos sujeitos como “o normal” e “o anormal”, a norma e os “desvios”, referenciados também pelos discursos médico, judiciário, político e religioso (FOUCAULT, 2002).

Ao analisar as dimensões sociais da sexualidade e as estratégias de controle e disciplina sobre os indivíduos o corpo ganha destaque principal. A criação de diferentes posições de sujeito (a mulher histórica, a criança masturbadora, o modelo de casal e a figura do invertido) foi inventada a partir dos discursos dos campos da moral e da área da saúde, principalmente os saberes médicos. Sistemas classificatórios e quadros de referência dos chamados especialistas no assunto moldaram e categorizaram os padrões aceitáveis das relações entre homens e mulheres. Determinados comportamentos sexuais foram rotulados de desviantes. Em nome de um discurso moralizante referente aos padrões familiares do século XIX a sexualidade feminina e as diferenças entre os corpos masculinos e femininos, a partir de uma perspectiva hierárquica e vertical, constituíram-se como um produto do poder dos homens e de suas práticas científicas (FOUCAULT, 1988; LAQUEUR, 2001).

Tais implicações do discurso moderno instauraram, por sua vez, premissas de radical oposição entre os dois sexos ancorados em bases da diferença e da divisão, ao invés, por exemplo, de similaridade e/ou complementaridade. A chamada “dominação masculina” a partir da institucionalização da heterossexualidade inaugurou, por um lado, um novo esforço de uma linguagem descritiva de caráter médico e moral baseada em classificações normalizantes e por outro, criou a figura do anormal, do transgressivo, da estigmatização de determinados comportamentos e práticas sexuais. A identidade uma vez localizada, fixa, necessita da diferença para existir, ou seja, a diferença é que precisa ser nomeada (LOURO, 1999).

Ao discorrer sobre as complexas transformações da homossexualidade (diferenças entre comportamento e identidade homossexual) e a invenção do homossexual, Jeffrey Weeks aponta para um repensar das identidades sexuais pautado na premissa de que o termo identidade remete a uma ideia ambígua. Ao apontar diferentes ênfases sobre a construção da identidade como destino, resistência e/ou possibilidade de escolha, o autor destaca que esta própria “escolha” muitas vezes é direcionada pela contingência, ao invés de guiada pela vontade. “As identidades, entretanto, podem ser escolhidas, e no mundo moderno, com sua preocupação com a sexualidade “verdadeira”, a escolha é muitas vezes altamente política” (WEEKS, 1999, p.73). Os processos identitários denotam conflitos, negociações e riscos da vida diária em momentos de crise onde as tradições e as verdades absolutas são colocadas em cheque pela crescente complexidade social. Esta, por sua vez, acaba por gerar agudas ansiedades. A discussão da sexualidade ganhou terreno de luta política. Ainda este autor pontua inúmeras mudanças e transformações nos âmbitos público e privado das sociedades a partir da centralidade das relações corpo–sexualidade nas relações sociais entre os gêneros.

A organização e a visibilidade dos movimentos sociais de contestação, sobretudo a partir da década de 1960 e 1970, como o movimento feminista e o movimento negro, dentro e fora do país, acabou impulsionando a constituição e o fortalecimento do movimento de gays e lésbicas e de suas lutas pela livre expressão sexual e pelo reconhecimento de direitos sociais. Tais transformações sociais repercutiram em novos arranjos, novas combinações de posturas e de saberes sobre as identidades e práticas sexuais e de gênero, ou seja, a vivência de prazeres e de desejos pode-se dar de várias e diversas formas e não, a partir da exclusividade de uma única “norma”. No entanto, é válido destacar, como apontou Michel Foucault, que na norma todos estamos, mas que podemos estar em uma relação de oposição a ela, em oposição parcial, em negociação, em total adesão, entre outras possibilidades contingenciais e históricas.

Os movimentos desta época, ao colocar em xeque não apenas as estruturas de poder e o capitalismo, mas também as explicações de toda a sociedade a partir de teorias universais encontram-se ao movimento pós-estruturalista o qual

(...) trazia para o centro das atenções o discurso, provocando uma “virada linguística”, ou seja, afirmando que a linguagem não seria propriamente uma representação da realidade feita pelos sujeitos, mas sim constituidora dos sujeitos e da realidade. O pós-estruturalismo trazia também, pelo menos através de uma de suas importantes vertentes, a proposta de “desconstrução” dos princípios fundantes sobre os quais se construíram os tradicionais sistemas de pensamento. Considerando tais sistemas como metafísicos, iria tentar desconstruir as “oposições binárias” que os sustentavam. Essa proposta talvez pudesse permitir uma abordagem muito mais radical a uma das oposições binárias mais solidamente instaladas no pensamento e na prática ocidental, ou seja, a oposição homem/mulher, masculino/feminino, oposição essa entendida como natural e imutável, reveladora e desencadeadora de uma hierarquia aparentemente universal e eterna (LOURO, 1995, p.110).

Este cenário questionador e reflexivo permitiu a constituição e o desenvolvimento do nomeado “Movimento Homossexual Brasileiro” (MHB) a partir do período de abertura política dos anos 70 (FACHINNI, 2005; ASSIS & FACCHINI, 2009). A construção acerca da constituição de uma identidade e comunidade homossexuais, o dilema do “assumir-se” ou do permanecer “enrustido”, o aparecimento um “mercado gay”, a luta contra a violência e a busca por direitos humanos e civis foram alguns dos principais desdobramentos decorrentes da atuação da militância homossexual no Brasil⁷.

Neste sentido esta tese busca investigar as relações de sociabilidade construídas por um pequeno coletivo de homens, homens gays, que se reúnem em um grupo, sistematicamente, e suas articulações com a temática do assumir-se e com o processo do envelhecimento. Além disso, esta se preocupa em mostrar as conexões do grupo investigado e o movimento militante homossexual, que ali repercute. Para fins de ilustração da tese e, também, inspirado no material produzido sobre o processo de envelhecimento gay utilizado na campanha “Prazer não tem idade” realizada pelo Nuances, em 2002, utilizarei ao longo do texto alguns desenhos criados por Renan Fonseca, aluno do Curso de Design da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) acerca das vivências relatadas por meus informantes. Minha ideia inicial era solicitar que os próprios integrantes do grupo, de alguma maneira, produzissem algo sobre eles próprios ou sobre o grupo. Após algumas

⁷ Algumas reflexões sobre o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e Movimento LGBT e suas relações com a temática desta pesquisa serão tratadas no capítulo 5 da tese.

tentativas somente dois informantes me enviaram suas produções, Fábio e Alejandro, as quais também ilustram a tese.

Esta pesquisa se divide em três partes. Na primeira parte da tese apresento minha trajetória e relação ao tema proposto, a contextualização dos integrantes do grupo investigado e as questões metodológicas da pesquisa. Na segunda parte problematizo as diferentes representações acerca do envelhecimento e da velhice e os estudos sobre a(s) homossexualidade(s) brasileira(s), sobretudo a questão do assumir-se. Na parte final busco compreender e analisar a complexidade do grupo a partir de uma erótica do envelhecimento e da amizade como uma política de estética da existência.

2 UM GRUPO DE HOMENS, HOMENS GAYS

“Buscamos nosso autoconhecimento, um apoio mútuo e a troca de informações e experiências, celebrando a amizade, o calor humano e o respeito entre todos, diante de nossa diversidade”.
(Alberto, 62 anos)

Este capítulo trata de apresentar o objeto de estudo deste trabalho, ou seja, situa o histórico e a trajetória do grupo investigado, o momento de sua invenção, as transformações ocorridas e sua configuração atual. Inicialmente busco caracterizar o perfil do grupo, momento este que construo uma espécie de mini currículo de cada integrante a fim de configurar as individualidades que constituem a complexidade deste coletivo analisado, nomeado de “Oficina da Gente”⁸.

Ao ingressar no curso de doutorado, no primeiro semestre de 2009 me perguntava onde poderia encontrar meus informantes, as chamadas “irenes”⁹. Foi-me indicado entrar em contato com organizações não governamentais (ONGs) que já desenvolviam trabalhos voltados à população LGBTTT como o Nuances e o Somos. Ao entrar em contato com a equipe do Somos tive uma grata surpresa: a indicação de um grupo constituído, que já havia funcionado na casa que reunia homens gays de diferentes idades, a maioria acima de cinquenta anos, e que se encontravam sistematicamente. Mesmo o grupo não ocupando mais aquele espaço e com a possibilidade de término do mesmo, consegui o contato de um integrante do grupo. Com “absoluto sigilo” e confiança, assim encontrei os meus informantes que constituem um grupo, o foco de investigação da referida tese, o qual passei a acompanhar desde o mês de julho de 2009. A partir desta época o grupo iniciara uma nova fase dos encontros: a retomada das reuniões nas casas dos próprios participantes, após alguns períodos de pausa e de interrupções, configurando

⁸ Este é o nome oficial do grupo investigado, criado pelo Alberto desde seu início, em 1998. Remete à tarefa do grupo: auxiliar no autoconhecimento e na construção de um ser humano melhor, mais consciente de si e de sua relação com os outros.

⁹ Aqui faço uma pequena homenagem ao escritor e dramaturgo gaúcho Caio Fernando Loureiro de Abreu (1948-1996), que utilizava este termo para designar gays velhos de sua época, as bibas ou bichas velhas, na linguagem corriqueira entre homossexuais. Atualmente as expressões mais utilizadas são: “tia”, “vó”, bisavó, entre outras.

atualmente, um grupo fechado, caseiro, e que só admite o ingresso de novas pessoas por indicação, por convite e aprovação da maioria do grupo.

2.1 O Individual no Coletivo: os participantes do Grupo

Neste momento apresento as características da maioria dos integrantes do grupo, os quais tive maior contato no momento das reuniões, a fim de oferecer uma melhor compreensão das individualidades que compõem o grupo investigado. A partir das anotações no diário de campo, do acompanhamento das reuniões quinzenais e da primeira entrevista que realizei com os integrantes mais antigos e assíduos destaco esta apresentação inicial dos mesmos. Na seqüência contextualizarei o coletivo do grupo. Esta primeira entrevista foi realizada, em um momento inicial, com os sete¹⁰ participantes mais antigos e assíduos no grupo. O perfil dos demais integrantes foi produzido a partir de minhas anotações extraídas do diário de campo, onde registrei as impressões do acompanhamento das reuniões do grupo. Nos próximos capítulos delinearei a sistemática e a configuração do grupo a partir de seus principais movimentos, tensões e atravessamentos.

Destaco que a identidade dos informantes foi preservada e os nomes foram alterados - tanto os dos integrantes do grupo, como àqueles citados por eles - segundo os procedimentos éticos de pesquisa e de acordo com a autorização que obtive para acompanhar o grupo e gravar as entrevistas. Neste sentido, minha proposta não foi de entrevistar todos os integrantes do grupo, uma vez que o mesmo não apresentava um público fixo, pelo contrário, foi comum alguns integrantes ficarem períodos de tempo ausentes e retornarem ao grupo em momentos posteriores. Outros começaram a frequentar o grupo e não mais voltaram. Alguns deixaram de comparecer às reuniões durante o período que frequentei o grupo, ao mesmo tempo em que novos integrantes passaram a frequentar o mesmo. Mais

¹⁰ No ano de 2010 o integrante Robson, veio a falecer. Assim, apresento apenas os dados da primeira entrevista realizada com este informante.

adiante tratarei desta questão: Por que alguns integrantes do grupo desistiram de frequentá-lo? Por que outros se ausentaram e depois retornaram ao grupo?

Ao acompanhar as reuniões do grupo e estreitar laços afetivos devido à ótima acolhida que tive, todos os informantes se mostraram disponíveis e de certa forma felizes e honrados de servir como “cobaias” de uma pesquisa para um trabalho acadêmico na área da Educação da UFRGS. A curiosidade sobre o tema e certo sentimento de orgulho e reconhecimento foi notável no início de minha entrada e participação nas reuniões. Por várias vezes ofereci carona a alguns colaboradores nas idas aos encontros nas casas de alguns deles, em diferentes regiões da cidade de Porto Alegre/RS, também fui convidado a tomar chimarrão, cafés da tarde e até mesmo participar de jantares nas casas de alguns integrantes do grupo. Conforme o tempo passava nossos vínculos afetivos se fortaleciam e pude perceber que eles foram ficando mais à vontade com a minha presença, e que tinham muito a falar.

Neste período de convivência tanto nas reuniões do grupo, quanto em outras situações e eventos, tive a oportunidade de conhecê-los um pouco melhor individualmente. Nestes momentos mais informais e descontraídos, fora do espaço das reuniões, alguns deles me relataram vários episódios significativos de suas vidas íntimas, alguns eventos marcantes do passado não compartilhados nas reuniões do grupo, de modo que entrei em contato com a rotina de alguns deles para além do espaço “oficial” do grupo. Durante a pesquisa, também pude atualizar-me em algumas sessões de cinema e peças de teatro, à convite do grupo, onde a problematização da homossexualidade, e seus desdobramentos, fora a temática central. Outros momentos de encontro, para além do espaço das reuniões, serão tratados na seqüência dos capítulos.

Minha relação com os informantes do grupo e as implicações decorrentes do trabalho desta investigação, com maiores detalhes e em maior profundidade, será abordada no capítulo que trata da metodologia desta tese, ou seja, “Percurso Metodológico: as questões da pesquisa”. Neste momento é oportuno destacar o fato que minha proximidade com o grupo foi ficando cada vez mais intensa e acabou por produzir tanto possibilidades como certos limites, durante minha entrada e permanência no campo. No período que acompanhei o grupo desfrutei de situações únicas, onde ao mesmo tempo em que vivenciei certa proximidade e intimidade com

os informantes, as quais permitiram conhecer algumas questões extremamente relevantes, corri o risco de acostumar e/ou “cegar” meu olhar para outras. Compreendo que o reverso também se mostra produtivo - certo distanciamento permite estranhar e problematizar certas questões, ao passo que pode limitar outras. Portanto, foi nesse complexo jogo de aprofundar e de distanciar, de buscar um exercício de mediação e escuta sensíveis, que investiguei os movimentos desse grupo de homens.

a) Alberto, coordenador do grupo, 62 anos, branco, descendência alemã. É o responsável pela “invenção” do mesmo, está presente e atua nesta função desde o início da proposta e divide a fundação do grupo com outro integrante mais antigo, o Robson. Contou-nos que seu objetivo principal era o de reunir amigos gays para conversar sobre suas vidas. Jornalista de formação atua como funcionário concursado do município de Porto Alegre, mora sozinho em um apartamento simples, pequeno, de um dormitório no centro da cidade, próximo ao apartamento onde morava sua família. Não possui carro, não dirige. Mostra-se organizado e metódico em relação às rotinas e registros do grupo, guarda um caderno de atas detalhadas e fotos de diferentes momentos dos participantes no grupo. Recentemente entrou na era virtual: as atas das reuniões, atualmente, são enviadas por e-mail aos participantes do grupo.

Este informante faz questão de destacar que o seu melhor período profissional foi quando trabalhou na Secretaria de Cultura da cidade, onde teve a oportunidade de envolver-se com cinema, teatro e exposições e de conviver com artistas locais e nacionais. Atualmente, atuando em outra secretaria, não raras vezes reclama de seu trabalho. Lembra-se desta época com certa nostalgia e demonstra vontade de retornar. Já fez terapia, há alguns anos, e atualmente voltou a freqüentar sessões de análise, para “se assumir melhor”, como destaca. Relata muitas dificuldades de relacionamento, manifesta desejo de manter um compromisso sério, com vínculos afetivos duradouros, ao mesmo tempo em que afirma sentir falta de “transar”. Não costuma sair para namorar ou “caçar¹¹” na cidade, não freqüenta

¹¹ Termo usado para encontrar pessoas, ficar, “trepar”, manter relações sexuais, na gíria gay.

lugares gays, não costuma viajar, por várias vezes ensaiou ir às saunas gays, por incentivo do grupo, mas acabou desistindo. Tem preferência por homens mais jovens e também por negros, não gosta e evita afeminados. Reclama da relação com a família, após cuidar do pai, já falecido, se ocupou por muito tempo com sua mãe doente, de quem diz ter recebido uma educação severa e rígida, “tipicamente alemã”, como destaca, onde o sexo era visto como pecado e somente para procriação. É trabalhador e médium de uma casa espírita, onde pratica trabalhos de atendimento ao público e organiza campanhas sociais. É alertado e até mesmo criticado pelos demais integrantes do grupo sobre o seu jeito desajeitado nos momentos de conquista e na recorrência dos lamentos e queixas sobre a vida, sobre sua “baixa autoestima” e sobre a dificuldade em aceitar-se gay na relação com amigos, vizinhos e possíveis paqueras.

b) Robson, 71 anos, mulato, permaneceu desde a configuração inicial até falecer durante a pesquisa, no mês de setembro de 2010, fora o componente mais velho do grupo. Oriundo do estado do Mato Grosso logo ingressou no Exército (fato este que ele escondia do grupo, apenas Alberto sabia que tinha sido militar, mesmo depois de sair “da ativa”, na linguagem militar, ainda manifestava receio em ser “descoberto”) e permaneceu até aposentar-se, muito bem graduado e com várias promoções da carreira. Formou-se em Direito. Certamente sua vida daria um livro, relatava nas reuniões sobre seus vários casos, investidas e certas rotinas para namorar e não ser descoberto ou percebido, principalmente por seus colegas militares, outrora. O fato que mais se destaca na sua trajetória é que mesmo morando sozinho e solteiro, até a sua morte, sustentava financeiramente e tinha relações de amizade com quatro “ex-casos” seus e também suas respectivas famílias, até a terceira geração. Dizia que foi apresentado às famílias como um amigo. Além da aposentadoria do Exército, contava que era proprietário de mais de quinze imóveis na cidade, todos alugados.

Robson fazia trabalho voluntário em uma organização não governamental onde atendia pessoas com problemas emocionais e de solidão. Estudioso das

religiões, dizia-se adepto da teosofia¹², praticava yoga há anos, algumas vezes demonstrava posições e postura nas reuniões, exibindo ótima flexibilidade e consciência corporal para a admiração de todos. Vestia-se de maneira muito simples, algumas vezes lembrava a figura de um típico “vovô heterossexual”, isto é, não sinalizava algum trejeito afeminado ou compartilhava de gíria gay. Não possuía carro nem celular. Raramente faltava às reuniões, sempre trazia um vinho à casa anfitriã, dizia que era “*para se soltar, para ficar mais à vontade...*”.

c) Alejandro, 64 anos, uruguaio, branco, também pertence à formação antiga do grupo, participa desde o ano de 2000, foi a primeira pessoa no estado do Rio Grande do Sul a receber, na justiça, pensão pela morte do companheiro brasileiro com quem viveu por vinte e um anos. Atualmente mora sozinho em uma casa, modesta, na zona sul da capital. Trabalhou como professor de patinação artística, em Porto Alegre e no estado de Santa Catarina, geralmente costuma visitar suas irmãs em Montevideu e já morou com uma delas em sua casa anteriormente. Além da aposentadoria que recebe do companheiro, tem outro pequeno imóvel que aluga.

Sem nenhuma dúvida é o mais calado do grupo, nas reuniões assume uma postura de observador, é assíduo e melhor amigo de Fábio, moram próximos e já viajaram juntos. Sua presença nas reuniões passa quase despercebida, algumas vezes os demais provocam sua participação, raramente inicia um assunto, só contribui com pequenas frases e senta-se, sempre, ao lado de Fábio. Mantém uma postura tranqüila e alegre, quase sempre com sorrisos e gargalhadas, nunca se queixou de algo, apenas uma vez manifestou falta de seu companheiro e, de certa forma, em um momento raro, abriu para o grupo a sua intimidade. Já ficou afastado das reuniões do grupo por delicados problemas de saúde, é um dos que mais freqüenta saunas, conhece todo o “circuito” de saunas gays da cidade. Atualizado com as questões da informática, produz alguns desenhos no computador, mostra-se sempre disponível para sair ou viajar.

Alejandro relatou que quando mais jovem, ao estar casado com seu companheiro, em virtude da profissão dele, executivo, não poderiam aparecer em

¹² Teosofia é conhecimento divino ou ciência divina, se configura-se como um conjunto de conhecimentos que reúne ciência, filosofia e religião.

público juntos, e que era extremamente difícil a vida social do casal, tanto que ele deixou a profissão de professor para ficar em casa, à pedido do companheiro.

d) Arlindo, 58 anos, nascido no interior do Estado, branco, trabalha como bancário em um cargo relevante na direção geral da instituição. Atua, como voluntário, na mesma organização não governamental que Robson onde também atende pessoas por telefone. É um dos que mais viaja no grupo, atualmente solteiro, mora sozinho em um apartamento, confortável, no centro de Porto Alegre, já viveu um relacionamento fixo e duradouro até seu companheiro falecer. Vaidoso, ora aparece com trajes sociais, impecáveis, característico do ambiente profissional de um Banco, ora com grifes caras e “jóias” nas reuniões, frequenta academia e mantém agenda social intensa fora do grupo. Geralmente assume uma posição intermediária nos debates, atua como um mediador em temas polêmicos e discussões nas reuniões. Raramente se queixou de problemas ou traumas sobre a homossexualidade, agressões ou preconceitos.

É o único do grupo que tem amigas travestis, conhece bem o circuito gay de Porto Alegre, de Florianópolis e Rio de Janeiro. Frequenta saunas e boates, comparece a desfiles de modas e procura entender e atualizar-se no ramo da moda, cosméticos e beleza. Pode-se dizer que sua presença no grupo promove certo equilíbrio nos assuntos tratados, passa uma imagem simpática e faz o estilo “de bem com a vida”. Faz parte do núcleo velho¹³ e espírita do grupo, soube do mesmo por Alberto e ingressou no ano de 1999. Arlindo demonstra uma postura flexível dentro e fora do grupo onde circula em diferentes espaços sociais, hetero ou homossexual, além de manter aproximação com a maioria dos integrantes do grupo.

Ao se referir a sua família Arlindo afirma não ter incômodos, além de auxiliar financeiramente parte dela, no interior do estado, deixa transparecer seu desejo de dividir sua vida íntima com seus parentes. Conta-nos que frequentemente levava seu antigo companheiro às festas tradicionais e sempre foram bem recebidos, onde nunca ouvira piadas ou cobranças desagradáveis. Sobre sua preferência em relacionamentos afirmou que namoraria outros homens mais jovens ou mais velhos

¹³ Meu olhar em relação ao grupo, de uma forma mais detalhada, será abordado no capítulo 7 desta tese.

que ele, sendo que estes deveriam ter uma “cabeça jovem” e um “corpo legal” para atraí-lo, que teria que ser um “coroa jovem”, destacou.

e) Fábio, 62 anos, branco. Soube do grupo por meio de Alberto, mora sozinho, desde que se separou de sua mulher com quem ficou casado por 24 anos. Tem três filhas e duas netas. Vive em um apartamento confortável, na zona sul da cidade, aposentado de empresa privada, já escreveu dois livros de contos, dirige seu próprio carro. Diz não ter ou seguir alguma religião, embora relatou que já atuou como “pai-de-santo”¹⁴ por um tempo e, atualmente, diz ser um “livre estudioso” das religiões. Ao ingressar no grupo, no ano de 2000, relatou que os integrantes deste foram as primeiras pessoas homossexuais com quem conviveu. Destacou que quando esteve afastado do grupo, sentiu-se um pouco isolado, e após seguir tratamento para depressão, com medicação controlada, decidiu voltar ao grupo, fato este que considera positivo para sua vida e para a manutenção de sua saúde, inclusive.

É o único do grupo que já foi casado com uma mulher, faz questão de destacar que nunca a traiu, mas que, em pensamento, sempre vivenciou desejos e fantasias com homens. Conta que suportou a rotina do casamento até onde “deu para segurar”, passava muito tempo sem ter relações com sua mulher até que ela o questionou e ele “abriu o jogo”. Passou por um período de separação morando juntos, muito dolorido, até que conseguiu se mudar e foi morar com amigos. Atualmente vive independente de sua família e mantém relações amigáveis com suas filhas, quando necessário faz questão de afirmar que está sempre presente e auxiliando a família. Fábio relatou que foi difícil a fase de transição após sua separação a ponto de procurar uma psicóloga e fazer terapia para aceitar sua homossexualidade plenamente. Não considera o grupo como autoajuda, mas como um grupo de amigos e como uma oportunidade de trocar experiências sobre a vida. É o “urso”¹⁵ do grupo e procura sempre deixar bem claro nas reuniões seu objeto de

¹⁴ É o nome dado ao médium que se encontra “incorporado”, sob a influência ou presença de algum espírito/entidade característica da religião de matriz africana.

¹⁵ Do inglês, *bear*, indica a representação de homens gays com barba, bigode e pêlos pelo corpo, de expressão forte e robusta, tipicamente masculina. Constituem-se como mais uma subcultura do

desejo: homens “fofos”, gordos, porém não obesos, com barba e bigode, não afeminados.

Fábio relaciona-se com um parceiro fixo, o Iago, há 2 anos, desde quando se conheceram em uma boate gay da cidade, antes disso permaneceu durante oito anos com o Agenor. Frequenta saunas e afirma não transar com outros homens neste ambiente por causa da higiene. Moram em casas separadas, se encontram no apartamento do Fábio, passam a noite juntos e Iago vai embora ao dia seguinte. Também saem juntos em festas de amigos. Ao lado de Ricardo, é o que mais expressa suas opiniões no grupo. Questionador, algumas vezes é taxado de polêmico. Defende seus pontos de vista e expõe suas dúvidas e críticas sobre práticas sexuais, julgamentos de valor e problemáticas religiosas, assunto recorrente no grupo e que instiga tensos debates, uma vez que não simpatiza com o Espiritismo, filosofia significativamente representada na coordenação do grupo.

É o melhor amigo de Alejandro. Quando não vai ao grupo, o Alejandro também não comparece. Para ele “reunião boa” é quando se instaura o debate e diferentes posições são defendidas, algumas vezes já as classificou como “sem graça” ou “fraca”, uma vez que não ficou evidenciado algum tema central a ser tratado. Destaca que a sexualidade é “múltipla” e compreende as inúmeras variações e preferências do desejo entre negros, gordos, algumas “perversões” com crianças, com animais, entre outros. Em relação à dinâmica atual do grupo, busca torná-las mais livres, sem temas previamente definidos como querem outros integrantes e foge do rótulo de reuniões de autoajuda.

Sobre sua relação com a família Fábio procura manter a mesma postura de época do casamento e certo distanciamento acerca de sua intimidade, afirmou que sua relação com as filhas continua a mesma. Ao ser questionado sobre sua saúde, no momento da entrevista, o tom de sua voz mudou, ficou mais baixo e passou a não gesticular muito, afirma que enfrentou delicados episódios de depressão e que continua o tratamento até hoje. Faz severas críticas à cultura da juventude e ao que chamou de “geração fitness” que se vive hoje, afirmou não pensar em fazer cirurgia plástica e que não pretende disfarçar os efeitos do tempo. Comenta que não faz

diversificado mundo gay masculino, reforçando tal pertencimento identitário a partir de festas próprias, bandeira e códigos específicos.

academia e não gosta de homens magros ou musculosos. A “beleza”, para ele, é outra.

f) Ricardo, 57 anos, branco, aposentado de uma empresa privada. Como citei anteriormente, ao lado do Fábio, é um dos mais expressivos e assíduos do grupo e, de certa forma, outra liderança no coletivo. Faz parte da configuração atual do grupo há pouco tempo, cerca de dois anos. Formado em Serviço Social, vive com seu companheiro há 23 anos em uma bela casa no bairro Ipanema, zona sul da capital. Juntos, têm um carro, modelo atual, e uma moto na garagem, além de alguns imóveis que alugam. É da ala espírita do grupo e colega de Alberto, no mesmo centro espírita. Ao contrário deste, defende a livre expressão, “responsável”, da sexualidade, viver para conhecer e experimentar as emoções e sensações da vida. Em seus discursos não compreende a doutrina espírita, como é chamada, sob dogmas punitivos e proibitivos, mas como uma ciência e uma filosofia de vida que dá respostas e esclarecimentos sobre os sofrimentos que as pessoas passam na vida, devido às suas escolhas e ao livre-arbítrio. Segundo ele, tudo tem uma resposta e explicação – é a chamada fé raciocinada e não a fé cega da Igreja Católica. Em várias reuniões deixou explícito que não vê a homossexualidade como um castigo ou doença, destaca que teve uma educação sem puritanismos que aprendeu de seus avós, com quem foi criado. Conta-nos que soube aproveitar a vida e que “trepou” muito, conheceu vários homens interessantes, diferentes, e não cultiva nenhuma culpa por isso. Geralmente relata com muita expressividade suas histórias e relacionamentos com riqueza de detalhes, para a atenção e admiração, visível, dos demais integrantes do grupo.

Leonardo, seu companheiro de longa data, em nenhum momento participou das reuniões do grupo, Ricardo inclusive relata, às vezes, que ele faz algumas piadas e ironiza tal ritual, e pergunta “*o que essas bichas querem discutindo tanto? Ainda não se aceitam?*” Ricardo apesar de mostrar-se muito falante e simpático com todos no grupo, salientou sua significativa relação com Alberto, porém, reclama mais interação com os demais integrantes do grupo. Embora perceba este contato um tanto superficial não apresenta queixas ao grupo. Ao se referir sobre sua relação com Leonardo, seu companheiro, Ricardo distribuiu elogios e reforça que formam

uma família como outra qualquer e afirma que não mudaria nada. Ricardo, assim como o Arlindo, pareceu ser um dos mais tranqüilos no grupo em relação à vivência de sua homossexualidade tanto dentro como fora do grupo. Conta que na maioria dos lugares públicos não é reconhecido como gay e que, portanto, não enfrenta discriminações, mas em outros espaços faz questão de “demarcar bem o terreno”, como que uma estratégia política.

g) Otávio, 59 anos, médico, branco. Faz parte da configuração mais recente do grupo, nascido no interior do Estado trabalha em um hospital há mais de vinte anos e já atendeu em consultório próprio, mora sozinho em um bairro sofisticado da cidade, mantém um relacionamento de mais de 10 anos com seu companheiro, o Áureo, de 32 anos. Não moram juntos. Assim como o Arlindo, é um dos que mais viaja no grupo, dentro e fora do país, com frequência, na maioria delas, não leva seu companheiro, que cursa faculdade. A diferença de idade entre os dois aliada à diferença econômico-social são as questões mais recorrentes percebidas tanto na entrevista como nas conversas que presenciei no grupo e em alguns eventos extra-reuniões.

Otávio conheceu o grupo indicado por Arlindo e conta que no início ficou curioso sobre os integrantes e com certo receio em participar, pois admitiu certa dificuldade em expressar-se em público. Além deste participa de outro grupo de forma sistematizada - um grupo de controle e apoio à obesidade, sobre reeducação alimentar. Talvez Otávio seja o que mais cultiva amigos heterossexuais fora do grupo e considera isso importante, no entanto, destaca que só se sente inteiramente à vontade e protegido, “de verdade”, nas reuniões do grupo. Demonstra certo orgulho em contar que só falta às reuniões quando está de plantão, no hospital, ou quando está em viagens pelo país ou pelo mundo: os roteiros europeus são os seus preferidos. Estuda francês. Ao mesmo tempo em que critica os demais integrantes que faltam e não justificam, solicita uma maior exposição das pessoas no grupo, de suas experiências pessoais do cotidiano ao invés de discussões mais amplas e elevadas.

Sobre seu relacionamento destaca que sempre procurou uma relação mais séria e que quando encontrou surgiram dificuldades que não imaginava uma vez que

para ele sua vida “já estava encaminhada” e “resolvida” pela idade e pelas experiências que já tinha vivido. Relatou não saber lidar muito bem e enfrentar situações novas, inusitadas. Otávio conta que demorou quase dois anos para confiar totalmente em Áureo em função da diferença de idade que os separa, fato esse que, após vários anos, ainda provoca algum desconforto ambos. No início do relacionamento Áureo, militar, atuava no Exército como soldado e morava em uma cidade próxima à Porto Alegre, com o passar do tempo ele transferiu-se para a capital e costumavam se encontrar em locais como saunas e motéis, também viajavam para poder ficar mais à vontade para namorar e passear sem serem vistos.

h) Rodrigo, funcionário público estadual, arquiteto, branco, está na faixa da chamada “meia-idade” do grupo que compreende dos 40 aos 50 anos (assim como Mário, Gilmar e João). Também é recente no grupo, veio indicado por Alberto e desde então sempre se faz presente às reuniões, com interessantes refeições no grupo é elogiado por seus posicionamentos nas discussões.

i) Michel, 60 anos, contador, funcionário público municipal, branco. Sua participação no grupo quase passou despercebida, não participa do “núcleo velho” do grupo como os demais, mas sua frequência vem aumentando nas reuniões. Quase sempre permanece calado, é amigo do Fábio e do Alejandro, com os quais mantém relações de amizade fora do grupo, costumam viajar juntos.

j) João, cabeleireiro, idade entre 45 a 50 anos, branco, reapareceu no grupo após muitos anos afastado. Coloca sempre suas opiniões nas discussões e difere, em muitos casos, da maioria do grupo, a qual apresenta certa preocupação em manter uma “boa postura” em relação aos modos e maneiras de “ser gay” na sociedade, fugindo da ideia de promiscuidade e do sexo fácil. De certa forma, João contraria esta concepção e defende o prazer e a satisfação pessoal sem preocupar-se com padrões e rótulos conservadores ou religiosos. Fez questão de anunciar ao grupo que é portador de HIV e comenta o ritual de cuidados que faz para manter sua saúde sem deixar de transar e de conhecer pessoas.

k) Mário, 50 anos, funcionário público municipal e advogado de formação, negro, soube do grupo por Alberto. Quando está presente o assunto sobre religiões pode durar horas de discussão, diz-se espiritualista, não espírita, é praticante das religiões afro-descendentes, a umbanda. Apresenta posicionamentos fortes e críticos nas discussões do grupo. Não participa do grupo assiduamente, após um período longo de ausência reaparece sem apresentar justificativas, mora com uma irmã. Dirige seu carro e apresenta-se sempre bem alinhado com roupas sociais, tradicionais, e discretas.

l) Gilmar, 45 anos, professor de japonês, branco, funcionário público estadual, natural do interior do Estado. Já relatou que sofreu algumas agressões verbais e até mesmo físicas pelo seu “jeito feminino” de ser. Mora sozinho e auxilia nos cuidados de um sobrinho adolescente, com deficiência auditiva, que chama de filho. Conheceu o grupo por Alberto, é portador de HIV. Relatou que já sofreu e que atualmente enfrenta um tratamento para depressão. Também ficou um longo período sem comparecer ao grupo.

m) Áureo, companheiro do Otávio, branco, 33 anos, estuda Administração. É do interior do Estado e conheceu o Otávio em uma sauna, quando fazia um curso na cidade. Afirma que sempre sentiu atração por homens mais velhos, os quais chama de “tios”. Já namorou mulheres e ainda hoje diz sentir-se atraído por algumas “gordinhas”. Há mais de dez anos juntos, morando em casas separadas, nos relata que ainda enfrentam certas dificuldades para sair juntos em público, por esta razão prefere receber os amigos em casa e viajar com Otávio para outras cidades e estados.

n) Rogério, é o integrante mais jovem do grupo, tem 23 anos, branco, veio à convite de Alberto, há dois anos, uma vez que também é freqüentador da mesma casa espírita. Cursa comunicação em uma universidade particular, filho único, mora sozinho e tem carro. É admirado e cortejado por todos do grupo por seus posicionamentos e por certa precocidade em relação aos seus envolvimento amorosos. Relatou ao grupo que prefere namorar rapazes mais jovens, de no

máximo 18 anos, prefere os de 16, para o espanto de todos do grupo. Afirma achar interessante o grupo pela oportunidade de compartilhar as experiências dos mais velhos e como uma forma de amizade sincera que, segundo ele, é difícil de encontrar atualmente no “meio gay jovem”.

o) Lucas, 42 anos, branco, mora com os pais, compareceu pouquíssimas vezes ao grupo, quase sempre calado, observador das discussões, raramente se posicionou nos temas debatidos. Os integrantes do grupo atribuíram sua falta ao grupo devido a problemas familiares.

p) Pedro, 57 anos, funcionário público Estadual, branco, participou do grupo em apenas uma reunião, realizada em sua casa, em um bairro de classe média onde reside sozinho. Todos do grupo comentam que ele se afastou por causa da depressão e porque suas “manias” foram combatidas no grupo. Depois da referida reunião não compareceu mais ao grupo nem respondeu a telefonemas e ou e-mails.

No período final de acompanhamento ao grupo, de 2011 a 2012, novos integrantes passaram a frequentar as reuniões de forma sistemática. São eles: Maurício, professor universitário; Cândido, professor de escola; Bento, estudante universitário, soropositivo; Dino, funcionário público municipal e Mônica, ativista política, lésbica. Todos estes novos integrantes encontram-se na faixa entre quarenta a quarenta e cinco anos de idade.

A média de participantes por reunião manteve-se em torno de nove a dez pessoas, com exceção de algumas reuniões onde o grupo recebeu alguns convidados ou debateu algum tema em especial, nesses dias a sala da casa do anfitrião ficava com lotação esgotada, com recordes de até quinze pessoas. No grupo fui bem recebido por todos, principalmente por Alberto e pelos integrantes mais velhos, cronologicamente, do grupo. Foi, especificamente, destes seis senhores que mais me aproximei, consideravelmente, no grupo. Os participantes mais jovens, na faixa dos trinta aos cinquenta anos apresentavam freqüência um tanto flutuante nas reuniões, não se apresentavam de maneira assídua no grupo. A maioria dos convites que recebi, para além das reuniões, caseiras, do grupo, foram

destes integrantes mais velhos: para almoços, jantares, idas ao cinema e encontros para bate-papo e cafés da tarde. Entre este “subgrupo” mais velho acabei estreitando maiores laços afetivos e de convivência com os únicos dois informantes “casados” do grupo, o Otávio e o Ricardo. O companheiro de Otávio, Áureo, frequenta o grupo; já o de Ricardo não. Quando ainda residia em Porto Alegre/RS, por indicação do grupo, algumas reuniões foram realizadas em minha casa, há alguns anos, com meu companheiro. Percebi então, que o fato de seu estar “casado” acabou de certa forma, estimulando uma maior sociabilidade destes integrantes comigo. Acabei, então, convivendo um pouco mais também com seus companheiros e conheci um pouco da rotina destes dois integrantes para além do grupo.

Na seqüência, passo a descrever e contextualizar a formação e os principais movimentos desenhados pelo grupo desde sua criação. A mesma se deu a partir de uma dissidência de outro grupo recém formado, onde este aspirava a outras questões que interessavam a alguns gays na época, ou seja, buscar afinidades a partir da intelectualidade, de uma sofisticação “característica” e desejada de gays cultos onde a ênfase deveria recair na dimensão cognitiva e nas experiências eruditas. Foi a partir de conflitos contrários a esta questão que se criou o grupo aqui analisado.

2.2 Histórico e trajetória do Grupo

Um grupo que surgiu de outro grupo. Assim começou a formação do grupo que acompanhei nesta pesquisa.

O grupo investigado surgiu, ironicamente, a partir de uma série de desentendimentos e conflitos quando da formação de outro grupo, chamado de *Aretè*¹⁶. A proposta inicial era de constituir um grupo especificamente formado por homens gays intelectualizados. Um grupo seletivo de pessoas cultas da sociedade

¹⁶ Termo grego que significa "virtude", "excelência moral" ou "bem humano". Também está associado à *Paideia grega*: ideal de educação integral para formar um cidadão completo, virtuoso. (Dicionário de Filosofia Ferrater Mora, 2001).

porto-alegrense que deveriam inscrever-se e passar por um teste com questões de conhecimentos gerais para ver se estariam aptos a entrar, ou não, no referido grupo. O informante Alberto, que participou desta época, conta-nos sua percepção

“Na verdade, a oficina da gente começou a partir de uma dissidência de outro grupo chamado Areté, que surgiu em julho de 1998, lá na Barros Cassal, ao lado da sinagoga, ali. Tinha um administrador de empresas, que hoje está em SP e que um dia nós nos encontramos, a gente era amigo e tal e conversamos sobre a possibilidade de formar um grupo, ele queria formar um grupo de gays, mas na verdade ele queria um grupo mais intelectualizado. Então, num sábado à noite, nos reunimos na casa dele e começamos a traçar um plano de como seria o grupo. Desde o início, conversamos e traçamos um perfil do grupo: pra ele o grupo tinha que ser esse tal de Areté, intelectualizado, onde as pessoas eram escolhidas e selecionadas para o grupo através de um teste que era uma sabatina. Por exemplo, se fulano se candidatava para o grupo então chegava à reunião e aí eram escolhidas umas perguntas e quem não passava pela sabatina não ingressava. Mas para o grupo se formar, os primeiros membros foram assim escolhidos por mim, pelos meus amigos, porque ele era de São Paulo e não tinha um círculo de amizades tão vasto e tal e o grupo precisava se formar, inclusive o Robson participou, eu tenho fotos disso tudo, das reuniões, então começou a surgir. A gente fazia reuniões aqui na Borges, na Rua Silvério, eu não fiz na minha casa porque na época morava com meus pais, não tínhamos local e uma vez foi lá na casa desse administrador”. (Alberto, 62 anos)

O fato de ter começado esta proposta de reunir pessoas para formar um grupo intelectualizado, formal, nos faz refletir e nos remete à ideia, um tanto antiga, de que “as bichas”, mostram-se mais sofisticadas e intelectualizadas, sensíveis, de uma maneira geral, que a maioria das pessoas. Também é possível desdobrá-la em outra premissa, a de que muitos gays mais velhos fazem críticas aos gays atuais, sobretudo os mais jovens, exatamente pela falta dessas características, por serem mais informais, superficiais, ou seja, menos refinados. Esta questão será retomada e melhor contextualizada na sequência da tese.

A partir dos relatos da primeira entrevista realizada, as regras de funcionamento do grupo original mostraram-se muito rígidas e provocaram descontentamentos entre alguns integrantes, os quais se desdobraram em discussões sobre qual seria a verdadeira função deste grupo original. Assim, Alberto e outro informante, Robson, começaram a pensar a possibilidade de formar um outro grupo, de uma maneira menos rígida e mais amigável, ainda no ano de 1998. Foi-

me relatado que neste grupo, primeiro, debatiam-se textos selecionados previamente, com temáticas diversas onde, nesta configuração

“(...) sempre tinha questões, às vezes tinha texto pra ler, ele produzia um texto, pegava outros textos da internet, ou de algum livro e a gente conversava e era um pouquinho diferente do grupo hoje. Porque não se falava tanto assim da questão emocional, entendeu? Porque no grupo atual tem mais objetivo de trabalhar o autoconhecimento e o Aretê era mais acadêmico, mais intelectual, por que o Góia tinha esse perfil de um cara mais intelectualizado” (Alberto, 62 anos).

Assim, percebi que a proposta do grupo original não apresentava alguma característica, alguma ênfase na questão militante, ou nas dificuldades de “auto-aceitação gay”, por exemplo, isto não interessava a eles naquele momento, segundo os relatos dos dois informantes, Alberto e Robson, que participaram daquela configuração. O objetivo principal do grupo original era promover discussões intelectuais, filosóficas entre pessoas seletas e convidadas especialmente por sua bagagem cultural e trajetória de vida. Isto é, um grupo voltado a si mesmo. Portanto, a formação do grupo investigado nesta tese vai de encontro à abordagem do trabalho de Cristina Câmara, a qual apresentou a criação e a trajetória do grupo “Triângulo Rosa”, em 1985, no Rio de Janeiro, onde o caráter militante e a luta por igualdade de direitos e cidadania homossexuais constituiu-se como prioritários na formação e consolidação do grupo. O coletivo que acompanhei, ao contrário, não surgiu a partir de um movimento político organizado, que exigia uma visibilidade constante e a proposição de ações conforme a autora destaca abaixo.

O resgate do triângulo rosa como símbolo de luta reflete a necessidade de não compactuar com o silêncio que calou durante várias épocas, em vários lugares, a repressão e os preconceitos com relação à orientação sexual. E, principalmente, não calar com relação às práticas nazistas, sinônimo de terror para o mundo. Foi com este ‘distintivo’ que surgiu o grupo Triângulo Rosa, como homenagem aos que morreram e reelaborando a luta contra os preconceitos e as discriminações devido à orientação sexual (CÂMARA, 2002, p.33)

Ao mesmo tempo em que podemos perceber o descontentamento com o excesso de formalismo e organização que, posteriormente, se encaminhou para a criação do grupo que investiguei, Robson, que também participou daquele momento relata, admirado, a seriedade com que fora idealizado àquele grupo primeiro.

“Eu me lembro que foi o Zico que fez a proposta de uma coisa mais organizada, com tesouraria, presidência, até contador pra fazer uma coisa a mais e ele organizou o elo e o Alberto ficou com o gerenciamento da reunião (...) Eu fiquei tão entusiasmado e acreditando com a organização do grupo, com a parte burocrática, que eu até personalizei um material com prancheta e tudo mais, mas a coisa não formou tanto, não vingou, não é que se dissolveu! Também ninguém tinha dinheiro disponível na época pra pagar a mensalidade do grupo” (Robson, 71 anos).

A partir dos relatos destes dois informantes podemos perceber o entusiasmo e o envolvimento nas ações desenhadas por eles para a constituição de um grupo criado para compartilhar momentos entre iguais, mesmo com características formais e sofisticadas em relação à vivência homossexual. Cabe neste momento ressaltar que ambos, Alberto e Robson, relataram que antes desta formação inicial, já tinham vivenciado alguns momentos de solidão e da dificuldade de encontrar alguém para conversar e para sair, seja para preencher alguns momentos de vazio de seus cotidianos, seja por algum outro motivo em especial.

“(...) era bem consistente e intenso e todo mundo nas atas aparece com um pseudônimo, eu, por exemplo, era Tiago de Azenha, cada um tinha... Aí dissolveu o grupo, aí o Goia estava possesso da vida... e pra acalmá-lo eu estava empenhado no grupo e gostei da ideia e eu disse pro Goia que eu e o Robson começamos um outro grupo e vamos fazer do nosso jeito cara, livre de sabatina, democrático, sem seleção, aberto a todo mundo, com nosso regulamento, com nossa ideia e acabou a história. O Goia era cabeleireiro e morava a cidade de Canoas e já faleceu, ele morreu assassinado em 2001. Em setembro, em outubro eu não me lembro a data da fundação do grupo, foi um domingo, na casa do Goia em Canoas, à tarde. A gente saía daqui defronte do Cine Vitória, todo mundo pegava o trensurb e ia pra lá, todo mundo de Porto Alegre, de outubro a dezembro de 1998. Ele morava sozinho. O salão era junto com a casa. Nas primeiras reuniões iam umas 10, 11, pessoas, no mínimo 8. Eram domingos quentes, suávamos naquele trensurb, todo o domingo na casa do Góia” (Alberto, 62 anos).

Neste sentido, é oportuno destacar a mudança das características e do contexto da criação do primeiro grupo, original, para o atual, investigado nesta tese. O primeiro buscava reunir exclusivamente gays a partir de um viés intelectualizado, uma bagagem cultural diferenciada, oriundos da classe média de Porto Alegre, e que cobrava, até mesmo, mensalidade de seus integrantes. O grupo atual, dissidente daquele, privilegiou reunir pessoas de diferentes perfis, sem destacar recortes de classe ou intelectuais, que se encontravam na cidade de Canoas (região

metropolitana da grande Porto Alegre), na casa de um cabeleireiro. O foco deste foi muito mais a sociabilidade, o compartilhar a rotina de cada um, as estratégias de enfrentamento da solidão e sobre as situações que se deparam na “vida gay gaúcha”.

Já no início do grupo investigado, ainda no ano de 1998, em relação à percepção dos participantes sobre os primeiros contatos com o grupo e sobre sua sistemática, sobre o que significou o grupo naquele momento, destacamos algumas passagens significativas de seus relatos.

“Depois que fiquei viúvo, eu precisava de uma companhia, desde 1998. Soube do grupo por um amigo do Alberto, em Canoas e o conheci e aí ficamos acompanhando ele e a turma toda, sou da safra antiga. Eu estava muito sozinho naquela época, estava perdido, porque o meu parceiro não queria aparecer e aquela coisa toda, e daí depois que ele morreu me vi obrigado a procurar outras pessoas” (Alejandro, 64 anos).

“Soube do grupo pelo Alberto, nós já tínhamos amigos em comum, eu entrei em 1999, no ano que o meu companheiro morreu, foi muito bom pra mim. A gente perde uma pessoa que eu amava e de repente eu encontro este grupo maravilhoso e comecei a participar e nunca mais parei, sou da safra antiga” (Arlindo, 58 anos).

“Só que no tempo que eu era casado, a família me sugava muito né? Então eu não tinha praticamente amigos, tinha conhecidos. Aí depois que entrei eu conheci, eu procurei, através de uma psicóloga e conheci o Alberto e eu me apresentei pra fazer amigos que fossem homossexuais como eu. Daí fui achando esses amigos que eu tenho hoje, foram as primeiras pessoas na área que eu conheci no terreno homossexual. E aí que ele já me convidou pra sair uma noite, a gente se encontrou no Cine Vitória, aí já estava o Arlindo lá e aí depois chegou o Alejandro, e aí nós íamos em boate, de ônibus, e aí depois conheci o Goia, então aí começou a criação dessas coisas. Eu não sou da primeira fase, nem participei quando eles foram pro tal do Somos, quando era um mundaréu de gente. Eu já não gosto da coisa assim, eu prefiro um grupinho como o nosso que funciona melhor. Agora eu vejo o grupo como uma forma de socializar, manter as amizades e aprofundar” (Fábio, 62 anos).

Assim, este “novo” grupo iniciou sua trajetória na casa de um integrante em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, com reuniões aos domingos. Depois de alguns meses os encontros do grupo passaram a ocupar algumas residências de outros integrantes, já em Porto Alegre. Nesta primeira fase do grupo, iniciada em 1998, os participantes não precisavam seguir um roteiro previamente

estabelecido, algum tema principal a ser debatido como no grupo anterior. Os assuntos eram comentados e discutidos no próprio momento das reuniões, classificadas e destacadas pelo Alberto como sendo, geralmente, intensas. Outra característica interessante desta época foi a presença de mulheres no grupo, sejam hetero ou homossexuais, como o mesmo nos esclarece

“Daí então começou as reuniões e tal, incendiárias, porque o Góia incendiava. Então voava cadeira simbolicamente era interessante porque surgiu grupo não só com homoafetivos, mas teve heteros, teve mulheres heteros, mas outras moças participavam, duas pelo menos participaram e o resto basicamente eram amigos e todo mundo gay. A gente discutia os temas da vida, por exemplo, pedofilia, alguém falava e aí estourava. Dessa época nós não temos registros escritos infelizmente, eu não registrei isso, é uma pena, e tinha esses temas todos ligados à homossexualidade. Todos polêmicos” (Alberto, 62 anos).

Basicamente, as reuniões do grupo se davam nas casas dos participantes, mas, também, em alguns outros espaços, considerados públicos como em um centro espírita, visto que Alberto é praticante do Espiritismo¹⁷, e em duas organizações que trabalham com a temática da homossexualidade como o Nuances e, posteriormente, o Somos. Este informante destaca que a trajetória do grupo, marcada por rupturas e pausas, sempre foi caracterizada pela resistência e pela busca de espaços para as reuniões.

“Aí eu não me lembro o que aconteceu e o Góia não cedeu mais a casa dele, mas continuou no grupo, aí ficamos uns 5 meses sem reunião. Em maio de 1999, nessa busca de local, a gente conseguiu um espaço, um centro espírita no bairro Glória. O espaço foi cedido aos domingos à tarde, e lá fizemos um pouco mais tarde do que em Canoas, que era das 14 às 17h e lá foi a partir das 17 até às 19h. Mas não era acolhedor, era um garajão e aí não durou muito tempo e o pessoal não ia também porque era num centro espírita” (Alberto, 62 anos).

Neste momento é interessante problematizar a questão da dificuldade de realização das reuniões nas casas dos próprios participantes, o que atualmente ainda acontece, visto que alguns participantes do grupo não oferecem suas casas

¹⁷ Doutrina de caráter científico e filosófico, codificada e divulgada originalmente pelo professor Hippolyte-Léon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, na França do século XIX. Seus ensinamentos defendem a imortalidade da alma/espírito por meio da reencarnação e do livre-arbítrio em busca da evolução (O Livro dos Espíritos, 2004).

para as reuniões, mesmo morando sozinhos. Um fato relevante na trajetória do grupo foi o seu funcionamento em dois espaços públicos ligados ao movimento LGBT¹⁸, como já citado anteriormente. Nesta época o grupo viveu um dilema: ao mesmo tempo em que as reuniões no espaço do Nuances mostraram-se muito significativas devido à diversidade de participantes e aos temas abordados, alguns integrantes do grupo não gostaram, ou se recusaram a participar.

“Depois em 1999 ficamos no Nuances, também ficamos alguns meses, praticamente um ano, foi um período muito rico. Já era na Praça Rui Barbosa. Só que era interessante que tinha um pé direito muito alto não ajudava muito as reuniões, o local não era acolhedor e não agregou as pessoas. Por isso em casa tem um inconveniente de selecionar só os amigos por segurança, mas em compensação tu tens um clima acolhedor. O ideal seria um espaço público, numa Secretaria Municipal da Saúde, por exemplo, para abrir para a população de uma maneira geral, desde que o local fosse uma sala acolhedora. No Nuances não tinha isso, era um salão, mas não tinha um clima de acolhimento, embora houvesse necessidade, as pessoas não criavam vínculos com os outros, mas ao mesmo tempo, muitas coisas vinham à tona, assuntos interessantes, sobre autoconhecimento. Essa é a linha atual do grupo, que sempre teve esse objetivo de trabalhar o lado emocional, desde a fundação, diferente do Areté” (Alberto, 62 anos).

“Nessa época do Nuances eu sentia que o Alberto queria uma participação mais ativa. O Arlindo levava um lanche e depois cada um de nós levava alguma coisa. Foram alguns meses e eles não cortaram, mas ficava meio frio o clima. Todas as iniciativas do grupo sempre partiram do Alberto, eu posso dizer que o ele era a alma do grupo. Um dia nós saímos de lá com um travesti lá na Andradas para jantar e travesti é meio..., tem classe alta, baixa, e esse travesti era da última casta. Eu pelo menos chegava a suar frio, e o pior de tudo é o seguinte: no meio da janta ele convidava para programa, e depois nós fomos descobrir que o travesti estava com AIDS também! Então aí eu acho que isso tudo prejudicou e cada um começou a sair fora. Essa coisa de fazer o negócio com todo mundo e chegou-se a conclusão de fazermos mesmo com um círculo fechado mesmo, onde nos sentíssemos mais à vontade” (Robson, 71 anos).

O relato acima, de um dos integrantes mais antigos do grupo, reflete de certa maneira que o objetivo de seus integrantes parece não ter sido manter ou aspirar uma postura militante. Embora nesta época o grupo se interessasse e estivesse “aberto” a acompanhar o chamado “mundo gay” e toda a sua diversidade de

¹⁸ Conforme a 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em Brasília em 2008, decidiu padronizar a nomenclatura usada pelos movimentos sociais e pelo governo, junto com o padrão utilizado no resto do mundo. Assim, em lugar de GLBT, a sigla passa a ser LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (SEFFNER, 2009).

expressões, esta questão não foi levada adiante nem tampouco aprofundada ou assumida por este coletivo, desde sua criação, em 1998, até 2009, quando iniciei o trabalho de campo. Compreendo que, mesmo em se tratando de uma pequena ação, um pequeno recorte do contexto do grupo daquela época, conforme o relato do informante acima, discriminar travestis e pessoas soropositivas realmente não combina, em nenhum aspecto, com um desejo ou postura militante. Tal questão pode apontar uma característica específica do grupo em sua trajetória, de homens gays, como basicamente se configura atualmente e, que outras “figuras”, como as travestis, não eram bem vindas, sobretudo se associadas à AIDS.

À exceção deste fato, é relevante destacar certa tensão entre o coordenador do grupo e os demais participantes com relação às “tarefas” e posicionamentos implícitos, ou não, a cada um deles na dimensão coletiva. A recorrente busca por um espaço para as reuniões e os períodos de pausa marcaram, significativamente, a trajetória e a construção do grupo.

“Daí teve várias interrupções e lacunas, sempre foi por falta de local, gente nunca faltou. Essa tarefa sempre coube a mim, os outros não faziam nada, só usufruíam. Em vários momentos foi difícil de reunir as pessoas. Uma vez eu e o Robson fomos a vários lugares, inclusive igrejas e centros espíritas para pedir local para fazer reuniões. Nós sempre fomos sempre enrustidos, nunca dissemos nada. Hoje eu iria, eu diria de cara e abriria o jogo. Em 2002 foi feito na casa das pessoas, muita reunião, ficou registrado, muito rico. Eu sempre organizava tudo, era quinzenal” (Alberto, 62 anos).

“Aí parou um tempo, ficou fechado, mas o Alberto e eu pensamos que o grupo fosse publicizado, assim como tinha os alcoólicos anônimos, os evangélicos. Então marcamos um dia, fomos na Igreja do Rosário, na Rua Senhor dos Passos, perto da Otávio Rocha, nós fomos a todas elas, mas não falávamos a proposta real. Quando finalmente a palavra sagrada foi pronunciada aí o cara respirava fundo e dizia que a agenda deles estava lotada! Isso era em todos os locais que fomos, existe o preconceito em tudo que é lugar. Aí veio a época do Nuances que foi fora de série, ali perto daquela praça e nos recebeu de portas abertas, tinha um salão grande, de 25 a 30 pessoas, de 15 em 15 dias, e ainda tinha um folder que anunciava as nossas reuniões para todos” (Robson, 71 anos).

Da cidade de Canoas para Porto Alegre, das casas dos participantes para o Nuances, do Nuances para o retorno às casas, das casas para o Somos, do Somos de volta às casas... A fim de evitar que o grupo terminasse outrora, Alberto ensaiava

alternativas para sua continuidade, ao mesmo tempo em que recebia telefonemas dos demais integrantes, que de certa forma, também cobravam dele uma solução para o problema de local e para o retorno das reuniões. De fato, este era o desejo de todos do grupo.

“No Somos foi de 2 de agosto de 2006 a dezembro de 2007. Além de mim, o Robson, o Arlindo e o Fábio, o Alejandro também participaram praticamente desde o início. São os mais antigos que acompanharam varias etapas. Saímos do Somos pelo seguinte: também tinha um problema de acolhimento, faltava algo, não acolhia, mas o principal foi o seguinte, eles nos cediam o local e só! Eles não ajudavam na propaganda. O Nuances tinha tudo e o Somos não mostrava o grupo, mas ao mesmo tempo ele usava o grupo pra pedir verbas, mas não ajudava na divulgação, começou a patinar o grupo. Até que chegou ao ponto que se dissolveu, perdeu de novo a motivação, eram sempre as mesmas pessoas. Eles ficaram receosos de abrir a casa para mais pessoas transitarem lá por causa de um assalto grande que sofreram naquela zona da cidade. Aí novamente paramos, mas existia a semente, porque basicamente as pessoas são as mesmas daquela época, o Pedro, que agora tá afastado, o Arlindo, o Fábio, o Lucas... Criou-se um núcleo, e eu que sempre sou o poderoso [risos], eu acabo sendo quem liga e envia e-mail. O grupo não vai sobreviver assim e falei pra eles lá: vamos procurar outro caminho. Aí se passaram cinco meses e aquele conflito de manter o grupo, daí eu falei pro Arlindo pra retomar e começar na minha casa, reunião tal, foi em maio de 2008 que continuou, tem registro e tudo, mas algum tempo de 2002 até 2005 ficou desativado por falta de local, sempre” (Alberto, 62 anos).

Desde o início da formação do grupo Alberto manteve um organizado sistema de registro das reuniões: seja a partir de fotografias e/ou de textos detalhados acerca dos conteúdos discutidos, na forma de atas. Um fato um tanto curioso e que me chamou muita atenção e que ocupou por algum tempo as atas das reuniões foi o uso de um pseudônimo para identificar cada participante do grupo. Neste momento me pergunto: o que leva um grupo de homens adultos, independentes financeiramente, a trocar e esconder o próprio nome em um grupo onde todos se conhecem? Seria medo que as informações das reuniões vazassem a outras pessoas ou lugares? Seria apenas uma “mania” de Alberto pela sua formação de jornalista? Ironicamente, isto seria o cúmulo do “enrustimento”? Esta questão será abordada, mais especificamente, no decorrer da tese, no capítulo que trata sobre a “metáfora do armário”, ou seja, a chamada Epistemologia do Armário.

“Então, a partir daí, de maio de 2008, começou a ter registros do conteúdo das reuniões. Antes eu fazia nos cadernos os registros e agora eu resolvi fazer e enviar por e-mail pras pessoas. Eu tenho outros cadernos de atas, antes eu colocava as minúcias, com pseudônimos assim: jornalista do Açorianos, telefônico de Ipanema... Mas hoje não tem sentido. Agora eu pego os temas principais e mando aquilo que foi mais forte, que mais rendeu na reunião, sabe? Então na outra falamos de fantasias sexuais..., depois a reunião pega fogo, eu tenho que fazer isso, tenho que desencadear o processo” (Alberto, 62 anos)

Assim, podemos perceber que a configuração e a sistemática do grupo modificaram-se com o passar do tempo, bem como o número e os participantes envolvidos, ao mesmo tempo em que a existência do núcleo original, tanto pelo tempo de permanência no grupo como pela idade mais avançada, ou seja, os mais velhos em relação aos demais participantes, que se mantém atualmente no grupo. A maioria dos participantes situa-se na faixa etária entre 45 a 64 anos de idade ao mesmo tempo em que dialoga com outros integrantes de 30 a 50 anos e, mais recentemente, a partir do ano de 2010, um jovem de 23 anos, de orientação espírita, também passou a frequentar o grupo, sistematicamente.

Diante deste grupo de homens gays, várias questões me acompanharam na medida em que me aproximava, cada vez mais, de sua estrutura e sistematização. Algumas delas me levaram a outras, as quais serão mais bem tratadas no capítulo metodológico da tese. Antes praticamente ignorados pelos recursos midiáticos, campanhas e movimentos sociais, de “escondidos” e destinados a espaços de segregação social, os “idosos” passaram a ocupar a centralidade do paradigma da “Qualidade de vida” e do “Envelhecimento Bem-Sucedido” (NERI, 2001). O que isto pode apontar? Pesquisar um grupo de homens gays, onde a maioria tem mais de cinquenta anos, que se encontram quinzenalmente para discutir e compartilhar suas experiências de vida seria, afinal, apostar na potência da amizade como uma (nova)forma de vida? Investigar relações onde um (re)produz e transforma o outro, numa constante prática de deixar-se afetar pelos demais integrantes, seria um privilégio das gerações mais velhas? Até que ponto e de quais formas a noção de amizade seria um efeito produtivo de poder?

Neste sentido, a partir da trajetória do grupo, as principais temáticas que pude perceber foram: a ideia de rede e/ou suporte privilegiada por uma concepção de amizade; a tensão entre espaço público e privado para as reuniões - posições entre

a exposição da vida pessoal e/ou atuar na militância; o conflito entre amizade e práticas sexuais, a partir do fato de não admitir envolvimento entre os participantes do grupo; a busca por espaços de sociabilidade, dentro e fora do grupo; uma intensa e complexa discussão sobre os modos de ser-estar gay; a questão do assumir-se (*coming out*) e, sobretudo, as relações ente homossexualidade e o envelhecer.

A partir da apresentação do histórico e trajetória do grupo, passarei, no próximo capítulo, a descrever como foi a construção dos caminhos metodológicos realizados até a elaboração de minhas questões principais de pesquisa, as quais apontaram meu fazer investigativo a partir de minha inserção e acompanhamento do grupo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO – AS QUESTÕES DA PESQUISA

Como citei na introdução da tese, ao ingressar no curso de doutorado já manifestava o desejo em pesquisar homens gays com idade mais avançada devido minha trajetória pessoal-profissional já abordada. Só não sabia onde e em qual possibilidade iria investir. Inicialmente cheguei a pensar em delimitar um recorte específico de pesquisa como, por exemplo, professores gays e suas histórias de vida; ou a trajetória de gays religiosos; ou ainda, gays velhos que freqüentassem bares, boates e saunas. Embora conhecendo o chamado “circuito gay” da cidade de Porto Alegre, no período do curso não tinha acesso nem contato a estes espaços, devido a não freqüentá-los há algum tempo.

Foi durante este intervalo em tentar recortar o objeto de estudo e procurar possíveis espaços que propiciassem o desenvolvimento da pesquisa, que a indicação que obtive no *Somos* – conforme já explicitada no capítulo 1 – combinou com minhas possibilidades enquanto pesquisador e abriu o caminho para investigar este grupo complexo, peculiar e, posso afirmar que quase desconhecido em Porto Alegre, pelas próprias especificidades do grupo. Neste sentido, abandonei esta ideia de um possível recorte gay, conforme explicitado no parágrafo anterior, para esta pesquisa e minha curiosidade investigativa se direcionou a buscar compreender os processos de sociabilidade dos homens frequentadores deste grupo e seus possíveis atravessamentos/desdobramentos.

Também neste período inicial do doutorado já tinha conhecimento de uma pesquisa de um colega (deste mesmo programa de Pós-graduação) que estava investigando, na época, gays mais velhos em espaços característicos do chamado “circuito gay”¹⁹. Tais motivos foram relevantes para pesquisar o grupo aqui apresentado: seu percurso histórico; suas estratégias de organização e manutenção no tempo e no espaço; sua compreensão sobre homossexualidade e sobre o processo de envelhecimento. Neste sentido, busquei descrever, contextualizar e

¹⁹ Tese de Fernando Pocahy intitulada: “Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento”, orientado pela Profa. Guacira Lopes Louro, na UFRGS (POCAHY, 2011).

problematizar os principais movimentos do grupo, os desejos, receios, projetos e negociações, sobretudo dos integrantes mais antigos e assíduos deste pequeno coletivo de homens.

Esta pesquisa que ora apresento seguiu um caminho de inspiração etnográfica onde estratégias de observação participante em um contexto específico constituem e aprofundam o exercício da escrita e o processo de reflexão investigativos, a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa. O método etnográfico, baseado a partir de um período de convivência e de uma intensa observação, configura e exige do pesquisador uma descrição densa, detalhada, dos acontecimentos em forma textual que objetiva interpretações profundas de uma teia de significados (GEERTZ, 1989). Minha posição e postura no grupo como pesquisador que buscava manter certo distanciamento do objeto de pesquisa mostrou-se um desafio prazeroso e delicado, pois, a todo o momento, os informantes quase que exigiam uma maior participação minha nos debates das reuniões e chegavam a me ver como “um deles”, como mais um “amigo que já era do grupo”. Concordo com Alba Zaluar ao se referir às experiências etnográficas dos antropólogos e aos desafios do trabalho de campo.

(...) para entender a cultura do ponto de vista do sujeito que fala, atua e pensa, o antropólogo precisa se valer tanto da representação quanto da ação, esta também reprodutora e transformadora a um só tempo. Um “nativo” também dialoga com outro “nativo” e é na interação entre eles que o pesquisador pode observar a eficácia de certas ideias, a recorrência de padrões ou mapas para a ação, bem como o processo mesmo de contínua transformação da cultura. É esta fala na ação que lhe permite captar o rotineiro, o decisivo e o conflitivo, o que tem forma e o que não tem, o oficial e o espontâneo, o público e o privado (ZALUAR, 1986, p.122).

Meu acompanhamento ao grupo não se deu de uma maneira linear e uniforme, pelo contrário, se modificou e transformou-se desde minha entrada no campo investigado, ou seja, desde julho de 2009. Neste período, o grupo apresentou características bem específicas como a preocupação com o processo de envelhecimento; a ideia de rede ou suporte privilegiada por uma concepção de amizade que não admitia relações sexuais entre os participantes; a busca por espaços de sociabilidade, dentro e fora do grupo e, sobretudo, uma intensa e complexa discussão sobre os modos de ser-estar gay com uma considerável ênfase

na questão do assumir-se (*coming out*) o que nos remete à metáfora do armário. Além disso, um fato que me chamou especial atenção é a organização deste grupo e sua existência/persistência ao longo do tempo (desde o ano de 1998) de uma maneira tão peculiar e original se comparada à formação de outros grupos de homossexuais, de uma maneira geral, que privilegiam temáticas que giram em torno do HIV-aids; da religiosidade; de fetiches e práticas sexuais; da indústria da moda, beleza e/ou do universo artístico.

Assim, meu primeiro período de contato com meus informantes se deu entre o mês de julho de 2009 a julho de 2010 onde acompanhei, presencialmente, as reuniões do grupo de frequência quinzenal. Minhas impressões sobre a sistemática e a configuração do grupo foram registradas em um diário de campo, produzido logo após as reuniões²⁰ e/ou no dia seguinte às mesmas, onde eu revia este esboço e redigia um texto de cada reunião acompanhada. A produção do registro de meus escritos auxiliou-me a construir um olhar mais próximo do grupo e de sua complexidade. Durante as reuniões eu anotava alguns itens discutidos pelo grupo (sua recorrência ou novidade) e buscava perceber também, a postura corporal, a disposição e expressão dos integrantes, os gestos corporais, as pausas, intencionais, ou não, os silêncios e as disputas pela palavra, enfim, tentei “ler” corporalmente a presença destes homens no grupo. O diário de campo configurou-se

(...) como uma ferramenta privada, doméstica, ou mesmo íntima, de pesquisa. Ele é o começo de tudo. É anterior, na genética etnográfica, mesmo às entrevistas. Nele, a etnografia começa a tomar forma. Nele, digitamos uma série de estímulos embrionários: sensíveis, sonoros, visuais, emocionais e intelectuais, que conseguimos traduzir em palavras, resultado de nossas incursões em campo: descrição de lugares, de personagens, de eventos, primeiros esboços interpretativos e analíticos – não raro amalgamados com juízos de valor, preconceitos internos que todos temos como sujeitos socializados em contextos étnicos, de classe, de gênero e geração específicos (FONTANARI, 2010. p.145).

O conteúdo produzido no diário de campo me auxiliou consideravelmente nas aproximações e no complexo exercício de distanciamento aos assuntos debatidos e, principalmente, de meus informantes que, com o passar do tempo, acabaram

²⁰ Geralmente as reuniões ocorriam às quintas-feiras, a partir das 19 horas, eventualmente o dia era alterado em virtude de feriados ou de compromissos dos participantes.

exigindo ainda mais minha presença tanto dentro como fora do grupo. Conforme o tempo passava, eu, um estranho naquele contexto sendo lido pelo grupo como um professor-estudante “muito jovem” para fazer uma tese, “gay assumido”, “casado”, e que estava os investigando, passei a ser alvo de muita curiosidade e até certa disputa, entre os integrantes do grupo, acerca do conhecimento de minha vida pessoal e profissional. Provavelmente porque era sobre isso mesmo que o grupo, de uma maneira geral, discutia.

De fato, os informantes do grupo, após este primeiro ano de convívio já me consideravam “um do grupo”, um “amigo”, e se mostravam interessados em saber tudo sobre mim. Neste momento confirmei uma “hipótese” que tinha em relação às pessoas mais velhas, a partir de minha experiência profissional: a idade avançada, cronologicamente, constitui-se como um marcador social significativo em relação aos mais jovens. Seria um entendimento de que quanto mais velhos, mais “empoderados” algumas pessoas se percebiam, autorizando-as a cobrar, duvidar e até mesmo ignorar a opinião dos mais jovens que eles. É como se para eles, não bastasse eu participar ouvindo e perguntando coisas, eu também deveria falar sobre mim, me “confessar” junto ao grupo. Pedir a bênção.

A esta altura, já me via completamente envolvido em seus cotidianos, em seus problemas e projetos de vida compartilhados nas reuniões e nos convites que recebia deles. Muitas passagens e eventos de suas trajetórias foram confidenciados a mim fora do espaço das reuniões do grupo, inclusive algumas críticas e sugestões ao próprio grupo, as quais muitas delas não eram socializadas no coletivo.

Além dos meus escritos também contei, como material de análise, com a participação de Alberto, o qual produzia as atas dos encontros, que eram enviadas por e-mail aos demais integrantes. Neste período, com a intenção de melhor compreender o histórico do grupo e o perfil de seus integrantes realizei uma primeira entrevista,²¹ semi-estruturada, com os sete²² informantes mais antigos e assíduos no grupo (Alberto, Robson, Arlindo, Fábio, Alejandro, Ricardo e Otávio). Estas entrevistas foram realizadas individualmente, nas próprias casas dos participantes,

²¹ O roteiro da 1ª entrevista encontra-se no Apêndice 1.

²² Um dos informantes, o mais velho deles, na época com setenta anos, Robson, veio a falecer no final do ano de 2010. Participava do grupo desde sua criação, em 1998.

em um clima agradável e de muita disposição destes para a conversa, recheada de uma riqueza de detalhes considerável.

É oportuno destacar, neste momento, a contribuição de Dagmar Meyer e Rosângela Soares acerca dos desafios de se movimentar pelos caminhos da pesquisa pós-estruturalista em Educação, os quais compreendem

(...) contestar as metanarrativas que prometem descrever e explicar “a” realidade em uma perspectiva totalizante; tensionar as relações usuais que se estabelecem entre saber, poder e verdade; assumir o pressuposto de que a linguagem, como um campo de operação do poder, é constitutiva do social e da cultura e que, exatamente por isso, se propõe a problematizar e explorar a indeterminação, a ambigüidade, a instabilidade, a multiplicidade e a provisoriedade dos sentidos que ela produz e coloca em circulação nas culturas em que vivemos; focalizar processos de diferenciação e hierarquização social e cultural, procurando compreender e problematizar formas pelas quais estes produzem (ou participam da produção de) posições-de-sujeito (como homem e mulher, heterossexual e homossexual, por exemplo) no interior de uma cultura, para ficar naquelas mais comumente enumeradas (MEYER & SOARES, 2005, p.29).

Neste sentido, as autoras nos alertam que nesta abordagem de pesquisa é necessária certa disposição para operar com dúvidas e limites, com divergências e conflitos e que nossas “conclusões” de pesquisa devem admitir a provisoriedade dos saberes e a articulação em campos de saber-poder na medida em que aceitamos que as verdades que operamos são construídas social e culturalmente. Tal abordagem nomeada de construcionismo cultural busca compreender como os saberes são produzidos por determinados discursos e como estes se ligam às relações de poder: na regulação de condutas, na formação e construção de identidades e subjetividades e definem a forma como são representadas, praticadas e estudadas certas coisas em situações históricas concretas (WORTMANN, 2005).

As questões do roteiro da primeira entrevista constituíram um caminho aberto onde pude, em um tom completamente amigável, estabelecer uma conversa informal com os integrantes do grupo, onde todos se mostraram dispostos a responder as questões e não demonstraram nenhum constrangimento. Na maioria das vezes os informantes acabaram comentando para além do que era perguntado. Desta forma, depois de participar de várias reuniões e de conhecer um pouco mais os integrantes do grupo, construí um roteiro de entrevista e as realizei, com os

integrantes mais velhos, cronologicamente, e também mais antigos no grupo. A continuidade da participação, o aprofundamento da coleta de informações e minhas leituras me permitiram, novamente, (re)formular e problematizar os objetivos iniciais, dando forma, então, ao meu objeto de pesquisa, que ora se apresenta nesta tese. O roteiro desta primeira entrevista contemplou questões gerais que foram divididas em temáticas como a formação e o histórico do grupo; relações com a família e o trabalho; relações sociais, afetivas e sexuais dentro e fora do grupo; cuidados com a saúde e relação com a morte/finitude.

Destaco que o exercício de pesquisar na área da Educação, a partir de Foucault, é um constante desafio à formulação de outras perguntas, a pensar de outros modos fora da chamada universalidade científica, como por exemplo: “Como chegamos a ser esses sujeitos que somos hoje?” Ao investigar sobre a história do pensamento Michel Foucault se concentrou, basicamente, em dois objetivos “(...) mostrar como regiões particulares do conhecimento restringiram a liberdade humana e promover recursos intelectuais para superar essas restrições” (EIZIRIK, 1995, p.32). Neste sentido a influência do pensamento de Foucault nesta tese se direciona no sentido de uma compreensão do conceito de liberdade - de uma liberdade possível - baseada em uma vida criativa e inventiva, isto é, pensar com e a partir do “último Foucault” da genealogia da ética, do cuidado, das técnicas e tecnologias de si. Ou seja, o processo de transformação das investigações de Foucault se aproxima das preocupações e inquietações vivenciadas no grupo que investiguei onde

(...) as práticas pelas quais os indivíduos por seus próprios meios ou com a ajuda de outros, agem sobre seus próprios corpos, almas, pensamentos, condutas e formas de ser, de forma a transformar-se a si próprios e chegar a certo estágio de perfeição ou felicidade, ou tornar-se sábio ou imortal, chegar a virtude... Este novo projeto se constitui numa genealogia de como o si se constitui a si mesmo como sujeito (EIZIRIK, 1995, p.46).

Neste sentido, Michel Foucault se ocupou, entre outras questões, com a relação entre subjetividade e verdade pelo caminho do viés histórico onde subjetividade se refere “(...) não à identificação como o sujeito como categoria ontologicamente invariável, mas a modos de agir, a processos de subjetivação modificáveis e plurais” (CANDIOTTO, 2008, p.88). Pesquisar, na perspectiva foucaultiana, configura-se como um exercício de reflexão sobre a relação que o

sujeito estabelece consigo a partir de certas verdades que culturalmente lhe são atribuídas ou impostas. Busquei investigar, portanto, quais efeitos de subjetivação a partir da existência de discursos e enunciados que pretendem dizer uma(s) verdade(s) para o sujeito.

Rosa Maria Bueno Fischer considera Michel Foucault um revolucionário da história e um pensador do presente, pois nega as teorias totalizantes e universais de explicação da realidade social e destaca as imbricações e interdependências entre as relações de poderes e de saberes. A autora, estudiosa da obra de Foucault, destaca para a questão da temporalidade dos enunciados e da positividade dos discursos na história dos corpos, onde descrever um enunciado é

“(…) aprendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva” (FISCHER, 2001, p.202).

Apoiada em Foucault e Deleuze, Rosa Fischer chama a atenção para a complexidade dos termos sujeito, subjetividade e subjetivação com as relações de poder e as relações para consigo. Ao mesmo tempo em que o sujeito está submetido ao outro a relações de controle e dependência também está imerso em variadas práticas onde é chamado a “olhar para si” e a construir verdades sobre si mesmo. Concordo com a autora quando reflete que os efeitos de poder e de controle jamais são absolutos e que o “voltar-se a si mesmo” pode constituir-se como “linhas de fuga” que apontariam para um “modo artista” de ser e de viver. A luta maior seria justamente contra todas formas de sujeição onde sempre haverá fendas, interstícios, isto é, possibilidades éticas e estéticas não planejadas pelos saberes e poderes em jogo (FISCHER, 2001).

A partir deste período inicial de contato ao grupo (2009 a 2010), das informações produzidas da primeira entrevista, do rico processo de acompanhamento das reuniões (2010 a 2011), das inúmeras atas das reuniões

enviadas pelo Alberto, construí minhas questões principais de investigação da tese, as quais foram aprofundadas em uma segunda entrevista²³.

Esta foi realizada, novamente e individualmente, com os integrantes mais antigos e assíduos no grupo, no primeiro semestre de 2012. Desta vez, meus informantes principais da tese, os quais se tornaram meus colaboradores, foram seis integrantes²⁴, já citados anteriormente, devido ao falecimento de um deles, o Robson. Neste sentido, minhas principais questões de pesquisa da tese foram:

- Como os participantes do grupo percebem seu processo de envelhecimento?
- Como os integrantes do grupo percebem e/ou vivenciam a questão do “assumir-se”?
- Qual a compreensão e como são construídas as relações de amizade no grupo?

Estas me levaram ao desdobramento de outras questões como: Quais movimentos, tensões e atravessamentos constituem o grupo na sua trajetória?; O que significa para estes informantes, participar de um grupo de homossexuais? De que modos se configuram os processos de sociabilidade(s) dos homens participantes no e a partir do grupo?; Até que ponto a compreensão de amizade construída no grupo funciona como uma possibilidade de resistência aos paradigmas da hetero e homonormatividade? Participar do grupo oferece possibilidades de (re)invenção da própria vida? / de enfrentamento à homofobia, à solidão e à cultura da beleza e da juventude?

Assim, meu segundo momento de produção de dados e informações se deu no período de 2011 e 2012 onde continuei a receber as atas das reuniões, via email, as quais continuaram a acontecer quinzenalmente, no mesmo sistema de rodízio, em algumas casas dos participantes, não todas. Além das atas escritas pelo Alberto

²³ As questões da segunda entrevista se concentraram sobre o(s) significado(s) de pertencimento ao grupo e sobre a compreensão acerca da amizade; à questão do “assumir-se” (*coming out*) e às relações entre homossexualidade(s) e envelhecimento. O roteiro desta se encontra no Apêndice 2.

²⁴ Alberto, Arlindo, Fábio, Alejandro, Ricardo e Otávio.

continuei a participar de algumas reuniões do grupo, só que durante este período minhas visitas se deram com um maior intervalo de tempo entre elas, geralmente a cada dois ou três meses²⁵ – o que permitiu me distanciar do grupo e ressignificar meu olhar sobre a dinâmica do mesmo. Pude me aprofundar em suas rotinas e rituais além de algumas questões que se configuravam como recorrência ou novidade. Nesse sentido, tive a oportunidade de acompanhar suas ações e desdobramentos, cenas que de certa forma configuravam outras possibilidades de relações entre os integrantes: transformação, disputa, negociação, enfrentamento, debates, conflitos, interditos, conselhos e cuidados, reflexões sobre o tempo presente e o esboço de planos e projetos para o futuro.

Os instrumentos de diálogo, produção e análise de dados e informações da presente tese, foram, portanto, os seguintes: 1) diário de campo onde registrei as observações de acompanhamento das reuniões do grupo (do mês de julho de 2009 a julho de 2010); 2) a primeira entrevista semi-estruturada com os sete integrantes do que estou chamando de “núcleo velho” a fim de conhecer a trajetória do grupo e as singularidades dos integrantes mais velhos e assíduos; 3) as atas das reuniões antigas do grupo que tive acesso (referentes ao ano de 2008); 4) as atas das reuniões atuais, referentes ao período em que acompanhei o grupo, de 2009 a 2012, escritas a partir da posição e percepção de Alberto e, finalmente, 5) a segunda entrevista com os seis integrantes do grupo que o sustentaram durante a maior parte de sua trajetória, iniciada no ano de 1998.

No próximo capítulo desenvolvo algumas ideias em relação à temática do envelhecimento humano no Brasil de modo a ilustrar as principais correntes de pesquisa que tematizaram o assunto a partir de suas influências europeia e norte-americana.

²⁵ No segundo semestre do ano de 2010 fui aprovado em um concurso público para professor da área de Dança, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel/RS), fato este que me exigiu a troca de residência de Porto Alegre para a cidade de Pelotas. Por esta razão, os integrantes do grupo, a maioria aposentados, decidiram trocar a data das reuniões de quinta-feira para os sábados, a fim de eu pudesse continuar acompanhando os encontros e aprofundando a pesquisa. Destaco, mais uma vez, meu especial agradecimento ao coordenador e demais integrantes do grupo por terem permitido e propiciado todas as condições necessárias à realização do trabalho de campo.

4 ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE: CONVENÇÕES E INVENÇÕES SOCIAIS

*“Velha? Eu? Ainda estou rindo.”
(Tania Navarro Swain)*

Cabe neste momento destacar que atualmente e, sobretudo, a partir da década de oitenta, tanto o tema sobre o processo de envelhecimento como acerca da velhice, como uma fase específica da vida, transformaram-se em objetos de inúmeras áreas do conhecimento, desde os saberes das chamadas Ciências Naturais e Exatas, das Ciências Sociais e Humanas até os estudos sobre Religiosidade e Espiritualidade. Em um primeiro momento apresento a constituição das clássicas teorias sobre o envelhecimento e, a seguir, busco contextualizar os paradigmas contemporâneos que promoveram a constituição de uma nova área de conhecimento chamada de Gerontologia²⁶; sobretudo a Gerontologia Social.

Tradicionalmente a área da Geriatria, especialidade da Medicina, por meio do discurso da saúde consolidou-se por ditar orientações sobre técnicas e tratamentos de enfermidades e tudo àquilo que se relacionava ao estudo da velhice, exclusivamente com a ênfase no tratamento de uma “doença”. Atualmente, a área da Gerontologia, cujo enfoque centra-se no processo do envelhecer e não especificamente nas patologias senis, ampliou o olhar sobre os idosos e suas relações com as demais gerações, a partir de orientações psicológicas, sociológicas e antropológicas. Tais compreensões contrariam visões lineares e unidimensionais sobre o significado do tempo e das mudanças evolutivas (NERI, 2001). Estes “saberes gerontológicos” situam-se dentro de uma área científica que se diz interdisciplinar, denominada Gerontologia (DOLL, 2004).

Embora eu mantivesse contato profissional com grupos de idosos no período de 1999 a 2003, na cidade de Santa Maria/RS, minha relação com o público mais

²⁶ O uso do termo Gerontologia (do grego – *gero*: velho e *logia*: estudo) é atribuído a Metchinikoff, em 1901, enquanto ciência, referindo-se à especialidade que estuda o processo fisiológico do envelhecimento. Em 1909, o médico Nascher criou o termo Geriatria para designar a especialidade que cuida das enfermidades do velho (MARTINS de SÁ, 1999, p.226)

velho foi aprofundada e se intensificou na orientação de projetos e estágios do ano de 2004 a 2010, em uma Instituição particular de ensino, onde atuei como professor dos cursos de Educação Física e Pedagogia, em Porto Alegre/RS. A partir do contato com uma velhice predominantemente feminina, alguns alunos e eu nos perguntávamos onde estariam os homens velhos²⁷: de que se ocupavam no seu cotidiano? Como cuidavam de sua saúde e, de seu lazer? Entre outras questões que me instigaram a continuar pesquisando as interfaces entre Saúde e Educação.

Podemos compreender o processo de envelhecimento humano atualmente como um “fenômeno” demográfico e uma questão de saúde pública que inspira considerações políticas e sociais (BERQUÓ, 1999; NETTO, 2005). O controle da natalidade e o avanço das ciências médicas no tratamento de doenças e na manutenção e prolongamento da vida contribuíram significativamente para esta mudança no desenho populacional mundial. Da tradicional figura da pirâmide, agora, a representação está se transformando para a de um retângulo, aonde a população mais velha cronologicamente vem crescendo vertiginosamente em relação ao decréscimo do número de nascimentos e às faixas etárias correspondentes à juventude. Nos gráficos abaixo podemos acompanhar as significativas mudanças referentes ao aumento da longevidade da população brasileira e uma projeção para os próximos anos.

²⁷ Neste trabalho uso o termo velho para me referir às pessoas maiores de sessenta anos de idade, assim chamo velho de velho. Várias nomenclaturas, tanto de estudiosos do tema quanto advindas da linguagem informal do cotidiano são usadas como “sinônimos” para se referir às pessoas mais velhas no Brasil: *idosos, terceira idade, adulto maior, melhor idade, maturidade ativa, anciãos, jovens velhos, velhos-velhos, juventude acumulada*, entre outros. Na maioria dos casos o que se encontra é uma espécie de negação da velhice e do termo velho, em relação ao seu significado pejorativo e/ou estigmatizante de “coisa” usada ou ultrapassada. Procuo desconstruir e problematizar esta representação e tentar mostrar outras possibilidades de expressão e reinvenção do viver.

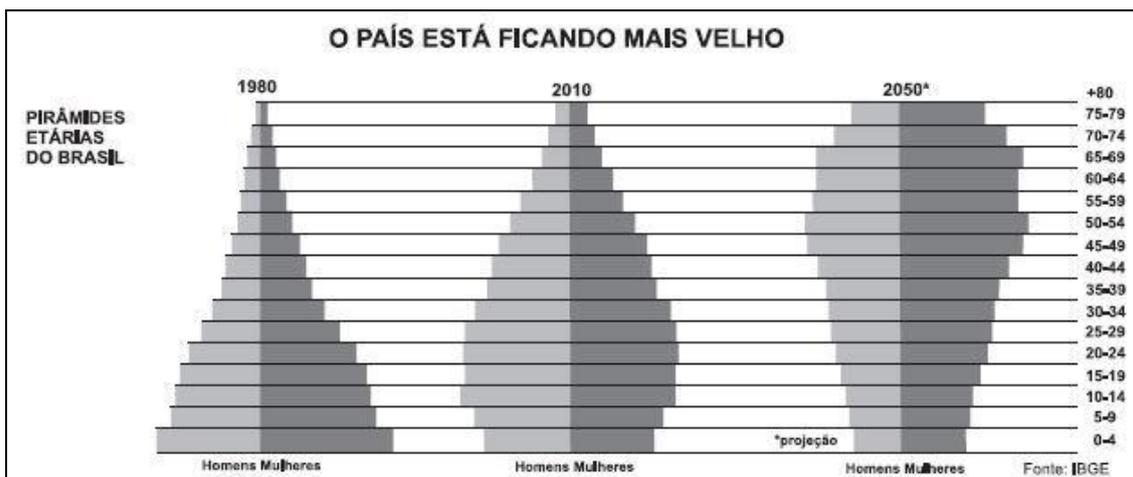


Figura 1 – Pirâmides Etárias do Brasil
 Fonte: IBGE (Censo 2010)

Somente no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, foi incluída uma questão sobre a possibilidade de relação de pessoas do mesmo sexo que vive no mesmo domicílio. Os últimos dados apontaram que mais de sessenta mil pessoas vivem algum tipo de “união estável”, embora ainda não tenhamos dados sobre o marcador idade destas pessoas que se declararam ao censo do IBGE.

4.1 Ficando mais Velho: olhares, limites e possibilidades

Dentre tantos pesquisadores que abordam o tema destacamos duas estudiosas e referências na área: Anita Liberalesso Neri, que trata dos paradigmas contemporâneos em Psicologia e Sociologia, e Guita Grin Debert, que propõe um olhar antropológico sobre as complexas experiências do processo do envelhecer. Em relação aos estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa, sobretudo até a década de sessenta do século XX, a maioria das pesquisas apontavam para aquilo que se mostrara comum na experiência do envelhecimento, enfatizando a ideia de certa homogeneidade na velhice. Conforme Guita Debert destaca que até o final da década de 1960,

(...) duas grandes teorias dominam os enfoques no interior da Gerontologia Social. A Teoria da Atividade e a Teoria do Desengajamento. Para ambas, a velhice é definida como um momento de perda de papéis sociais e trata-se de entender, nos dois casos, como se dá o ajustamento pessoal a essa situação definida como de “perda”, e medir o grau de conformidade e o nível de atividade dos idosos. Enquanto a Teoria da Atividade considera mais feliz os idosos que encontram atividades compensatórias, permanecendo ativos, a outra Teoria prevê, no desengajamento voluntário das atividades, a chave do envelhecimento bem-sucedido (DEBERT, 1999, p. 42).

Em relação às teorias clássicas sobre o envelhecimento que datam há cerca de aproximadamente cinquenta anos, a realidade na época era outra, diferente da fluidez da cena contemporânea. Acreditava-se na explicação de grandes teorias em relação ao viver, este geralmente dividido por fases muito bem demarcadas e fixas. Atualmente, no processo de consolidação da área da Gerontologia²⁸ no Brasil, se aposta na presença de várias microteorias: imbricadas, (inter)dependentes e, portanto, com um potencial de flexibilidade que permite uma análise que contemple a própria diversidade e complexidade do processo. Sob este aspecto Maria Siqueira reflete que

À época de sua constituição, acreditava-se no poder explicativo de grandes teorias sobre o envelhecimento, crença derrotada pela evolução subsequente da gerontologia social, hoje caracterizada pela presença de várias microteorias. As teorias tomaram por base o contexto norte-americano e uma das críticas feitas a elas refere-se ao fato de não darem conta das peculiaridades nacionais e regionais, uma vez que o fenômeno do envelhecimento não se dá do mesmo modo em toda parte (SIQUEIRA, 2001, p.108).

De uma maneira geral, podemos afirmar que o panorama construído pelos estudiosos de outrora organizou as diversas teorias classificando-as de acordo o nível de análise, à época de seu surgimento e às influências exercidas. Ora a ênfase das teorias está centrada em um nível microssocial, ora em um nível macrossocial, ou seja, as que abordam a centralidade do indivíduo e àquelas que se preocupam com as relações entre o indivíduo e a sociedade. No quadro abaixo ilustramos as principais teorias sociológicas em relação a sua temporalidade e aos respectivos níveis de análise.

²⁸ São temas de pesquisa da área: atitudes em relação à velhice, práticas e políticas sociais, formas de gestão da velhice pelas instituições sociais e pelas organizações governamentais e não-governamentais, índices de bem-estar das populações idosas, redes de suporte social e relações intergeracionais (NERI, 2001).

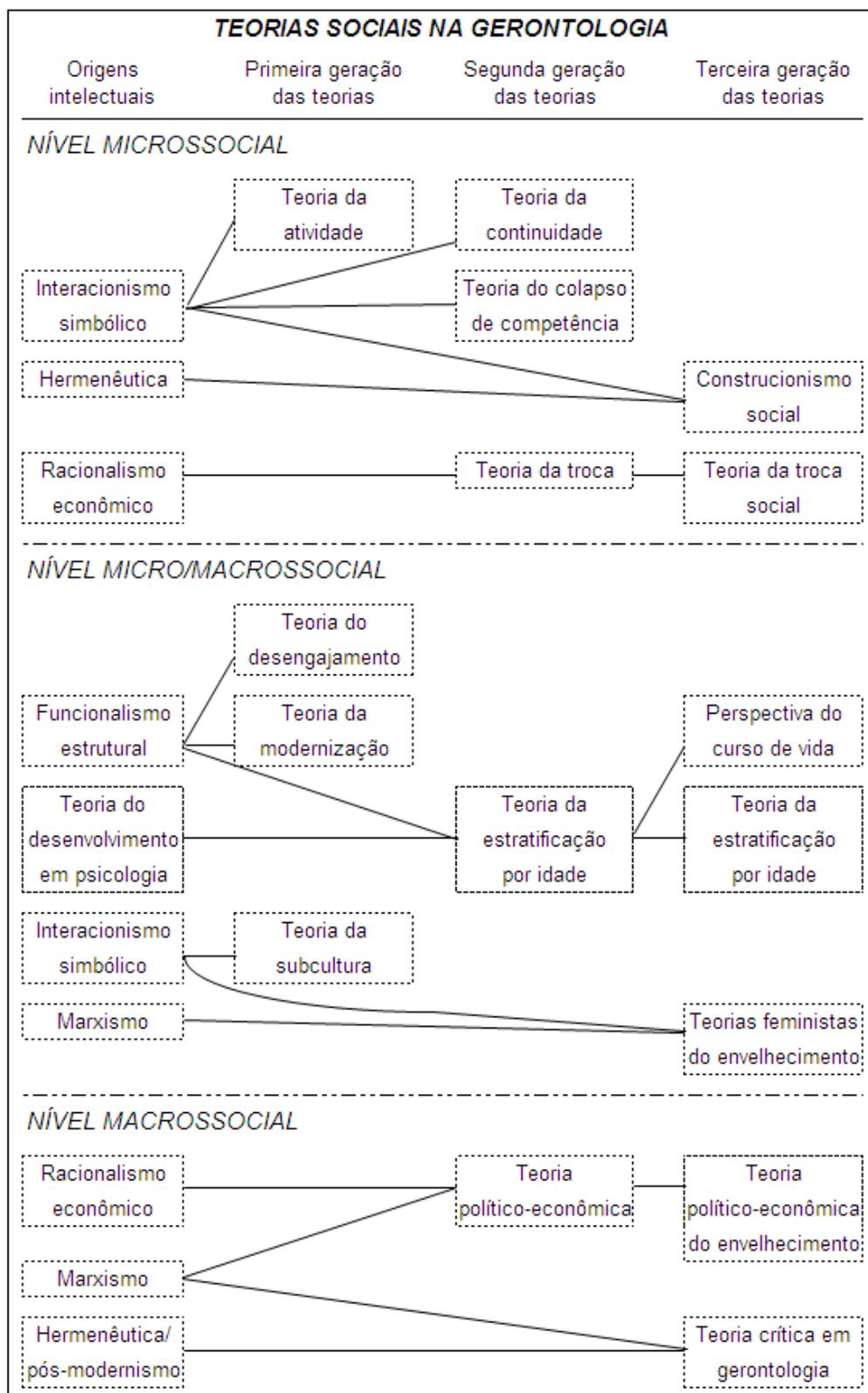


Figura 2: Classificação das Teorias Sociológicas sobre a velhice e o Envelhecimento (NERI, 2001).

A Teoria da Atividade²⁹ baseia-se no fato de que a velhice é acompanhada do declínio de atividades físicas e mentais e, portanto, traz inevitavelmente consigo doenças psicológicas aos idosos. Nesse sentido é proposto que outras e novas atividades sejam buscadas e realizadas com a intenção de promover uma “necessária e benéfica” satisfação a todos os idosos, ou seja, os velhos precisariam e deveriam manter-se “ativos”! Esta atividade lhe traria uma relevante contribuição para o chamado “envelhecimento bem-sucedido” (SIQUEIRA, 2001). Guita Debert também concorda que tal teoria auxiliou a construir um quadro onde a velhice é compreendida, principalmente, como um período de pobreza e abandono, o qual acabou reforçando a associação de velhice com doença, passividade e solidão (DEBERT, 1999). Por outro lado, a Teoria do Desengajamento³⁰ representou a primeira tentativa de compreender o envelhecimento e as mudanças na relação entre indivíduo e sociedade. O enfoque contempla o afastamento sob o prisma da funcionalidade, da mutualidade, da inevitabilidade e da universalidade. Dentre suas principais características apontamos: uma espécie de “acordo” entre jovens e velhos onde esses devem ocupar o lugar destes e o afastamento vai se dando de maneira consentida de ambas as partes; reforça a ideia de que a diminuição das interações sociais dos velhos é “natural e espontânea”, inerente ao processo de envelhecimento e que o desengajamento seria uma espécie de pré-requisito para uma funcionalidade e estabilidade social: saem os velhos e entram em cena os jovens, preconizando certa ideia de equilíbrio (SIQUEIRA, 2001).

Ao reconhecer nas Teorias clássicas sobre o envelhecimento os subsídios principais que durante um período de tempo, de certa forma, alimentaram a área da Gerontologia no Brasil, é oportuno refletir e destacar as críticas e limitações apontadas a estas teorias por estudiosas contemporâneas, tal como Guita Grin Debert. Nesta perspectiva, podemos perceber, ainda que de uma maneira sutil, que nas premissas da Teoria da Atividade baseia-se a maioria das ações de políticas e programas voltados ao público denominado de “terceira idade”, inventando uma nova classificação norteada por interesses das mais diversas ordens, com ênfase na oferta de produtos e serviços especializados da lei do mercado e do lucro fácil. E na

²⁹ Proposta por Cavan, em 1965 (DEBERT, 1999).

³⁰ Proposta por Cumming e Henry, em 1961 (SIQUEIRA, 2001).

Teoria do Desengajamento percebemos as diretrizes que orientam o atendimento das clínicas geriátricas e das Instituições de longa permanência (asilos), onde é preciso separar o velho do restante da população para melhor “cuidá-lo”. Foi instaurado, portanto, o princípio da exclusão.

Apesar de considerar a contribuição das Teorias acerca do envelhecimento, Anita Neri (2001) aponta que os termos *Ciclo de vida*, *Curso de vida* e *Life-span*³¹ compreendem relevantes perspectivas contemporâneas de análise que merecem ser contextualizadas e melhor compreendidas no contexto brasileiro. Podemos adiantar que diferente da perspectiva de Ciclo da vida, a compreensão do Curso da vida e do *life-span* “não adotam o critério de estágios como princípio organizador do desenvolvimento, muito embora admitam que a vida seja efetivamente demarcada pelo tempo” (NERI, 2001, p.12).

A perspectiva do Ciclo da vida pressupõe uma sucessão de estágios organizados por idades que nos remetem a ideia de um fechamento lógico, hierárquico e coerente, das experiências de vida. A expressão foi consagrada no âmbito da Psicologia por Eric Erikson, em 1950, em sua clássica teoria de desenvolvimento chamada epigenética³² para nomear as “oito idades do ser humano”, conforme ilustra o quadro abaixo.

<i>IDADE</i>	<i>CONFLITO DO EGO</i>	<i>VALOR EMERGENTE</i>
Fase bebê	Confiança x desconfiança	Esperança
Infância inicial	Autonomia x vergonha e dúvida	Domínio
Idade do brinquedo	Iniciativa x culpa	Propósito
Idade escolar	Trabalho x inferioridade	Competência
Adolescência	Identidade x confusão de papéis	Fidelidade
Idade adulta	Intimidade x isolamento	Amor
Maturidade	Geratividade x estagnação	Cuidado
Velhice	Integridade x desespero	Sabedoria

Figura 3: As 8 idades do ser humano de Eric Erikson (NERI, 2001).

³¹ É o termo utilizado na Psicologia e na Biodemografia, onde também se utiliza o termo correlato – expectativa de vida. É importante esclarecer os vários sentidos que o termo *life-span* pode assumir em diferentes contextos: extensão de vida individual; extensão de vida de uma espécie; extensão média de vida dos indivíduos de uma mesma espécie (NERI, 2001).

³² Algo que se revela ou desdobra sucessivamente, sendo que os estágios mais avançados estão contidos nos anteriores.

Apesar de alguns estudiosos considerarem a Teoria de Ciclo da vida de Erikson responsável por alguns avanços em relação às teorias clássicas do desenvolvimento, por admitir a existência e as interferências de crises a partir de influências socioculturais, penso que a ideia de uma evolução em estágios previsíveis acaba por limitar e universalizar a complexa e, muitas vezes, singular, contingente e surpreendente experiência da vida.

A perspectiva do Curso da vida, ao contrário, considera as inter-relações de um tempo individual, de um tempo que contemple e considere os sentidos e significados das relações afetivas de acordo com um determinado contexto histórico. Sob este aspecto é importante destacar que as “(...) trajetórias de vida individual e de diferentes grupos de idade que convivem em um mesmo momento histórico podem ser diferentes das de indivíduos e grupos que tiveram suas vidas demarcadas por outros eventos” (NERI, 2001, p.15). Tal perspectiva não compreende a vida como uma narrativa fechada com início, meio e fim, como defendida pelo pensamento tradicional caracterizado como Ciclo da vida que preconiza o pensamento linear, de etapas justapostas e hierarquizadas, portanto previsíveis. Entendemos que, atualmente, na complexidade das relações sociais e históricas que nos encontramos as etapas clássicas e tradicionais das fases da vida: nascer, crescer, reproduzir e morrer (ou infância, juventude, idade adulta e velhice) não mais dão conta dos diversos movimentos, arranjos, vivências, desejos e experimentações possíveis (sejam elas diferenciadas, inovadoras e/ou transgressoras) na contemporaneidade.

Cada vez mais se borram e se ultrapassam fronteiras delimitadoras acerca dos modos de ser e de agir em cada idade ou fase da vida (embora ainda haja muitas expectativas e até mesmo, cobranças sociais de determinadas atitudes esperadas e valorizadas socialmente). Cada vez mais os conceitos de ingenuidade e pureza, tradicionalmente associados às crianças, cedem lugar à rapidez de raciocínio e ao uso de novas tecnologias; jovens casam-se mais tarde ou não casam, e optam por não terem filhos em função das exigências da carreira profissional e de uma absurda falta de tempo para o lazer pessoal. A idade adulta nem sempre corresponde à ideia de segurança e de definições e, principalmente, a fase da vida chamada de velhice cada vez mais é caracterizada por uma

multiplicidade de opções de lazeres e afazeres, de resignificação da própria vida e de outras possibilidades produtivas que não se encaixam em rótulos ou prescrições sociais, seja para si mesmo ou para interesses outros (família, sobrevivência, estudo). Muito do que percebemos atualmente, por um lado, são pessoas mais velhas querendo ocupar espaço e participar da cena contemporânea ao lutar por seus direitos e visibilizar suas experiências de vida; por outro lado e, ao mesmo tempo, percebemos que os próprios velhos mostram-se facilmente interpelados por interesses mercadológicos que reforçam ideais de juventude, beleza, consumo e mão de obra “qualificada” (para quem?). Ou seja, a representação de uma “vida ativa” acaba por padronizar as vontades e abafar as singularidades de cada idoso. Estes podem ser seduzidos por uma cultura da “terceira idade” onde a ideia de produção é estimulada e visibilizada – a produção da eterna juventude.

Neste sentido, as questões referentes ao contexto histórico, cultural e político mostram-se diretamente relacionadas aos diferentes processos do sentir e do perceber das pessoas, as quais são, por conseguinte, construídas na coletividade e, não seguem, necessariamente, um roteiro pré-estabelecido dado como natural ou de ordem religiosa (como pensamentos do tipo: “Deus quis assim”). Cada vez mais acredito que na cena contemporânea a categoria idade configura-se, muito mais, como um conceito social e não a um pertencimento exclusivo de um paradigma biológico ou psicológico. Anita Neri afirma que “infância, adolescência, vida adulta e velhice são fases construídas socialmente, por meio de normas reguladoras que determinam as exigências e as oportunidades de cada segmento etário na ordem social” (NERI, 2001, p.17).

Ao refletirmos sobre o processo de envelhecer e, de certa maneira, sobre a própria vida – no qual podemos resignificar memórias e planejar/imaginar/desejar os tempos futuros - admitimos as inúmeras práticas e inscrições sociais que marcam nossos corpos a partir de nossa historicidade. O corpo, neste sentido, encontra-se atravessado a partir de práticas discursivas³³ que o constitui, que o habita, sempre a partir do jogo tenso de relações de poder que articula o individual e o social. Na atual

³³ Compreendidas como “(...) práticas sociais que instituem tanto o objeto de que falam, o discurso, como o comportamento apreendido pelo visível, o não-discursivo” (FOUCAULT, 1995, p.56). Assim, constituem-se regras históricas, no tempo e no espaço, que definem uma época e um ou mais grupo social.

cultura do consumo e da jovialidade que impera, sobretudo no Brasil, a cultura imagética e da visualidade dispara signos de beleza associados a um corpo jovem, bonito e sexualmente saudável onde a concepção de velhice e morte são vistas negativamente a parecem encaminhar certa derrota e decadência inevitáveis. Sob este aspecto concordo com a posição de Nadia Souza a qual destaca que

Talvez como em nenhuma outra época, hoje a vida e o corpo das pessoas presenciem tantas e distintas estratégias de governo que, de modo “invisível”, vêm impregnando e regulando os modos de perceber e de agir em relação a si, a sua vida e aos demais (SOUZA, 2007, p.32).

A figura do velho e da velha, dos “idosos” que conhecemos hoje, podemos dizer que se constituiu uma invenção social recente, assim como o próprio termo velhice. As cobranças de cada idade, ou seja, as expectativas sociais construídas e esperadas como “adequadas” para a conduta de crianças, adolescentes e adultos, aliadas às diferenças de gênero, também funcionam para àqueles que acumulam mais primaveras. É o paradoxo da atualidade: todo/as querem envelhecer, mas ninguém quer ficar velho! Muito embora eu suspeite que haja certa confusão no emprego dos termos juventude e jovialidade, mas esta questão tratarei mais adiante. Torna-se evidente a sofisticação de um verdadeiro arsenal midiático e tecnológico que nos seduz com a promessa de uma juventude quase que instantânea. São investimentos das mais variadas ordens: plásticas, intervenções cirúrgicas, aplicação de toxinas e produtos, dietas milagrosas, medicamentos, (super)suplementos e vitaminas diversas. É o chamado império da cultura fitness³⁴ com exaltação à aparência e à visualidade: é preciso parecer jovem e, sobretudo, mostrar-se, exhibir-se e ainda comparar-se aos demais. Vivemos cada vez mais processos de uma hipervalorização do corpo onde os atributos da masculinidade e feminilidade são buscados e festejados ao limite.

As características da cena contemporânea apontadas por Edvaldo Couto (2007) denotam para um processo de ressignificação do culto ao corpo onde cada

³⁴ Caracteriza-se como um conjunto de técnicas e estratégias que incitam a práticas e à manutenção de cuidados corporais “adequados” ao perfil contemporâneo: manter-se ativo, saudável e belo o tempo todo. Não basta estar saudável, é preciso aparecer e convencer (GOELLNER, 2006).

vez mais identidades híbridas e ambíguas reforçam a fluidez e a transitoriedade da carne. A condição espetacular do corpo associa-se ao desejo de modificá-lo quando as novas (bio)tecnologias ditam, para além de modismos, uma verdadeira cultura onde aparência, juventude e vigor estão cada vez mais disseminados. Como escreve o referido autor

Tornou-se urgente eliminar toda e qualquer insatisfação física e mental, acabar com uma real ou suposta imperfeição, corrigir cada detalhe (...) manter o vigor da juventude, exibir a aparência mais saudável, festejar a beleza conquistada com ajuda dos avanços tecnológicos e científicos: regimes, terapias, cosméticos, cirurgias, uso de próteses, novos medicamentos, manipulação genética. O culto ao corpo se tornou um estilo de vida, mas uma vida tecnocientífica. A promessa fascinante de um ganho suplementar de saúde, juventude e beleza conquistou um espaço inédito nos meios científicos e artísticos, na mídia, em todas as esferas do nosso cotidiano (COUTO, 2007, p.42).

A velhice é de certa forma negada e, em alguns casos, até combatida. Parecer/ficar velho ou velha, “naturalmente”, é cada vez mais raro na contemporaneidade. Em algumas situações que vivenciei, em minha prática profissional com idosos³⁵, àqueles que (ainda) não haviam aderido às plásticas foram praticamente excluídos do grupo de atividades físicas e recreativas.

Guita Debert (1999) ao focar a questão da (re)construção da velhice hoje, chama atenção para a heterogeneidade do envelhecimento e suas várias configurações e arranjos sociais. A autora destaca uma característica denominada de “dupla vulnerabilidade” ao relacionar idosos e as chamadas minorias, entre elas, os idosos negros, os de classe baixa e ainda os idosos “muito idosos”, isto é, a partir de oitenta anos de idade. A etnografia é apontada como um caminho de pesquisa ao oferecer relevantes dimensões na problematização da diversidade de respostas que os mais velhos são capazes de oferecer diante das rápidas mudanças da sociedade contemporânea.

Alguns trabalhos, também da área da Educação, trataram o processo de envelhecimento sob diferentes enfoques (ALVARENGA, 2006; SILVA, 2008; POCAHY, 2011) e de certa maneira da mesma forma buscaram problematizar as

³⁵ Em Projeto de Extensão universitária vinculado ao Curso de Educação Física de uma Faculdade particular, em Porto Alegre/RS.

questões entre gênero e sexualidade, em distintos contextos. Tanto Alessandra Silva quanto Luis Alvarenga, ao investigarem homens acima de sessenta anos de idade, identificados como heterossexuais, destacaram que as representações culturais acerca da figura do velho, na maioria das vezes, mostram-se carregadas de conotações negativas. Seus respectivos códigos estão centrados na diminuição das capacidades físicas, na ideia de decadência/decrepitude física e na incapacidade para o trabalho, segundo os informantes acessados³⁶. Já o estudo de Fernando Pocahy (2011), que será problematizado no desenvolvimento da tese, tematizou as experimentações sexuais de homens que circulavam em dois espaços de um circuito gay: uma sauna/videolocadora e um bar frequentado por homens mais velhos e garotos de programa. Assim, passo a problematizar na sequência a complexidade da temática do processo de envelhecimento de homens gays e seus desdobramentos, tensões e desafios.

A seguir busco contextualizar e problematizar alguns relevantes olhares sobre a(s) homossexualidade(s) masculina(s) partir de um recorte histórico-crítico a fim de descrever a complexidade da temática, suas transformações e desdobramentos ao longo do tempo.

³⁶ Alessandra Silva acompanhou homens com diagnóstico de algumas patologias, de cidades do interior do estado do RS, que permaneciam nas chamadas casas de passagem durante o período de tratamento em Porto Alegre; e Luis Alvarenga se ocupou de homens que frequentavam os tradicionais bailes da chamada 'terceira idade', ambos na região metropolitana de Porto Alegre/RS.

5 “CULTURA GAY”: (IN)VISIBILIDADES, PRÁTICAS E TENSÕES – SOCIABILIDADES ENTRE HOMENS

“E quem de nós, tem a homossexualidade totalmente resolvida? Todos nós de certa forma, somos enrustidos”. (Alberto, 62 anos)



Figura 4: Jornal Lampião de Esquina (1978 a 1981)

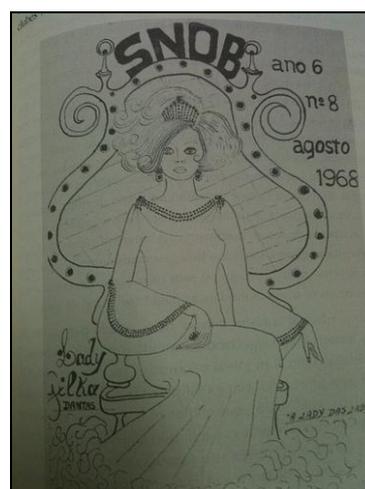


Figura 5: Jornal O Snob (1963 a 1969)

Neste capítulo procuro tratar algumas questões referentes à organização do campo de estudos sobre a homossexualidade masculina, sobretudo no contexto brasileiro, a partir de sua contextualização histórica e política. No entanto, não será meu objetivo, nesta tese, de realizar ou analisar a história da homossexualidade no Brasil, mas refletir e problematizar impressões acerca da diversidade das homossexualidades e seus desdobramentos políticos e sociais. A reflexão se encaminha para as diferentes (im)possibilidades de sociabilidade(s) gays e suas relações com o processo de envelhecer, além da circulação de normas e regras sobre a(s) “melhor(es)” pedagogia(s) da(s) homossexualidade(s) e modos de conduta gay desejáveis, os quais caracterizaram o grupo investigado. Esta discussão a partir de estudiosos acerca do tema servirá para melhor compreender o grupo investigado e como apoio ao processo de interpretação e análise dos

depoimentos coletados e, que de modo algum, pelo investimento e abrangência do tema, se esgota neste capítulo, mas auxilia a melhor situar meu objeto de pesquisa.

Vários autores/as se debruçaram sobre o tema da homossexualidade masculina em diferentes contextos e a partir de recortes específicos (FRY & McRAE, 1985; McRAE, 1983; PERLONGHER, 1987; TERTO JÚNIOR, 1989; PARKER, 1998 e 2002; GREEN, 2000; RIOS, 2001; CÂMARA, 2002; TREVISAN, 2004; CARRARA, 2004; MELLO, 2005; SIMÕES, 2009; SIMÕES & FACCHINI, 2009). De uma maneira geral é possível considerar que as diferentes repercussões acerca da crescente e cada vez maior visibilidade gay; a luta por direitos humanos e sociais; os problemas de auto-aceitação, rejeição e sofrimento sobre o revelar, ou não, a homossexualidade, aliadas às tensões decorrentes dos relacionamentos afetivo-sexuais; configuram-se como as dinâmicas mais significativas encontradas em grande parte das pesquisas e estudos. A trajetória do movimento homossexual e as políticas acerca da prevenção e das transformações vivenciadas referentes à epidemia HIV-Aids também se configuram como temáticas características das referências analisadas. Sem filiar-me a uma perspectiva pessimista de abordagem do tema, concordo com Luiz Mello quando destaca que

A intolerância de ordem sexual é abrangente e desconhecadora de singularidades, não reconhecendo a legitimidade das práticas sexuais não-convencionais, mesmo quando estas são exercidas num contexto de consentimento mútuo entre adultos, sem constrangimentos físicos, psicológicos ou morais, como ocorre na grande maioria das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O dia-a-dia dos homens e mulheres homossexuais no Brasil, e na maior parte do mundo, encontra-se, assim, marcado pelo tripé privação-opressão-discriminação, o qual se traduz em uma realidade de relativa exclusão social (MELLO, 2005, p.191).

Os argumentos vinculados a dogmas religiosos e os posicionamentos associados aos domínios dos saberes da natureza mostraram-se recorrentes nas análises das relações entre sexo, gênero e sexualidade. Desde possíveis explicações e punições das mais variadas ordens como religiosa, biológica e/ou psicológica a outras perspectivas de análise, como a adotada nesta pesquisa, que considera o caráter histórico e social da sexualidade, a partir de uma perspectiva

construcionista³⁷, isto é, contrária a uma compreensão essencialista e universalizante do desejo. Destaco, neste momento, que os diferentes discursos sobre o desejo e práticas sexuais encontram-se implicados em redes e relações de poder e que também refletem e produzem críticas, contradições e representações a partir dos signos sociais, culturais e lingüísticos adotados em cada área do saber. Conforme apontou Michel Foucault

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar, em toda parte, dispositivos pra ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular (FOUCAULT, 1988, p.39).

Neste sentido, a partir da convivência com o grupo, das questões debatidas por eles nas reuniões, de suas especificidades e dos diálogos que presenciei, me vi desafiado a aprofundar referenciais clássicos e contemporâneos sobre as questões da trajetória do Movimento e da militância gay; sobre a problemática do “Armário”³⁸ e, sobretudo, as relações entre homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento. Tais leituras me auxiliaram a compreender um pouco melhor a complexidade do grupo investigado e a encaminhar minhas análises sobre o mesmo, uma vez que boa parte dos integrantes do grupo, o que estou chamando de núcleo velho, com média de 60 anos de idade, acompanhou e vivenciou a constituição e a configuração das temáticas acima citadas.

Compreendi que o próprio modo ou maneira de dizer ou nomear homens afeminados ou desviantes de uma norma heterocêntrica, configura a linguagem como definidora de representações segundo seus contextos específicos: *uranista*, *pederasta*, *perverso*, *sodomita*, *invertido*, *veado*, *bicha*, *baitola*, *gay-guei*, entre outros. A clássica e significativa “invenção” do termo homossexual denota graus de

³⁷ Construcionismo social diz respeito à abordagem em relação à compreensão de corpos e da sexualidade a partir de contextos históricos específicos e às relações de poder implicadas na classificação de diferentes atitudes e comportamentos sociais. Contrapõe-se ao “essencialismo” que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos (WEEKS, 1999).

³⁸ A questão sobre o dispositivo do Armário será apresentada no capítulo 6.

classificações e compreensão das homossexualidades masculinas ao longo da história e dos tensionamentos travados a partir de diferentes contextos sociais. O produtivo paradigma associado ao termo homossexual, instituído a partir do campo das ciências biomédicas do século XIX, acabou por inaugurar e reforçar a disciplina de sexologia, onde tais saberes articularam

a variedade de expressões da sexualidade humana a determinadas condições biológicas e constituições corporais, supostamente inatas e imutáveis. Elas se orientavam por um conjunto de preocupações políticas e morais voltadas a identificar toda sorte de anomalias, perversões ou ameaças a esfera da sexualidade (incluindo a prostituição e as relações extraconjugais) que poderiam causar danos à saúde da família e, por extensão, à saúde da nação. Pelo mapeamento das supostas anomalias, tratava-se de circunscrever um modelo ideal de sexualidade moral e saudável, na forma da heterossexualidade praticada entre adultos, dotados da identidade de gênero tido como adequada ao seu respectivo sexo biológico, unidos por um vínculo conjugal, monogâmico e destinado à reprodução (SIMÕES & FACCHINI, 2009, p.37)

A então emergente sexologia do século XIX dedicou especial atenção ao desejo direcionado para pessoas do mesmo sexo e influenciou formulações médicas pautadas em uma concepção chamada de “inversão sexual”, decorrente de causas biológicas como patologia congênita, degeneração hereditária ou defeitos hormonais.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisionomia misteriosa (...) A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1988, p.50).

Para além destas classificações surgiram outras nomenclaturas mais recentes, contemporâneas, na tentativa de evitar ou fugir de rótulos e classificações moralistas e pejorativas, como: homens que fazem sexo com outros homens (HSH); homoerotismo; relações homoeróticas; e, homoafetividade, também ilustram tamanhas variantes de práticas, orientações e comportamentos homossexuais ilustrando o que João Silvério Trevisan chamou de “polivalência do desejo” (TREVISAN, 2004).

Ao buscar compreender e contextualizar as diferentes referências acerca da homossexualidade, uma contribuição relevante na literatura acadêmica foi recentemente publicada a partir de um trabalho considerado como pioneiro nos estudos sociológicos acerca da homossexualidade no Brasil, em 1958, de José Fabio Barbosa da Silva, intitulado: “Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário” (GREEN & TRINDADE, 2005). Descoberto pelo historiador James Green, o trabalho retratou o perfil da comunidade homossexual na cidade – seus hábitos, movimentos e concentrações no espaço urbano, bem como as perspectivas e frustrações do cenário cultural de São Paulo nos anos 50. Florestan Fernandes, professor de Ciências Sociais da USP, orientador do trabalho, vislumbrou a oportunidade de uma pesquisa inovadora na época, onde

o segmento homossexual constituía um grupo social minoritário dentro da sociedade mais ampla - e não como pessoas portadoras de uma patologia, como até então eram pensados no Brasil (TRINDADE, p.253, 2005).

Na época, o original estudo buscou também ilustrar e compreender o mapeamento dos espaços homoeróticos do centro da cidade onde

a sociabilidade dos homossexuais é detalhada, desde as primeiras aventuras sexuais na pré-adolescência, até os encontros nas ruas de São Paulo, as festas das travestis na casa das “rainhas”, as preocupações com o amor e o desejo, os imperativos da ascensão social, as negociações complexas entre parceiros de “casos” e as mais efêmeras aventuras, a escancarada “assumissão” (dos “ostensivos”) ou a complexa “vida dupla” dos “dissimulados” (GREEN, p.11, 2005).

O referido trabalho também se debruçou sobre as possibilidades de sociabilidade de homossexuais no contexto urbano de uma grande cidade brasileira sem, no entanto, tematizar a questão geracional. A pesquisa mostrou uma associação um tanto comum relacionada ao “universo gay”: a organização e participação em festas – a alegria e a celebração da vida - fato este não priorizado no grupo que investiguei. Por outro lado se aproxima da dinâmica de nomeação e construção identitária a partir da divisão entre os “assumidos” e os “dissimulados”, a qual meus informantes chamaram de “resolvidos” e “enrustidos”, ou ainda, “afeminados” e “discretos”, em relação à temática do assumir-se.

Em relação à trajetória do movimento homossexual brasileiro destacamos a análise realizada por Julio Simões e Regina Facchini a partir do final dos anos de 1970 com o surgimento de grupos voltados explicitamente à militância política. A constituição do grupo *Somos*, de São Paulo, em 1978, e o lançamento do jornal *Lampião da Esquina*, foram fundamentais para a compreensão dos processos de politização da homossexualidade que ocorreram no Brasil. Julio e Regina organizaram a trajetória do movimento segundo periodizações relacionadas a diferentes fases, nomeadas de “ondas”, de acordo com as mudanças sociais e políticas que moldaram suas formas de atuação.

A primeira onda compreende o final do regime militar, o período de abertura política, de 1978 em diante; a segunda onda ilustra o período de redemocratização acerca da Assembleia Constituinte e o aparecimento da epidemia do HIV-Aids; finalmente, a terceira onda, a partir dos anos 1990, que consolida a parceria com o Estado e a multiplicação de grupos ativistas promovendo a diversificação de vários sujeitos a partir da atual designação LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais). Este período também assinala a expansão de um mercado segmentado voltado à homossexualidade: moda e design, festas, diversão, lazer, viagens, entre outros.

É interessante destacar que a maioria dos integrantes do grupo, principalmente meus seis colaboradores principais, vivenciaram estas três ondas relativas ao aparecimento e trajetória do movimento militante. Todos eles, de uma forma ou de outra, relataram os efeitos repressivos de um sistema educacional rígido e conservador que enfrentaram nos bancos escolares de outrora, além, segundo eles, de uma vigilância e repressão familiares. Isto é, estes integrantes do grupo foram envelhecendo e, de certo modo, acompanharam, mesmo que “de longe” os movimentos e os enfrentamentos característicos e, de certa forma, originais da militância gay. Momentos de auto-rejeição e certo isolamento social a partir da vida adulta marcaram algumas passagens extremamente desagradáveis e dolorosas para alguns deles. Como mostrarei mais adiante, no capítulo 7, onde problematizo melhor o grupo analisado, sentimentos de culpa e/ou vergonha, estratégias para “esconder” a homossexualidade e a busca por terapias e amigos foram recorrentes nos depoimentos da maioria deles.

O aumento da visibilidade tanto social quanto política veio fortalecer

a formação da cena gay nas grandes cidades brasileiras, refletindo a crescente importância do mercado e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associadas às variadas expressões das homossexualidades (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.18).

Por outro lado, a violência das mais diversas ordens como xingamentos, humilhações e até mesmo agressões físicas, absurdas e covardes, continuaram e ainda fazem parte do cotidiano de muitos homossexuais brasileiros, sobretudo os que se mostram mais afeminados e/ou delicados e, principalmente, as travestis. No entanto, podemos dizer que as conquistas do movimento homossexual permitiram às novas e atuais gerações certas vantagens e ganhos significativos antes impensáveis às gerações mais antigas. A questão da cidadania LGBT e da luta por direitos, das mais variadas ordens, está disseminada em jornais e revistas, em novelas de televisão, nas organizações não-governamentais, em causas trabalhistas, em projetos de Escolas, em tribunais e audiências jurídicas e, sobretudo, na expressão cada vez mais “precoce” da juventude gay atualmente.

A vida da maior parte dos que hoje se consideram gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil é, sem dúvida, muito menos complicada e sofrida do que a dos que vieram antes. Faz uma enorme diferença poder desfrutar de uma existência razoavelmente respeitável “fora do armário”, em que as tensões impostas pela clandestinidade e a vergonha, embora ainda presentes, estão bem mais atenuadas em comparação com outras épocas e situações. E se essa é uma experiência real para as atuais gerações, assim como um projeto de vida plausível para as gerações futuras, e não apenas de uns poucos privilegiados, é devido, em grande parte, ao ativismo contra o preconceito e em defesa da cidadania LGBT (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 28)

No estudo de Cristina Câmara, além da participação do jornal *Lampião de Esquina* e do Grupo *Somos*, de São Paulo, sobre o tema movimento gay no Brasil, são destacadas outras referências aos grupos *Atobá* (Rio de Janeiro) e ao *Grupo Gay da Bahia* e, em especial ao grupo Triângulo Rosa, já citado anteriormente. A autora esclarece o diferencial do grupo Triângulo Rosa em relação aos demais, uma vez que este se concentrou na questão política e social, e não aos problemas individuais, e em proposições de alterações em legislações vigentes e da própria Constituição Federal (CÂMARA, 2002).

As oportunidades, os lugares e os momentos para encontros e namoros entre homens, de uma maneira geral, sempre se configuraram com certa frequência, com maior ou menor visibilidade, principalmente nos grandes centros urbanos. O crescente aumento dos processos de urbanização e industrialização contribuiu significativamente, para o aparecimento e a consolidação de um mercado específico voltado ao público homossexual, constituindo assim a ideia de um circuito gay.

Além dos espaços marcadamente ocupados pela prostituição de travestis e michês, constituindo-se em verdadeiros territórios do desejo (PERLONGHER, 1987) somam-se a estes diversificadas possibilidades de encontros ou “pegações” tanto em espaços abertos/públicos e fechados/privados. Compreendem espaços abertos locais e eventos públicos tais como praças e parques, certas ruas específicas, geralmente na área central das cidades e/ou em outras de determinados bairros, praias, banheiros públicos, carnaval, entre outros. Espaços fechados são caracterizados pelo pagamento como entrada, ora mais acessíveis, ora mais selecionados como bares e restaurantes, boates, vídeo-locadoras, cinemas, roteiros turísticos e saunas. Ao mesmo tempo, para além de uma política dos guetos, é possível perceber e identificar possibilidades e tensões homoeróticas fora deste mercado, uma vez que

(...) na verdade, o que talvez seja mais surpreendente na relação entre homossexualidade e espaço público no Brasil urbano é exatamente na medida em que uma tendência homoerótica oculta permeia a vida urbana, embora, em grande parte, sem a organização de guetos ou bairros gays muito definidos, como os que são encontrados em muitas sociedades anglo-européias (PARKER, 2002, p.90).

É importante considerar as mudanças, complexas, que ocorreram na organização social da homossexualidade no final do século XX, considerando-as, portanto, homossexualidades, fato este já problematizado por João Silvério Trevisan em “ser ou não-ser brasileiro” e “ser ou não-ser homossexual” (TREVISAN, 2004). A diversidade e a complexidade da cultura brasileira podem apontar para diferentes sentidos e significados, em diferentes regiões, como a norte e a nordeste, a sudeste e a sul, onde cada vez as “(...) questões comportamentais relacionadas com HIV/Aids eram de fato moldadas por mudanças que ocorriam na organização das redes sexuais e de amizade, universos subculturais e comunidades sexuais”

(PARKER, 2002, p.41). Este conjunto de múltiplas realidades nos leva a considerar uma variedade de expressões homossexuais distintas e contingenciais, ao invés de “explicá-la” como “a” homossexualidade, única e, portanto, fixa.

De acordo com os discursos da cultura popular³⁹ e das relações de poder imbricadas às práticas sexuais e aos papéis de gênero, os mesmos nos fazem pensar que talvez a questão principal da distinção entre a ideia de atividade masculina (homem ativo porque penetra a mulher) e uma passividade feminina (porque a mulher é penetrada): “comer” e “dar”, respectivamente, seja a que norteou/norteia os referenciais sexuais (des)organizados no Brasil. Entre os heterossexuais e no próprio meio gay a figura do homem ativo (bofe) é buscada e valorizada significativamente no interior das relações homoeróticas de homens passivos (bichas). Neste sentido, é no tradicional “sistema bicha-bofe” que tais denominações complementam-se a partir de uma hierarquia de práticas, aparentemente, fixa e rígida.

Segundo este modelo, em atividades eróticas homossexuais tradicionais, o *homem*, ou, na gíria, o *bofe*, assume o papel “ativo” no ato sexual e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado (*bicha*) é o “passivo”, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da “mulher”. Enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem (GREEN, 2000, p.28).

Sobre esta questão percebemos que vários artefatos culturais, historicamente constituídos, como revistas, jornais, filmes, comerciais e programas de televisão acabaram por reforçar e até mesmo estimular a representação “bicha-bofe” e a centralidade da prática sexual ativo-passivo. Fato este que ainda hoje constatamos no imaginário de muitos heterossexuais e, mesmo, entre homossexuais, principalmente àqueles oriundos de cidades do interior. Dos seis colaboradores principais, três deles nasceram e viveram por algum tempo em cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Robson, falecido durante a pesquisa, também nasceu

³⁹ Aqui, me refiro, sem generalizar, a um caminho, uma possibilidade de experimentação de relações de grupos de classes populares no Brasil. Podemos problematizar que alguns gays vivem nele, em alguns momentos, ou a vida inteira, e que para outros, ainda, esse sistema não faz sentido.

em uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso, e somente no início da idade adulta mudou-se para Porto Alegre. Em vários momentos das reuniões do grupo expressões do tipo: “*Homem tem que ser homem mesmo*” e “*Não pode desmunhecar nem ter voz fina*” fizeram parte das discussões, além de elogios e da constante procura por outros homens que apresentassem um pênis avantajado e que soubessem utilizá-lo, em performance ativa.

O jornal intitulado “O *Snob*” começou como uma brincadeira caseira, entre um grupo de amigos no Rio de Janeiro, e acabou se transformando em um dos mais influentes periódicos do gênero atuando de 1963 a 1969. Em meio a uma época de intensas manifestações políticas, as páginas do jornal ofereciam um conteúdo representativo e satírico do cenário da época aliado a visões sobre o contexto político brasileiro. Destacamos um pequeno e interessante trecho que ilustra a relação no sistema bicha-bofe sob o título: “Os Dez mandamentos da Bicha” (GREEN, 2000, p.305):

- 1- *Amar todos os homens.*
- 2- *Nunca ficar com um só.*
- 3- *Beijar a todos os bofes.*
- 4- *Evitar falar no futuro.*
- 5- *Quanto mais intimidade na cama melhor.*
- 6- *Fingir sempre que ama um só.*
- 7- *Nunca esquecer os bofes casados.*
- 8- *Evitar falar em dinheiro.*
- 9- *Não querer as mariconas.*
- 10- *Casar só por uma hora.*

Foi durante o final do século XIX e início do século XX que o progresso científico-tecnológico inaugurou um conjunto de técnicas e medidas que passaram a exercer influência cada vez maior na regulação da vida social das pessoas, entre elas a psiquiatria. O aparecimento das categorias homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade desenharam e acabaram por consolidar um panorama sexual a partir da força e disseminação do discurso médico vigente.

Em meados do século XX, estas novas categorias tornaram-se fundamentais para a discussão médica e científica sobre a vida sexual e foram plenamente incorporadas à linguagem da lei, do governo e da religião organizada, demarcando um mundo de normalidade e anormalidade – de saúde sexual em oposição à doença, perversão e desvio (PARKER, 2002, p.66).

A partir do surgimento da Aids no início da década de 1980 e a associação direta com as práticas de gays, lésbicas e bissexuais, intensificaram-se os processos de mobilização social e política que já vinham ocorrendo no movimento gay, no sentido da defesa da causa da Aids, os quais acabaram por contribuir e fortalecer uma visão mais ampla e, de certa forma, “responsável” da homossexualidade. A formação de inúmeras ONGs/Aids e o interesse na prevenção buscou atingir não somente a chamadas “populações de risco”, na época, mas também, homens e mulheres heterossexuais. A ideia de uma identidade homossexual é crescente e torna-se fundamental dentro da noção de comunidade gay, urbana e de classe média.

Sérgio Carrara em “Só os viris e discretos serão amados?” (CARRARA, 2005) também expõe as diferenças do pequeno-grande universo gay e as inúmeras discriminações que os próprios gays fazem, por exemplo, aos demais que apresentam gestos e performances femininas, ditas afetadas. O (pre)conceito fica evidente quando expressões de virilidade e de feminilidade de homossexuais masculinos são associadas ao desejo e à repulsa ou chacota, respectivamente. No grupo investigado ficou evidente a posição da maioria dos informantes: gays “afeminados” e/ou delicados transformaram-se em verdadeiros alvos de discriminação se comparados aos “sarados” e “discretos”. Estes últimos foram considerados desejados e admirados pelos participantes do grupo. Percebi, em alguns momentos, que entre os próprios integrantes do grupo há um policiamento de suas condutas no sentido de buscar uma postura discreta, próxima a dos homens heterossexuais, e evitar expressões afetadas. Interessante foi o fato de que os integrantes do grupo afirmaram que “até poderiam transar” com outros gays afeminados, mas, para um relacionamento mais sério ou duradouro preferiam os “discretos”. Sim, exatamente isto: a norma heteronormativa também invade os modos de vida gay. Aqui vale uma reflexão: quais discursos estão em jogo? Percebemos que no interior da cultura gay os valores sociais hetero-predominantes e tradicionais (virilidade = força valorizada e feminilidade = fraqueza evitada) também se fazem potentes. Gays que expressam posturas delicadas, “bem-comportadas” e mais próximas do padrão tradicional feminino acabam sendo rejeitados por heterossexuais e, também, pelos próprios gays. Nesta perspectiva

comportamentos classificados como “mais femininos” estão associados à inferioridade, à passividade e ao fácil controle.

Ainda, de acordo com o autor citado, a afirmação política da androginia está enfraquecida, quase desaparecida, onde a mesma deu lugar à reprodução das fronteiras simbólicas de gênero que só separam homens e mulheres, reforçando assim, preconceitos e estereótipos. Estes também se encontram no interior dos movimentos homossexuais organizados, visto que são frutos ou produto da própria sociedade brasileira: machista, homofóbica, hierarquizada e, portanto, desigual. Questões referentes a preconceitos, discriminações, estratégias de (in)visibilidade homossexual e posicionamentos sobre práticas “ativas” e “passivas” serão discutidas posteriormente em relação ao grupo investigado.

É preciso, no entanto, considerar que as concepções da homossexualidade só foram construídas e circulam seus jogos de poder-saber de acordo e a partir da própria concepção da heterossexualidade vigente, de acordo com os diferentes momentos/interesses históricos e políticos. Ou seja, a manutenção e a supremacia do patriarcado, a figura hegemônica do homem heterossexual que é associado, tradicionalmente, a saberes sobre armas, dominação, praticidade, velocidade, racionalidade e ao comando; e à mulher - passiva, maternal, doce, bela, meiga e frágil está intimamente relacionado a políticas e à construção da masculinidade hegemônica. Assim vivenciamos e assistimos tamanho preconceito contra homossexuais masculinos, considerados tradicionalmente a própria expressão de tudo aquilo que não é admitido, o qual se nega, e/ou se aprende sobre o que é “ser um homem”.

Robert Connell⁴⁰ ao analisar a transformação do papel masculino às masculinidades observa que este contempla um conjunto de atributos e expectativas que sempre definiram a masculinidade apropriada - apresenta vários pontos fracos,

⁴⁰ Nasceu Robert Connell, se especializou no estudo de questões de gênero e no estudo das masculinidades. Professor da Universidade de Sydney, na Austrália, fez cirurgia para troca de sexo em 2007 e, transexual, passou a assinar Raewyn Connel.. É uma das sociólogas mais conhecidas no campo da teoria social, tendo escrito 21 livros e quase 100 artigos nestas duas áreas ao longo de sua carreira, como “Southern Theory: the global dynamics of knowledge in social sciences” (2007) e “Masculinities” (1995).

uma vez que não nos permite compreender as complexidades no interior da masculinidade e as suas múltiplas formas de expressão. O autor, na época, destaca dois aspectos relevantes.

Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela (CONNELL, 1995, p. 189).

A compreensão das masculinidades, mesmo (re)construídas socialmente serve a interesses tanto de projetos individuais quanto coletivos. Via globalização, interesses militares, econômicos e empresariais são exemplos característicos. A crescente visibilidade e a chamada “Liberação Gay” vêm movimentando o cenário da heterossexualidade e exigindo novas e outras formas de relação: entre os próprios homens e entre homens e mulheres. Connell aponta para uma nova política do gênero para os homens articulada a novos pensamentos e experiências, onde é preciso re-compor, desmontar e reconstruir relações de dominação e hierarquia por relações de reciprocidade.

Outra referência nos estudos acerca das Masculinidades, Michael Kimmel destaca o caráter simultâneo na produção das chamadas masculinidades hegemônicas e subalternas nos Estados Unidos e na América Latina. O mesmo ilustra e reflete sobre os diferentes significados do que é “ser um homem” na compreensão entre as mulheres (desigualdade de gênero) e entre os próprios homens (homofobia) a partir da combinação de diferentes marcadores sociais. Os significados de masculinidade

(...) variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida (...) Cada um desses eixos modifica os outros, por exemplo, o que significa ser um homem mais velho, negro e gay em Cleveland provavelmente é muito diferente do que significa ser um homem jovem, fazendeiro, branco e heterossexual em Iowa (KIMMEL, 1998, p.106).

Tais significados nos fazem refletir sobre uma espécie de jogo sem fim entre a produção de masculinidades hegemônicas e suas decorrentes masculinidades subalternas. No grupo analisado percebi certas tensões provocadas ora pela

valorização de um gay velho representando sabedoria e experiência acumulada, ora pela admiração de gays jovens pela ousadia de suas posturas e pelo fato de estarem, segundo as opiniões do grupo, totalmente “fora do armário” se comparado a eles.

Ao acompanhar este grupo de homens, sobretudo no momento das reuniões e, também em alguns encontros e eventos fora do espaço privado, percebi, mesmo que sutilmente, a circulação de algumas normas e regras que se mostraram valorizadas pela maioria do grupo. Destaco algumas: não “parecer gay” ou “dar pinta” em público; reconhecer locais e momentos mais apropriados onde se pode “desmunhecar” em segurança; manter uma postura honesta e “saudável” na relação com as pessoas evitando a promiscuidade e a constante troca de parceiros; evitar a traição; procurar não agredir ou “chocar” a sociedade levantando bandeiras em defesa da homossexualidade; e, talvez, a mais interessante de todas: não se envolver, sexualmente, com outro participante do grupo. Aqui me pergunto: a dimensão afetiva exclui a questão sexual? Voltarei a esta problemática mais especificamente a partir do capítulo sete.

Tais modos de ser ou de defender/criticar certas práticas mostraram-se evidentes e significativas nos momentos onde alguns integrantes aconselhavam outros sobre o que fazer em determinadas situações conflitantes na família, no trabalho e, principalmente, na busca e manutenção de um namoro, na procura de um relacionamento duradouro. Em alguns momentos os integrantes mais velhos do grupo faziam questão de narrar passagens de suas trajetórias sobre o envolvimento com outros homens: o perfil dos homens casados; dicas de como “dar pinta” sem chamar muita atenção, comportamento aceitáveis e/ou condenáveis em bares e saunas, entre outras.

A busca de uma única verdade acerca das origens da homossexualidade foi um tema recorrente no grupo onde a partir das pesquisas e posicionamentos dos integrantes mais velhos, diferentes explicações foram colocadas em debate. Certa ideia de essência e/ou de orientação genética prevaleceu em diversos momentos, sem contar a explicação do Espiritismo defendida por alguns integrantes mais velhos. Na sequência procuro problematizar o processo de envelhecimento gay,

principalmente o masculino, suas tensões, atravessamentos e desafios na cena contemporânea.

5.1 O Processo de Envelhecimento Gay

Na medida em que fui me aproximando dos estudos de Gênero e Sexualidade e, sobretudo, do recorte investigativo acerca das masculinidades, aliado a uma quase ausência de bibliografias, em língua portuguesa, que contemplassem o processo de envelhecimento de gays e lésbicas, percebi que

(...) essa revisão aponta para várias lacunas dentro da literatura, há muito poucos esboços de pesquisas qualitativas e muitas populações ausentes nas pesquisas, incluindo deficientes, homossexuais, culturas diversas e aqueles menos saudáveis (GARDNER, 2006, p 77).

Neste sentido senti a necessidade em investigar, com maior profundidade, tais questões e alguns de seus desdobramentos sociais e políticos que dizem respeito ao processo de envelhecimento de homens gays: suas relações afetivas e sociais na família, no trabalho, a constituição das amizades e, sobretudo, a(s) expressão(ões) e vivência da(s) homossexualidade(s) com o passar do tempo. Andrew Boxer, ao pesquisar o envelhecimento de gays, lésbicas e bissexuais na cultura norte-americana, constatou que as divisões e classificações etárias articuladas a atribuições de comportamentos e expectativas sociais continuam a operar de maneira implícita e explicitamente na sociedade em geral. O autor destaca que a compreensão da idade pode funcionar diferentemente em comunidades urbanas e rurais e ainda pode configurar-se como menos relevante nas relações entre lésbicas do que entre gays.

É importante destacar que tanto nos Estados Unidos como no Brasil a partir de estudos demográficos (GARDNER, 2006; NERI, 2004; IBGE, 2000) o número de pessoas da chamada “meia-idade” e os próprios idosos, ou velhos, acima de 60 anos, em um futuro bem próximo, será a maioria da população se comparados às crianças e aos jovens. A reflexão que proponho dentre minhas questões de

investigação e que me levou à presente pesquisa, a partir desta mudança etária e social, é compreender como este “fenômeno” irá dialogar com as representações de juventude e beleza comumente associadas ao universo e à chamada cultura gay. Concordo com Andrew quando propõe a seguinte reflexão:

Até que ponto as comunidades culturais gays e lésbicas estão integradas com a idade hoje? Historicamente, uma ideia cultural de juventude tem permeado muitas comunidades gays masculinas (...) alguns estudos apontaram para certo abismo geracional entre gays mais jovens, com menos de 35 anos, e os mais velhos (BOXER, s/d).

A temática da velhice e o processo de envelhecimento ainda são pouco explorados no estudo das homossexualidades, sobretudo a masculina, principalmente em publicações nacionais. Só recentemente alguns grupos e seminários temáticos em congressos passaram a investir no tema a partir da década de 90. Antonio Cristian Paiva ao refletir sobre esta questão destaca que se poderia

(...) apontar as lacunas nos estudos sobre geração e sexualidade e, num grau mais elevado ainda de dissociação, nos estudos sobre geração e sexualidades periféricas, as quais divergem do ideal normativo da matriz heterossexual, familista por definição (...) Se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual (PAIVA, 2009, p.199).

Fábio Silva e Rosilene Montenegro (2012) além de compartilhar da constatação de PAIVA (2009), buscaram investigar as representações de homossexuais idosos em publicações homoeróticas brasileiras. Os autores destacam que na contemporaneidade, mais do que em épocas passadas, a homossexualidade (ainda) está associada à ideia do “ser jovem”, não apenas localizada no rosto, mas no corpo todo. Ao analisar as publicações *Sui Generis*, G Magazine, Júnior e DOM o estudo mostrou que

“(...) mesmo sendo publicadas para um público específico, os periódicos, raramente, ofereceram espaço em suas páginas para falar sobre os homossexuais idosos (...) Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homoerótica, para os homossexuais idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar, pois entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão “pinta”, isto é, que possuem trejeitos femininos, e entre aqueles que são “bichas mariconas”, ou seja, homossexuais velhos” (SILVA & MONTENEGRO, 2012, p.06).

No estudo citado Fabio e Rosilene chamam a atenção não só pelo fato das publicações valorizarem a aparência de homens “jovens e bonitos”, mas também, da questão que os homossexuais idosos, quando aparecem, só apresentavam desejo sexual quando jovens e que atualmente estão associados à ideia de carência afetiva e sexual.

No entanto, na cena contemporânea em que vivemos o rápido desenvolvimento tecnológico e a crescente interatividade que os ambientes virtuais proporcionam, não é difícil encontrar inúmeros sites e blogs destinados às “bibas” mais velhas que propiciam outras experiências e outros olhares sobre as homossexualidades. Para além das saunas, das locadoras, dos bares e boates do circuito gay e do comércio com os michês, diferentes representações de gays velhos também ocupam o mundo virtual-real, especificamente em sites nacionais e internacionais, direcionados a este público⁴¹. Um dos informantes da pesquisa, o Fábio, relatou que muito de suas relações com outras pessoas se dão via computador, na sala de seu apartamento. Além de conversar com outros gays brasileiros e também de outros continentes, possui um acervo de mais de mil fotos de homens que compartilha e, no último período desta pesquisa, inaugurou seu blog onde escreve sua divertida e irônica percepção da vida gay masculina.

A partir do conteúdo de um blog voltado ao público *bear* e dos depoimentos compartilhados no grupo, percebemos uma disposição em enfrentar o preconceito em relação ao avanço da idade e aos padrões tradicionais de beleza de um corpo jovem, magro e sem pêlos, ao mesmo tempo em que há uma valorização do desejo pela expressão característica dos “ursos”. Nestes sites específicos aos homens mais velhos e peludos, há destaque para depoimentos de gays jovens que buscam parceiros mais velhos, o conteúdo diversifica-se, ainda, em dicas de variadas temáticas, como as que seguem abaixo.

⁴¹ Grisalhos.com.br; *senior love*; *graygay.com*; *sampabear.com*; *ursos.com*.

Dica legal: Se você tem condições e gosta de praia não espere a velhice avançar. O corpo enferruja rapidamente quando não existem fatores que contribuam para a sua qualidade de vida. Se você tem um companheiro já é meio caminho andado, caso contrário pense na possibilidade de conhecer novas pessoas e amigos. Mantenha hábitos alimentares saudáveis, estilo de vida light e sem excessos, principalmente com bebidas e fumo. Caminhadas e exercícios leves ajudam a prevenir doenças. O gay também tem o direito de ter uma vida boa e saudável.

Dica legal do dia: A saída do armário depende da cultura de cada um, portanto é você quem decide e responde por seus atos. Sair do armário implica numa mudança radical de vida. Existem vantagens e desvantagens. As vantagens estão diretamente ligadas à parte psicológica e as desvantagens estão ligadas à sociedade e suas fobias.



Figura 6: Identidade visual do blog grisalhosgays.blogspot.com

Ao navegar pelo mundo virtual encontrei uma interessante notícia sobre homossexuais idosos em um artigo publicado na revista Carta Capital, de fevereiro de 2008. A novidade vem da própria Alemanha, cujo passado foi visto como um verdadeiro palco de horrores às perseguições e extermínios de homossexuais pelo regime nazista. O assunto trata de um prédio de apartamentos que passou a funcionar como a primeira casa de repouso e tratamento destinada a abrigar gays e lésbicas envelhecidos, na berlinense Asta-Nielsen Strasse, número 1, bairro de Pankow. Assistentes sociais e enfermeiros, também gays e lésbicas, tomam conta e cuidam dos/as idosos/as.

Esta iniciativa nos faz refletir sobre a cultura brasileira e seus (pre)conceitos em relação a clínicas geriátricas e/ou asilos. Esse caminho poderia ser uma solução a possíveis problemas de violência, abandono e solidão que alguns gays mais velhos poderiam vir a sofrer? Seria um retorno à guetização? Com certeza poderia ser uma eficiente possibilidade apenas para àqueles quem pudessem pagar os altos valores cobrados atualmente na maioria das clínicas geriátricas. Seria o precursor de um “asilo gay”? Ou configurar-se-ia mais uma “opção” do mercado assim como hotéis, colônias de férias e até cruzeiros destinados especificamente ao público gay?

Na coletânea de textos “Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras”, organizado por Sergio Carrara (2004), Julio Simões contribui especificamente com esta temática ao relacionar a homossexualidade masculina e o paradigma do Curso da Vida (*life course*) abordando as representações do processo do envelhecimento homossexual masculino. Ao referir-se às concepções tradicionais acerca da velhice ocidental e aos valores disseminados na cultura de consumo contemporânea, o que ainda prevalece é a associação com a morte, o declínio, a finitude, perdas e depressão, ou seja, tudo àquilo que se vincula à concepção de corpo predominantemente biológica e produtiva. O quadro complexifica-se ainda mais quando o envelhecimento homossexual masculino tem como pano de fundo os centros urbanos e as metrópoles, onde na chamada “cultura gay masculina” impera o interesse da beleza e juventude dos atributos físicos, da moda e de um mercado sexual hierarquizado (SIMÕES, 2004). Este autor reflete ainda sobre o aparecimento do que chama de “envelhecimento precoce” atribuído aos gays na faixa dos 30 a 40 anos de idade onde começam a enfrentar e a sofrer a crise do envelhecimento. Soma-se a isto a solidão, o isolamento e até mesmo quadros depressivos, uma vez que a grande maioria dos gays não constituiu “família” e filhos para se preocupar e “preencher” seu tempo e retardar, em alguma medida, as preocupações com os efeitos do envelhecimento. As representações poderiam oscilar desde a imagem da “tia velha e meio gagá” ao “velho tarado”. Por outro lado Julio Simões apresenta evidências do chamado envelhecimento bem-sucedido, onde o nível de satisfação e qualidade de vida é melhor do que as gerações mais jovens. Em suas palavras:

Uma pesquisa sobre experiência e representações de maturidade e envelhecimento entre homens que fazem sexo com outros homens deveria, então, situá-las no cruzamento tenso e móvel entre as velhas e novas convenções sobre periodização da vida, envelhecimento e velhice e suas relações com a sexualidade e homossexualidade. Isso significaria levar em conta, numa frase, os arranjos, combinações, variações e passagens possíveis entre a tia velha deprimida e solitária e o coroa bem-disposto e bem acompanhado (SIMÕES, 2004, p. 421).

Preocupações sobre estar e/ou ficar sozinho, o medo da solidão, a ausência da visibilidade acerca de uma velhice feliz, a valorização da cultura da beleza e da juventude e a falta de uma preparação para a velhice foram alguns relatos de uma

pesquisa sobre o processo de envelhecimento gay. Nas palavras do autor algumas reflexões acerca da temática

Quando é, por exemplo, que um gay começa a envelhecer? Quando se depara em 'envelhescência'? Aos trinta? Aos quarenta? Aos cinquenta? A matriz heterossexual nesse sentido ajuda a delimitar um campo mais ou menos desenhado para essa marcação: envelhece-se quando os filhos saem de casa, ou quando casam, ou quando vêm os netos... Mas quando não há esses marcadores geracionais expressos na norma conjugal e familiar, quando é que se começa a envelhecer? E o que a experiência de envelhecer faz mudar a percepção de si, do outro e do mundo? (PAIVA, 2009, p.201).

O trabalho de Cristian Paiva apresenta e problematiza algumas cenas e/ou cenários onde se podem identificar possibilidades outras de superação aos tradicionais interditos impostos aos corpos velhos. O autor os toma como cenas abjetas⁴².

Para Tania Swain a idade é, a partir de uma interessante perspectiva crítica e irônica, um definidor de gêneros não somente nas categorizações do feminino e do masculino – também entre as próprias mulheres e os grupos ditos minoritários - de modo a funcionar como um verdadeiro divisor de águas. A autora considera a “velhice” como uma categoria social criada pelo biopoder para melhor classificar o humano em mais um degrau hierárquico e assim impor modelos de consumo e de vida. Sobre as definições de juventude e velhice ela reflete

O que é esta juventude, tão rápida, tão fugaz, tão fluida, cujas margens se alongam ou se retraem, segundo as condições de imaginação, de enunciação, das representações sociais do mundo, dos corpos, do humano? [...] Mas o que é afinal a velhice? Quais são seus limites, seus objetivos, seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha? (SWAIN, 2008, p. 264).

As narrativas do assumir-se (*coming out*) denotam ainda a presença da diversidade entre estes onde a homossexualidade é um tema central na vida e para

⁴² A partir das contribuições de Judith Butler, o autor compreende o termo abjeção como uma posição de degradação, de aviltamento, de desvalorização do sujeito diante do laço social. O abjeto é caracterizado a partir de zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, à ideia de não-lugar.

àqueles onde ela não ocupa o lugar central – é escondida, discreta... O que acarretaria em diferentes percepções e ações dos próprios gays idosos. Desde o ano de 2008, a ABGLT⁴³ criou um novo grupo temático - G.T. “População Envelhescente”, para tratar de questões específicas da população idosa LGBT. As principais deliberações foram:

(...) estimular a sociedade civil de LGBT a formar redes de proteção à pessoa idosa LGBT quando os vínculos familiares e institucionais forem comprometidos; e incluir a perspectiva de orientação sexual e de identidade de gênero nas ações da política Nacional da Pessoa Idosa (Conferência Nacional LGBT – Brasília/DF, 2008).

Também podemos perceber certa preocupação e interesse, por parte da ABGLT, na questão acerca do diálogo entre as gerações, na promoção de certo entrosamento advindo da intenção em aproximar e estreitar laços afetivos “separados” pela diferença de idade. Em relação às políticas públicas e às campanhas direcionadas ao público gay idoso percebemos escassas e isoladas iniciativas, sejam por parte de órgãos representativos ou por parte de organizações não-governamentais.

Em relação ao contexto gaúcho, podemos citar um interessante exemplo de um material de divulgação da ONG Nuances, de Porto Alegre/RS, nomeado de: “Prazer não tem idade”⁴⁴ que foge às representações moralizantes ou pejorativas relacionadas às pessoas mais velhas. Além de incentivar o uso de preservativo no combate e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, o material composto por texto e imagens de homens gays mais velhos em situações do cotidiano aborda, de uma maneira direta e transparente, diferentes possibilidades de sociabilidade: no trabalho, com amigos em momentos de lazer, em bares e boates, com garotos de programa e/ou com relacionamentos momentâneos ou duradouros, sem destacar um a outro.

⁴³ Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, criada desde 1995, tem como missão: “Promover a cidadania e defender os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero” (www.abglt.org.br).

⁴⁴ Material produzido a partir de ilustração e roteiro de Gustavo Weiler com financiamento da Unesco e do Ministério da Saúde, no ano de 2002.

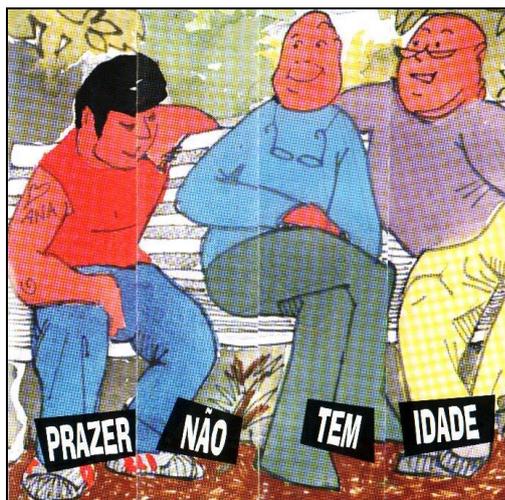


Figura 7: Campanha do Nuances – (2002)

A questão principal deste original material é o fato de não apontar para uma “verdade” única sobre o que é ser ou como deveria se comportar ou agir um velho homossexual, mas ao contrário, abre possibilidades de transitar por diferentes experimentações sociais e sexuais sem hierarquizá-las ou classificá-las. Os textos e desenhos do folder criado pelo Nuances aponta para uma ressignificação da velhice, isto é, foge e rompe com os estereótipos e representações pejorativas de velhos na medida em que passa a visibilizar situações onde os velhos gays convivem bem em diferentes contextos com amigos e no trabalho. Seguem, abaixo, alguns trechos do material.

“Passear no parque é um programa legal para Ernesto e seus amigos. E, às vezes, pode render bastante...”

“Quando dá vontade, o namoro é firme. Saunas e motéis que cumprem a lei distribuem preservativos gratuitamente. Garotos de programa e clientes atentos combinam antes o que vai rolar depois”.

“Durante a semana, Ernesto dá aulas de matemática. Ele já tem idade para se aposentar, mas seus alunos não deixam”.

“Quando as amigas se encontram o tricô é forte! Conhecem-se desde o colegial. Emílio e Juvenal são namorados faz um tempão e continuam usando camisinha (“Prazer não tem idade” – NUANCES, 2002).

Nesta mesma direção o recente trabalho de Fernando Pocahy, de certa forma, além de firmar-se como uma promissora referência na área dos estudos de gênero e sexualidade na sua interseccionalidade com a idade, contribuiu para meu próprio aprendizado enquanto pesquisador, nas complexas relações estabelecidas e vivenciadas diretamente com o campo e, sobretudo, por sua filiação teórica. Ao denominar a cultura em que vivemos de heterossexista e velhista e acompanhar as experimentações de homens velhos em saunas e bares gays, Fernando apontou para algumas possibilidades de resistência, possíveis, em relação aos discursos hetero e homonormativos, que esboçasse uma “vida criativa”, inspirada nas teorizações de Michel Foucault. Partilho de sua posição onde esclarece que: “(...) me proponho à construção de ‘outro horizonte discursivo’, acompanhando movimentos que nos permitem viver/pensar a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, não de uma ‘ciência sexual’” (POCAHY, 2011, p.48).

Ao me propor investigar as experimentações da(s) homossexualidade(s) e suas relações com o processo do envelhecer, dentre as questões compartilhadas no grupo uma praticamente norteou as discussões dos informantes – a questão do “armário” (*coming out*). Além dos preconceitos enfrentados na família e no trabalho, do enfrentamento das transformações resultantes do processo de envelhecimento aliado à circulação dos discursos da beleza e da juventude, a problemática entre sair ou ficar no armário, ou seja, entre revelar ou esconder a homossexualidade caracterizou consideravelmente o grupo. A problematização acerca do dispositivo do armário é apresentada a seguir.

6 SEGREDOS E REVELAÇÕES: O DISPOSITIVO DO ARMÁRIO

O tema do armário e seus desdobramentos apresentaram-se extremamente significativos e recorrentes nas reuniões, os quais propiciaram várias discussões, desde o ano de 2009 até o primeiro semestre de 2012 – período do acompanhamento ao grupo – tanto de caráter presencial quanto virtual⁴⁵. De um modo geral a preocupação do grupo centrava-se nas conseqüências em relação à questão do “assumir-se gay” perante a sociedade: principalmente no espaço familiar e no ambiente profissional, além das relações sociais mais amplas do próprio cotidiano.

Após conhecer a trajetória do grupo e os acompanhando, foi interessante o fato de que a maioria dos integrantes, especialmente o núcleo velho, considerou-se como “enrustido” em suas relações, ou seja, relataram que as pessoas, principalmente familiares mais próximos e colegas de trabalho, não sabiam de sua homossexualidade e que eles mesmos procuravam não verbalizá-la. Por outro lado e, simultaneamente, pude notar, também, certa preocupação e até mesmo uma espécie de incentivo e necessidade em falar/confessar sobre a homossexualidade para algumas pessoas, em alguns momentos, como se esta visibilidade advinda da “revelação gay” funcionasse como um caminho para aliviar certos sofrimentos e/ou constrangimentos vividos pelos participantes.

Aprendemos com Michel Foucault que a partir do século XIX, sobretudo, uma explosão discursiva incitou a colocação do sexo em discurso através de inúmeras estratégias, dentre elas a confissão, se alastrou e produziu efeitos em diferentes instituições como as igrejas, as escolas, os consultórios médicos e as famílias.

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo o canto incitações a

⁴⁵ Os assuntos tratados nas reuniões eram descritos, por Alberto, em textos na forma de atas, enviados a todos os participantes. Algumas vezes alguns integrantes do grupo trocavam comentários sobre as reuniões e manifestavam suas opiniões, ora convergentes, ora divergentes acerca do conteúdo das atas e do clima das reuniões. A comunicação virtual do grupo também servia para divulgar dicas sobre cinema e teatro e, também, sobre posicionamentos e conteúdos de caráter político partidário, além das “últimas novidades” do mundo gay.

falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar, formular (FOUCAULT, 1988, p.39).

Muitas vezes relataram sentir-se cansados de esconder-se ou omitir fatos, de passar por inúmeras situações desagradáveis, além de olhares desconfiados e das comuns e velhas piadas em tom pejorativo e, mesmo humilhantes, que geralmente costumavam escutar. Sentimentos de ansiedade, desconfiança e a preocupação em esconder seus desejos foram destacados como problemas constantes na rotina destes informantes, ao mesmo tempo em que valorizavam certas posturas chamadas de “resolvidas” e de “assumidas” por outros gays que conheciam e que até os admiravam pelo fato de se “assumirem” como gays perante a maioria de suas relações.

“Às vezes perguntam aquela velha história: quando é que vai casar? Na família eu não tenho problema porque eu não me assumo né? Antes eles soltavam piadinha, mas hoje não” (Arlindo, 58 anos).

Ao mesmo tempo em que a maioria dos participantes do grupo se queixa por não se assumir e, de certa forma, admiram quem o faz, o informante acima parece preservar sua família, uma vez que afirma não ter problemas com ela exatamente porque não se assume. Neste sentido, alguns relatos do grupo mostram o complexo jogo entre o assumir-se e o calar-se, entre revelar e/ou esconder, dependendo do contexto e dos riscos a enfrentar.

Açorianos⁴⁶ contou ter, durante muitos anos, sido enrustido. Considera esse um dos seus maiores sofrimentos emocionais. Sua autoestima foi autoespezinhada. Não conseguia se mirar num simples espelho. A culpa era imensa. Sentia ódio por si mesmo. Muito desprezo. Muita auto-rejeição. Conflitos oprimiam-no diariamente. Considerava-se a pior pessoa do mundo. Um lixo. Sofria muito, sem exagero. Quando passava por uma rua em que alguém, por acaso, fazia referência, depreciativa ou não, aos homoafetivos, mesmo que nada tivesse a ver com ele, tomava aquela observação como injuriosa ou debochativa contra ele. Uma simples piada que era contada em qualquer situação, envolvendo a homoafetividade, o colocava numa situação de tamanho constrangimento. Preferiria, naquela circunstância, envergonhado, se enterrar num buraco, real ou imaginário. Até que, pelo centro espírita que frequenta há 36 anos, foi indicado para procurar

⁴⁶ Referência a si próprio, ou seja, Alberto, que, em alguns momentos, caracterizou os integrantes do grupo pelo bairro onde residem e não por seus nomes.

psicólogos. A partir daí, em 1976, começou a se reconstruir como ser humano, trabalhando sua área emocional. Aos poucos, foi conquistando paz, pela autoaceitação e pelo erguimento de sua autoestima, aprendendo a se aceitar e se amar, como é. Hoje, sente uma enorme paz interior e se considera 90 por cento homoafetivo assumido. É extremamente grato ao Espiritismo e à Psicoterapia, que o fizeram edificar-se como ser humano. Por tudo isso, considera que é muito preferível que alguém seja discriminado e rejeitado pela sociedade do que se esconder na dissimulação de sua sexualidade. O sofrimento para quem a disfarça, segundo sua experiência, é infinitamente maior (Ata de reunião, junho de 2010).

As informações que produzi durante o trabalho de campo, no grupo, reforçam alguns estudos, os quais apontam que a vivência da(s) homossexualidade(s), sobretudo a masculina no Brasil contemporâneo, é atravessada por uma questão significativa ligada ao estudo e complexidade da temática - a questão do assumir-se (*coming out*). Ou seja, o processo da visibilidade e do enfrentamento de possíveis conseqüências decorrentes de uma “revelação” diante de algumas ou várias pessoas e/ou contextos diferenciados configura-se, em muitos casos, problemático e contingencial. Eve Sedgwick, poeta e crítica literária, em seu clássico estudo “A Epistemologia do Armário” (*Epistemology of the Closet*), reflete que

A epistemologia do armário não é um sistema nem datado nem um regime superado de conhecimento. Embora os eventos de junho de 1969, e posteriores, tenham revigorado em muitas pessoas o sentimento de potência, magnetismo e promessa de auto-revelação gay, o reino do segredo revelado foi escassamente afetado por Stonewall. De certa maneira, deu-se exatamente o oposto. Para as antenas finas, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome (SEDGWICK, 2007, p.21).

Após o evento de *Stonewall*⁴⁷ e da crescente visibilidade advindas da constituição e fortalecimento do Movimento gay brasileiro, na luta por reconhecimento de direitos sociais, é explícita uma posição defendida deste no sentido de orientar a comunidade LGBT a “sair do armário”, a fim de fortalecer suas reivindicações pelo caminho da visibilidade. Inclusive um dos argumentos desta

⁴⁷ Referente à data de 28 de junho de 1969 que acabou se tornando um marco internacional do ativismo homossexual contemporâneo quando uma parcela da comunidade LGBTTT reagiu contra os frequentes ataques da polícia nova-iorquina ao bar Stonewall Inn. A partir deste episódio a visibilidade do “orgulho” de ser gay ou lésbica tornou-se um ponto de partida na luta contra a discriminação, o preconceito e a intolerância social contra homossexuais (MELLO, 2005).

linha de pensamento é problematizar o termo “minorias” e reverter/jogar com o impacto dos dados estatísticos os quais reforçam a heterossexualidade como maioria, como norma e, portanto, como sinônimo de normalidade, conforme destacam Jeffrey Weeks (1999) e Guacira Louro (2003; 2004).

No entanto e, não raro, seguidamente os meios de comunicação brasileiros, e alguns estudos e pesquisas, chamam a atenção e denunciam os inúmeros casos e situações de agressão, perseguições, violência explícita e gratuita a uma considerável parcela de homossexuais, estejam eles mais ou menos visíveis. Seja na própria família, na escola, entre vizinhos ou desconhecidos a aversão a homossexuais se direciona não apenas àqueles que se mostram mais afeminados, de “fácil identificação” - seja por uma expressão e/ou visualidade diferenciada da masculinidade hegemônica, seja por manifestações de afeto entre homens - mas também àqueles que se parecem com eles. Insultos, ofensas e ameaças fizeram e ainda fazem parte, de diferentes formas, da experiência social de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil.

Para Daniel Borrillo, pesquisador argentino radicado na França, o conceito de homofobia se refere à

(...) hostilidade geral, psicológica e social àqueles ou àquelas que supostamente sentem desejo ou têm relações sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma particular de sexismo, a homofobia renega todos aqueles que não se enquadram nos papéis determinados para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades, o que tem consequências políticas (BORRILLO, 2009, p.28).

A homofobia, segundo Borrillo, denota sentimentos de repulsa, aversão e de inferiorização a pessoas que possuem e/ou expressam desejo por outras do mesmo sexo. O autor destaca que o processo de naturalização da homofobia foi construído socialmente com forte apelo do cristianismo, herdeiro da tradição judaica, onde a heterossexualidade foi considerada natural e dentro da normalidade diante de Deus.

De acordo com pesquisas realizadas em Paradas de Orgulho LGBT no Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e Recife, entre os anos de 2003 e 2006, 56 a 70% dos entrevistados relataram ter sofrido discriminação em razão de sua sexualidade; e no que diz respeito às experiências de agressões foram apontados dados

significativos com índices entre 58% a 65% nas quatro edições da pesquisa (FACHINNI & SIMÕES, 2009). Agressões a homossexuais não é um fato novo ou isolado. Há vários anos o Grupo Gay da Bahia (GGB) alerta quanto a esta questão e expõe significativas estatísticas das mais variadas ordens contra gays brasileiros, de norte a sul do país. João Silvério Trevisan já destacava, em seu clássico “Devassos no Paraíso”, inúmeros casos de violência e assassinatos publicizados, especialmente a partir da década de 1980. Ao refletir sobre a sofisticação das ações destaca que

(...) outro elemento em comum em quase todos é o grau de violência, tão exagerada que chega a parecer gratuita. (...) No final da década de 1980 e início dos 90, os assassinatos contra homossexuais se multiplicaram assustadoramente nas maiores cidades do país. Na verdade, tais ‘crimes de ódio’ podiam inserir-se num clima geral de pânico da Aids, que atingiu seu pico nesse período (TREVISAN, 2004, p.401).

Sergio Carrara e Adriana Vianna investigaram casos de assassinatos a homossexuais no Rio de Janeiro durante a década de 1980. De um modo geral os crimes foram classificados em “crimes de lucro” – isto é, roubo seguido de morte e “crimes interativos”, onde os algozes estavam envolvidos sexualmente com as vítimas. Os autores destacaram que a maioria dos casos investigados foi arquivada e que o discurso tanto de promotores, juízes e advogados quanto de policiais denotaram forte potencial homofóbico ao concluir que, na maioria das vezes, os próprios homossexuais “provocaram” a ira dos assassinos por seu comportamento desviante, imoral e promíscuo. A escrita dos processos policiais em relação às vítimas revelou o estigma que cercou a homossexualidade no âmbito da justiça e da polícia.

(...) com o repeito que nos merecem os mortos, [a vítima] procurou (...) através de suas fraquezas sexuais e provocou desfecho trágico para sua existência. O instituto de criminologia há de ser levado em consideração, ressaltando-se que da mesma forma que através de sua situação financeira privilegiada comprava os doentios prazeres que lhe satisfaziam a vida, alcançou lamentavelmente, mas como já seria de se esperar, a morte - Proc. 98.657/85 (CARRARA e VIANNA, 2004, p.373).

A partir deste contexto de afirmação e visibilidade, de violência e agressão, quais caminhos apostar? É possível sair da dicotomia revelar-esconder? Como

articular outras possibilidades sem recorrer a extremos? Richard Miskolci nos chama atenção para as construções e identificações com doença, crime, ameaça e perigo historicamente associadas à invenção do termo homossexual e que produzem efeitos que podem remeter ao pânico e à necessidade de um controle social.

Tudo começou em 1869, quando, diante da iminente criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha, o médico húngaro Karoly Maria Benkert escreveu uma carta-protesto na qual empregou pela primeira vez o termo homossexual. No ano seguinte, o psiquiatra alemão Carl Westphal publicou o texto *As Sensações Sexuais Contrárias*, no qual descrevia esta nova identidade social a partir da “inversão” que definiria sua sexualidade e, a partir dela, seu comportamento e caráter. Dessa forma, o homossexual passou a ser visto como uma verdadeira “espécie” desviada e passível, portanto, de controle médico-legal. Em 1871, o código penal alemão condenou a homossexualidade e outras formas de sexualidade consideradas “bestiais” em seu parágrafo 175 (MISKOLCI, 2007, p.104)

No entanto, podemos perceber que o discurso acerca de uma possível “liberação sexual” e que defende a tolerância à diversidade a partir de uma maior visibilidade pode apresentar efeitos contraditórios se concordarmos que

(...) por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, e até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2001, p. 542).

O trabalho de Gustavo Saggese investigou como alguns homens de 26 a 42 anos, das camadas média e baixa do Rio de Janeiro, percebiam e enfrentavam as estratégias de manipulação no *coming out*. A pesquisa apontou, por um lado, por um anseio por reconhecimento, por aceitação e respeito e, por outro, a existência de alguns medos e receios que a ideia do assumir-se e da visibilidade poderiam trazer, suas tensões e possíveis enfrentamentos. Sob este aspecto o autor destaca que a

(...) literatura política que sucedeu o episódio de *Stonewall* parecia apontar diretamente para o problema, sugerindo a existência de um ‘armário’ onde muitos homossexuais ainda se escondiam a fim de evitar represálias da sociedade. Essa mesma literatura apontava para a necessidade de sair dele (*coming out*) como a única forma de legitimar as demandas por direitos e reconhecimento público (SAGGESE, 2009, p.32).

Recentemente, alguns trabalhos têm se preocupado com a articulação da questão do armário com as repercussões da idade. Daniel Santos e Fernando Filho buscaram investigar de que modo a homofobia regula a existência e o trânsito “entre os armários” de pessoas ditas homossexuais (SANTOS & FILHO, 2011). Ao problematizar as narrativas de quatro pessoas de diferentes idades: 18, 24, 36 e 61 anos de uma cidade do interior paulista, os autores compreenderam suas análises de regulações do armário a partir de linhas inspiradas em três platôs⁴⁸: 1) o *Armário trancado com cadeado* – Linhas Duras; 2) o *Armário de portas fechadas* (ou encostadas) – Linhas Flexíveis; e 3) o *Armário aberto* – Linhas de Fuga. Nesta pesquisa os desejos e afetos dos homens investigados oscilaram entre diferentes percepções e vivências. Entre elas: o medo e o silenciamento de possibilidades de expressão e de sociabilidades; as negociações possíveis entre o sair e o entrar no armário buscando ensaiar estratégias de expressão dos desejos, ainda que ligadas a atividades consideradas como “marginais” como banheiros públicos, bares e festas pontuais, além do uso da internet e do recurso de viagens; e, finalmente, a criação de novos universos que procuram escapar à regulação do armário os quais permitem construir “processos de subjetivação, de reinvenção de si, de produções ético-estéticas da existência” (SANTOS & FILHO, 2011, p.14). Estes últimos, referentes às linhas de fuga do armário aberto remetem-nos a posturas de resistência às imposições hetero/homonormativas e à abertura de caminhos outros que permitem a circulações de desejos e de experimentações homoeróticas capazes de driblar os efeitos da moral, da normalidade, da homofobia e do sexismo.

O trabalho de Anderson Schirmer (2012), a partir de um olhar da Psicanálise, relacionou a problemática do Armário, o Movimento LGBT e a questão da lógica do mercado gay e do consumo à ideia de cidadania. Ao contextualizar suas diferentes fases o autor alerta que

(...) a história do Movimento Homossexual Brasileiro não é possível de ser tratada, a partir dos anos de 1990, se não em paralelo com a do Mercado Segmentado (...) É mais possível dizer de uma comunidade homossexual pelo via de uma Identidade de classe – e do estilo de consumo correspondente a esta – do que por uma ligação contra o preconceito e

⁴⁸ Segundo DELEUZE e GUATTARI (1999).

discriminação (...) Dá para sair do armário sem que seja para e pelas compras? (SCHIRMER, 2010, p.7).

Este autor alerta-nos para as tensões provocadas pelas Paradas do Orgulho LGBT, sobretudo a de São Paulo que contabiliza mais de dez anos de existência. Destaca os conflitos no interior da própria militância sobre a força da visibilidade, ora com fins políticos, ora festivos, sem contar ainda as influências político-partidárias ou religiosas, para complexificar ainda mais a questão. Ao questionar as Políticas de Identidade Anderson Schirmer aponta que o fato principal das lutas da militância gay talvez não seja simplesmente a saída do armário, mas a não captura pela lógica de mercado do tipo “cidadão-cliente-consumidor” e, ainda, a difícil tarefa de se chegar a um consenso onde o processo de negociação pelas diferentes pautas identitárias se tornaria quase que inatingível.

Outro recente estudo de Anderson Ferrari e Roney Castro (2012), de inspiração foucaultiana, refletiu sobre o significado pessoal e político de estar “dentro” ou “fora” do armário relacionando o tema “práticas educativas em escolas”, da Parada Gay de Madrid, de 2009, com algumas questões da temática em situações específicas de escolas brasileiras. Ao problematizar diferentes cenas sobre os efeitos da revelação gay, tanto para quem anuncia quanto para quem toma conhecimento, os autores destacam que esse ritual de saída do armário deve ser negociado nos seus diferentes contextos e que requer uma série de investimentos, práticas discursivas e performativas, onde a figura do outro é fundamental neste processo. “Existem diferentes maneiras de “sair do armário”: falas, ações, revelação do outro, denúncia, enfim, efeitos políticos e jogos de poder que atravessam essas práticas e discursos” (FERRARI & CASTRO, 2012, p.09). Os autores chamam a atenção para a questão da visibilidade gay nas escolas e como esta poderá se tornar uma prática pedagógica, tanto para hetero como para homossexuais, assumidos ou não. Segundo eles, o mais importante não é o fato de “confessar” e anunciar a saída do armário, mas, sim, o que se faz de produtivo com esta informação e os possíveis confrontos e efeitos resultantes a partir dela.

Ao refletirmos sobre a escolha entre ficar ou sair do armário, talvez fosse mais interessante e produtivo apostar nos diferentes graus de negociação que os homens com práticas e desejos homoeróticos precisam estabelecer nos seus cotidianos,

variáveis e complexos, a fim de enfrentar posturas de preconceito e/ou violência quase que inevitáveis no contexto brasileiro. Portanto, arrisco a apontar que o entrar e o sair do armário configuram-se um processo relativo, ou seja, contingencial. Para os informantes do grupo que entrevistei, compreendi que ninguém deles encontra-se completamente dentro ou fora do armário, depende da situação, das pessoas envolvidas, depende dos riscos que poderão correr e/ou da necessidade produtiva da visibilidade, no sentido político, que pretendem, ou não, demarcar. Um maior aprofundamento desta questão será abordado no item: 7.6 Dentro e fora do Grupo – dentro e fora do Armário?

No próximo capítulo procuro descrever e problematizar os principais movimentos que caracterizam o Grupo, os quais denominei rotinas e rituais.

7 ENTRE ROTINAS E RITUAIS: AMIZADE, HOMONORMATIVIDADE, VELHICE E A(S) “VERDADE”(S) SOBRE A (S) HOMOSSEXUALIDADE (S) NO GRUPO

Compartilho, neste momento, os principais movimentos que caracterizaram o grupo, o que estou chamando de “cenas gerais” – rotinas - , ou seja, àquelas que de certa maneira apresentaram-se recorrentes nas reuniões do grupo; e as “cenas específicas” – rituais - , as quais se configuraram como momentos de tensão e/ou de novidade e, portanto, diferenciados da maioria das ações que o grupo construiu na sua trajetória e durante o acompanhamento das reuniões. Algumas passagens da primeira e da segunda entrevistas, as atas enviadas por Alberto e, principalmente, minhas anotações produzidas no diário de campo, são apresentadas e problematizadas na sequência.

Durante o período que acompanhei as reuniões do grupo pude perceber que as mesmas ocorriam, apesar do esforço em privilegiar um clima terapêutico, proposto pelo Alberto, em meio a um clima de alegria e descontração⁴⁹, uma espécie de humor um tanto diferenciado que elogia e ironiza ao mesmo tempo⁵⁰. Na maioria das vezes, no início das reuniões, às 19 e, posteriormente, às 18 horas, Alberto de alguma maneira insistia em algum tema específico e cobrava a participação de todos, e/ou deixava o espaço aberto para quem pretendesse relatar algum fato de sua preferência. À medida que a noite se estendia os participantes disputavam a palavra, entre risos e gargalhadas, muitas vezes regadas a taças de vinho⁵¹. Certa preocupação na oratória, na expressividade e dramaticidade facial e gestual, aliada

⁴⁹ Ainda que alguns integrantes afirmassem que se sentiam solitários algumas vezes e que já haviam passado por tratamentos médicos e terapêuticos em virtude de quadros depressivos. Pareceu-me que no grupo, alguns integrantes se permitiam a dizer e a fazer coisas justamente pelo fato de estar e fazer parte do grupo, como uma espécie de território de proteção e de cuidado.

⁵⁰ Fato um tanto comum percebido em “gírias gays”, alguns participantes do grupo trocavam apelidos tais como “naja”, “egípcia” e “fazida”. Expressões do tipo: “*Eu acabo contigo!*”; “*Olha que eu te afogo!*”, “*Limpa o veneno que tá escorrendo, querida!*” e “*Esta roupa que estás usando, na loja que compraste tinha para homem?*” ilustraram os encontros.

⁵¹ O hábito de introduzir bebidas alcoólicas nas reuniões é um fato recente se comparado à trajetória do grupo. A partir do ano de 2009, o informante Robson, falecido em 2010, inovou ao levar, em todas as reuniões que participava, uma garrafa de vinho. Dizia que era para “*ter coragem de soltar o verbo*”. Logo esta prática (e de outras bebidas alcoólicas) passou a ser recorrente no grupo.

a um capricho das palavras do “português correto” foram característicos nas reuniões.

Durval Albuquerque Júnior ao articular homossexualidade, ironia e resistência, inspirado em Michel Foucault, chama atenção para uma espécie de percepção original, construída, que os homossexuais vão desenvolvendo ao longo da vida no sentido de enfrentamento a inúmeros desafios e para garantir sua própria sobrevivência. Esta capacidade denotaria certo jogo de cintura, uma espécie de malandragem capaz de tensionar e resistir dentro de uma cultura heterossexual.

Obrigados, muitas vezes, a viver nas sombras, incitados à mentira e ao disfarce, os homossexuais partilham uma visão irônica da vida e dos sujeitos, fazendo do riso e do deboche formas de defesa e um certo estilo de vida [...] A homossexualidade é uma vivência de fronteira, de limite, é um não-lugar, que permite um olhar distanciado e crítico em relação à norma, à ordem, aos lugares estabelecidos e valorados positivamente. A violência homossexual, numa sociedade heteronormativa, é quase uma ironia, já que é a vivência do descompasso entre o que se diz e o que se vive, entre o discurso e o corpo, entre o que se deve ser e o que é (ALBUQUERQUE-JUNIOR, 2008, p.105).

No grupo investigado o clima das reuniões privilegiava um ambiente acolhedor e fraterno entre os participantes, tudo em nome de uma amizade que não permitia envolvimento sexual; ao mesmo tempo, gírias, piadas e ironias da “cena gay” entre os participantes foram comuns nos encontros. Em alguns momentos, tinha a sensação de que no grupo, os participantes “baixavam a guarda”, como se deixassem uma postura de alerta e de “ataque” do lado de fora das reuniões. No entanto, em alguns momentos de descontração, certas disputas e ironias entre os participantes provocavam rapidamente o acesso às gírias e aos bordões característicos entre homens gays, especialmente na cidade de Porto Alegre e região metropolitana.

Como já me referi anteriormente, minha inserção no grupo se deu de forma extremamente amigável e sem qualquer tipo de impedimento, tanto por Alberto quanto pelos demais participantes: os mais antigos, os mais novos e também por àqueles que vieram a entrar (e a sair) do grupo durante o período de acompanhamento do mesmo. Podemos destacar alguns movimentos interessantes nas dinâmicas vivenciadas tais como a organização e um significativo comando que percebi de alguns dos participantes, de um núcleo original, o qual chamei de *núcleo*

velho – os atuais seis participantes mais velhos e assíduos do grupo que contempla Alberto e os cinco já citados anteriormente; a *periferia flutuante* – integrantes na faixa dos 40 aos 50 anos de idade que não apresentam uma assiduidade contínua, isto é, apareciam e desapareciam do grupo com muita facilidade e, finalmente, o que nomeei de *margem jovem* – referente aos integrantes mais jovens do grupo, isto é, um rapaz espírita, amigo de Alberto, de 23 anos e o companheiro de um dos integrantes do núcleo velho, de 32 anos de idade, de frequência considerável. Na seqüência apresento a caracterização do grupo a partir de seus atravessamentos e desdobramentos que construí durante o período de entrada e permanência no campo de investigação. A seguir apresento minhas impressões produzidas a partir da primeira reunião que participei do grupo, naquela ocasião apenas quatro participantes estavam presentes, todos do núcleo velho.

(Diário de campo, 30/07/2009): A primeira reunião que acompanhei do grupo foi na casa de Fábio, no bairro Tristeza. Quinta-feira, inverno gelado em Porto Alegre, fazia 5º grau! Fui muito bem recebido pelos quatro senhores presentes. O anfitrião já havia preparado aperitivos para receber o grupo, comentou que deixou tudo preparado com antecedência, como de costume. Alberto logo me informou que alguns maioria não compareceram por causa do frio, e outros por causa de viagens, destacou que um integrante estava na Austrália. O grupo com esta formação atual, unido há pelo menos dois anos, reúne-se nas próprias casas dos participantes, aproximadamente comparecem de 8 a 10 pessoas, com alguns participantes na faixa dos trinta aos cinquenta anos de idade. Às vezes recebem visitantes ou amigos que participam das reuniões. Os encontros são quinzenais e as reuniões são em um sistema de rodízio, nas casas dos integrantes. Além de eu me apresentar e expor minhas intenções de pesquisa, o grupo comentou vários assuntos como relacionamentos hetero e homossexuais do passado e com os seus atuais companheiros e namoros; sobre as filhas, no caso do Fábio; do trabalho, no caso do Ricardo que está aposentado. Também deram especial atenção à “expressão masculina” do Fábio, de sua postura e da barba. Este afirmava não entender como existe gays que gostam de se vestir de mulheres e que fazem cirurgia para mudar de sexo, repetia que era homem e que gosta de homens não afeminados. Um

assunto esquentou a roda e apimentou o debate: as possíveis teorias e explicações sobre a causa da homossexualidade. Termos como opção, orientação e condição foram defendidos. Percebi que posições de caráter essencialista e sócio-cultural dividiram o grupo. O significado do termo “condição homossexual” foi o mais debatido entre todos. Já passava das 23 horas e a reunião encerrou com a decisão do próximo encontro acontecer na casa do Ricardo, todos concordaram. Alberto levará o documentário do Nuances, sobre um recorte histórico da homossexualidade em Porto Alegre para todos assistir e, Fábio, irônico, brincou com o grupo pois achou que seria um filme pornô. Os aperitivos que sobraram foram divididos entre todos. Ninguém tomou bebida alcoólica, o encontro foi regado a café e refrigerantes.

Neste sentido, a primeira impressão que captei do grupo, pelo menos dos quatro informantes presentes nesta reunião primeira que acompanhei, foi, à primeira vista, de um grupo que me pareceu um tanto solitário, como se um ar de melancolia os envolvesse. Naquele momento, encontrei quatro senhores bem vestidos e “bem comportados” que conversavam sobre suas vidas, com uma intimidade singular, compartilhando um lanche simples: sanduíches preparados em casa, regados à refrigerante. O clima, muito fraternal e acolhedor, deu-me a impressão de que fossem amigos de longa data, e permitia que todos expressassem situações muito íntimas, para atenção e curiosidade dos demais. Desde esta primeira reunião percebi certa preocupação, no grupo, sobre os modos e os lugares mais apropriados de e para vivenciar sua homossexualidade, como também, sobre as fronteiras – benefícios e prejuízos - da visibilidade gay, e sobre quais pessoas sabiam deles, e para quem ainda faltava contar. Situação esta a qual logo me remeteu à questão do armário.

Outro fator decisivo, desde minha entrada no campo, foi a figura, ímpar, de Alberto. Sua dedicação ao grupo e a riqueza de detalhes do histórico do mesmo, “na ponta da língua”, me impressionaram. Talvez pela sua formação de jornalista. Percebi rapidamente as relações de poder, mesmo que suaves e tênues presentes no grupo: quando era preciso decidir sobre uma próxima pauta a ser debatida nas reuniões ou sobre alguma tentativa de passeio futuro, Alberto era a referência principal e seus argumentos influenciavam significativamente o restante do grupo.

Assim, este texto inicial serve como introdução do principal capítulo da tese, onde dedico maior atenção à análise das situações que vivenciei no grupo.

7.1 A Presença do Coordenador: a “Madre Superiora”

Alberto, o qual atua nesta função desde a configuração inicial do grupo, após quase um ano de acompanhamento das reuniões, relatou-me que inventou esta dinâmica de grupo por interesse próprio, uma vez que afirmou que se sentia um tanto solitário e apresentava dificuldades de encontrar amigos e também parceiros sexuais. Nos primeiros meses que observei o compartilhar de experiências no espaço das reuniões, os relatos de Alberto ocuparam o maior tempo na pauta dos encontros e se sobressaíam em relação aos demais assuntos abordados.

“Sem dúvida, o meu processo da homossexualidade foi muito sofrido, muito difícil, eu tive muita dificuldade de me aceitar, pra mim era horrível, eu não consegui nem me olhar no espelho. Eu venho de uma família muito repressiva, eu passei por todo esse processo de auto-rejeição, de vergonha de mim mesmo, de autoestima baixa. Claro que o Espiritismo me ajudou muito e a terapia também, mas eu acho que o grupo foi fundamental, o grupo me alertou pra várias coisas, o grupo me deu suporte emocional pra eu avançar nisso” (Alberto, 62 anos).

Como temáticas recorrentes deste informante destaco: a complexa relação com sua mãe; suas investidas para caçar⁵² (consideradas pelos demais integrantes um tanto atrapalhadas) e relacionar-se com outros homens; certa necessidade e preocupação constantes em ora esconder ora revelar sua homossexualidade para amigos e familiares; e, finalmente, a vontade de procurar (novamente) uma terapia para se entender e se aceitar melhor foram a tônica da maioria de seus depoimentos nas reuniões.

Outra questão que caracterizou Alberto foi sua postura de organizar a sistemática dos encontros para que fossem discutidos temas específicos, geralmente enviados por ele, por email, antes das datas das reuniões, fato este

⁵² Termo utilizado para encontrar, abordar e se relacionar com outros homens.

recorrente nas mesmas. Além de, quando um assunto se esgotava e quando um clima “muito informal” se instaurava entre os participantes este informante de imediato chamava a atenção de todos e jogava outro tema ao grupo.

À medida que o tempo passava pude notar que os integrantes do grupo não se cansavam em ouvir (pelo contrário) Alberto em relação às suas dificuldades relatadas. Todos emitiam conselhos e até certas receitas para conhecer outras pessoas e para sair de casa, exemplificavam algumas técnicas de conquista ao mesmo tempo em que detalhavam as suas. E, sobretudo, indicavam espaços e lugares onde ele pudesse circular e, provavelmente, propiciasse maiores chances de encontrar outros homens com a mesma intenção. No entanto, como estes relatos do Alberto ilustraram praticamente a maioria das pautas das reuniões do grupo⁵³, pude perceber como uma das principais tensões do grupo se desenhava: apesar de aconselhá-lo, os demais integrantes, ao mesmo tempo, mostraram-se incomodados com suas recorrentes queixas e a ausência de estratégias para superá-las. Abaixo seguem duas passagens de meu diário de campo que ilustram a questão.

(Diário de campo, agosto de 2010): Alejandro, em um de seus depoimentos criticou, em alguma medida, a postura e algumas atitudes de Alberto no grupo. Relatou o seu excesso de teorizações e a pouca ação para a tentativa de resolução de seus problemas emocionais. Destacou que há alguns anos ouve sempre a mesma conversa, disse que o colega “*não tem jeito*”.

(Diário de campo, dezembro de 2010): Arlindo é mais um dos integrantes que reclama das histórias e dos relatos de Alberto. Junto à maioria do grupo também o adverte sobre seus desafios familiares, principalmente com a mãe, atualmente doente e que é uma constante em suas falas. Alguns integrantes do grupo e o próprio Arlindo aconselham-no a retomar a terapia e apostar nas sessões de análise para ajudá-lo a construir-se mais independente da família e a namorar sem medos ou culpas.

⁵³ Principalmente no período de 2009 a 2010. Após o falecimento de sua mãe e do retorno às sessões de terapia o comportamento do coordenador modificou-se: este passou a sair com maior frequência de casa, com os demais integrantes do grupo e “até” ir a boates e saunas gays.

Alberto faz parte do que estou chamando de núcleo velho do grupo, o qual dos seis integrantes, três são adeptos do Espiritismo, incluindo o próprio Alberto. Esta forte presença no grupo não passava despercebida e, não raras vezes, provocava calorosas e divertidas tensões e embates que ocorriam, geralmente, entre os integrantes espíritas e os demais do grupo, que se afirmavam simpatizantes e/ou seguidores de outra linha espiritualista, a religião de matriz africana, conhecida como umbanda. Outros não seguiam religião alguma, mas afirmaram crer em algo superior, em uma espiritualidade maior.

A ideia de um grupo harmônico e coeso é de certa forma, exaltada e reforçada em diversos momentos nas falas de Alberto como se este cumprisse o papel de uma segunda família. No entanto, tive a oportunidade de perceber que certas normas e regras de conduta circulam ora evidentes, ora veladas, as quais, mesmo que de forma sutil, também encontram algumas formas de resistência entre os integrantes do grupo.

A postura de Alberto, não raras vezes, denotou certo rigor a determinados comportamentos e atitudes dos integrantes do grupo ao preocupar-se que estes não esquecessem a seriedade e a função das reuniões e para que evitassem outro tipo de vínculo ou conversa durante os encontros. A seguir destaco alguns trechos das atas escritas e enviadas por Alberto.

Outra questão que surgiu na reunião, sendo alvo de comentários do povo, é o excesso de humor, com muitas piadas feitas, claro que com inteligência e criatividade, por quem, no fundo, poderia aproveitar o momento para expressar opiniões bem consistentes sobre a realidade dos companheiros que não temem dizer o que são e como emocionalmente se encontram, no momento. Os humoristas têm uma bagagem rica de experiências e conhecimentos, por suas trajetórias, mas preferem fugir ao autoconhecimento, brincando, escapando pela tangente, porque criar tiradas engraçadas sobre praticamente tudo o que se diz nas reuniões é muito mais fácil do que admitir que somos frágeis, podendo buscar ajuda junto àqueles semelhantes a nós, quando passamos o lenço de papel no rosto e retiramos a maquiagem que camufla os sulcos em nossas faces, sinais de que também precisamos rever nossos passos e superar-nos. Sem nos fixarmos no disfarce do verniz. Quando nos referimos a essas futuras conquistas do grupo não estamos interessados em criticar ninguém ou cutucar aqui ou ali uma ou outra situação com que, num clima extremamente agradável e descontraído, nos deparamos no sábado. Não estamos na Oficina... para somente nos divertir e passar o tempo ou ainda reencontrar amigos muito queridos. Estamos ali para sermos mais gente, no sentido mais amplo da expressão, necessitando repensar nossos caminhos para

que ela não fuja aos seus objetivos nem seja um simples encontro de afetos, vazio daquele conteúdo que todos esperamos encontrar e produzir, acelerando nosso crescimento pessoal e coletivo, visando à construção de nossa plena felicidade (Ata da reunião, março de 2010).

Sair de uma reunião como a de hoje, com muita gratificação na alma, tem uma explicação: o clima estava sereno e gostoso, e o conteúdo das conversas nos enriqueceu de alguma forma, porque nos fez captar coisas que possam melhorar nossa caminhada. A escassez de abobrinhas ou conversas fúteis contribuiu, com certeza, para que encerrássemos o encontro com essa sensação de prazer, longe do desconforto ou da frustração (Ata de reunião, maio de 2010).

Nestes dois momentos podemos perceber o marcante lugar e a presença de Alberto no grupo: além de organizar os encontros e sugerir temáticas a serem exploradas nas reuniões, também exerceu uma postura, de certa forma, de vigilância e controle do comportamento dos demais a fim de que não esquecessem ou se desviassem da verdadeira função do grupo, ou seja, de se construir como seres humanos melhores. Em relação a esta questão é válido destacar que este objetivo demarca a ótica entendida por Alberto, uma vez que as reuniões poderiam apresentar outro desenho, e o objetivo ser o mesmo, mas o modo como a dinâmica se desenvolve revela uma particular modalidade de Alberto no entendimento de qual o caminho para se construir como um ser humano melhor. Esta metodologia estimulada nos encontros por meio do compartilhar de experiências pessoais e da busca de um clima de máximo acolhimento entre todos pareceu, em um primeiro momento, não permitir um caráter lúdico, mas sim, algo que me remeteu a uma posição clínica, quase que terapêutica. Embora as reuniões do grupo acontecessem em um clima bastante amigável e democrático, Alberto, no entanto, pareceu privilegiar a eleição de temas “maiores”, de caráter intelectual e/ou filosófico, deles próprios e do contexto social, se comparado a outros assuntos mais gerais, do cotidiano urbano da cidade de Porto Alegre, como as relações interpessoais nos shoppings, as viagens, o lazer, entre outros.

Outra característica significativa em relação ao papel ou função de Alberto no grupo é a escrita dos conteúdos das atas que o mesmo envia a todos, por e-mail. Ao refletir sobre a maioria dos textos redigidos por este informante e, aos

comentários dos demais participantes, notamos certo tom idealista e até certo modo romântico em relação ao grupo.

Cada reunião é um tijolo assentado na consciência de que precisamos seguir, com maior firmeza, às descobertas de nosso mundo emocional. Para conduzi-lo à saúde, à paz, à alegria, ao bem-estar, à felicidade. Por tudo isso, obrigado, Senhor, pela noite agradável de ontem e pela nossa próxima reunião em 24 de setembro, quinta-feira, às 19 horas. Todos lá para que nos sintamos cada vez mais conscientes de nossas lutas e conquistas. Porque a Oficina... nos transforma, para melhor, como gente, com gente, para ser mais gente. Esse é o sentido de nossos encontros. Além do prazer de celebrarmos a amizade, o calor humano e o convívio sadio entre aqueles que têm muitas coisas em comum (Ata da reunião – setembro de 2009).

A percepção dos demais é de que Alberto, em alguma medida, acaba exagerando e, de certa forma, supervaloriza os assuntos tratados nas reuniões, ressaltando a verdadeira função do grupo que, ao seu modo, seria de orientar e encaminhar os homoafetivos a se “descobrirem” e se “aceitarem”, além de celebrar uma amizade verdadeiramente afetiva, sem interesses outros.

Às vezes, é uma desculpa. Amanhã pode ser outra. E, assim, as pessoas vão protelando seu crescimento humano, sabotando as possibilidades de serem muito mais felizes, sem que se dêem conta de que o tempo passa. Como não volta, não poderão mais contar com ele para recuperar o que foi perdido. Essa foi uma das pautas, da reunião da Oficina da Gente, ontem (...) Coloca, em cada encontro, seus problemas, recebe ajuda dos participantes, por meio dos pareceres que neles surgem, mas não coloca em prática as sugestões. Desabafa, procura apoio, mas esquece, logo ali, tudo aquilo que lhe foi proposto. O companheiro rebateu a análise coletiva, dizendo que se ocupa parte do tempo das reuniões com seus problemas é por que as outras pessoas que a elas comparecem são travadas, fugindo à exposição de suas mazelas. Seus relatos também são uma forma de evitar que os encontros se limitem a conversas fúteis, distantes da intenção e da meta da Oficina... de ser um fórum e um exercício coletivo de autoconhecimento. Somente com esses assuntos sem profundidade, os encontros seriam muito vazios e até inúteis (Ata da reunião – setembro de 2009).

É oportuno problematizar, neste momento, que o conteúdo das atas demarcava o olhar e as percepções do próprio Alberto, de maneira autônoma e, que de certa forma, produzia interessantes e produtivas relações de poder no grupo. Seus escritos geravam alguns tensionamentos e até mesmo pequenos conflitos, às

vezes até relatos irônicos⁵⁴, a partir da compreensão do restante do grupo quando da leitura e conhecimento das atas.

Ao longo das reuniões pude observar a forte presença de Alberto para conduzir o grupo nos encaminhamentos e tensões presenciadas a partir de alguns conflitos e, até mesmo, certas disputas em relação aos modos e maneiras de ser-estar gay na sociedade atual; nas classificações “positivas” e “negativas” das práticas afetivas e sexuais e, nas visões sobre religiosidade-espiritualidade compartilhadas e, de certa forma, disputadas no grupo. A função do grupo, de acordo com o olhar de Alberto, fora constantemente assinalada a reforçar seu objetivo principal, ou seja, a construção de um ser humano melhor, de promover seu autoconhecimento. A seguir outro momento característico de ata enviada por Alberto.

Em 2009, convivi contigo, de uma ou outra forma. Tive experiências que me engrandeceram com tua presença. Tu me possibilitaste momentos de prazer e alegria que só enriqueceram minha trajetória, ao longo de todo o ano. Tu me ajudaste em vários momentos, com teu carinho, tua compreensão, tua generosidade, teu calor humano. Tu me deste teu apoio, endereçando-me tuas críticas, algumas mais brandas, outras mais ácidas. Sei que o fizeste com o desejo de me ajudar a crescer como ser humano, estimulando-me à superação. Por tudo o que já vivemos, por tudo o que representas para mim, por tudo o que já construímos juntos, por tudo o que poderemos fazer em 2010, acredita: és importante para mim, moras no meu coração e, embora, somente às vezes venhamos a nos encontrar pelos asfaltos da vida, continuo nutrindo muito afeto por tua dimensão humana. Que em 2010 nós nos encontremos muitas vezes. E troquemos tanta coisa boa. Temos muitas delas em comum. Outras tantas nos fazem diferentes, mas o que conta, mesmo, é que tu e eu somos amigos, e nos queremos bem. Por isso, que o próximo ano nos situe muito próximos, cheios de esperanças, sedentos de realizar tantas aspirações juntos, desejosos de que nossas ações sejam meios com que possamos construir, cada um ajudando o outro, a tão propalada felicidade. Sem esquecer de estendê-la aos outros. Feliz 2010. Que bom tu seres meu amigo (Ata da reunião – dezembro de 2009).

Alberto, espírita, ao cuidar do grupo como sua casa, como se fosse sua segunda família nos remete a certo tom missionário em suas posturas durante as reuniões e por meio das próprias atas que escreve e envia a todos do grupo. É

⁵⁴ Alguns informantes perguntavam ao Alberto, algumas vezes, no momento das reuniões, sobre a escrita das atas: “Nessa última ata tu exagerou e fantasiou um pouco não foi?” (Ricardo); “É, às vezes ele exagera” (Fábio).

oportuno destacar e reconhecer o clima que ele acaba instigando as pessoas a se desvelar, a se assumir, a compartilhar suas experiências mais íntimas com certa promessa de felicidade ao fazê-las no grupo. Assim, este aponta para a ideia de que se o sujeito se abrir, ele será mais feliz, mas, no entanto, isso se pode configurar como uma armadilha, porque ele próprio, Alberto, é o que mais “se abre” e compartilha suas experiências e angústias e, nas reuniões seguintes aborda tudo novamente, com muitas queixas e não necessariamente melhora de vida. O carinhoso e irônico apelido de “Madre Superiora” o caracteriza como alguém que comanda e protege os demais, tal como um pastor que orienta um rebanho de ovelhas. O grupo, neste sentido, me pareceu que foi construído e que pode funcionar como um lugar de proteção, de refúgio da vida “lá fora” e que estimula os participantes a exporem seus problemas, em uma espécie de análise coletiva.

A noção de regra, de um caminho certo para se chegar à felicidade, muitas vezes associada quase que a uma noção idealista ou romântica da vida, mesmo que provocasse pequenas resistências no coletivo, foi constantemente defendida por Alberto. Nos momentos que os demais participantes se desviavam do tema do autoconhecimento e do construir-se como um ser humano melhor, a intervenção e crítica do coordenador logo se apresentava acusando-os, em tom de brincadeira, de falar abobrinhas ou futilidades. Neste sentido podemos pensar em certa dificuldade de Alberto em rir, brincar com a própria situação de homossexualidade, o que muitos outros grupos gays acabam fazendo. Brincar a partir da situação de não ser uma identidade hegemônica, de ser marginal, pode delinear uma alegria possível em ser das margens, e não do centro, embora, conforme abordei anteriormente, é evidente a questão da homofobia e todos seus desdobramentos. No entanto, penso que isto não elimina a possibilidade de descontrair ou brincar no sentido de buscar uma leveza do próprio cotidiano. Por outro lado, a circulação de discursos sobre a solidariedade e sobre certa necessidade de fazer o bem ao próximo, sob a regência de Alberto, configurava o grupo como um todo. Em vários momentos ele próprio relatou, com certo orgulho, seus trabalhos voluntários em instituições da capital gaúcha, em presídios e também em asilos, afirmando sentir-se gratificado e mais feliz por ter ajudado pessoas estranhas e mais necessitadas do que ele.

Assim, a presença de Alberto é responsável, em grande parte, pelas rotinas e rituais que marcaram a trajetória do mesmo e àqueles que vivenciei durante o trabalho de campo. Suas “pregações”, suas reclamações e suas aspirações, no e com o grupo, desdobram-se e articulam-se nos movimentos e tensões que caracterizei do mesmo na sequência da tese.

7.2 A Busca de um Trabalho Social – Solidariedade e Espiritualidade

Outra temática interessante que ficou evidenciada, sobretudo no momento das entrevistas, foi certa necessidade, preocupação de alguns integrantes em envolver-se ou estar vinculado diretamente a alguma causa ou trabalho social, de caráter beneficente, com o único objetivo de ajudar ao próximo. Esta postura foi afirmada, principalmente, em quatro dos sete entrevistados⁵⁵, sendo que dois deles são praticantes da chamada Doutrina Espírita, os quais participam do mesmo grupo de estudos, vinculado a um centro espírita, de orientação Kardequiana. Acredito que desempenhar um trabalho social, de intervenção, e ocupar-se a ter/cultivar uma espiritualidade pode ser compreendido como questões diferentes, no entanto, em relação aos informantes espíritas do grupo estas podem andar juntas, se sobrepor, articulando-se. Em relação ao grupo como um todo percebi que os integrantes, não espíritas, procuram engajar-se e defender causas sociais de orientação beneficente, o que de alguma forma cumprem, em alguma medida, o papel de ser militante. No entanto, tais causas não apresentam uma relação direta, mais significativa ou sistemática com as pautas da militância gay. À medida que acompanhava o grupo compreendi que sua postura militante não envolvia diretamente a causa gay, mas práticas solidárias e caritativas a pessoas necessitadas como doentes e idosos institucionalizados.

Cristina Câmara ao pesquisar a trajetória do Grupo Triângulo Rosa, que surgiu em 1985, no Rio de Janeiro, e suas reivindicações jurídico-legais, ao contrário

⁵⁵ Quando da realização da primeira entrevista.

do grupo que investiguei, mostrou que a preocupação daquele grupo era exatamente “minimizar a discriminação contra os gays, dialogando com partidos políticos e organizações da sociedade civil” (CÂMARA, 2002, p.24). O próprio nome do grupo – “Triângulo Rosa⁵⁶” já faz uma referência histórica à discriminação e violência sofridas pelos homossexuais masculinos.

Além de Alberto, outros dois integrantes do núcleo velho, relataram ter participado, durante muitos anos, de um trabalho chamado de “Valorização da Vida”, os quais atuavam em turnos de plantões por telefone na assistência a pessoas com problemas emocionais. Aliás, foi a partir deste trabalho que o informante Robson conheceu e convidou Arlindo a participar do grupo. Tal assunto de certa forma costura a maioria dos relatos no grupo: o incentivo e a prática da caridade, a ajuda ao próximo e uma preocupação com a questão ética. No entanto, os demais integrantes do grupo questionam, apresentam contrapontos e posturas duvidosas à filosofia espírita, não há uma aceitação direta e total no coletivo. Tensões rondam e eclodem em momentos específicos das reuniões quando os debates avançam em ricos argumentos de ambos os lados. Os posicionamentos do núcleo velho, sobre alguns acontecimentos do cotidiano e suas explicações, à luz da filosofia espírita, foram cenas recorrentes em várias discussões, assim como o contraponto de outros integrantes que protagonizaram calorosos e intensos debates quando o tema da rodada foi relacionado a exemplificações religiosas ou espirituais⁵⁷.

⁵⁶ Era o distintivo que os gays recebiam nos campos de concentração nazista e os caracterizavam como criminosos por tornar pública sua preferência sexual ou estilo de vida. “As leis oficiais do nazismo contra os judeus e contra os gays datam de 1934-35, reunindo-os a vários outros grupos que já eram perseguidos. As leis que puniam a homossexualidade vigoraram na Alemanha de 1935 até 1969. Havia inúmeros símbolos para distinguir os prisioneiros: triângulos vermelhos para presos políticos, verdes para os considerados criminosos habituais, azul para imigrantes, lilás para testemunhas de Jeová, rosa para os gays e preto para os pretos por vadiagem. Caso houvesse cruzamento dos ‘crimes’ sobre os quais eram acusados, os prisioneiros recebiam outro símbolo, por exemplo, um judeu acusado de crime político recebia uma espécie de estrela, formada por um triângulo amarelo sobreposto por um triângulo vermelho, este com o vértice para baixo” (CÂMARA, 2002, p.32).

⁵⁷ Aqui faço uma pequena diferenciação, não absoluta, dos termos religiosidade e espiritualidade, a partir do próprio pensamento do grupo: religiosidade se refere às pessoas que seguem uma religião específica, suas regras e leis; já espiritualidade parece se referir à crença daqueles que não seguem dogmas ou rituais específicos, mas compreendem a vida a partir de uma perspectiva coletiva, holística, ou seja, a partir de um prisma mais abrangente e complexo sobre as ligações entre a própria vida, ao planeta Terra e aos demais seres humanos.

(Diário de Campo, 03/07/2010): O tema religiosidade e/ou espiritualidade volta à reunião. Dois integrantes travaram um belíssimo debate, repleto de detalhes, sobre a história de Maria Madalena, personagem bíblico. *“Eu acho que as pessoas hoje estão cada vez mais sem religião, as pessoas precisam acreditar em algo”* afirma Ricardo. Em relação às explicações do Espiritismo Fábio declara: *“Isto não tem pé nem cabeça! A religião é uma merda que estraga tudo! O avanço é ter lei, eu acho”*. No meio da discussão, para mudar de assunto Ricardo levanta-se e lê um poema de Fernando Pessoa. Todos aplaudem. Foi cênico!

Em vários momentos das reuniões Alberto, relatou que constantemente, além das tarefas relacionadas do centro espírita que frequenta, costumava visitar hospitais e presídios a fim de levar uma palavra amiga, de conforto e esperança de vida àqueles que lá se encontravam. Este também destaca e reforça esta postura solidária no grupo quando afirmou que

“(...) posso dizer que o acaso não existe, mas as pessoas têm uma bagagem de trabalhos sociais, o Pedro foi ecologista, o Arlindo participou do Centro de Valorização da Vida, o CVV, e o Robson também, já o Fábio não. Talvez isso seja uma característica que une o grupo, porque a gente trabalha a solidariedade, que além do autoconhecimento existe uma coisa solidária, de as pessoas se ajudarem emocionalmente, porque as pessoas trazem essa trajetória e a bagagem” (Alberto, 62 anos).

Esta questão de engajamento a causas sociais se apresentou de certa forma, dentro e fora do grupo, fato que o fortaleceu pelas aproximações e afinidades entre alguns de seus integrantes. Um informante, a partir de seu trabalho voluntário, convidou um colega deste ambiente a participar do grupo, o qual faz parte do mesmo desde aquela época.

“E tem um pequeno detalhe: eu é quem levei o Arlindo para o grupo, ele foi meu colega do trabalho voluntário. Ele estava em depressão por causa do companheiro e eu o convidei para o grupo. E só chamávamos pessoas do nosso nível para o grupo dar certo, e eu até pensei que ele não ia gostar, mas foi o mais perfeito casamento intelectual dele com Alberto. Eles moram pertos, são vizinhos, os dois se entendem muito bem” (Robson, 71 anos).

Neste sentido, o clima de solidariedade entre os participantes do grupo e de preocupação com o próximo, além de ser visibilizado por alguns informantes, é estimulado por Alberto. Tal fato acaba por aproximar e reforçar afinidades no grupo, uma vez que há uma explícita admiração dos demais integrantes por àqueles que se envolvem com tais questões. Esta característica de apoio e engajamento a trabalhos beneficentes pode estar relacionada com o fato dos integrantes do grupo combater o consumismo e a questão da valorização e importância dada ao chamado “mercado gay”, comumente associada a homossexuais masculinos, sobretudo jovens.

A excessiva valorização do corpo e dos usos de tecnologias para aprimorá-lo ou rejuvenescê-lo parecem não combinar com esta postura caritativa e espiritualizada presente no grupo. Esta questão que perpassa as discussões no grupo, de “se colocar no lugar do outro”, esta ética perseguida e visibilizada pela maioria dos integrantes do núcleo velho me faz refletir se a mesma constitui-se como um efeito associado à questão da idade mais “madura” e/ou à questão do pertencimento espiritual de alguns informantes do grupo. Ou será de ambas? Cabe destacar que alguns princípios do Espiritismo veiculados em algumas reuniões tais como: “Fora da caridade não há salvação” e “Lei do Retorno” também são defendidos por outro integrante do subgrupo Periferia Flutuante, praticante da Umbanda, religiosidade de matriz africana. Fatos estes acabam por ilustrar certa preocupação e interesse na prática de ações solidárias e de caridade para com as demais pessoas, chamadas por eles de irmãos.

Talvez fosse interessante pensar que o grupo, sobre este aspecto, apresenta algumas pistas de que somente consegue engajar-se a causas sociais que apresentem um caráter caridoso e/ou filantrópico e, que isso, poderia ser considerado uma espécie de militância, de organização coletiva, mesmo que interna, de um pequeno grupo de homens aparentemente (des)organizados. E, desta forma, a atuação de alguns deles não estaria vinculada diretamente à pauta do movimento LGBT, uma vez que manifestaram críticas ao mesmo. Estas serão apresentadas na sequência do capítulo.

Neste sentido, o discurso muito presente no grupo, intitulado de “Oficina da Gente” é o autoconhecimento e construção de um “ser humano melhor” onde, esta última questão passaria, necessariamente pela doação ao outro, ou seja, pela

vivência de práticas solidárias. No entanto, como alguns deles chegaram a relatar que atravessaram recorrentes momentos de solidão e de ausência ou baixa sociabilidade, compreendi que o envolvimento e engajamento a causas sociais constituíram-se em um caminho possível e extremamente coerente às características do grupo.

7.3 Entre a Sala e a Rua

De acordo com a trajetória do grupo, apresentada no primeiro capítulo e, em um tempo não muito distante, antes de fixar as reuniões nas casas dos participantes, no ano de 2008, houve dois momentos onde estas foram realizadas em espaços pertencentes a dois tradicionais grupos de militância gay da cidade de Porto Alegre. Tanto nas dependências do *Nuances* quanto do *Somos*, Alberto evidenciou a produtividade dos encontros lá realizados, não só pelo número de pessoas envolvidas como pela diversidade de temas debatidos.

Nestes dois períodos o grupo recebeu diferentes “perfis” de participantes como lésbicas, prostitutas e garotos de programa, os michês. Cabe destacar que alguns integrantes do grupo estiveram presentes nestas fases e relataram sua preferência à dinâmica atual, ou seja, o sistema de rodízio, fechado, nas casas dos participantes, pois segundo a maioria deles sentem-se mais à vontade e, de certa forma, protegidos.

“Lá as reuniões eram riquíssimas, ia lésbica, ia michê, drag queen, ia travesti, prostituta, ia todo mundo, um grupo fantástico. Então acontecia que a gente sabia do mundo gay, a gente ficava sabendo dos sentimentos das pessoas. Era terça-feira à noite. Não tinha tema fixo, aquilo rolava e o Nuances nos dava além do local, um cartão onde eles colocavam a reunião deles no impresso e distribuíram pela cidade e na segunda e quarta eles divulgavam o grupo. Isso atraía pessoas e tal só que não tinha temas, conforme o interesse do grupo” (Alberto, 62 anos).

Nas entrevistas relataram que os assuntos poderiam ser mais debatidos e aprofundados com um número pequeno e conhecido de pessoas. A questão da segurança e da possibilidade de estreitar vínculos de amizade também foi destacada

e valorizada nesta dinâmica atual. No entanto, ao preferir realizar as reuniões no ambiente doméstico e, de certa forma, evitar uma participação mais efetiva e engajada na militância e movimento gays⁵⁸, para minha surpresa, os integrantes do grupo mostraram-se extremamente informados e atualizados sobre a pauta dos direitos LGBT no cenário político brasileiro e, também, em nível internacional. Muitas vezes, tomei conhecimento de algumas informações a este respeito no próprio grupo, onde também entrei em contato com outras produções recentes acerca da(s) homossexualidade(s) como livros, filmes e, segundo eles, com as últimas novidades do mundo gay contemporâneo. É como se os integrantes do grupo preferissem ficar nos bastidores, a atuar como protagonistas em ações militantes em espaços públicos. É como se o grupo, neste sentido, funcionasse como uma espécie de “janela” para o mundo. Esta janela poderia fazer parte de um “armário” onde, apesar de bem informados sobre o movimento LGBT, os integrantes do grupo preferem ficar na sombra, ao longe, assistindo.

Nesta posição de observação da cena política gay meus colaboradores não se encontram filiados e também não mantêm contato com as duas ONGs citadas por onde o grupo já funcionou e que acolheu sua proposta de reuniões. A maioria dos integrantes do grupo não frequenta locais do chamado circuito gay (à exceção de alguns que vão às saunas, sejam elas de “entendidos”, de “michês” ou de “tios”) e, também, não participam (nem assistem) a Parada Gay⁵⁹ da cidade. A maioria do grupo, durante o período que os acompanhei, criticava o evento e também não o apoiava. Os trechos abaixo ilustram algumas posições dos informantes a este respeito.

(Diário de campo, novembro de 2009): Novamente, a questão da visibilidade gay em espaços públicos voltou à pauta de debates da reunião de hoje. A maioria dos integrantes afirmou nunca ter participado (seja desfilando ou assistindo) e parece

⁵⁸ Semelhante fato também foi relatado na pesquisa de Cristina Câmara onde os integrantes do grupo *Somos*, do Rio de Janeiro, se reuniam para trocar vivências e experiências sobre seus problemas e desafios, principalmente na família e nas relações cotidianas. Neste grupo, em especial, o foco das reuniões não constituía proposições militantes (CÂMARA, 2002).

⁵⁹ Vale destacar que durante alguns anos, Porto Alegre contou com duas paradas gays – também chamadas de “Parada Livre” ou “Parada da Diversidade”, mostrando, por um lado, certa divisão do movimento gay da cidade e, por outro, mais ‘opções’ de encontro entre a comunidade LGBT gaúcha.

posicionar-se contrário às cenas de exibicionismo e vulgaridade apresentadas nas paradas pelo Brasil e, em especial, a de Porto Alegre. Relataram que as posturas veiculadas nas paradas gays constroem uma imagem errada e negativa dos gays: de promiscuidade e vulgaridade e que só pensam em sexo.

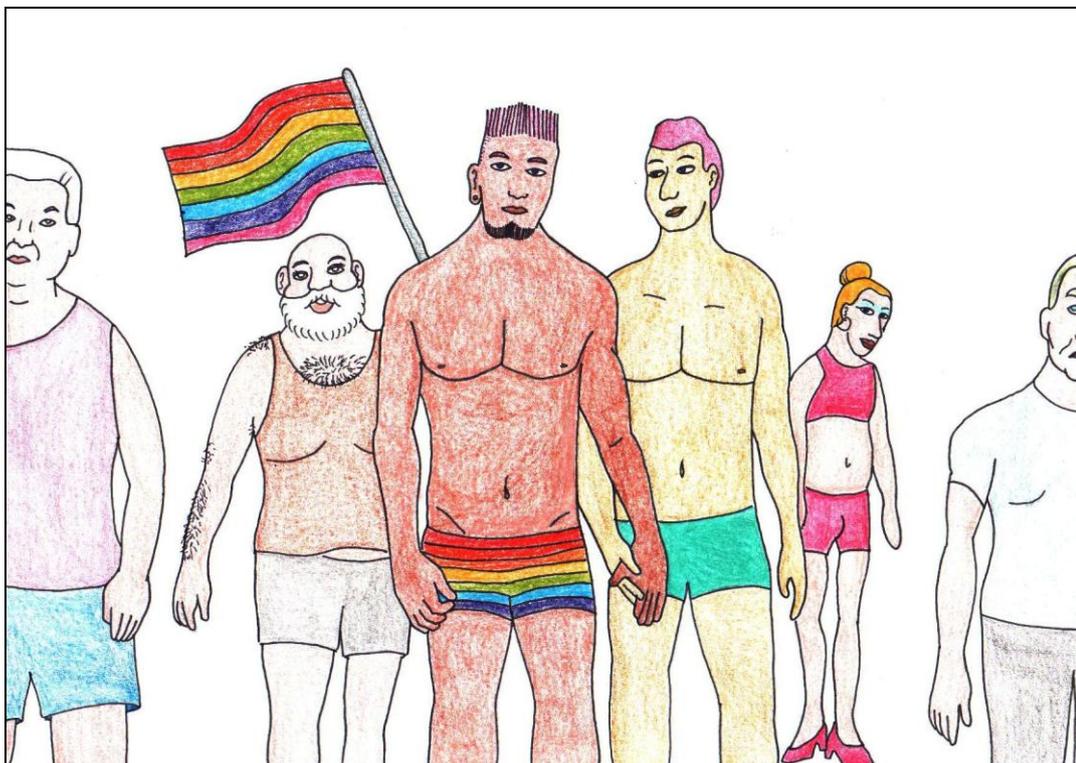


Figura 8: Parada Gay

(Diário de Campo, 25/02/2010): Perguntei sobre a Parada Gay e todos se manifestaram defendendo o seu ponto de vista: a maioria relatou que não participa e que não aprova, acham uma “apelação” e um verdadeiro desfile de caricaturas. Acreditam que se leva muito para a questão sexual e ofensiva, a maioria afirmou que se ainda fossem vistos travestis bonitos e “discretos”, tudo estaria bem. Do grupo apenas dois afirmaram que irão assistir este ano. Por outro lado, Arlindo disse que já desfilou uma vez. Ricardo afirmou que a questão política se perdeu e que virou uma festa, simplesmente. Ao mesmo tempo em que a maioria não comparece à parada gay em Porto Alegre, Robson e Alberto relataram que já participaram de uma parada gay em uma cidade do interior do Estado. Foram de excursão no ano de 2002, onde Alberto afirmou ter distribuído alguns panfletos divulgando o grupo. Nossa! Isto não seria uma espécie de militância?

As descrições que produzi no diário de campo me fizeram refletir sobre as relações existentes entre o caráter conservador da maioria dos participantes do grupo, em termos morais, e o pertencimento religioso e/ou espiritual, os quais denotam algumas interessantes contradições. De um lado o grupo condena as Paradas LGBT em função, segundo eles, das mesmas terem se transformado em festas, verdadeiros desfiles carnavalescos recheados de um exibicionismo exagerado e de práticas “vulgares” e “promíscuas”, e lamentam que tenha se perdido a dimensão política do evento; por outro, o grupo não se envolve em nenhuma causa gay e também nunca participou do evento para conhecê-lo mais apropriadamente e poder estabelecer relações com o Movimento organizado.

A questão da visibilidade e da problemática do armário também evidenciaram uma postura curiosa no grupo – de um lado condenaram o evento da Parada Gay, em Porto Alegre, sem nunca terem participado anteriormente, de outro, participaram do mesmo evento, só que em uma cidade do interior, Pelotas (Escondidos? De quem?) e, além disso, os dois informantes citados chegaram a distribuir panfletos sobre as reuniões do grupo, divulgando-as ao público da Parada. Mesmo reconhecendo o esforço e a tentativa de estabelecer relações com outros homens gays, seria produtivo divulgar, em uma cidade tão distante, as reuniões do grupo? Alguém iria? Esta cena nos faz pensar sobre as estratégias de entrar e sair do armário ao longo da vida: seus limites, possibilidades e desdobramentos. E, talvez, expresse uma vontade de participação mais explícita, em ambientes públicos, onde a visibilidade gay não aterrorize, não cause pânico ou prejuízos... Nesta idade, a partir dos sessenta anos, isto seria possível para estes informantes?

Açorianos chamou atenção para o desperdício de mídia que a Parada comete a cada ano, tendo como plateia toda uma parcela de porto-alegrenses, formada por casais heteroafetivos, mães, namorados e jovens, propensos a aceitar mensagens positivas sobre as lutas dos homoafetivos contra o preconceito, a discriminação e a rejeição social. Esses cidadãos heteroafetivos, em sua maioria, comparecem à Rua José Bonifácio e arredores desarmados de aversões contra aqueles que desfilam. Caso fossem extremamente preconceituosos e até homofóbicos, não presenciariam a Parada e se limitariam a caminhar dentro do parque, longe do evento. Se os organizadores contratassem uma empresa de publicidade, especializada em estratégias mercadológicas, para vender recados políticos, por cartazes, bânens, folhetos, mosquitinhos e tantos outros meios bem profissionais, esclarecedores das batalhas da comunidade homoafetiva para ser respeitada e socialmente

acolhida, com a finalidade de conscientizar as pessoas sobre elas, travadas para ter um espaço no meio social, poderiam ajudar a convencer essa parcela de que homoafetivo não é só futilidade, devassidão e mera diversão. Para isso, seria necessário que o enfoque da Parada fosse alterado, deixando de ser um movimento puramente sexista, com garotos de programa quase exibindo suas genitálias, pela transmissão de uma ideia muito negativa e distorcida da realidade dos homoafetivos (Ata da reunião, abril de 2010).

Mesmo não participando de grupos organizados em defesa dos direitos da comunidade LGBT, tão pouco das causas associadas à militância gay, mais diretamente, os integrantes do grupo acompanham os principais eventos e decisões jurídicas sobre a conquista de direitos dos homossexuais. De fato, eles mostraram-se bem informados sobre a pauta dos direitos humanos e sexuais e também acompanharam, sem se envolver diretamente, a constituição e a trajetória do movimento homossexual brasileiro.

“A gente tem uma perspectiva de ampliar isso para outros segmentos pois o convívio é muito rico, temos vontade de convidar outras pessoas que participam da vida lgbt que a gente não pode porque é um grupo privado que fica complicado né? Como é que vamos convidar um garoto de programa para dentro de casa? Pode ser um preconceito mas sei lá, enfim...Até entre nós os gays mais novos que entram a gente tem um cuidado de ver mais ou menos se a pessoa tem uma cabeça mais ou menos, eu noto isso” (Ricardo, 57 anos).

Certa vez, um integrante do grupo, pertencente à periferia flutuante propôs aos demais a ideia de fundar o PGB (“Partido Gay Brasileiro”) para que efetivamente a comunidade LGBT fosse realmente representada na cidade de Porto Alegre⁶⁰ e para que o grupo, a partir de uma iniciativa original e inédita, desde sua criação, fosse capaz de propor ações políticas em defesa da causa gay e da diversidade sexual.

(Diário de Campo, 19/06/2010): Quando cheguei à casa de Arlindo os integrantes do grupo estavam discutindo sobre conquistas do Movimento Gay nos estados de MG, SP e RS, outros países como a Finlândia e a Argentina também foram citados. Notei

⁶⁰ Por mais de uma vez, candidatos declaradamente gays se candidataram a uma vaga na Câmara de Vereadores de Porto Alegre sem nenhum êxito.

que durante o intervalo de tempo entre uma reunião e outra alguns informantes costumam pesquisar sobre a temática da cultura e do movimento gay, de uma maneira geral, para relatar no momento de encontro do grupo, a palavra é disputada, literalmente! Um integrante sugeriu ao grupo a ideia de fundar o PGB – “Partido Gay Brasileiro”. As opiniões sobre o tema foram divergentes. Mário logo adiantou: *“Eu sou contra o gay, mas sou a favor dos Direitos Humanos e não somente o direito dos gays”*. E continua: *“A parada só virou desse jeito por culpa do próprio gay, porque senão vira veedagem, virou um show! Então vamos passar outra imagem agora!”*. Outro informante afirmou: *“Não há uma necessidade de exibição de ser gay, não adianta segregar só no gueto, uma das coisas mais difíceis é sair do armário”*. Ainda, outro informante refletiu: *“A ideia do partido é maravilhosa, mas nessa altura da vida não tem o porquê”*. Alberto lembra a época que as reuniões eram realizadas nos espaços das duas Organizações não governamentais e elogia àquela experiência afirmando que as temáticas das reuniões eram mais ricas. No entanto, a maioria do grupo se posiciona contrariamente afirmando que com mais de dez pessoas não seria uma boa ideia, que perderia o aconchego e que não daria para construir nenhuma relação duradoura.

Esta posição, de certa forma recorrente nas reuniões, de desvincular a homossexualidade da prática sexual e ao prazer confere ao grupo um clima de constante vigilância, pois mesmo sendo um dos assuntos mais comentados entre os informantes, ficou claro, entre eles, que compartilham de modos “discretos”, monogâmicos e românticos acerca de suas parcerias e experimentações homoeróticas. Este discurso homonormativo no grupo de condenar certas atitudes e modos de viver a homossexualidade, de forma a criticar a “putaria”, o sexo desenfreado, ainda que produza alguns tensionamentos e resistências, mostrou-se muito produtivo no grupo.

“Por que o grupo até hoje não se formalizou como grupo politicamente inserido no contexto reivindicando essa coisa mais atuante na sociedade até de defesas dos nossos direitos e deveres... Por que? Porque tem pessoas que têm medo, por que o grupo não tem sede própria? Por que abriria tudo, e eu faço parte dessas pessoas, eu tenho medo que nessa abertura agente perca esse contato afetivo entre nós e que é uma realidade e até se pensou numa alternativa assim: vamos fazer o nosso

grupo e vamos abrir esse outro grupo, vamos levar a nossa experiência para um grupo maior. Nós manteríamos o nosso ti-ti-ti entre nós, o clube do bolinha ou da luluzinha, e num outro horário vamos abrir porque a gente vê tantos gays e jovens com situações tão complexas hoje em dia que eu acho que como a gente se reforça na amizade das pessoas e no próprio grupo né?” (Ricardo, 57 anos).

A questão que se coloca a partir deste grupo, é a reflexão sobre o fato de que nem todos os grupos gays devem ser, obrigatoriamente, militantes. De fato, acredito que nem todos os gays, por diferentes motivos, manifestam esta postura em relação a fazer parte de um coletivo a ponto de participar de debates públicos e sair às ruas, efetivamente, ao reivindicarem seus direitos ou apoiarem certas causas. Pude perceber que o grupo investigado, ao seu modo, acompanha os movimentos sociais e procura manter-se atualizado sobre as transformações contemporâneas da comunidade e militância LGBT. Talvez possamos indicar que o grupo expressa uma postura mais próxima de um espectador à protagonista, desde que discreto.

7.4 Gay? Não, homoafetivo! Mas seja discreto!

*“Eu não gosto de afeminados, é uma falha minha, o quanto nós temos que trabalhar nossos preconceitos”
(Alberto, 64 anos).*

A maioria dos meus seis colaboradores, ao se referir sobre si mesmos e aos demais integrantes do grupo se reconheceram como “gays”, “enrustidos” e até “semi-enrustido”. No entanto, não raras vezes, alguns informantes, sobretudo os da ala espírita do grupo, já se autodefiniram como “homoafetivos”. O grupo parece separar e hierarquizar “o afeto” da prática sexual. Por várias vezes me perguntei: o termo afetividade não contemplaria os desejos, as práticas e as experimentações sexuais? É possível separar a dimensão afetiva das práticas sexuais? Tanto a posição de Alberto quanto de alguns integrantes parece privilegiar e reforçar as relações interpessoais, em nome de uma amizade, em detrimento de relações

sexuais casuais ou transitórias. O trecho abaixo, enviado por Alberto, ilustra algumas questões a esse respeito.

Sem nenhuma fração de moralismo, cabe a pergunta: por que uma imensa parcela de homoafetivos SE RESTRINGE a ir a saunas, videolocadoras e cabarés, onde a energia emocional - sem mencionar a espiritual - é de baixíssimo calibre para mendigar uma migalha de afeto de profissionais do sexo? Será que esse imenso contingente de homoafetivos não tem capacidade, disposição, talento ou oportunidade, criada por eles mesmos, para não se limitar a buscar o sexo pelo sexo, preferindo, isso sim, procurar relações de amor mais sadias, maduras, estáveis, gratificantes, sólidas? No grupo, há casais, namorando ou casados, há um tempo que vai de três a 24 anos, confirmando que há possibilidade de construirmos esses relacionamentos desejados por todos nós. (Ata da reunião – junho de 2010)

Sim, a maioria do grupo parece rejeitar e combater práticas nomeadas por eles como “promíscuas” que estariam presentes no movimento LGBT, não sem produzir algumas resistências, como percebemos no relato deste informante:

“Eu não tenho tipo, eu tenho pressa. Pode ser promíscuo e ter um bom caráter, e daí? Qual o problema?” (João, 50 anos).

O informante citado acima, pertencente à periferia flutuante do grupo, é um dos poucos, quase único, que discorda da visão hegemônica e aponta para outras possibilidades de experimentações homoeróticas entre homens. Nas reuniões em que esteve presente João geralmente rebatia os argumentos de Alberto e da maioria dos integrantes a partir de suas experiências, sem nenhuma vergonha ou constrangimento. Além deste, apenas outro informante concordava com práticas sexuais em nome do prazer e da satisfação pessoal e não de um único amor ou de uma relação mais “saudável” como o acompanhamento ao grupo evidenciou. Assim, ao lado de João, Ricardo, este pertencente ao núcleo velho do grupo, esforçava-se para trazer às reuniões argumentos onde o desejo e o prazer deveriam ser vivenciados sem culpa, causada, segundo eles, pela história e influência do catolicismo. Quando estes dois integrantes uniam-se “contra” o restante do grupo a discussão “pegava fogo”. O único ponto que todos do grupo concordavam a respeito de práticas sexuais entre homens era o fato de não fazer nada forçado ou sem o consentimento do(s) outro(s) e, também, “sem violência” ou agressão física.

Na ata acima citada, quando Alberto escreve sexo pelo sexo, condenando-o, acaba promovendo e reforçando uma postura carregada de preconceitos que me remetem não somente ao discurso religioso, impregnado de dogmas e proibições, como também a um discurso da área da saúde, preocupado com o controle de doenças e com práticas “promíscuas”. As críticas às paradas gays, algumas manifestações de carinho escandalosas em público e as trocas constantes de parceiros sexuais ilustraram boa parte da pauta e dos debates compartilhados nas reuniões do grupo. Percebi, de maneira enfática, certas disputas em torno das “melhores” ou mais apropriadas formas de ser-parecer gay em sociedade, ou seja, em público, de certa forma defendidas pelo grupo. Esta e outras posições que denotam a circulação de regras e normas no grupo podem ser exemplificadas no relato de um informante.

“Eu faço uma catarse no grupo, solto a franga mesmo, brinco, me divirto, mas sempre tem preconceitos... Sim, claro, tem preconceitos no grupo: a questão da bichice, com gays delicados, afetados, com pessoas que usam ou usaram um tipo de droga, até bebida alcoólica, antes não se bebia no grupo. Às vezes tem até preconceito de religião, por exemplo, o Mário que é da Umbanda” (Ricardo, 57 anos).

Foi interessante perceber que, por um lado, ao mesmo tempo em que o grupo define e constrói regras de (con)viver e experimentar relações homoeróticas compreendidas por eles como saudáveis; por outro, o próprio tema sobre preconceitos também configurou espaço para debate no grupo a partir de algumas tensões levantadas por outros integrantes, mais jovens e não espíritas. Embora poucos, espaços para resistências foram demarcados no grupo.

(Diário de campo, 22/10/2009): Hoje alguns integrantes resgataram a temática do preconceito, discutida na reunião anterior, e voltaram a falar sobre travestis, esta ocupou a centralidade do encontro. A maioria relatou que não se sente atraído e nem cogita relacionar-se com uma delas. Apenas o informante Arlindo relatou que tem um amigo “mais feminino” e que está em processo de transformação corporal. Alberto sugeriu convidar uma travesti ao grupo, militante de uma ONG da cidade. A maioria, um tanto receosa, concordou, mas ninguém se prontificou a oferecer sua

casa para recebê-la! Foi uma situação engraçada, ficou um clima estranho no grupo, uma pausa, um silêncio que pareceu incomodar... Como se um esperasse pelo outro – quem teria coragem em receber na sua residência uma travesti? Esta foi a questão. Comentaram sobre sexo bizarro, bestialidades, pedofilia e necrofilia. Opinaram sobre o que seria certo ou errado no sexo, sobre os limites da sexualidade, sobre as culturas e os desejos de cada um.

Esta questão sobre uma diferenciação e hierarquização entre gays e travestis também fez parte das discussões do grupo Triângulo Rosa, investigado por Cristina Câmara. Alguns integrantes deste grupo, na época, se incomodavam com a associação realizada entre gays e travestis, fato este que prejudicaria o movimento organizado pela luta dos direitos dos homossexuais. Segundo a autora os gays investigados buscavam fortalecer a conotação política do termo homossexual e afastar a ideia de criminalidade, transpondo-a para a figura do travesti, uma vez que esta estava associada à prostituição, drogas e pequenos furtos (CÂMARA, 2002).

O comportamento discreto, a defesa pelo casamento gay e a busca por relações duradouras e monogâmicas mostraram-se questões recorrentes no grupo que investiguei. Em vários momentos os integrantes relataram que “*valia tudo*” entre duas pessoas desde que entre quatro paredes, que isto deveria ficar reservado à intimidade dos casais, mas que, em locais públicos ou outros espaços uma postura discreta seria imprescindível, e que valeria todos os esforços para aproximar-se dela.

(Diário de Campo, 16/01/2010): O assunto iniciou com o Fábio defendendo o tema sobre o casamento gay, ilustrou com uma notícia que leu em um site sobre o primeiro casamento gay, “não oficial” na China. A maioria do grupo, interessada, afirmou desconhecer. O grupo discutiu sobre o plano de direitos humanos do governo Lula e sobre a sua repercussão, principalmente com a partir das discussões e da força das igrejas e da bancada evangélica. Uma ideia defendida pela maioria do grupo foi a de certa evolução da sociedade, comparando o reconhecimento legal das uniões de gays atualmente à conquista e direito ao divórcio/desquite, quando dos escândalos de épocas passadas. Comentaram também sobre o aumento de

personagens gays na mídia, em novelas e programas de televisão e no cinema, alguns lembraram que muitos deles não tiveram um final feliz nos enredos e reclamaram ainda muito preconceito e dificuldades em mostrar uma vida gay feliz nas telenovelas brasileiras. O grupo se dividiu sobre a legalização do casamento gay como uma família tradicional heterossexual. Refletiram nos conflitos futuros na educação de crianças adotadas por casais em seus cotidianos e em alguns possíveis traumas que as crianças poderiam sofrer. Um assunto que rolou em um clima mais descontraído foi a diferenciação entre os termos gay e bicha. A maioria do grupo informou que prefere se relacionar com homens “não afeminados” e citaram, com ironia, alguns dos pseudônimos usados na linguagem de sites de bate-papo na internet: “macho quer macho”, “só homens discretos”, entre outros. Dois integrantes do grupo afirmaram que para casar e ter um relacionamento mais sério, teria que ser com gays discretos como eles e não com os chamados “bofes”, muito masculinizados, nem mesmo com gays muito afeminados.

No decorrer das reuniões a circulação de regras e posturas sobre os modos mais apropriados (e os condenados) de ser gay no grupo partia não somente da parte de Alberto, mas também da maioria dos demais integrantes. O controle e a vigilância ora se direcionavam para o outro, ora para eles próprios por meio de piadas e comentários irônicos. Procuro problematizar aqui duas cenas compartilhadas onde o debate se estendeu por alguns encontros: a primeira se refere ao fato de um integrante ter consultado o grupo sobre sua vontade de usar um brinco em uma das orelhas (pois, segundo ele, ficaria “*bicha demais*”); a segunda foi a paixão de um informante, o mais velho do grupo, que veio a falecer posteriormente, por um jovem, michê, freqüentador de uma boate gay. Em ambos os casos o grupo funcionou como uma espécie de fórum de conselheiros onde a opinião do(s) outro(s) se mostrou muito valorizada. A colocação do brinco foi aprovada pelo grupo, apontando para um adorno pequeno e discreto; já o envolvimento com um jovem michê não foi bem compreendido e aceito pelo grupo no sentido de lhe dar um alerta, um aviso de cuidado para que este informante não sofresse e para que não fosse enganado pelo rapaz que cobrava por seus favores sexuais. Enfim, o grupo pareceu não acreditar que esta relação fizesse algum bem

ao colega, direcionando seus argumentos na ênfase de exploração financeira do velho bobo pelo jovem aproveitador. A grande maioria do grupo reprovou o envolvimento com o michê, aconselhando-o a terminar seu envolvimento.

“Que droga de pessoa sou eu que não consigo celebrar uma parceria afetiva? Que belos seres humanos somos nós, homoafetivos, que preferimos freqüentar cabarés, videolocadoras e saunas à procura da satisfação de nossa libido e em busca de migalhas de afeto com profissionais do sexo, ao invés de buscarmos construir relações afetivas maduras, consistentes, sólidas?” O petardo foi desferido por Açorianos na reunião de 19 de junho de 2010, com 11 participantes: Alto da Bronze, Ponte de Pedra, Santana, Santana Dois, Partenon, Cidade Baixa Dois, Bonfim, Redenção, Açorianos, Jardim Europa e Ipanema, na rua Duque de Caxias (Ata da reunião – junho de 2010).

A proibição ou desaprovação sobre o sexo pago, sobre o envolvimento com michês, apareceu muito forte no período inicial de acompanhamento ao grupo. À medida que o tempo passava e, sobretudo no momento das entrevistas, alguns informantes relataram que, eventualmente, procuravam garotos jovens e sarados para se relacionarem, buscando-os diretamente nas saunas ou bares pontuais este serviço. Na primeira e, principalmente, na segunda entrevista que realizei com meus seis colaboradores, percebi que algumas questões e experiências específicas não eram compartilhadas no momento, coletivo, das reuniões quinzenais. Fui compreendendo que o grupo, ao mesmo tempo se caracterizava como um suporte para as diferentes situações de vida de seus integrantes onde se buscava conselhos e orientações, como também exercia um papel de júri, pois à medida que se compartilhava assuntos íntimos, os demais tinham o direito de opinar, concordar ou não com os fatos e cenas relatadas e manifestar seu veredito. Fui percebendo, neste sentido, certo jogo das verdades que circulavam entre Alberto e os demais participantes, nas reuniões do grupo.

Neste momento, cabe fazer um contraponto às características de meus informantes a partir dos estudos de Fernando Pocahy (2011) e Claudio Nunes (2012), que também investigaram homens homossexuais em espaços de sociabilização gay. Em ambos os trabalhos, os autores tematizaram, de diferentes maneiras, o sexo pago entre homens onde seus informantes, de diferentes idades, não apresentavam culpa alguma por suas experimentações. Estas se apresentaram,

inclusive, como uma espécie de cuidado recíproco entre o profissional e o cliente. Isto é, encontros sexuais que não se encaixam como exploração das representações do mais jovem pelo “velho bobo” ou “velho tarado”. Nas cenas analisadas um precisava do outro, configurando-se uma troca coerente, portanto, não desigual ou hierárquica. Fernando destacou que outras

performances se mostram mais abertas à dimensão pública para certos rapazes, como o serviço/produto de “fazer romancinho” (expressão usual), e que pode incluir o beijo, carícias públicas “espetaculares”, além de tudo o mais que pode entrar nos jogos do amor romântico como os ciúmes (...) O pacote de serviços inclui ainda outras variedades de representações do “amor” (POCAHY, 2011, p.127)

O perfil dos idosos investigados pelo autor, segundo ele, não se importou com os tradicionais fantasmas morais e com normas homonormativas hegemônicas de juventude e beleza e acabou por deslocar o estigma de uma velhice solitária e rejeitada para uma possibilidade de (homo)socialização produtiva e satisfatória, onde, o tempo das relações e a idade não são uma preocupação nem a questão mais importante.

Já a tese de Claudio Nunes investigou as possibilidades (homo)eróticas de homens frequentadores de um espaço de sociabilidade gay, também em Porto Alegre, onde acompanhou diversas experimentações sexuais entre homens de diferentes idades, além de shows de *striptease* masculino. O público que circulou no espaço pesquisado apresentou várias possibilidades de interação de maneira a resistir às práticas homonormativas. O autor presenciou algumas cenas sexuais entre jovens e idosos e outras onde o “estar fora” da cena também indicou significativo potencial erótico e prazeroso.

(...) penso que sujeitos com mais idade e outros que estão afastados dos padrões normativos de beleza – barrigudos, baixa estatura, magricelos, peludos, obesos, mutilados – são potencialmente excitáveis e excitantes também em contextos de orgia, contagiados e contagiantes em meio a outros corpos e envolvidos em trocas sexuais. Como a cena parece sinalizar, na escuridão do ambiente, estes também são “corpos que importam” (NUNES, 2012, p. 101)

As tensões que presenciei entre os integrantes, as quais podemos compreendê-la como certa (micro)política de homonormatividade, circulantes e

produtoras de alguns efeitos no grupo, também contemplou o debate sobre as diferentes formas de vivenciar os prazeres sexuais. Mesmo admitindo que as pessoas expressam-se de forma diversa e complexa, os relatos apontaram para práticas sexuais corretas entre adultos e que estas não estivessem desvinculadas de atitudes respeitadas, de carinho e que promovessem um envolvimento maduro e duradouro.

(Diário de campo, 22/10/2009): O grupo questionou-se sobre se haveria limites para o sexo e suas variações consideradas como estranhas, bizarras ou doentias. Práticas com crianças e animais foram excessivamente condenadas por todos. Novamente os preconceitos contra gays afeminados e travestis voltaram, com toda força, ao debate.

“Eu vejo uma busca das pessoas terem um relacionamento saudável, igualitário, homogêneo, por isso que eu estou no grupo, porque se eu tivesse visto essas coisas... Por que que eu não participo do mundo gay? Por isso, por causa dessas futilidades, essas maldades e ali não tem isso, devido à maturidade” (Ricardo, 57 anos).

Ainda em relação aos “melhores modos” e maneiras acerca do comportamento gay um informante do núcleo velho relatou, em mais de uma reunião, que não achou correto o fato de muitos homens casados se relacionarem com gays, considerando uma “*tremenda sacanagem*”, relatou Fábio. E justificou, com certo orgulho, o fato de não ter traído sua mulher com outros homens no período em que estava casado. Apostou no valor e defendeu uma relação afetiva, fechada, um compromisso, afirmou não aceitar traição nem promiscuidade, mas destacou que não moraria com o atual namorado, ainda por causa da repercussão que poderia acontecer em sua família. Relatou que manter um relacionamento em casas separadas é melhor e mais saudável para a relação, embora mostrasse um desejo de morar junto com outro homem, de compartilhar este tipo de experiência. Acerca de sua vida homossexual, pós-casamento heterossexual, Fábio relatou que passou por diferentes momentos de desejos e expectativas em relação às suas preferências e aos espaços e lugares que frequentou. Suas posições nas reuniões marcaram a defesa de um “jeito masculino” de ser gay, sem “desmunhecação”,

como destacou, afirmou não compreender o comportamento dos gays afetados, afeminados, muito menos àqueles que sonham em se tornar mulheres, além da expressão própria das travestis.

Para este grupo, ser homoafetivo e ser discreto parece não ser uma tarefa fácil. A exposição de um desejo, de uma preferência sexual no grupo, de um integrante, gerou uma situação conflituosa⁶¹, a ponto de gerar outras conseqüências, em relação à trajetória do grupo. Um informante do núcleo velho, ao expor que preferia se relacionar com homens mais jovens provocou alguns calorosos debates nas reuniões. Relatou-me, na entrevista, que já foi chamado de pedófilo, motivo pelo qual se afastou do grupo durante algum tempo, uma única vez, desde sua criação. O relato deste informante ilustra a situação destacada.

“Então durante um ano eu fiquei fora do grupo, por iniciativa própria, por razão de um colega nosso, por causa daquele episódio eu resolvi dar um tempo, e parar um pouco. Foi a forma da pessoa dizer. Mas hoje eu me dou bem, mas eu não gosto da pessoa largar em público e mesmo assim tem que ter muito respeito. Em várias reuniões eu trazia o assunto à baila, que nós diante das idiosincrasias de qualquer um do grupo nós fizéssemos que a pessoa se sentisse respeitada e qualquer coisa que a gente fizesse a gente tinha que ter uma sutileza muito grande para não magoar a pessoa e a recíproca fosse verdadeira, então essa sutileza de sentir quando a pessoa tivesse melindrada é importante. Eu abordei várias vezes esse assunto no grupo, mas por que, exatamente dizendo o milagre mas sem dizer o santo, mas claro que no fundo era em causa própria. Ou seja, vamos nos comunicar, vamos brincar, vamos falar. Sabe que cada um tem um segredo que nós sabemos, mas mesmo que a pessoa seja impelido de contar, que a ameaça seja zero, que a gente não desse um sorrisinho irônico, que aliás eu sinto nas reuniões (...) Tu fostes naquele que eu chorei? Sabe que eu normal assim, jamais iria falar o troço, mas eu gosto muito de vinho branco suave, ele não deixa o cara bêbado, ele solta, relaxa, mas não no sentido agressivo” (Robson, 71 anos).

A tendência do grupo em apostar e buscar “um amor verdadeiro” bem como certos comportamentos e atitudes necessárias para encontrá-lo, denotando uma pedagogia homonormativa no grupo é, mais uma vez, destacada no trecho de uma ata de reunião.

⁶¹ Esta foi a única situação de conflito, formalmente, que me foi relatado no grupo em todo o período de permanência no campo.

O debate trouxe uma verdade à tona: ou continuamos circulando por saunas e videolocadoras à procura do sexo casual, com relações voláteis e frívolas, como acontece com praticamente 90 por cento de nossa comunidade, ou amadurecemos para relações afetivas, investindo no sentimento e buscando-o em relacionamentos que não se tornem tão vazios como o ato sexual impessoal. Quem sabe se os direitos assegurados pelo Supremo Tribunal Federal não vieram a estimular as pessoas, por meios indiretos, a que visem a apostar no coração e não apenas ficar limitadas à região das virilhas? As conquistas no STF nos garantem direitos, sim, mas também nos determinam deveres. Agora, quem se unir a alguém terá que ver o parceiro ou a parceira como um ser humano, e assumir responsabilidades diante de sua presença na sua vida. Essa busca incessante de sexo pela maioria de nós não seria uma fuga frente à dificuldade de encontrarmos um amor verdadeiro? Como não acreditamos que podemos chegar lá, compensamos nossas frustrações sob tóraxes bem esculpidos nas academias ou bundas bem torneadas e apetitosas. Depois do debate, surgiu um estalo: essa compulsão do sexo pelo sexo não seria uma forma de confessarmos a nós mesmos que não temos consistência e maturidade emocional para investirmos no afeto, encarando o sexo como uma parcela, valiosa, dele? Como explicamos que companheiros freqüentem saunas, às vezes três vezes por semana, nos mais variados pontos da cidade, encontrando algumas higiênicas e confortáveis, e deparando-se com outras, verdadeiras pocilgas, e saiam delas com um vazio muito grande no peito? Se o orgasmo é um momento muito fugaz, extremamente gratificante, mas de evaporação rápida, por que as pessoas se contentam com ele e não dispensam tempo e esforço em relações em que não haja a mera impessoalidade de atos puramente físicos, sem qualquer vínculo com o coração? Será que relações efêmeras bastam a todos nós? (Ata de reunião, maio de 2011).

É visível que a presença de Alberto é multiplicada por meio do envio de suas críticas às relações fugazes, puramente físicas que acabam reforçando um modelo heteronormativo, de casamento, fidelidade e monogamia. No entanto, é interessante pensar que uma parcela significativa do Movimento homossexual também aponta e reivindica nesta direção. Uma questão interessante é que o grupo parece não admitir uma falsa moral como em geral se vê, onde as pessoas defendem o casamento, porque politicamente é importante, mas na verdade continuam fazendo “galinhagem” ou “sacanagem”, e experimentando outras relações. Esta postura de cobrança cabe, no grupo, ao coordenador, à “Madre Superiora”. No entanto faz-se oportuno destacar que ela é, em parte, referendada pelos demais, embora Alberto diga isso com muita força, muitos no grupo também apresentaram esta posição, embora, talvez, mais flexível. Seja para conhecer outras possibilidades e vivências sexuais, seja para buscar opiniões de especialistas sobre o tema da (homo)sexualidade, percebi que umas ações preferidas de Alberto era convidar outras pessoas para

visitar o grupo e dissertar sobre um tema específico. Esta posição de chamar personalidades e profissionais de certa forma envolvidos com a “causa gay”, ao invés de engajar-se a eles ou ao Movimento Homossexual, mostrou-se consentida e aprovada pelo grupo.

7.5 O Sofá da Hebe⁶²: os convidados do Grupo

Uma das cenas específicas em relação a este grupo de homens refere-se à motivação em convidar outras pessoas/personalidades da cidade para visitar o grupo, em uma reunião cuidadosamente agendada, e debater sobre algum tema em especial, seja da área social, política, jurídica ou religiosa, desde que articulado com a temática da homossexualidade.

Mesmo com a negativa de alguns convidados em comparecer ao grupo, esta prática tornou-se recorrente e acabou se transformando em um verdadeiro ritual: cardápio especial, flores, fotos e filmagens fizeram parte dos cenários preparados para receber os/as convidados/as⁶³. Geralmente estas reuniões aconteciam nas casas mais confortáveis entre os participantes. Como já apontei no item 7.3 – “*Entre a sala e a Rua*” da tese, o grupo não se mostrou engajado, explicitamente, a organizações do Movimento Homossexual, no entanto, procura acompanhar a diversidade de questões acerca das articulações que envolvem a homossexualidade. Neste sentido, meus colaboradores preferiram convidar algumas pessoas militantes e estudiosas no assunto para debater, em um território bem conhecido deles, suas próprias casas, a ter que participar de eventos públicos e/ou que exijam um engajamento maior. Seria uma estratégia mais segura, confortável e/ou cômoda para eles?

Ao permanecerem em seus ambientes domésticos pareciam, em alguma medida, evitar uma visibilidade gay mais organizada e que demandaria outras ações

⁶² Conhecida e tradicional apresentadora de programa de televisão, famosa por suas entrevistas, realizadas sempre em um sofá, falecida em 2012.

⁶³ Tive a oportunidade de acompanhar algumas destas reuniões, pessoalmente; as demais foram acompanhadas pelas atas, recheadas de detalhes, enviadas por Alberto.

e/ou posturas sociais, vinculadas a um coletivo maior. Percebi, assim, que o grupo funciona como uma espécie de “observatório” da sociedade: discute, analisa e convida algumas lideranças para uma apropriação mais aprofundada, sem, no entanto, propor alguma ação efetiva e organizada pelo próprio grupo, para a concretização das causas gays e dos problemas que os afligem e que discutem nas reuniões. Neste sentido, não se pode compreender que o grupo exerça uma postura alienada em relação aos temas LGBT, mas também não indica uma postura militante. Mostram-se informados, manifestam suas opiniões, convidam pessoas, mas fazem isso a partir de suas casas.

O perfil dos convidados destas reuniões especiais, as quais agruparam a totalidade de integrantes do grupo, reflete o interesse destes sobre temáticas como: reivindicação e legalização de direitos, autoaceitação gay, conflitos familiares e no ambiente de trabalho, violência contra homossexuais, casamento gay, diversidade sexual e objetos de desejo, entre outros. Os convidados que compareceram às reuniões foram: uma travesti, artista da noite porto-alegrense que foi candidata à deputada estadual; uma mulher, militante lésbica, candidata à prefeitura; uma transexual; uma juíza e desembargadora, especialista em direito homoafetivo; um médico; um consultor em direitos humanos e defensor de causas das minorias e, mais recentemente, um frei, católico “revolucionário”, que dissertou sobre a homossexualidade a partir do interior de uma igreja católica, com uma riqueza de detalhes singular. Cabe destacar que além destes citados, o grupo convidou, mais de uma vez, alguns psicólogos⁶⁴ para falar sobre a homossexualidade: auto-aceitação, enfrentamento de conflitos, relação com a família, solidão e relações interpessoais, de uma maneira geral, foram os temas encomendados.

Os integrantes do grupo demonstraram buscar, constantemente, alguma(s) explicação(ões) para a causa da homossexualidade, uma justificativa, e parecem atribuir à figura do psicólogo e às práticas terapêuticas caminhos confiáveis para resolver seus questionamentos. Ainda houve a intenção em convidar mais uma travesti e um “michê” para participar de uma reunião. A iniciativa e a necessidade de convidar pessoas de fora do grupo geralmente partiam de Alberto, o qual as

⁶⁴ É oportuno apontar que o coordenador e alguns integrantes do grupo participam ou já participaram de sessões de análise e que outros três informantes, já fizeram uso de medicação para depressão.

destacava constantemente, sobretudo nas atas das reuniões, com o objetivo do grupo se autoanalisar, de se construir “mais gente” e evoluir como ser humano. Abaixo seguem alguns trechos das atas que denotam tal investimento.

O psicólogo Manoel confirmou nesta terça-feira, 19, que estará em nossa reunião em 30 de abril, sábado, às 18 horas. Analista junguiano e psicólogo em cuja clínica, circulam também homossexuais à procura de seu equilíbrio emocional e da solução de seus conflitos, Manoel informou estar preparando alguns tópicos que poderemos todos abordar. Traze tua dúvida, mas não o interpeles como uma consulta individual. E o ideal para nossa reunião é estarmos agregados numa roda de chimarrão, bem ao estilo dos peões das fazendas em torno dos galpões. Assim, todos nos enxergaremos e estaremos física e afetivamente próximos, sem as barreiras da formalidade e da conseqüente frieza humana. Será um belo encontro, para nossa imersão em nós mesmos e a emersão rumo a tempos bem mais felizes (Ata de reunião, abril de 2011).

Outro convidado poderá ser o infectologista, obstetra e sanitaria, Sinval Roriz. Ele faz, como médico, um trabalho de conscientização e apoio junto à massa carcerária de um município da grande Porto Alegre, em nome do Ministério da Saúde. Há muitos anos, esse nosso companheiro vem prestando relevantes serviços na área da saúde junto a uma população, cada vez mais numerosa, que também precisa ser ajudada e orientada para que evite a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS. Oferece aos detentos, inclusive mulheres, um tratamento médico digno e humano. Aprendeu a se humanizar e a crescer, como gente, inclusive próximo ao público homossexual, muito vasto dentro das celas e galerias das penitenciárias. Será uma oportunidade muito valiosa para que possamos ter uma ideia de como estão as lutas, junto a uma comunidade carente, sofrida e marginalizada, para que a AIDS não se espalhe ainda mais, causando tantos danos a pessoas, famílias e grupos sociais (Ata de reunião, maio de 2011).

Outra questão que posso destacar a partir das atas é uma posição um tanto fantasiosa, por parte de Alberto, de que há muitos homossexuais nas prisões e/ou imaginar, também, que a maioria deles vive em saunas. Tal postura me remete a certo elemento de pânico moral. Conforme destaca Richard Miskolci na década de 1980 com “(...) o surgimento da AIDS, propostas mais profundas e radicais de transformação social perderam apelo diante do problema da epidemia que reavivou antigos pânicos morais” (MISKOLCI, 2008, p.108).

Uma das experiências mais gratificantes do grupo é perceber como as pessoas crescem, graças a ele. Graças a ele? Só? Claro que não. Graças ao mérito de cada um de buscar sua verdade, seja qual for, ajudado pelos amigos, num clima muito

gratificante, fraterno, descontraído e onde rola um conteúdo que, em geral, causa inveja a quem deixa de comparecer aos encontros. Hoje, às 19 horas, teremos mais uma oportunidade de estarmos juntos. E isso não é pouco. É algo que construímos ao longo de 11 anos e, mais recentemente, desde 23 de maio de 2008, em todas as quinzenas, sem interrupção. É visível como osicineiros estão crescendo como seres humanos. Determinados companheiros escancaram, a olhos vistos, que estão superando dificuldades e evoluindo como gente, libertando-se, pouco a pouco, da inhaca que traziam como carga pesada sobre os ombros. Há gestos, atitudes, posturas, comportamentos, opiniões, enfim, um material psicológico muito proveitoso, a denunciar que houve avanços muito consideráveis em direção a uma qualidade de vida que todos perseguimos. Essa é uma luta. Uma caminhada. Uma peleia em que nos envolvemos para chegar à felicidade (Ata da reunião, junho de 2010).

Ao mesmo tempo que Alberto estimula que “cada um busque a sua verdade”, ele próprio constantemente reforça as regras e modos mais apropriados de se expressar no grupo e, também, fora dele. Apesar de destacar uma multiplicidade de expressões e de posturas entre os homossexuais, seu discurso aponta para o caminho da busca de “uma felicidade” para todos, preconizada por ele. Ao trazer estes/as convidados/as ao grupo, pessoas engajadas socialmente com o tema da homossexualidade, talvez esta seja uma forma, uma espécie de ensaio destes homens de se aproximar, do seu jeito, de certa militância gay, ainda que dentro de uma sala de um apartamento. Até que ponto? Os rituais de receber convidados nas reuniões do grupo são aprovados pelos integrantes do grupo e, além de se prepararem para o tema destas reuniões especiais, também buscam estudar a trajetória do/a convidado/a para poder debater e questionar.

Posso destacar alguns efeitos destas visitas ao grupo: o discurso dos psicólogos no sentido de aconselhar a fazer terapia é muito bem-vindo aos informantes, assim como o uso de medicação controlada, em casos extremos, com o objetivo de combater a solidão e a não aceitação de se reconhecer como homossexual. As visitas políticas, seja para o cargo de vereador/a ou de deputado/a, foram comemoradas por todos, foi o momento do grupo poder discutir e ouvir propostas sobre a pauta do movimento LGBT e expor sobre questões que lhe incomodam. Uma questão interessante foi o fato de, apesar de o grupo ter manifestado certo constrangimento e até repulsa por travestis, no decorrer de sua trajetória, a maioria dele, de certa forma, aprovou e manifestou simpatia à convidada

travesti, artista da noite porto-alegrense. Esta recebeu elogios pela “*coragem de se candidatar e de defender a causa LGBT, sem rodeios*”, conforme apontou um integrante. Principalmente os informantes do núcleo velho afirmaram-se surpresos com a desenvoltura e os argumentos apresentados por ela no momento da reunião.

Outro momento muito comemorado pelo grupo foi a visita de uma juíza, aposentada, defensora das causas homoafetivas. Além de encantar a todos com a exposição de seus contatos com o mundo político de Brasília, e de seus embates, no sentido de qualificar a luta por direitos sociais, o grupo praticamente a elegeu como sua “madrinha”. Por vários momentos esta convidada destacou que percorre o Brasil inteiro fazendo “*cerimônias belíssimas*” de casamentos gays. Tal ideia foi apoiada pela maioria dos integrantes do grupo, quase como um objetivo de vida a perseguir.

O principal impacto de uma visita ao grupo foi, certamente, certo incômodo que um jornalista, especialista em Direitos Humanos provocou. Segundo meus colaboradores este convidado ao mesmo tempo em que elogiou a dinâmica e trajetória do grupo, considerando-o praticamente inédito, questionou se o mesmo já tinha realizado ou participado de alguma ação efetiva, da comunidade LGBT da cidade e/ou quais causas este coletivo de homens havia apoiado ou se engajado, politicamente, além de participar das reuniões caseiras. O relato de Alberto ilustra a cena.

“Tanto é que quando um dos convidados que vieram ao grupo, o Marcio Rodrigues, ele perguntou para o pessoal: vocês não tem um projeto social de tomar alguma posição diante de um problemas homossexual, perante à sociedade, à imprensa? Vocês não tomam providencia por alguma causa? Isso foi forte e mexeu. Aí o Bento trouxe essa questão e ninguém quis entrar... todo mundo ficou nessa coisinha social, e disseram que não é uma ONG, não temos esse objetivo e tal” (Alberto, 62 anos).

Como a questão da visibilidade e o receio em se expor fazem parte do histórico e da trajetória do grupo a visita deste convidado serviu para, inicialmente, provocar momentos de reflexão no grupo – uma espécie de “crise de identidade”. Alberto, sobretudo, foi o informante que se mostrou mais preocupado com as observações direcionadas ao grupo. Mais uma vez a questão do armário voltou a ser tema das discussões, uma postura politizada afinada com o Movimento LGBT

passa, ao menos no discurso, a ser cobrada pelo coordenador produzindo efeitos no grupo. Crise, (micro)revoluções foram novamente tematizadas a partir do entrar e/ou sair do dispositivo do armário. Assim, ao invés de participar de ações ou movimentos organizados pela comunidade LGBT o grupo parece fazer o caminho inverso: prefere convidar militantes e estudiosos da cena gay a visitá-los. Neste sentido, o grupo acaba encontrando uma forma de “participar” do movimento LGBT, ainda que de “dentro” das salas de suas próprias casas. Posso pensar que, de certa maneira, os convidados do grupo, e suas ações, talvez representem àquilo que eles gostariam de fazer no sentido de se aproximar de uma sociabilidade mais ampla, engajada e comprometida politicamente. A questão da visibilidade gay, seus desdobramentos e suas relações com a metáfora do armário são tratadas a seguir.

7.6 Dentro e fora do Grupo – dentro e fora do Armário?

Foi evidente no grupo, a preferência de seus integrantes pelos encontros das reuniões no ambiente doméstico, privado, de suas próprias casas. A grande maioria relatou sentir-se melhor com esta estrutura e sistemática do grupo e não manifestou a intenção em retornar as reuniões nos espaços já ocupados anteriormente, ou seja, as duas ONGs do movimento militante citadas. Ao mesmo tempo, desde os primeiros encontros que presenciei estes homens ensaiam outros momentos extra-reuniões, em ambientes distintos, que possam permitir relações mais próximas entre si, uma vez que os encontros quinzenais, em suas casas, não oferecem um aprofundamento maior de vínculo, entre todos do grupo, segundo a maioria deles. Esta é uma queixa do grupo. Geralmente o desejo coletivo mostrou-se direcionado a duas questões: uma relacionada a encontros de lazer ou festivos, em bares, boates, encontros para almoçar ou jantar, idas a teatros ou exposições; e outra se referiu ao planejamento de pequenas viagens, a partir de roteiros turísticos específicos.

Mesmo com inúmeras reclamações entre os integrantes e solicitações de se reunirem em outros locais, poucas ações foram concretizadas neste sentido. Na maioria das vezes uma iniciativa individual sobre algum programa específico

conseguiu reunir poucos integrantes em alguns momentos tímidos, isolados, se pensarmos na totalidade de seus integrantes. No entanto, quando o assunto foi organizar a confraternização de final de ano, o grupo conseguiu se mobilizar e realizou três encontros significativos: dois almoços (2009 e 2010); e uma confraternização em um bar do circuito gay da cidade. Cabe destacar que a maioria do grupo relatou que se sentiu mais à vontade nos encontros do almoço, ao ar livre, à confraternização no bar gay. Mais uma vez, a ideia de uma visibilidade gay é evitada no grupo. No entanto, eles mesmos já se reuniram em um espaço maior, onde um dos integrantes é sócio, para assar um churrasco, ainda que alguns deles levantassem a seguinte questão: “*Será que um grupo de aproximadamente 10 homens, sem esposas, iria chamar muita atenção?*”. Por outro lado, os mesmos informantes já frequentaram um bar gay, como grupo, pelo menos uma vez para um encontro de final de ano.

(Diário de Campo, 17/12/2009): Os integrantes planejaram um encontro festivo do grupo, diferente do ano anterior que fizeram um churrasco na sede campestre de um clube onde um dos informantes é sócio. Desta vez preferiram comemorar em um local público, em um barzinho “alternativo” da Rua República (conhecida região pela quantidade de bares e pela circulação de gays na cidade) ou em um bar especificamente gay da cidade. Após votação a maioria preferiu o bar gay pelo conforto e ambiente discreto.

Muitos informantes concordaram que seus comportamentos mudam de acordo com os lugares que frequentam, que é preciso ficar mais vigilante em lugares públicos, entre desconhecidos e também com familiares e colegas de trabalho. Ou seja, as negociações entre sair ou permanecer no armário configuram-se como contingentes, são relativas a certos lugares e pessoas. E ainda, no grupo parece que não se pode “chamar a atenção demais”, exageros na oralidade e na expressão corporal são condenados, é preciso ser discreto e isto requer certos investimentos. Percebi, no entanto, uma noção de hierarquia entre os participantes do grupo em relação à visibilidade gay e aos comportamentos compartilhados no momento das reuniões.

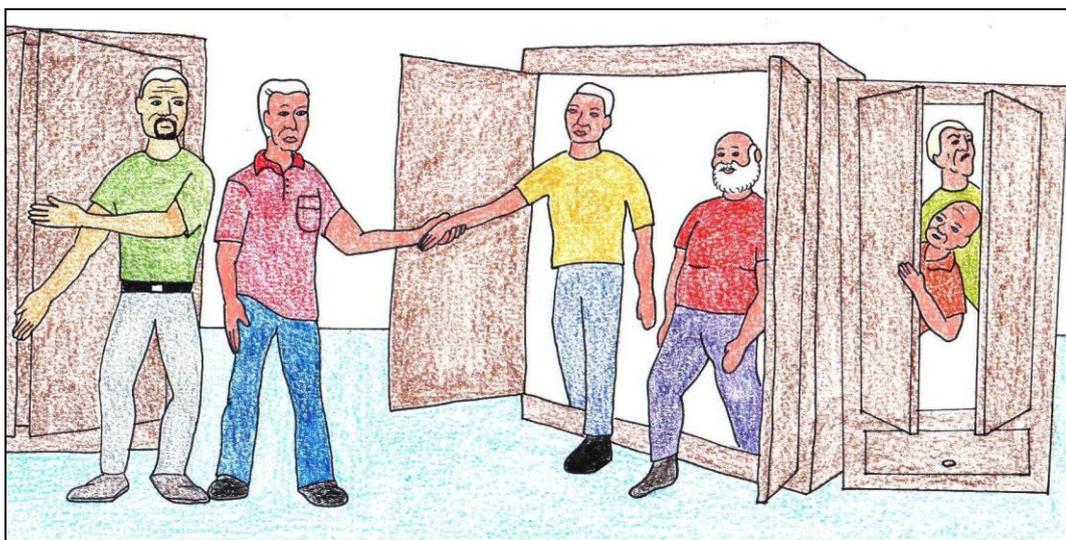


Figura 9: Entre armários e gavetas

“Hoje eu sou assumido, menos na família, não senti necessidade, porque eu dizer, pra quê? Não sei se mudaria, mas se eu tivesse casado e tivesse que deixar algo pra alguém aí eu falaria. Se alguém perguntar eu falaria, se partisse deles, mesmo eu procuro defender os gays, se os meus irmãos perguntassem eu diria, mas os meus pais eu não sei, eles são muito velhos, é complicado, eles não conviveram com gays na vida deles e só conhecem os estereótipos negativos” (Arlindo, 58 anos).

“Lá no interior na família eu nunca levei ele pra lá, mas atualmente eu apresentei ele pra dois primos e foi ótimo, eles já o conheciam antes como meu amigo e agora sim eles gostaram muito. Mas lá no interior não dá, é pequeno, lá eu não vou com ele, só se for meio escondido, mas é complicado e aqui com vizinhos não tem problema, é um prédio grande e ninguém vê nada, é como eu queria, eu já pensei nisso antes, na privacidade” (Otávio, 59 anos).

(Diário de campo, 04/02/2010): O assunto “dar pinta” voltou à reunião do grupo e um integrante provocou: “Quem é o mais bicha no grupo?”. Alguns relatam que conhecem outros gays somente pelo olhar, que não teria engano. Outro destacou: “Não que tu seja bichinha, entendeu?” Referindo-se a outro informante. Essa espécie de jogo que pode identificar o outro, mostrou-se como um consenso no grupo, no entanto os informantes não aceitam este rótulo identitário (“bichinha”) o qual consideram pejorativo. Otávio muda de assunto e comenta que, aos poucos, e com muita dificuldade, está abrindo sua relação para mais pessoas. Relata que está no grupo pela afinidade de idade, porque se sente à vontade e pelas coisas em

comum. Áureo, seu companheiro, afirmou ter certo receio e até mesmo vergonha de ir aos lugares com o Otávio, devido à sua postura e ao seu emprego, pois trabalha na área administrativa de uma empresa. Relatou que podem até existir outros gays por lá, mas que ninguém sabe e que ninguém nunca saberá, ele destacou que *“precisa ser discreto”*. A maioria admite que hoje os tempos são outros, mais abertos, mas que ainda se tem uma imagem promíscua dos gays, e também dos casais homossexuais. Otávio comentou que não entende a bissexualidade, mas que conhece homens heterossexuais sensíveis e que conhece pessoas que se assumem só depois dos 30 anos.

“Antes do grupo eu sempre já era assumido, eu sou o que sou e não faço questão de escancarar, se as pessoas descobrem a gente administra sabe, não sou de carregar bandeiras, sabe aquela coisa “I am gay”, isso não é a minha praia. Sim fora do grupo eu tenho alguns receios, mas dentro do grupo me sinto totalmente à vontade, algumas situações assim: quando está em cheque a situação de dizer que é gay e é incompetente, aí não”! (Ricardo, 57 anos).

(Diário de Campo, 08/05/2010): O tema do assumir-se gay volta ao debate. Alberto afirma que: *“É bem melhor se assumir para si mesmo, não levantando bandeira, é bem melhor!”*. Um integrante continua e afirma: *“O gay tem que se fazer respeitar”*. Outros dois acreditam que as pessoas nascem gays e que ninguém opta por isso, mas reconhece, no entanto, que existem vários tipos de gays.

É interessante o jogo discursivo circulante no grupo - eles todos não se assumem, do modo como entendemos se assumir publicamente, mas usam o termo para falar de se assumir para si mesmos. Tal fato pode remeter tanto a uma negação identitária (advinda, por exemplo, de associações históricas, pejorativas, dos termos gay e/ou homossexual) como uma posição de afirmação, desde que esta não seja visibilizada. Tal jogo linguístico pode configurar-se como uma relação com o dispositivo do armário muito particular do grupo. Neste momento é oportuno refletir sobre o significado de “se assumir para si” no grupo. Isto seria sair ou ficar no armário? “Não levantar bandeira” significa ser contrário ou não participar do movimento e/ou da militância? Certamente a associação entre sexo e homossexuais parece incomodar os integrantes do grupo, sobretudo meus seis colaboradores mais

velhos. Alberto relatou que durante sua fase adulta apresentava dificuldades em “se olhar no espelho” e de se reconhecer como gay e, que sofreu por isso, o qual o levou a freqüentar, durante vários anos, sessões de análise.

Como já referi, outros integrantes do grupo parecem fugir das classificações como os termos “gay” e “homossexual”, devido a sua forte associação ao preconceito e, algumas vezes, afirmaram que gostariam de ser reconhecidos como “homens que gostam de outros homens”. Posso compreender que com o passar do tempo, os integrantes do grupo parecem ter se acostumado com este relativo anonimato, e que isso exige certos saberes para jogar e negociar sua própria sobrevivência entre hetero e homossexuais a fim de evitar situações desconfortáveis ou conflitos advindos de sua revelação.

(Diário de Campo, 17/07/2010): Alberto afirmou que todos do grupo são de alguma forma, enrustidos. E Otávio logo afirma: *“Eu sou semi-enrustido, lá com o pessoal do hospital ele [seu companheiro, Áureo] não vai, não levo ele. Hoje eu já sei as pessoas para quem eu posso dizer e ficou bem melhor depois que eu contei”*. E Áureo, destaca: *“A minha dificuldade é maior: na área da Administração o preconceito é terrível”*.

“Sempre tem uma certa incompreensão do heterossexual em relação ao mundo gay, sobre o que fazemos etc. Hoje ainda a família do meu companheiro faz de conta que não sabe, faz aquele jogo, sabe, então a gente tem um certo cuidado, no comportamento, no que se fala, há um certo policiamento da nossa parte, eu faço isso em função do meu companheiro e da família dele, porque se fosse por mim, eu chegava lá e fazia o famoso beijo gay, sabe? Só pra deixar bem claro às pessoas” (Ricardo, 57 anos).

(Diário de Campo, 19/06/2010): Volta ao debate o assunto de certa preocupação que o grupo apresenta em assumir-se perante os outros. Otávio afirma que: *“A minha vida não é fácil, e agora complicou! Depois que eu o assumi, oficialmente, é difícil conciliar, dá muito trabalho. Mas estou bem e hoje só me arrependo do medo que eu tinha quando eu o conheci (sobre seu relacionamento de mais de 10 anos com Áureo), eu demorei 2 anos para colocar ele dentro da minha casa, mas valeu!”*. Outro informante continua: *“É o que todo mundo quer: um namorado gentil e educado”*. Outro integrante entra na conversa e afirma: *“Lá no meu trabalho eu sou*

assumido, todo mundo sabe, todos me aceitam. Mas eu sofro de depressão há 4 anos". "Isso que é o bom do grupo, a gente fala de coisa séria brincando", complementa Ricardo.

Açorianos lamentou que ter vergonha de plenamente assumir sua sexualidade é, para ele, um obstáculo para a auto-realização. Uma realização a que os efeminados não têm acesso quando o preconceito contra eles fala mais alto, rejeitando-os. Essa recusa em aceitá-los aparece muito nos portais eletrônicos de relacionamentos. Partenon⁶⁵ festejou o fato de trabalhar num ambiente privilegiado em que pode manifestar sua sexualidade, sem sofrer represálias. Sua chefe é mulher e seus três colegas homens. Um deles é um machão inveterado, cuja amizade conquistou. Partenon gosta muito de bananas. Sobre sua mesa, elas permanecem diariamente e um cacho pende do teto sobre sua cabeça. A mulher do machão lembrou-lhe de presentear o oficinheiro com a fruta, sabendo de que ele a aprecia. Há alguns dias, um colega de trabalho visitou minha sala, por motivo que foge à necessidade profissional. De repente, começou a desferir ataques velados e indiretos contra mim, ressaltando minhas fragilidades. Minha primeira reação foi a de diplomaticamente fazê-lo ver que não tenho vergonha alguma de ser homoafetivo (Ata de reunião, agosto de 2010).

No relato abaixo, o próprio Alberto explica suas razões para não colocar o nome dos integrantes nas atas que envia a todos do grupo. Mesmo que para alguns informantes esta questão não faça sentido, ninguém questionou ou reprovou a postura do coordenador.

Ao invés de citarmos os nomes das pessoas nos nossos relatos de reuniões, preferimos trocá-los pelos bairros nos quais moram. Ou pelos espaços públicos próximos às suas moradias. Não se trata de enrustimento, propriamente. Como as redes digitais são muito vastas e esses textos podem cair em mãos duvidosas, é sensato preservar as identidades, até por que nosso trabalho envolve, como não poderia deixar de ser, rigoroso sigilo. Graças a ele, as pessoas, quando desejam, desnudam-se emocional e humanamente (...) Assumir a homossexualidade junto à família, ao trabalho, à religião, aos amigos e ao convívio social implica uma construção individual. Cada um tem seu ritmo e seu tempo para adotar essa atitude. É essencial que a pessoa se sinta à vontade para decidir por essa escolha. Muitos não seguem tal caminho com medo da reação do outro, em função da homofobia. No sentido de uma plena adoção, também externa, de sua expressão sexual, uma psicóloga perguntou a um oficinheiro, seu paciente, se ele se imaginava entrando no edifício em que mora com um homem, que poderia ser seu namorado ou parceiro sexual eventual. Se ele aceitava essa possibilidade, sem

⁶⁵ Outro nome de um bairro da cidade, para identificar um integrante do grupo.

medo de encontrar vizinhos, por acaso, no corredor ou no elevador. Diante da resposta negativa do oficinairo, ela argumentou que quem não admite uma situação dessas tem a tendência de bloquear a construção de um namoro ou um encontro sexual (Ata de reunião, outubro de 2010).

Nos depoimentos abaixo destaco que a preocupação com a família ocupa um lugar central para os informantes a respeito da complexidade de saber ou não, de dar satisfações ou não, sobre sua vida sexual e seus possíveis desdobramentos.

“A minha única preocupação na verdade, é com as minhas filhas né? Eu não sei como elas vão reagir, nem sei se sabem, mas como elas são extremamente importantes pra mim, eu teria algum tipo de senão, mas nem por isso eu vou andar escondido, eu não faço nada errado, não me considero assim um pecador. (...) Eu comecei a ter, foi uma fase complicada essa transição, até aceitar a homossexualidade plenamente, em função de que eu tinha mulher, filhas, sogra. Eu me coloco na posição assim: não me escondo, não ando fugindo, se me perguntarem eu vou admitir. A minha mulher sabe, a minha irmã sabe, acho que o pai morreu sem saber, acho que meu irmão não sabe, não sei, eu tenho a impressão que a minha irmã não abriu pra ele. E eu estou assim na minha, continuo o mesmo, agora não fico abrindo a minha vida pra ninguém, quem é que vai deitar na minha cama nunca ninguém me perguntou. E a minha relação é muito boa, eu tenho 3 filhas e uma neta. Eu continuo sendo o paizão, fiquei 24 anos casado. Já saí em um evento social com meus antigos namorados, mas para um deles foi mais complicado, e todo mundo sabia e não mudou nada. A gente já se apresentou como casal, não tenho nenhum problema em relação a isso, que pensem o que quiserem” (Fábio, 62 anos).

“Assumir não, com ninguém da minha família, nem com primo, irmão, nem pai nem mãe, nunca me assumi, nunca me perguntaram. Nos 8 anos que eu morei com o meu namorado, ele sempre ia junto nas festas de família, ficava subentendido né? Eu gostaria que a família soubesse, mas eu acho que os meus pais não têm cabeça pra aceitar esse tipo de coisa, é uma criação antiga, né? Eles têm mais de 80 anos, eu acho assim se eu tivesse mais jovem seria uma sensação diferente, acho que tu ficas bem mais leve, pra relaxar, até tua vida tudo é capaz de dar uma melhorada, se tiver um relacionamento aceitável na família, acho que deve ser alguma coisa bem legal. Eu aceitei sempre muito naturalmente a minha homossexualidade, eu vejo a maioria dos gays fazendo análise e isso e aquilo e depressão eu não, foi uma coisa bem natural, nem culpa nem nada, e eu tinha um amiguinho gay e nós éramos amigos lá em Venâncio, e hoje ele mora no Rio de Janeiro, eu nunca tive nenhum conflito. Nunca sofri nenhum preconceito no trabalho, nunca foi diretamente pra mim, eu sempre tive um comportamento bem discreto. Eu nunca gostei de roupas espalhafatasas, afeminadas não, não é o meu estilo” (Arlindo, 58 anos).

Aqui se pode pensar nas singularidades e nas complexidades entre os informantes solteiros e àqueles que já viveram ou vivem com seus companheiros, em relação ao processo do assumir-se. Estes últimos, a seu modo, se esforçam para transitar no “entre” – entre os familiares/ amigos e seus companheiros. Percebi que para eles, nem sempre a convivência é possível de ser partilhada, fato este que, algumas vezes, além de provocar tensões, acaba exigindo uma disponibilidade mais atenta, preocupada, para agradar familiares ou companheiros. Na sequência, Otávio e Ricardo relatam suas percepções acerca da política do “entre”.

“Antes dele eu tinha a minha vida por fora e teria que mudar tudo, imagina os meus vizinhos! Até hoje eu não me sinto totalmente confortável, total não, ainda (...) Eu fui obrigado agora a abrir o jogo pra minha irmã e pra minha sobrinha que veio morar aqui em Porto Alegre. É um problema, ela não diz nada mas começou a rejeitar ele, tipo intruso, e a minha irmã tenta dizer pra ela, com ela tá tudo bem e eu fico nervoso, eu fico entre o mar e o rochedo. Ele meio compete também, antes ele tratava ela bem, mas agora não, hoje ele tá com 32 anos, e ela sempre foi o meu xodó. Eu fico até desconfortável dela estar morando sozinha e não aqui e ele também não se sente bem, a gente agora não faz programas juntos. Tu vê os vizinhos eu não sei o que falar, esse aqui é o ... Me dou bem com todos mas não fico à vontade, no fundo eu me sinto meio preso. Ele tá sempre aqui, ele tem o lugar dele agora, aqui perto, mas morar junto não, eu não quero, teria que assumir total assim. Imagina eu com a minha mãe aqui? Eu assumir isso aí... não dá... e olha que eu tô numa escala 5 e já evolui...eu acho que tolhe e limita muito... Se fosse antes, no passado, eu moraria, mas hoje, agora não... Eu já tinha pendurado as chuteiras antes” (Otávio, 59 anos).

“Ele tem família grande, todo mundo sabe, mas fazem de conta. Nós nos vemos só duas vezes por ano lá em Santa Catarina, julho e no natal mesmo a gente passa lá! (...) Não me preocupo com os outros, só com a nossa relação, sempre fui resolvido. No trabalho sempre fui respeitado, eu sempre tive sorte, nunca fui discriminado, mas eu sei que nunca me convidaram para cargos de chefia, então só discriminado politicamente eu fui. Sinto-me totalmente à vontade no grupo, nos demais lugares passo batido (...) Às vezes eu faço questão de demonstrar que eu sou gay. Lá no centro espírita todos sabem, não tem problema. A homoafetividade não é sexual, é afetiva, o sexo é um detalhe! A mim não incomoda, os outros é que se incomodam com ela, só falta o reconhecimento jurídico mesmo” (Ricardo, 57 anos).

No relato abaixo é interessante os argumentos de Alberto sobre a reflexão acerca de seu processo e em relação aos processos dos demais integrantes do grupo. Mais uma vez se desenhou um jogo de negociações, necessárias, com pessoas e lugares específicos sobre entrar e/ou sair do armário. Neste sentido,

penso que o grupo acaba oferecendo “pistas” de como enfrentar diferentes situações, sejam elas do âmbito familiar ou social mais amplo. A dimensão pedagógica circula, mais uma vez, em destaque, no grupo.

“Não, a gente nunca expôs isso publicamente. Primeiro porque todo mundo é meio dentro do armário. O problema é perguntar para alguém quem quisesse falar, não tem lugar público, não dá agora. Mas eu já distribui material gráfico, no tempo do Somos eu fazia isso, eu fiz material de divulgação com a proposta do grupo e distribuía na Casa de Cultura, onde aparece muitos gays, na biblioteca pública, no Instituto de Artes, lá aparece muito gay. Uma vez eu recebi um telefonema de uma mãe, ela estava sondando alguma coisa, estava desconfiada, porque eu botei meu telefone ali (...) Sem dúvida, é, somos todos enrustidos, eu pensei em voltar pro Nuances, e trouxe no grupo esta ideia e meu Deus, a casa caiu, ninguém quis, se misturar, voltar pro Nuances: disseram: “mas faz outro grupo lá e nós não iremos participar”. A maioria não quer, talvez pelo lado sexista do Nuances que tem somente um lema: pela livre expressão sexual, tu transa com quem tu quiser, e praticamente é só isso, e seja como for, tudo bem. Muita gente do meio gay não concorda com isso acha que não é por aí e que o Nuances devia se dedicar a outras coisas também, embora o Nuances tem um lado político muito bonito, de ajudar as pessoas, muita gente, tem uma história, eu sou fundador do Nuances, lá do Gapa, domingo de tarde, na Rua Luiz Afonso. O Nuances abriu muitas portas ao movimento tem grandes méritos, mas tem uma coisa que podia ser revista que é esse lado que defendo só sexo, e sexo e por si só. (...) O zelador sabe que eu sou gay, o síndico sabe que eu sou gay. Eu tô dentro do armário e não tô, eu tô no meio... No meu trabalho também alguns sabem, eu disse no sindicato de jornalistas. O Fábio também tá saindo do armário, o Igor que é o namorado dele vai lá e passa noite e o porteiro vê. Até o Otávio, lá no condomínio dele que é complicado, tem que dizer o nome das pessoas antes, até ele está recebendo as pessoas lá, então tá tudo bem” (Alberto, 62 anos).

Sobre as críticas de Alberto ao modo como o Nuances se posiciona nas ações de sua militância, encontrei na tese de Fernando Barroso (2007), o qual investigou as posições políticas e ideológicas sustentadas pelo Jornal do Nuances, algumas considerações que vão ao encontro da posição apontada por Alberto. Para Fernando “(...) a crítica nuanceira funda-se na ideia de que, enquanto a maioria das organizações se pauta pelo horizonte político e cultural do “gay classe média”, o grupo Nuances opta pela perspectiva da “bicha bafona””(BARROSO, p.18). Neste sentido, a nomeada “visibilidade transgressiva” da homossexualidade proposta pelo

Nuances apoiada, sobretudo, nas práticas sexuais e na livre vivência do prazer como carro-chefe de suas intervenções, foi criticada e rejeitada pela maioria do grupo, ainda que Alberto tenha elogiado o período em que as reuniões “da Oficina” lá ocorreram. Assim, me parece que, para o Nuances, o assumir-se é sempre apoiado, como apontou Fernando Barroso, em um caminho, uma postura, isto é, uma “linha bafão”. No entanto, este não se mostra como o único modelo possível de assumir-se, acredito que no grupo os integrantes constroem um modelo particular frente a esta questão.

De acordo com os relatos recolhidos percebi certa expectativa de que, ao assumir-se, se abriria possibilidade para acontecer grandes conflitos, até mesmo escândalos, e que de certa forma eles seriam os culpados por discussões geradas, principalmente, na família. O fato de algumas pessoas saberem e outras não, pode apontar para certa “neurose” de alguns informantes, o que denotaria em uma espécie de saber e postura de si, construídos socialmente, que se adapta e se transforma socialmente. Esta atenção direcionada ao chamado “segredo aberto”, mostra-se elástica, uma vez que muitos gays acabam por construir novos armários toda vez que se deparam com a ampliação de sua sociabilidade, exigindo, assim “(...) novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não” (SEDGWICK, 2007, p.21).

Esta situação ficou evidente entre alguns informantes a partir de uma espécie de jogo-de-faz-de-conta, como se houvesse todo um clima de desconfiança e sigilo nas relações com as “pessoas heterossexuais”, sem encontrar uma certeza de exposição ou omissão. A maioria dos integrantes do grupo acreditou ser desnecessário falar sobre o assunto e/ou compartilhar tais experiências com a família, principalmente seus pais, bem mais velhos do que eles. Aqui cabe uma reflexão: para alguns deles assumir-se é exatamente chegar à frente da outra pessoa e contar? É verbalizar cara-a-cara? Ou é ir levando a vida, apresentando namorado, entre outras situações, de maneira constante e processual? Pareceu-me que a necessidade de uma “anúnciação gay” ronda e se faz presente no grupo.

No entanto, também foi presente no grupo o fato de que revelar a homossexualidade para família ou amigos fosse o caminho mais apropriado, mais

recomendado para ser feliz e se assumir realmente. Segundo eles, assumir-se, totalmente, seria a própria ideia de uma evolução. Em alguns momentos o próprio Alberto lança a possibilidade de o grupo voltar a se reunir junto a espaços da militância e propunha uma ligação com a dimensão coletiva mais organizada. A maioria dos integrantes manifestou-se radicalmente contra essa possibilidade, como já apontei anteriormente. A ideia de discrição circula fortemente no grupo e produz efeitos significativos. A fronteira entre assumir ou não foi discutida e problematizada em inúmeros momentos no grupo, uma das questões colocadas foi a seguinte: *“Quais os benefícios que teríamos em nos assumir, publicamente”?*

Onde está a fronteira entre ser enrustido e espalhafatoso? Até onde o discreto, aquele que não dá pinta, confunde os candidatos àquelas tenras carnes de que possa NÃO ser homossexual? O que move as pintosas a darem gritinhos histéricos para anunciar sua sexualidade aos quatro ventos? Qual o melhor comportamento a ser adotado: ser livre a ponto de exagerar nos trejeitos ou se esconder sob as posturas mais recatadas, fechadas numa concha? Em qual das duas vias devemos transitar? Ou o meio termo é a solução? E como podemos praticar, no dia a dia, a aceitação de tal meio termo? (Ata de reunião, setembro de 2011).

Conforme apontou Eve Sedgwick, viver “(...) no armário, e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e políticas são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto” (SEDGWICK, 2007, p. 39).

(Diário de Campo, 12/11/11): Marcelo, o anfitrião, conduziu os assuntos e relatou que vive duas vidas diferentes: uma no trabalho e outra fora dele, apesar de ser professor concursado. Ele pediu conselhos ao grupo sobre como se comportar profissionalmente, todos recomendaram para *“não desmunhecar no ambiente de trabalho”*. Um informante alertou: *“Frescurinha no trabalho não pode né?”*. Marcelo relatou que também já fez anos de terapia para tentar se aceitar como gay e conviver melhor com as pessoas. Perguntei ao grupo: *“Quem não sabe que você é gay?”* As respostas foram: *“Todo mundo”*; *“A minha família, principalmente meus pais”*; *“No trabalho”* e *“Ninguém”*.

A situação descrita acima me leva a refletir que, no caso de alguns deles, muitos já sabem que eles são gays, inclusive porque eles mesmos foram contando a algumas pessoas ao longo da vida, e mesmo assim eles seguem controlando suas expansões, se vigiando, e afirmando que não são assumidos. De fato, é uma situação bastante complexa esse jogo de entrar e sair do armário, de se achar dentro ou fora dele. Novamente exercita-se, pedagogicamente, o jogo cênico do “entre”.

Um integrante comentou em uma das reuniões o fato de que as pessoas pudessem saber da homossexualidade deles e que o problema estaria nos próprios homossexuais que se preocupavam demasiadamente com isso e não, diretamente, no preconceito ou rejeição de outras pessoas. Inclino-me, de certa forma, a concordar com a hipótese deste informante, uma vez que após tantos anos solteiros e sem namoradas não seria mais fácil relaxar e pensar que *“Todo mundo já sabe que você é gay e que o mundo não para por isso e que as pessoas já não se preocupam tanto com isso e que já lhe “aceitariam”?*⁶⁶

Para contrastar com o clima formal e habitual das reuniões, o deboche e a ironia de alguns logo são acionados e mudam o tom das reuniões, como no seguinte diálogo abaixo, seguido rapidamente por gargalhadas coletivas: *“Meus pais não sabem que eu sou gay; “Você? Só se eles forem cegos!”*. Esta situação me leva a pensar que o modo como eles foram vivendo terminou, de certa forma, caracterizando um assumir-se, mas eles próprios parecem considerar pouco isso e, em contrapartida, acabam valorizando uma compreensão do que é o assumir-se, e o que implica chegar lá, como, por exemplo, afirmar claramente, aos pais, amigos ou colegas de trabalho, “eu sou gay”.

A ideia de que a revelação gay só é bem aceita com pessoas jovens circulou constantemente no grupo, todos afirmaram ser muito mais fácil para a juventude atual assumir-se, devido à visibilidade contemporânea, em relação à época de suas juventudes. Simultaneamente o grupo condena àqueles homens que vivem vidas duplas e se relacionam com homens e mulheres. Certamente a questão da fidelidade no grupo é valorizada e praticada.

⁶⁶ Conforme afirmou um integrante do grupo, da periferia flutuante.

“(...) por isso que eu demorei tanto pra me assumir, eu fui me assumir com 47, 48 anos, quando eu terminei meu casamento eu não consegui mais trepar com minha mulher, era um sacrifício e ela percebia e aí um dia eu disse não dá mais! E foi todo aquele trauma, aquela coisa” (Fábio, 62 anos).

O relato de Fábio ilustra outro extremo do não assumir-se no grupo (além da questão geracional), pois denota certo orgulho por não casar e por não levar uma vida dupla, exatamente por condenarem tal prática. No entanto, podemos problematizar esta postura destacando a existência de homens que gostam de ter relações com outros homens, mesmo casados com mulheres, porque tal comportamento pode não excluir o outro. Os integrantes do grupo parecem generalizar algumas práticas e desejos de homens casados acusando-lhes de não se assumirem, fato este que vai de encontro aos achados de Fernando Seffner em sua pesquisa de doutorado, onde investigou a masculinidade bissexual (SEFFNER, 2003).

Uma análise mais detalhada sobre as relações entre gerações, no grupo, será realizada posteriormente, no capítulo “Diálogos intergeracionais: aproximações e afastamentos”. Em relação à temática do assumir-se percebi que para os integrantes do grupo entrar e/ou sair do armário configura-se na construção de diferentes estratégias e possibilidades, referentes a pessoas e lugares, onde a revelação gay pode (ou não) produzir algum benefício, risco, esclarecimento ou alívio emocional. Assim, compreendo que a questão acerca do armário envolve a discussão dos binarismos privado-público e segredo-revelação, de modo a regular as sociabilidades de homossexuais no sentido de um dispositivo, conforme apontou Michel Foucault:

(...) um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p.244)

O movimento de entrada e saída do armário ou a compreensão deste a partir da imagem de “linhas duras” (armário trancado com cadeado); “linhas flexíveis” (armário com portas fechadas, ou encostadas) e de “linhas de fuga” (armário aberto)

segundo SANTOS & FILHO (2011), e certa pressão para sair dele, denota o constante jogo e estado de alerta que envolve meus informantes. Assim, o sair do armário diz respeito não somente a homossexuais“(...) é parte desse jogo, representa um ato performativo de construção da homossexualidade e da heterossexualidade (...) implica um campo de negociação em que o outro é fundamental” (FERRARI & CASTRO, 2012, p.08). Por algumas vezes, a partir de seus comentários e ações já descritos, pensei que, talvez, meus informantes poderiam ser “mais assumidos” do que imaginam.

7.7 Sociabilidade(s) (im)possíveis: o Grupo e os Subgrupos

Ao contrário do que defende Alberto, o grupo, com uma média de dez pessoas, não se apresentou uniforme ou homogêneo (a não ser pelo fato da preferência por reuniões caseiras e da busca por um relacionamento duradouro) a partir das relações que estabeleceram no momento das reuniões quinzenais. Uma característica marcante no grupo são as afinidades, mais significativas, entre alguns deles, o que chamei de subgrupos.

Inicialmente, ao acompanhar este pequeno coletivo de homens, percebi-o como um todo coeso, harmônico e integrado. Com o passar do tempo, a partir de seus relatos dos informantes e da própria convivência, especialmente com os mais velhos do grupo, compreendi que algumas afinidades foram moldando aproximações específicas entre a caracterização que fiz do grupo⁶⁷ e no interior delas próprias. Em outras palavras: dentro do núcleo velho há aproximações específicas entre eles, não de todos; ao mesmo tempo em que alguns integrantes do núcleo velho interagem, mais especificamente, com algum(ns) integrante(s) da periferia flutuante e/ou da margem jovem.

Para um grupo com original configuração e trajetória, complexa, como este, fundado em 1998, imaginei que todos se conhecessem razoavelmente bem, no

⁶⁷ Núcleo velho, Periferia flutuante e Margem jovem.

entanto, a data de ingresso dos integrantes no grupo é variada, mesmo entre o núcleo velho. Nesse sentido, um fato interessante me ocorreu ao final de uma das reuniões: um dos informantes, mais antigos, do grupo chegou a me solicitar que eu fizesse uma lista de aniversariantes e distribuísse a todos para que ele pudesse enviar um cartão, contatar por telefone ou até mesmo visitar os amigos do grupo. Naquele momento pensei: Por que ele mesmo não o fez? Por que pedir para um “estranho”, como eu, uma tarefa aparentemente tão simples entre “amigos”? Talvez isto pudesse ser considerado como uma pista sobre a concepção de amizade no grupo. A partir deste episódio fui percebendo que a maioria dos integrantes do grupo, realmente, só se encontrava, coletivamente, nas reuniões quinzenais. Fui compreendendo que além destas reuniões formais, alguns integrantes do grupo costumam encontrar-se via dinâmica dos subgrupos, isto é, encontros exclusivamente daqueles que apresentaram e/ou construíram relações de maior afinidade e reciprocidade.

Em relação ao desenho da(s) sociabilidade(s) do grupo boa parcela de seus integrantes relatou preferir programas diurnos como saídas para almoços, conversas em cafés, passeios a shoppings. Apenas dois informantes relataram frequentar academias.



Figura 10: Malhando na Academia.

Algumas viagens também foram citadas como parte da sociabilidade destes homens. A maioria do grupo afirmou, sobretudo no momento das reuniões, não freqüentar saunas, bares ou boates gays. A seguir seguem relatos dos informantes acerca de como fazem uso de seu tempo cotidiano para além do horário das reuniões.

“Existe grupos por afinidade, por exemplo, o Fábio e o Alejandro moravam vizinhos e um só anda aonde o outro vai. Então tem grupos composto por 2 ou 3 pessoas, o Alberto e o Arlindo que moram perto, um encontra com outro e nós nos comunicamos por telefone. Quando eu tô meio deprê eu ligo primeiro pro Alberto e ele sempre me liga também pra irmos a eventos culturais. Ele sempre deixa recado na secretaria eletrônica e nos encontramos em atividades culturais, e antes eu também saia muito com o Arlindo, mas depois daquele atrito eu cortei” (Robson, 71 anos).

(Diário de campo, 04/02/2010): Outro assunto levantado foi sobre o que fazer e os locais para sair em Porto Alegre. O grupo logo lançou as repostas: 1) internet, 2) Parque da Redenção, 3) Saunas e, por último, barzinhos alternativos. Apenas um informante falou em boates, portanto esta não foi a preferência da maioria do grupo.

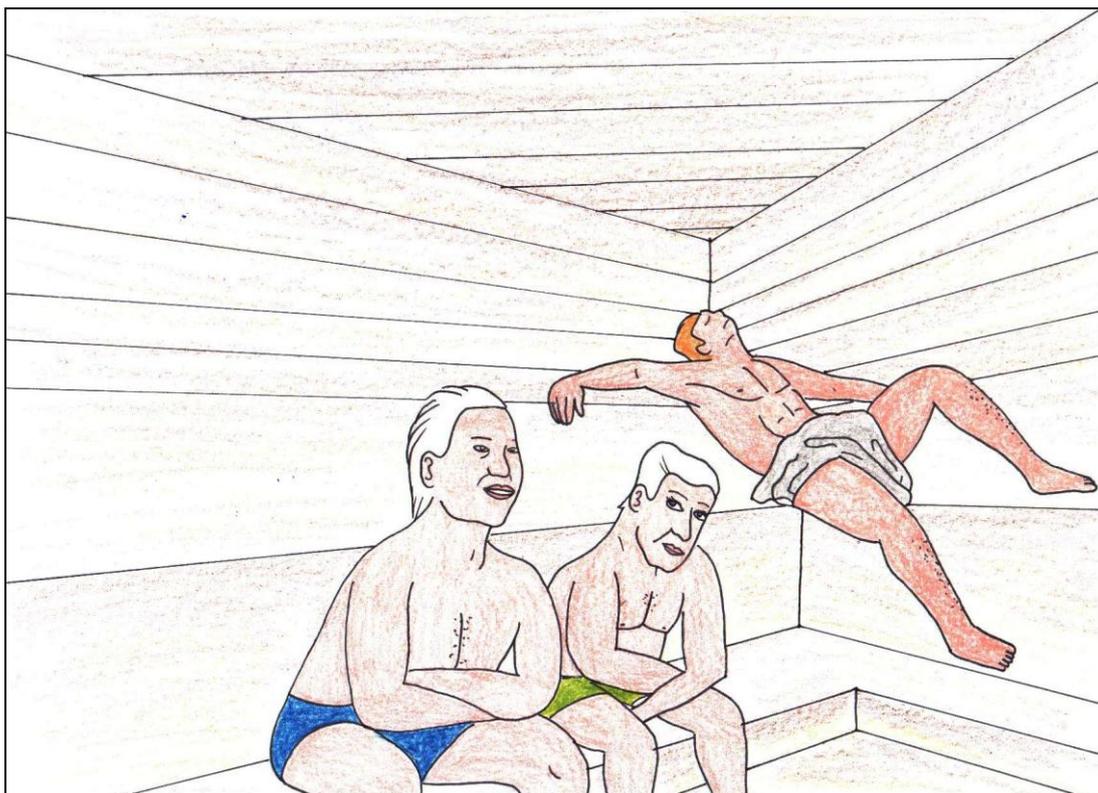


Figura 11: Na Sauna

Dentre as respostas a atividade “navegar na internet” mostrou-se recorrente entre os integrantes, o que pode apontar para uma sociabilidade virtualizada, não tanto solitária, de alguns informantes ao preferir ficar em casa a sair. Em relação ao Parque da Redenção, a maioria afirmou que prefere frequentá-lo durante o dia, seja para passear, conversar ou paquerar outros homens. Interessante destacar o fato de raramente saem sozinhos, geralmente procuram convidar um ou outro integrante do (sub)grupo.

Algumas vezes percebi que os relatos de alguns informantes mostraram-se distintos no momento das reuniões e nos depoimentos das entrevistas realizadas. Longe da presença de Alberto e, talvez mais à vontade ou confiantes para falar, no recanto de suas residências, todos os seis colaboradores da pesquisa relataram experiências pessoais não compartilhadas nos encontros coletivos. A ida às saunas, talvez, só tenha aparecido nas entrevistas individuais devido às fortes críticas veiculadas no grupo. Também pude perceber que quando algum integrante do grupo afirmava nas reuniões que frequentava saunas, um ou dois, no máximo, estes eram

vistos de maneira desconfiada pelos demais, com um olhar que quase cheirava à condenação por promiscuidade e por fazer “putaria”. No entanto, não estou direcionando toda esta censura e reprovação aos prazeres da carne somente à figura do coordenador, mesmo reconhecendo sua forte presença no grupo posso pensar que a maioria deles também concorda com ele, ou seja, critica a diversidade de experimentações sexuais e seus prazeres instantâneos. Neste sentido a dinâmica adotada pelo grupo estimula e auxilia o compartilhar de experiências entre eles, por outro lado também limita, formata, uma vez que algumas delas não são verbalizadas no momento das reuniões, mas, e apenas, dentro dos subgrupos.

“Claro que a gente tem vínculos, com o Arlindo, com o Robson, tinha vínculo de sair, assim, mas o grupo coletivamente não. Hoje nós temos vínculos individuais: um vai sair e convida outros e tal. Mas o grupo em si não tem outro encontro a não ser na quinzena, o nosso desafio é exatamente esse de fazer almoços, jantares, passeios, sair. Eu não sei como vamos fazer isso naturalmente, tem gente que mora longe e tal, mas nos encontramos com o pessoal mais próximo” (Alberto, 62 anos).

Sobre sua vida social, o uruguaio Alejandro, o mais calado do grupo, afirmou que atualmente não costuma sair à noite, preferindo frequentar cinemas e shoppings e, em relação ao grupo, parece ser um dos que mais investe em agenda social para além das reuniões, assim como Arlindo e Otávio. Alejandro, assim como outros integrantes do grupo, propõe um clima mais descontraído para as reuniões, sugere alguns passeios e pequenas viagens para poder conhecer melhor e poder estreitar vínculos com os demais participantes do grupo.

“Tenho contato mais com o Fábio e o Marcos, já viajamos juntos e ficamos mais amigos, são a minha maior afinidade no grupo. Computador, tv, não saio muito, e alguma viagem, sauna, conheço bem o circuito, é meu ramo, eu conheço! Vou mais na C. e na P. Então pra mim é melhor, não tem michê, não gosto de michê, é uma mistura também de casados. Não saio à noite. Saio com o Fábio no brique, na redenção, só nós 3: o Fábio, o Marcos e eu; curto cinema nos shopping, já fui de rua, mas agora não. Na sauna eu vou sozinho, com o Fábio, não tenho problema nenhum em ir durante o dia. Tem lugar gay pra ir, mas eu não participo, é muita gurizada, Pra mim não dá, não acho graça nenhuma, não tem um bar de coroas, eu prefiro coroas, de 50 pra cima, detesto jovens. Além da sauna não tem muito lugar pra ir, eu sei do grupo dos ursos, mas não participo” (Alejandro, 64 anos).

“O Otávio e o Áureo eu os levei para o grupo. Mas não é uma amizade para toda hora, pois temos nossas diferenças. Por isso tenho outros grupos de amigos, que participam da minha vida, em momentos diferentes. Por exemplo: para ir ao Pepsi On Stage, no Monange Fashion Tour⁶⁸, eu convidei o Rogério que é jovem e gosta de balada, de coisas mais alegres. Apesar de ter 58 anos eu gosto de coisas jovens e alegres. Vou ao show do Paul McCartney, mas nem convidei o pessoal do grupo, pois sei que não curtem. Então convido o pessoal do grupo, para coisas que cada um gosta, pois a maioria tem gostos diferentes. (...) Eu não tenho amizade forte por alguém do grupo, para conversar sobre meus problemas. Não tenho amizade na internet também. Sou mais de sair e o meu amigo Marquinho está sempre mais disponível. É o amigo que mais converso e desabafo. Uma coisa que me diferencia dos demais é que tenho 58 anos, mas gosto de coisas mais jovens. Uma pessoa do grupo que eu me aproximo de gostos é o Rogério, mas ele gosta de coisas bem mais loucas. Há pouco fui ao show dos Titãs. Acho que ninguém do grupo iria. Eu adoro os Titãs! Eu gosto muito de ir a shows, teatro, cinema, jantares, casa de amigos, aniversários. Gosto de um monte de coisas, gosto de diversificar. Minha situação financeira permite. Normalmente eu saio com amigos, mas se eu gostar de alguma coisa e não tiver companhia eu vou sozinho, sem problema. E também participo da vida social da família. Vou semanalmente a saunas. Discoteca eu não tenho ido, porque a gente perde o outro dia. Aquela fumaceira também atrapalha e os freqüentadores normalmente são muito jovens, idade que não curto muito. Faz tempo que eu não vou. Pretendo voltar a freqüentar o Bar V., pois tem pessoas interessantes. Os meus amigos também não são de sair à noite, então não tem ninguém para nos incentivar a sair. A gente acaba optando por outras coisas, como a sauna. Muitos gays gostariam que Porto Alegre tivesse bares e restaurantes para gays coroa. O que chega mais próximo desse perfil é o Bar V. Lá em São Paulo tem muito desses. Acho que poderia ter mais opções voltadas para os coroa, que não gostam de dormir tarde e perder o dia. O jovem não se importa e perder o dia e sai das boates tarde e dormem o dia inteiro, mas a gente gosta de voltar no máximo às 2 horas da manhã. Seria maravilhoso se tivesse uma boate que começasse, por exemplo, às 22h” (Arlindo, 58 anos).

Arlindo, ao contrário da maioria do núcleo velho, destacou que costuma sair sozinho a eventos e programas sem mencionar algum impedimento e que prefere sair para conversar pessoalmente com seus amigos a ficar em casa na internet⁶⁹. Arlindo também aponta a falta de um local específico para o público gay mais velho em Porto Alegre, além das saunas, e critica as atuais boates e bares da capital gaúcha onde a música seria muito alta e o início e o final das festas se dariam muito tarde. Manifesta certa preocupação em aproveitar a vida e evitar excessos como

⁶⁸ Evento itinerante da área de moda que percorre as principais capitais brasileiras. Inovou porque combina apresentações musicais com desfiles que apresentam as últimas tendências do mundo da moda com as principais modelos brasileiras.

⁶⁹ Ao contrário da maioria dos integrantes do grupo, os quais relataram que costumam ficar em casa, sozinhos, conectados à internet.

fazem os jovens gays. Para este informante o ideal para sair e encontrar pessoas seria não perder o dia seguinte, de ressaca. Em relação às saunas, faz questão de anunciar que prefere as de michês às de “entendidos”, pois “os caras são mais bonitos e a abordagem é mais prática”, relata. Afirma que prefere “escolher e pagar”, sem receios ou culpa, fato este que vai de encontro a opinião majoritária, não só do núcleo velho, mas da maioria do grupo. É interessante destacar que este informante está há bastante tempo no grupo, sem interrupções e, ainda assim, sua sociabilidade não é a mesma da visão predominante no grupo. Acredito que mesmo tão diferente dos demais, Arlindo talvez nunca tenha se ausentado do grupo pois encontra nele afinidade de idade, de geração, isto é, para uma pessoa mais velha talvez seja importante frequentar um grupo de outras mais velhas ao redor dela, para certas conversas e apoios, e esta função o grupo cumpre, de acolhida e escuta, além de ocupar ou preencher os sábados a noite, seja nas reuniões ou fora delas.

A partir de vários relatos nas reuniões percebi certa preocupação da maioria do grupo em “parecer gay” diante da sociedade e até mesmo, talvez, posso arriscar que senti certo tom de crítica aos lugares gays da cidade: suas práticas e o tipo de pessoas que freqüentam, chamadas por alguns deles de “bichinhas fashion”. Fábio, o integrante “urso” do grupo, comunica-se com outros homens gays do Brasil, pelo computador, e também de outros países, relatou que possui um acervo virtual de fotos gays (mais de três mil) e alguns filmes de temática homoerótica ou homoafetiva, como se refere. Faz questão de se posicionar sobre a noite gay de Porto Alegre e da dificuldade em sair e encontrar outros “coroas gays”. Afirma que se satisfaz ao ler bons livros e assistir bons filmes em casa e com amigos, critica os barzinhos barulhentos tanto para o público hetero como gay e prefere sair para conversar em um lugar calmo e agradável.

“Eu não agüento mais aquela gente da boate da Rua Marcílio Dias, também é só mocinhos e gurizinhos pra dançar aquelas músicas tum, tum, tum. Eu não suporto isso, eu acho que se tu sai é pra ir em um lugar onde tu tem direito de conversar e não ficar aos gritos. Eu prefiro o G. no O. onde a gente pode tomar um café e bater um papo, sabe? O problema é que não temos um lugar pra ir, se tu verificar homens mais velhos, tu não vai encontrar, não tem lugar pra gente mais velha! É como eu te disse: aonde um cara de 60 anos vai ir aqui? Um cara gay? Hoje a alegria é fabricada, eu quero é arte e não banalização! Eu não gosto de sair sozinho, ou saio com meus dois amigos ou não saio, a gente prefere programas diurnos, almoçamos

e caminhamos na redenção e também falo com muita gente pela internet. (...) A questão é que os ambientes não são mais agradáveis, eu tenho fotos, as pessoas nos EUA, na Europa, tem festas que eles fazem, de mais idade, todos tem o seu espaço né? Eles pegam uma boate e lotam com ursos, com gente mais velha, gente com 70 anos e mais velhos, tão fervendo! Não, aqui tu só tem boate pra gurizinho, aquelas música pé no saco, tu acaba sendo discriminado. Eu saio hoje de vez em quando, até nem tenho ido mais por causa do Igor agora, não que ele me proíba, eu é que não acho que deva ir, pois no dia que ele me proibir eu vou na mesma hora, e eu detesto o ciúme, eu tenho tolerância zero pro ciúme, então eu tenho que respeitar isso um pouco. (...) Sim, eu gosto de sair principalmente para conversar, boate e barzinho eu não vou, a não ser eventualmente quando convidam pra conhecer, mas não é assim o meu costume a minha necessidade de estar frequentando esses lugares por que eu me satisfaço muito lendo, vendo filmes, eu faço muito e fica nisso né cara, e eu até nem tenho grana... Se eu tivesse mais grana eu viajaria fora daqui. A mediocridade que a gente está vivendo hoje em dia é impressionante, é tudo pra vender. Já não consigo escutar rádio e comprar cd. (...) Eu não gosto de sair sozinho, ou eu saio com alguém ou não saio, geralmente eu saio com o M. ou com o Alejandro, mas saio pra jantar, porque a gente prefere programas diurnos, almoçamos e caminhamos na redenção. Tenho um amigo que está morando no Rio, e depois uns eventuais conhecidos, na internet e não são amigos, aí tem um bom amigo, que é uma pessoa fantástica, ele é pobre e preto e mora em São Paulo e passou três dias aqui em casa e foi bom, a gente trepou e nada demais, ele é culto, fala inglês” (Fábio, 62 anos) .

A partir do relato de Fábio posso pensar que parece haver certa dificuldade de encontrar espaços para homens velhos “mais envelhecidos” e/ou que não precisem fazer qualquer esforço para se passar ou para parecer mais jovem, o que parece ser o seu caso. Para Fábio não há espaço noturno, “de qualidade” que o agrade conforme apontou vários limites que acabam interferindo na sua sociabilidade. Também não participa dos bares e boates frequentados por garotos de programa uma vez que condena a relação de gays mais velhos com estes, ao contrário dos informantes pesquisados na tese de Fernando (POCAHY, 2011). Definitivamente, com uma única exceção, envolver-se com garotos de programa não é nada recomendado para os integrantes do grupo “Oficina da Gente”. É válido refletir sobre a reclamação de Fábio em relação à falta de programas diurnos para frequentar. De fato, a cidade poderia ter mais programas diurnos, mas os programas existentes parecem não agradar meus informantes, como as opções de videolocadoras, saunas, e o espaço investigado por Claudio Nunes que reúne, em um só lugar, videolocadora, bar e apresentações artísticas da cena gay. No referido

espaço os shows acontecem a partir da 19h e o público volta para casa cedo, delineando uma opção diferente de outros bares ou boates da cidade (NUNES, 2012).

Para alguns informantes foi recorrente certa reclamação da noite gay atual de Porto Alegre onde, de acordo com alguns relatos temos a sensação de que antigamente, no período de sua juventude tudo era melhor. Algumas falas, muitas vezes, soaram quase como um bordão ou clichê da noite porto-alegrense que não se tem lugar agradável para sair e/ou que não há lugar para velhos!

Quando esteve reunida com osicineiros, G. C⁷⁰. do alto de seus 27 anos nos palcos noturnos de Porto Alegre, comentou que a ausência de homens maduros em boates e bares, onde predomina um público jovem, é causada, em grande parte, por um preconceito cultivado por estes em relação àqueles. Os coroas acham que a gurizada vai simplesmente rejeitá-los. Eles serão descartados, de cara, em qualquer lugar de lazer (Ata de reunião, setembro de 2010).

Tristeza lamentou que, nas saunas, o prazer do ato sexual não vem associado a um clima mais afetivo e humano. O parceiro cumpre sua função genésica e logo vai tomar uma ducha, negando-se a ficar com a pessoa com quem manteve relações íntimas por mais alguns minutos. Garotos de programa e prostitutas não beijam na boca, alegando que esse gesto é muito íntimo. A contradição se evidencia: praticam sexos anal e o oral e outras formas de expressão da sexualidade, numa demonstração muito sólida de intimidade, mas se afastam do beijo para não celebrarem uma relação muito próxima (Ata de reunião, julho de 2011).

No texto acima, mais uma vez, Alberto reforça a existência de um ideal de relação humana, que parece configurar-se como algo mitificado, e uma rejeição e censura aos prazeres do corpo, que só podem acontecer se vierem acompanhados de uma relação profunda e duradoura, próximo ao ideal do amor romântico.

Ao comentar sobre sua vida social Ricardo afirmou ir a poucos lugares como o centro espírita e a academia, além das reuniões do grupo. Relatou ser extremamente caseiro, assim como seu companheiro que, após mais de vinte anos vivendo juntos só freqüentam boates gays quando recebem visitas de amigos de

⁷⁰ Tradicional artista transformista que faz shows de dublagem em Porto Alegre, na ocasião em que foi convidada do grupo.

fora da cidade. No grupo, mantém maior contato com o coordenador, uma vez que ambos frequentam o mesmo centro espírita.

“Olha, fora de casa é o grupo mesmo e o centro espírita, as minhas saídas são muito eventuais em almoço e jantares com amigos e só, e na academia também. Um cinema é muito raro, nós somos extremamente caseiros, sempre fomos assim desde que a gente se conheceu, no início até saímos em boates com amigos, mas pouco, somos parecidos neste sentido. Vamos a lugares gays só quando vêm amigos de Florianópolis, nós sozinhos não, antes quando éramos mais jovens não dava tempo, só trabalhávamos e estudávamos, não tinha tempo. Hoje não sentimos a necessidade de sair, claro que isso tem a ver com a idade também (...) Os lugares daqui são mais para o público jovem, não existe lugar em Porto Alegre, pelo menos que eu conheço, mas se tivesse acho que também nós não iríamos, não tem um gueto específico que a gente freqüente, talvez possa parecer segregação, a gente já foi contra guetos, esses lugares são muito caras e bocas” (Ricardo, 57 anos).

Otávio, um tanto calado nas reuniões e extremamente falante fora delas, é mais um do grupo que propõe outros encontros para além das reuniões, sugere passeios e pequenas viagens para que se conheçam melhor para que possam trocar experiências mais significativas. Além do grupo conta-nos que mantém vários contatos com “pessoas heterossexuais” e que a maioria deles nunca perguntou a respeito de sua intimidade. Prefere receber pessoas em casa a sair em locais públicos e quando sai prefere a luz do dia. Destacou que o seu relacionamento provocou e alterou consideravelmente sua rotina, principalmente com amigos e familiares.

“Aqui eu me esforço prá sair de casa, a gente sai bastante em restaurantes e shoppings e antes a gente ia pra Santa Catarina, a gente fugia pra lá porque eu não levava ele em casa, ia à praia fora de época também (...) E lugares gays a gente não gosta, já fomos mas só com amigos, eu e ele sozinhos não vamos, boate pra dançar eu não sei, me sinto meio ridículo, acho que pela idade. Eu fui ao Rio de Janeiro, lá tem boate só de tio e me senti bem prá conversar num balcão mais calmo com música e depois jantar mas aqui não tem eu falo e muita gente já falou que não tem lugar pra nós. Sim, eu tenho amigos fora do grupo, amigo mesmo no grupo é o Arlindo, que ficou amigo, fora da reunião, a gente sai muito, viajamos muito, viajamos juntos, só ele fora do grupo, o resto se resume só na reunião. Minhas amizades são do hospital, pela profissão, mais as do interior que não são, eu tenho mais conhecidos fora do grupo, amigos mesmo é difícil, já tive mais amigos que passaram por mim. Eu costumo sair pouco, prefiro ficar em casa, vou ao cinema, saio muito de dia, no shopping, fazer compras, mas vamos a um barzinho até de vez em quando, me esforço. Nós vamos ao cinema e não fico preocupado não, mas não

é 100%. Eu prefiro ir sozinho caminhar aqui perto, a gente sai bastante em restaurantes” (Otávio, 58 anos).

A partir do relato acima e da posição de outros integrantes do grupo que afirmaram sofrer por esforçar-se em não parecer gay e de evitar que as pessoas saibam ou desconfiem me faz pensar se não há “lugar na sociedade” para os gays que não se assumem. E, por isso, há no grupo certa orientação para se assumir, desde que se mantenha uma conduta “discreta”. Neste sentido o informante Otávio destaca uma possibilidade maior de sociabilidade somente para àqueles que se consideram assumidos e que podem circular em todos os lugares sem maiores preocupações, ao contrário dele. O recorrente esforço dos integrantes em solicitar encontros fora do horário das reuniões, inclusive do próprio Alberto, marcaram o primeiro período de acompanhamento ao grupo.

Cada um sabe de si e tem direito de escolher seu lazer. Mas, uma coisa é verdadeira: o grupo... precisa sair mais em bando. Afeto é nossa marca. Amizade é o gancho que nos aproxima. Calor humano é fatura nos nossos corações. Sinceridade permeia nossos encontros. Carinho emerge de nossas reuniões. Vamos sair mais juntos? (Ata de reunião, maio de 2011).

A reivindicação para sair mais juntos, no grupo, tende a priorizar e a reforçar a questão da amizade entre eles, provavelmente porque não dispõem de outras opções que possam contar e que se sintam confortáveis. Por outro lado, o fato de sair em bando pode acabar dificultando para o encontro de outros parceiros seja para transar, namorar ou casar, outra queixa recorrente e uma busca, de maneira sutil, dos integrantes do grupo.

Embora afinidades especiais mostraram-se presentes no grupo, ilustrando o que chamei de subgrupos, seja pela orientação religiosa, pela proximidade de endereço ou pelo gosto comum de programas e passeios, Alberto esforçou-se, constantemente, para motivar a todos a estreitar os laços afetivos e buscar efetivar passeios coletivos de forma sistemática. Uma questão muito interessante, entre as opções de sociabilidade dos integrantes foi o fato da sauna estar entre a preferência de alguns informantes, mesmo que muito criticada nas reuniões. No início do período que acompanhei o grupo, apenas dois informantes do núcleo velho

afirmaram frequentar saunas. Com o passar do tempo outros integrantes também relataram que recorriam a estes espaços, outros manifestaram curiosidade em conhecer. Esta sociabilidade homoerótica de certa forma os aproxima dos informantes de Fernando Pocahy (2011) e de Claudio Nunes (2012), os quais constataram a presença constante de velhos gays em saunas do circuito gay de Porto Alegre. Assim, compreendi que a maioria dos integrantes do grupo, sobretudo os mais velhos, prefere ir a um bar para conversar e beber a frequentar boates gays pelas razões já explicitadas anteriormente. A diferença de idade entre as gerações pode acabar funcionando como pontes ou muros entre homens gays mais velhos e os mais jovens. As relações entre as gerações, no grupo, são tratadas a seguir.

7.8 Diálogos Intergeracionais: aproximações e afastamentos

*“Imagina se eu assumo um guri de 20 anos!”
(Fábio, 62 anos)*

A maioria dos informantes do núcleo velho, com média de sessenta anos de idade, provavelmente acompanhou, mais de perto, os efeitos de uma educação tradicional e conservadora, contexto característico da história da educação e da própria história do Brasil. Seja nos bancos escolares ou nos contextos da maioria das famílias brasileiras a divisão social de gênero e as expectativas (e obrigações) comportamentais, principalmente dos homens, mostraram-se visíveis desde a infância.

*“A minha geração sofreu muito com o bloqueio para o sexo, é difícil, mas eu acho que o objetivo é o amor. Tive uma criação familiar e educação muito rígida como filho de mãe católica extremada e controladora. A ideia que nos passaram foi que a sexualidade era confundida com pecado e devassidão. Só se podia praticar sexo depois do casamento e unicamente para procriação. Estudei em um colégio de freiras e em outro de irmãos maristas. Em ambos, vigorava a repressão sexual”
(Alberto, 62 anos).*

“Aos sete anos, em 1957, portanto, eu descobri que gostava de homem. Primeiro foi uma impressão difusa que depois se tornou emoção quando via um tipo que me chamava atenção. Foi muito claro que quando soube da minha predileção sexual, também me dei conta de que ninguém poderia saber disso. Meus pais não eram religiosos, mas viviam dentro de sua época e o homossexualismo estava totalmente fora de cogitação. Aos oito anos andei me esfregando em dois amiguinhos e fazendo comparações com o tamanho dos membros. A sexualidade era forte em mim e eu não sabia exatamente o que fazer com ela ou para que ela servia, só sabia que era bom” (Fábio, 62 anos).

A partir dos relatos de meus informantes ao que tudo indica seus primeiros saberes sobre sexo e as primeiras experimentações sexuais ocorriam em casas de prostituição, bordéis e/ou cabarés, onde os rapazes deveriam se tornar homens. Alguns informantes relataram que mantiveram relações sexuais com prostitutas para satisfazer, principalmente, a figura do pai e para cumprir a expectativa de encaminhar os filhos à vida adulta. Neste sentido, as experimentações e os processos de iniciação a práticas homoeróticas dos informantes do núcleo velho se deram somente e, sobretudo, na e ao longo da idade adulta. Estes informantes se acostumaram a se esconder para encontrar outros homens sob a ameaça do pecado e da doença. Enfrentaram um período de repressão e acompanharam a censura e toda força da ditadura militar brasileira; o aparecimento do HIV-AIDS e da chamada “peste gay”; além da recente constituição e trajetória do movimento homossexual à política identitária LGBT.

“Educação sexual, naquela época, é claro que não havia. Era tudo muito velado. Nada se falava, embora minha mãe fosse bem avançada pra época. Não escondia muito as coisas, mas falar em homo ou hetero (...) acho que nem se sabia muito que existia. Pra mim foi muito difícil naquele interiorzão pois bem cedo eu já conheci a tal palavra e assim soube da minha sina! Claro já havia bulling por parte dos coleguinhas e o sofrimento era grande. Admiro os caras que dizem que só “descobriram” bem adultos. Felizes deles. Sofria calado e sem amigos, só fui transar com outro cara depois dos trinta anos” (Otávio, 59 anos).

Dois movimentos mostraram-se muito potentes no grupo: por um lado a precocidade dos jovens gays atuais é admirada e aplaudida a partir de certa coragem em assumir-se para a família e para a sociedade, sem culpa ou medo, ou em menor intensidade, se comparado aos integrantes mais velhos; por outro esta

nova geração é também criticada pelo excesso de trejeitos afeminados e vulgares em locais públicos e no próprio circuito gay, o que me parece dar ao grupo certo tom moralista e conservador. Três dos seis informantes principais da pesquisa, pertencentes ao núcleo velho, relataram que “no seu tempo” – final da adolescência e início da fase adulta - passaram por muitas dificuldades para conversar sobre seus desejos por outros homens e, sobretudo, para desfrutar de encontros sexuais. Estes, de uma maneira geral, foram secretos e sigilosos e, segundo eles, nem se aproximavam das facilidades e da visibilidade que a vida e o “mercado gay” atual oferecem. Todos do grupo relataram que receberam forte influência das escolas e das igrejas a respeito da ideia de pecado e/ou doença que estava associada à compreensão da homossexualidade.

Apesar de algumas pequenas tensões e resistências um dos discursos que circula no grupo, produtivamente, diz respeito à ideia de constituir uma “família”, monogâmica e de longa duração, ao mesmo tempo em que critica a vivência de prazeres corporais e a ideais consumistas. Estes últimos os integrantes do grupo associam, principalmente, às gerações mais jovens e ao mundo contemporâneo, sobretudo os gays jovens.

Uma reportagem especial com a temática da “nova juventude gay contemporânea” ilustrou a capa de uma popular revista de circulação nacional no ano de 2010⁷¹.

⁷¹ Revista Veja Nº 2164 de 10 de maio de 2010.



Figura 12: Capa da Revista Veja

De fato, os relatos dos “tempos de juventude” dos integrantes do grupo pesquisado diferem, significativamente, dos visibilizados na reportagem especial e de capa da referida Revista. Em um espaço de seis páginas da reportagem há relatos (super)positivos de adolescentes e adultos jovens sobre o modo “natural e tranquilo” de viver e publicizar sua homossexualidade. Com vários subtítulos como “Geração tolerância”, “Conquista da Juventude”, “Longe do estereótipo” e “Sem bandeiras nem passeatas” a matéria destaca depoimentos de jovens que assumiram sua homossexualidade perante a sociedade e que convivem naturalmente com heterossexuais sem sofrer culpa, medo ou alguma espécie de violência, se comparados às gerações anteriores. Também foram evidenciados dados de pesquisas científicas sobre o processo de “saída do armário” que se mostrou cada vez mais precoce, com revelações aos pais na faixa etária entre 16 a 18 anos.

O que mais me chamou atenção nesta reportagem foi a existência quase que de um verdadeiro abismo entre a geração gay atual (pelo menos os jovens selecionados pela Revista) e os velhos gays de hoje em dia – sobretudo os meus colaboradores. Algumas vezes procurei refletir se seria possível um diálogo ou algum tipo de aproximação ou relação entre eles, tamanha diferença das sociabilidades e dos projetos de vida apresentados. Ao refletir criticamente sobre a

reportagem fica evidente que se trata de jovens gays brancos, das classes média e alta, de grandes centros urbanos, com grau de escolaridade médio ou superior. Ou seja, provavelmente bem diferente da realidade de muitos gays negros ou pobres ou “feios” e com baixo grau de instrução como, ainda, infelizmente, boa parcela da sociedade brasileira. E o que dizer então do interior do Rio Grande do Sul dos tempos antigos? Destaco duas questões significativas: os jovens da Revista não se interessaram em defender “a causa gay” nem se veem representados por ela, e alguns deles afirmaram manter postura discreta no meio social onde a homossexualidade não é a questão central em suas vidas. Sobre a questão intergeracional podemos pensar principalmente em três articulações como os processos de amizade entre jovens e gays velhos, as experimentações sexuais ou namoros entre jovens e velhos gays e as representações construídas (hierárquicas, românticas, desconfiadas, pejorativas) entre eles.

(Diário de campo – 10/09/2009): A maioria dos integrantes do grupo mostrou-se curioso em relação à vida sexual de Rogério, 23 anos, novo integrante do grupo. Este relatou que seu namorado tem 16 anos e que enfrenta problemas com a família dele. O grupo destacou a precocidade das novas gerações de gays que estão demarcando seu lugar “mais fácil” e mais visivelmente em comparação com o tempo dos mais velhos. Comentaram sobre o estilo de vida chamado “emo”, todos opinaram e deram suas percepções e explicações. Foi visível a discordância entre a aceitação e a reprovação do namoro precoce de Rogério no grupo. A reprovação ganhou.

Em vários momentos das reuniões os participantes comentaram sobre o comportamento dos atuais jovens gays e a (super)visibilidade desta vivência e expressão homoeróticas, principalmente em locais públicos. Compararam-nos com as dificuldades e estratégias da época de suas juventudes sobre os complexos encontros com outros homens, às escondidas e, muitas vezes no anonimato. Caminhar de mãos dadas, beijar-se em público e exibir roupas diferenciadas ou extravagantes foram citadas como ações praticamente impossíveis na trajetória dos participantes do grupo, sobretudo dos seis colaboradores do núcleo velho. Estes reconheceram que estas conquistas das novas gerações seriam responsáveis por

certa leveza e ausência de medo ou culpa diante da família e da sociedade de uma forma em geral. Ao mesmo tempo, os integrantes mais antigos do grupo atribuem à sua geração, a responsabilidade pelas mudanças atuais, uma vez que, segundo eles, sua geração foi quem abriu caminhos e enfrentou os mais severos preconceitos e dificuldades em relação à homossexualidade, outrora. Diante dos relatos compreendi a existência de certa mágoa dos mais velhos em relação aos jovens, onde estes deveriam agradecer aos velhos por terem iniciado as lutas por alguns privilégios que agora desfrutam, ou deveriam então compreender a situação dos velhos, que vem de outra época, mas não o fazem.

Poderemos examinar ainda as posturas das novas gerações quanto à nossa identidade sexual e à liberdade que usufruem graças às lutas das pessoas mais maduras que enfrentaram as ditaduras - militar, religiosa, familiar, entre outras, para que os jovens pudessem, hoje, até sair de mãos dadas nas ruas (Ata de reunião, janeiro de 2012).

Meus colaboradores não são capazes de fazer o que os jovens gays fazem atualmente, no sentido da visibilidade e do assumir-se, seu contexto e trajetória históricos foram outros. Ao mesmo tempo apresentam muita dificuldade, e sofrimento, na tentativa de criar modos e modelos próprios de vida, de sociabilidade em que sejam mais felizes e coerentes ao seu modo de vivência e percepção de mundo.

Este aparente conflito de gerações, embasado nas diferenças de expressão e comportamentos entre homossexuais jovens e velhos, aponta para um sentimento de indignação dos mais velhos em relação à precocidade de assumir-se dos jovens atuais: onde práticas homoeróticas sem culpa convivem abertamente com uma produção visual-corporal praticamente fora do armário ou escancarada. Atualmente nas grandes cidades brasileiras, ainda que alvo de agressões é possível ver homens trocando carícias em público, namorando e vivendo praticamente igual a casais heterossexuais.

Arrisco a aproximar esta percepção a outra questão que, por inúmeras vezes já presenciei, em minha prática profissional, entre gerações distintas, ou seja, a queixa dos mais velhos de não sentir-se valorizados pelos jovens. Seria como se os jovens devessem alguma conquista ou busca por direitos sociais aos que chegaram

antes, os mais velhos. O que está em jogo é o valor da experiência acumulada em determinadas questões por quem viveu mais, cronologicamente falando, ou seja, seria uma ideia de hierarquia: praticamente como ocorre nos quartéis onde os cargos mais altos somente são ocupados por progressão temporal, não há outro caminho. É como se as gerações mais novas vivessem apenas o novo e a novidade e não valorizassem a trajetória de quem chegou e lutou (ou não) antes, seja por questões gerais seja pelas lutas do movimento gay.

No entanto, pude perceber que os informantes mais velhos também criticam e condenam os comportamentos dos gays jovens atuais seja por uma suposta superficialidade de associações cognitivas e de relações sociais, seja por certo exagero de expressões e trejeitos afeminados. Meus informantes parecem admitir seus preconceitos e atribuem aos jovens gays comportamentos e relações sociais superficiais, passageiras, onde o interesse não seria as relações mais “sérias” e duradouras. Para eles, é como se estes jovens não apresentassem uma capacidade afetiva e sentimentos verdadeiros e se ocupassem somente com assuntos sobre festas, roupas e a viver a vida sem responsabilidade, “ficando”, como destacaram os integrantes do grupo.

(...) àqueles homoafetivos de 15 a 19 anos, de classe média, que compõem uma geração afetada. São aqueles que só pensam em shoppings e moda, revelando muita futilidade (Ata de reunião, junho de 2010).

O informante Fábio caracterizou como um “*verdadeiro absurdo*” e condenou as manifestações de gays jovens em público, classificando-as como vulgares e exibicionistas. Além disso, relatou não compreender a vontade de gays que se vestem de mulheres e que as imitam, denominados por ele de “*caricatos*”. Em vários momentos fez severas críticas às chamadas “*bichinhas fashion*” e questiona por que a cidade, como capital do Estado, não tem um lugar legal, segundo ele, de “*bichas velhas*” para ir⁷².

⁷² No entanto, na cidade de Porto Alegre há vários espaços frequentados por gays mais velhos, principalmente saunas. Podemos compreender que este informante se referiu a outros espaços como bares e/ou boates específicas para um público idoso, embora, há alguns bares onde idosos gays são a maioria dos frequentadores em Porto Alegre, como mostrou Fernando Pocahy em pesquisa já citada.

“Não, aqui tu só tem boate pra gurizinho, aquelas músicas pé no saco, tu acaba sendo discriminado” (Fábio, 62 anos).



Figura 13: Na Balada

Criticar e admirar - é assim que os informantes do grupo parecem perceber esta nova geração de gays - os compreendem pelo fato da fluidez, de certa superficialidade nas relações e da troca constante de parceiros e amigos.

“Com certeza, o mundo gay é dos jovens, aliás o mundo é dos jovens, mas o gay é uma coisa mais marcada sabe, dependendo do lugar dependendo se tu tem mais de 50 anos vão dizer que é ‘bicha velha’, e ainda mais sozinho” (Ricardo, 57 anos).

Sobre a chamada “geração da era virtual” e das redes sociais o grupo acredita que estes jovens possam gozar de uma maior liberdade de expressão, característica da contemporaneidade, o que provocaria mudanças significativas dentro das próprias famílias, nas escolas e nas relações sociais de uma maneira geral. Sobre esta questão um informante destacou que “Os jovens de hoje são bem

mais rápidos que nós, eles são bem menos românticos que nós também” (Arlindo, 58 anos).

O comentário deste informante nos remete a um suposto ideal de antigamente, da ingenuidade característica de um amor romântico. No entanto, a maioria dos integrantes do grupo não viveu relações românticas com outros homens. Apenas Arlindo viveu com seu companheiro durante alguns anos, até ele falecer. Atualmente Ricardo e Otávio vivem relações duradouras com seus companheiros, ambos há mais de 12 anos. Talvez a presença e os depoimentos dos “casados” no grupo reforcem a ideia de busca de uma união feliz e estável, tão comentada e desejada por estes homens.

A realidade também demonstra que os relacionamentos humanos, de uma forma geral, no cotidiano, revelam certa frieza, o que aparece, inclusive, nos locais de trabalho. O choque de gerações também pode explicar o fenômeno. As novas gerações não sentem falta do amor romântico. Muitos preferem apenas praticar sexo, sem se ligar a ninguém. O medo de estranhos é outra fonte de explicação. Não se sabe quem é a pessoa com quem afetivamente vai se associar. Uma relação afetiva exige conhecimento, afinidade, entrosamento. Muitos preferem amigos a um parceiro fixo. (Ata da reunião, 03/04/2010).

Em várias reuniões onde o integrante mais jovem esteve presente todos do grupo o escutavam como que de uma forma admirada. Muitos elogiavam sua desenvoltura em relação ao modo como vive sua homossexualidade, aos diversos namoros que já teve e, também, à facilidade de acesso e domínio de diferentes ferramentas e tecnologias virtuais. Em alguns momentos, pareceu-me que o integrante mais jovem de certa forma alimenta os demais do grupo em relação aos espaços de sociabilidade gay na cidade e sobre as últimas tendências ou novidades do circuito gay gaúcho, brasileiro e internacional. Por outro lado, é importante destacar o interesse deste integrante jovem em participar de um grupo, valorizando a sistemática de encontro para trocar ideias sobre a vida e, por extensão, de admirar as chamadas bichas velhas. Em vários momentos o coordenador elogiou Rogério que, apesar de ser jovem sempre contribuiu com o grupo por suas ideias sensatas e equilibradas. Cabe destacar que Rogério, o integrante mais jovem do grupo,

começou a participar das reuniões a convite do próprio Alberto, em virtude desse, ser, também, seguidor do Espiritismo.

Partenon⁷³ tem frequentado uma boate no bairro Moinhos de Vento em que, aos sábados, o lazer é homoafetivo, atraindo jovens dos 14 aos 20 anos. Nota que ali tudo é praticamente permitido pelos seguranças, menos dois guris sentarem um no colo do outro. As mãos percorrem os corpos dos frequentadores, sem qualquer inibição. E há casos em que dois adolescentes ficam exercitando um ato sexual, vestidos, naturalmente. Não há constrangimentos, censuras, bloqueios no comportamento dos adolescentes que comparecem àquela boate, expressando a liberdade dessa nova geração de homoafetivos. Um integrante comentou que esses jovens rompem barreiras, sem a repressão familiar, como ocorreu com os que hoje são mais velhos (Ata de reunião, junho de 2010).

(Diário de Campo, 04/02/2010): O integrante mais jovem do grupo contou como foram suas férias na praia, o que aprontou por lá e o bar gay que foi em uma praia próxima. Todos o escutaram com atenção, coordenador e Ricardo desconfiaram da existência do bar gay na praia e, curiosos, perguntaram como tinha sido a experiência.

(Diário de Campo, 29/07/2010): Rogério trouxe uma novidade à reunião: contou com riqueza de detalhes, após contatos de amigos e de pesquisas na internet, sobre um local de “pegação” localizado no anfiteatro pôr do sol, às margens do rio Guaíba, cartão postal de Porto Alegre. A prática consistiria em transar dentro dos carros com várias pessoas ao mesmo tempo. Todos escutam com atenção ao integrante mais jovem e bem informado do grupo, que estuda comunicação e que acaba de sair da casa dos pais para morar sozinho, tornando-se independente. Ricardo, sobre a novidade relatada por ele comenta, com certa ironia, parecendo esperar ver as reações dos colegas: “*Que horror isso prá nós gays casados, bem resolvidos.*” Fábio logo complementou: “*As novas gerações têm outra cabeça, já que fomos nós que abrimos o caminho*”. O assunto desta vez que esquentou a discussão foi sobre política. O grupo mostrou curiosidade e interesse em conhecer um candidato declaradamente gay de uma cidade do interior e, no mesmo momento, por estar em

⁷³ Conforme expliquei anteriormente, é a denominação usada por Alberto para se referir ao integrante mais jovem do grupo, assim como os demais participantes que são citados nas atas de acordo com os bairros onde residem.

sua casa, Rogério, acessou rapidamente seu computador para procurar informações a respeito. No mesmo instante encontrou uma entrevista do candidato à deputado e mostrou a todos do grupo ao conectar o computador à televisão. Todos ficaram surpresos e satisfeitos com as habilidades do “mascote” do grupo.

(Diário de Campo, 10/04/2010): Alberto destacou novamente sobre sua terapia. Os colegas continuaram a dar conselhos para ele “*cair na vida*”, comentaram a não dar tanta atenção à internet e investir mais em barzinhos, no “corpo-a-corpo”, na “vida real”. Mesmo assim Alberto relatou com certo orgulho que, por indicação de Rogério, o mais jovem do grupo, tem acessado salas de bate papo e que se sente mais motivado e conta que se admirou pela velocidade e disponibilidade de sexo fácil atualmente. Relatou, desconfiado, que encontrou um garoto que queria “*mamar um coroa*”, mas afirmou não ter ido ao encontro porque ficou receoso. Este informante afirmou: “*Estou fora do mercado, estou com 59 anos!, Hoje a maioria é jovem*”. Disse que sua terapeuta o aconselhou a “investir na sexualidade”. Comentaram que atualmente a juventude é “bi” e a nova geração é mais solta, sem culpas ou medos, que a liberdade de expressão é bem maior que antigamente.

A partir de meus registros das reuniões no diário de campo e das passagens acima citadas podemos refletir acerca de vários desdobramentos e percepções possíveis a respeito das aproximações e afastamentos entre as gerações discutidas e vivenciadas pelo (e no) grupo. Rogério, o integrante mais jovem do grupo apresenta um “perfil jovial” muito diferente daquele criticado pelo grupo, ou seja, faz parte do grupo por dois motivos: é conhecido de Alberto a partir do Espiritismo e apresenta afinidades aos modos de pensar da maioria dos integrantes, sobretudo do núcleo velho. O sentimento de orgulho advindo da compreensão de que a geração dos integrantes mais velhos do grupo abriu caminho para os jovens de hoje é unanimidade entre todos, inclusive por Rogério. Quanto à preferência para encontros com outros homens as opiniões são divididas no grupo: alguns preferem homens da sua idade ou mais velhos, outros preferem os mais jovens, “bonitos” e “sarados”. Depois de várias reuniões queixando-se de que “não tinha chance” para namorar, pois se sentia “velho e/ou feio” para isso, o coordenador, apoiado por todos

do grupo, passou a admitir a possibilidade de encontrar jovens que preferem os coroaes e começou a frequentar bares e “até mesmo” saunas – para a surpresa e alegria de todos.

Além de conviver e trocar informações com os integrantes mais jovens do grupo (os participantes da periferia flutuante e da margem jovem) a idade avançada dos informantes do núcleo velho parece os habilitar, de alguma forma, a exercer certo cuidado, certo zelo com os demais integrantes. A prática de aconselhamentos sobre assuntos diversos e, principalmente, sobre conflitos relacionados à homossexualidade foram uma constante no grupo, desde o início de minha entrada no campo. Em vários momentos, o coordenador lembrou, com detalhes, alguns casos de outros homens, mais jovens do que eles, que já passaram pelo grupo e que puderam encontrar orientações providenciais, de modo a transformar suas vidas para melhor.

(Diário de Campo, 08/05/2010): Rogério, 23 anos, divulga na reunião que está “ficando” com um rapaz de 15 anos, para o espanto de todos. Os informantes mais velhos o aconselham sobre seu relacionamento muito precoce e, inclusive, falam sobre as leis de pedofilia no Brasil e sobre os possíveis problemas que ele pode enfrentar.

(Diário de Campo, 10/09/2009): Nesta reunião conheci outros participantes “de meia idade” que compõem o grupo: o Gilmar (43 anos) e o Lucas (42 anos). O Gilmar mostrou-se mais falante em comparação a Lucas, comentou de algumas situações embaraçosas que enfrenta em seu ambiente de trabalho e com o filho adotivo que está educando, um deficiente auditivo, adolescente. Também relatou que recentemente passou por um período de depressão. Afirmou sentir-se melhor atualmente. Lucas praticamente não se manifestou, somente observou e escutou a todos, apenas se apresentou e elogiou a força do coletivo do grupo.

Naquela reunião conversamos com um novo oficineiro, residente lá pelos lados do Jardim Planalto, procurando clarear certas situações quanto à sua sexualidade, ajudando-o a refletir sobre duas palavras muito importantes: auto-aceitação e autoestima. Com as contribuições dos oficineiros mais experientes, esse parceiro de

lutas, de 37 anos, recolheu opiniões sobre sua identidade sexual, tomando consciência de que é essencial que a encarar como algo natural, como uma característica de sua personalidade, como outras, sem o peso que lhe é atribuído. Os oficinairos fizeram-no ver que essa naturalidade é uma conquista, uma construção, um processo, a ser desenvolvido com o tempo. A identidade sexual não é algo para que venha a gerar sofrimento ou desconforto, mas um sinal inerente à personalidade de cada um. O fato de morar com a família deve ser repensado por ele, argumentaram os oficinairos, para que, adquirindo independência, possa não mais temer uma suposta rejeição em função de sua sexualidade. Essas foram algumas indicações e opiniões que os oficinairos lhe transmitiram na intenção de ajudá-lo a refletir sobre seus caminhos. Foi uma reunião maiúscula, de sólido conteúdo, regada a muito afeto e calor humano, distribuídos entre os oficinairos e canalizados para esse nosso novo companheiro de lutas e esperanças (Ata de reunião, agosto de 2010).

Para os integrantes do grupo e, sobretudo para Alberto, as reuniões precisam servir para compartilhar experiências e minimizar sofrimentos pessoais. Este, nos momentos de entrevista, citou vários exemplos de outros homens, jovens, que já passaram e foram auxiliados pelo grupo. Esta função missionária aliada a questão da amizade parece apontar para o grupo como um lugar de sólidas relações de apoio e de suporte, algo para além do fútil e da provisoriedade. Ao mesmo tempo em que a maioria dos integrantes apresentou certas críticas aos gays jovens, alguns informantes do núcleo velho já manifestaram interesse em relacionar-se sexualmente com eles. A divergência central nas discussões do grupo se concentrou nos modos em que esta relação se daria: com ou sem pagamento. Enquanto que para Robson e Arlindo “transar” com michês é uma possibilidade atraente, para Alberto seria uma prática inviável, uma vez que este somente procuraria jovens que realmente preferissem homens mais velhos, sem envolvimento financeiro, “somente afetivo”.

Até onde a diferença de idade e o abismo de gerações anulam ou dificultam as parcerias afetivas entre jovens e homens - ou mulheres - mais maduros(as) ? E aqueles casais com 25 ou 30 anos de diferença nas certidões de nascimento que estão há dez ou mais anos juntos não desmentem o dogma de que coroa não deve namorar garoto(a)s ? Outro tabu é aquele que está relacionado à crença de que o(a) jovem só está com o(a) mais velho(a) de olho na sua conta bancária, no carrão, no belo apartamento, nos bons jantares e viagens que ele(ela) patrocina (Ata de reunião, outubro de 2011).

Acerca das relações entre as gerações no grupo, percebi que mesmo havendo um reconhecimento e certa admiração dos informantes mais velhos aos mais jovens, quem sustenta, organiza e delibera sobre os principais encaminhamentos no grupo, é o núcleo velho. Posso destacar que a relação entre jovens e velhos no grupo é extremamente amigável, mas compreendi que fica bem demarcada, nas reuniões, a prática de aconselhamento aos mais jovens (ainda que alguns integrantes do núcleo velho não apresentaram significativa experiência homoerótica) sobre como enfrentar os problemas de auto-aceitação e dos preconceitos compartilhados. Por outro lado, os integrantes mais velhos, aos poucos, pareceram aceitar a possibilidade de encontrar jovens que se interessem por coroas (mesmo que a desconfiança de serem explorados ou enganados por eles seja uma constante) em relações prazerosas para ambos. Tais relações intergeracionais, mesmo admitidas por eles, ainda apontam para objetivos românticos e duradouros e buscam uma “união estável”. Apenas um informante do núcleo velho relatou que busca acessar garotos mais jovens e que paga por isso. O contraponto a isso se fez muito potente por intermédio das atas escritas por Alberto.

De uma maneira geral meus colaboradores vivem o dilema de, ao mesmo tempo, admirar e criticar os mais jovens – não conseguir ser como eles, no desprendimento e na leveza dos relacionamentos e, também, não querer ser como eles: consumistas e/ou imediatistas. O que me chamou maior atenção, sem dúvida, foi o fato de apresentarem grande dificuldade em criar algum (uns) modo(s) de viver a homossexualidade, satisfatoriamente, de acordo com suas características.

As questões relacionadas, mais especificamente, ao processo do envelhecer e da velhice serão tratadas no capítulo a seguir. Apesar de uma grande recorrência a eventos e lembranças do passado, a maioria dos informantes se preocupou em planejar e se preparar de alguma maneira para “o futuro”, buscando alternativas para o lazer, para os cuidados com a saúde ou com a própria finitude.

7.9 Ficando mais Velho: Entre Lembranças e Projetos

“Qual o problema da idade?” (Fábio)

“Todos!” (Ricardo)”

As inúmeras lembranças de situações do passado ocuparam considerável espaço nos encontros do grupo, seja na exposição de estratégias de sair para flertar e namorar em espaços específicos da cidade (praças e parques, a Rua dos Andradas⁷⁴, conhecida como “Rua da Praia”, bares e boates da época que quanto eram jovens) seja em relatos emocionados em relação a alguns constrangimentos familiares. Estes geralmente se referiam às diferenças de comportamento percebidas e apontadas em relação a outros meninos e rapazes sobre os saberes de como agir como um homem e jamais parecer afeminado.

A discussão sobre o ritmo e o passar do tempo, para além da saudade do passado e do temor do futuro - referente a diferentes representações da velhice e preocupações com doença, morte e solidão - remete a certa valorização dos jovens gays (ainda que com algumas críticas já abordadas) pautada a partir de uma ideia de evolução em relação à própria concepção de história e das conquistas do movimento gay, sobretudo na área de reconhecimento jurídico e de direitos sociais. É importante destacar que as temáticas que separei, em cada subcapítulo, para problematizar e refletir sobre o grupo, mostraram-se articuladas e não fragmentadas, a partir dos relatos dos meus informantes, isto é, eles próprios costuraram, de certa forma, os assuntos sobre o processo de envelhecimento e associaram à questão do assumir-se, às sociabilidades, à família, ao trabalho, entre outras.

“Hoje em dia eu sou mais assumido, sou mais audacioso, acho que melhorou com a idade, em tudo, estou mais resolvido agora do que antes. Porque antes não podia porque estava comprometido, meu companheiro e eu não tínhamos ambiente e nenhum amigo gay por causa do trabalho dele. E depois que ele se aposentou ele queria fazer tudo. Hoje eu não tenho vergonha de nada, antes eu tinha medo” (Alejandro, 64 anos).

⁷⁴ Tradicional rua da região central de Porto Alegre/RS.

O relato de Alejandro nos remete a outra situação também debatida no grupo – as diferenças na rotina entre gays solteiros e casados. Os dois informantes do grupo que vivem com seus companheiros (Ricardo na mesma casa com seu companheiro; e Otávio e Áureo em casas distintas) relataram não possuir ou alimentar círculos sociais, significativos, fora do casamento. Pareceu-me que os integrantes solteiros do grupo apresentaram maiores possibilidades de relações sociais do que os informantes casados, ainda que a maioria dos integrantes demonstrasse buscar uma parceria duradoura, monogâmica e baseada no contrato de fidelidade. Nos dois casos é como se a questão do casamento gay fosse vivenciada “para dentro”, finalmente não se está mais sozinho, e é preciso certo investimento e até esforço eu diria, em manter a relação. Assim, se limitam as possibilidades de troca e interação homoerótica (ou heterossexual) em contextos outros, para além do casal. Neste momento cabe refletir: o casamento, nestes casos, configurar-se-ia como a morte da sociabilidade?

Acredito na complexidade da questão de acordo com cada contexto e na construção de suas negociações. Ricardo admite, claramente, que na rotina do casal, juntos há mais de vinte anos, não há muito espaço para transitar dentro ou fora do circuito gay e, raras vezes, se queixa disso. Já para Otávio, a sociabilidade só é dificultada (ou proibida?) enquanto casal – seja pela área de atuação profissional de ambos (Medicina e Administração), seja pela família ou os amigos heterossexuais. Por outro lado Otávio apresentou uma agenda social movimentada, onde a maioria dos eventos, reuniões e viagens participa sozinho, sem seu companheiro. Mesmo demonstrando certo constrangimento em relação a esta situação, a mesma parece ser uma combinação entre este casal.

Alguns informantes do grupo parecem concordar em uma possível busca de assistência profissional caso necessitarem de cuidados especializados em relação à saúde. Em relação ao futuro e à compreensão da morte Alejandro afirmou não pensar muito, uma vez que recebeu uma carta psicografada⁷⁵ de seu companheiro, já falecido, que o deixou mais tranquilo e o consolou. Pareceu estar decidido de que

⁷⁵ Psicografia é uma das muitas capacidades mediúnicas, segundo o Espiritismo, que algumas pessoas desenvolvem. A pessoa, o 'médium', entra em contato com o espírito através da mudança de faixa vibratória de seu próprio pensamento e capta, 'recebe', as informações do espírito e transmite à família, em forma de uma carta (*O livro dos Médiuns, Federação Espírita Brasileira, - FEB, 2002*).

quando precisar de ajuda e não conseguir morar mais sozinho irá procurar uma clínica geriátrica para viver com cuidados especiais. O avançar da idade parece ter dado certa dose de independência e coragem a Alejandro em relação a posturas e inseguranças relatadas do passado. Este informante afirmou não se “sentir velho”, apesar de uma doença urinária que enfrentou há dois anos e do excesso de peso, ele convive com medicação e é “safinado”, destacou ser adepto de caminhadas e, às vezes, frequenta cursos de biodança. Considerou-se vaidoso e manifestou vontade em fazer cirurgias plásticas se tivesse melhores condições financeiras. Arlindo, em relação à morte e ao futuro, de acordo com a filosofia espírita, afirmou não ter medo da morte e sim da falta de saúde e do sofrimento que poderá passar caso não se cuidar. Foi categórico ao afirmar que só envelhecerá “*depois dos oitenta anos*” e aponta possibilidades de morar com algum familiar ou ir para uma “*boa clínica geriátrica*”, caso necessite. Mais uma vez, nos relatos abaixo, os informantes relacionam suas percepções sobre o passar do tempo a questões de sociabilidade e à metáfora do armário.

“Discoteca eu não tenho ido, porque a gente perde o outro dia, àquela fumaceira também atrapalha e os freqüentadores normalmente são muito jovens, idade que não curto muito para namorar e agente acaba optando por outras coisas como as saunas” (Arlindo, 58 anos).

“Antes eu era mais enrustido do que eu sou hoje. Eu me lembro que, na década de oitenta, eu mandava cartas na seção recados de um jornal pra outros homens e para me encontrar com eles” (Alberto, 62 anos).

(Diário de campo, 08/09/2009): A maioria dos informantes relatou que com o passar do tempo a qualidade das práticas sexuais melhora, embora comentassem também que o aparecimento da barriga e da calvície, o enrugamento e a flacidez da pele, o fato de serem chamados de tios e o medo de ficar doentes são os fatos que mais os incomodam.

“Eu comecei depois dos 30 anos, já me achava velho prá isso!” (Otávio, 59 anos).

No que se refere à expressão e vivência sexual Arlindo afirmou que na adolescência sua postura era de reprimir qualquer desejo homossexual, devido ao

contexto de uma cidade pequena do interior do Estado. No entanto destacou não ter vivido grandes traumas, ao contrário da maioria do grupo, ou ter sido alvo de preconceitos. Atualmente Arlindo resume bem sua rotina de relações e afirma sentir-se tranquilo por tudo o que já viveu e parece, até mesmo, em dar uma “receita” de como conviver bem, depois dos cinquenta anos, na cidade de Porto Alegre/RS: manter uma rede de amigos, de diferentes perfis e fazer o que mais gosta, ou seja, viajar e ir às saunas.

O relato de Arlindo denota uma relação entre o processo de envelhecimento e as possibilidades de sociabilidade a partir da construção (e manutenção) dos laços de amizade. Seu perfil difere da maioria dos integrantes do grupo uma vez que afirmou certa facilidade em circular entre diferentes amigos, “(...) *aprendendo e trocando um pouco com cada um deles*” de modo a não sentir-se solitário ou depressivo. Ao relacionar a temática do “cuidado de si” ao contato do outro, Michel Foucault apontou a necessidade de um vínculo, de um contexto intersubjetivo, significativo, capaz de promover ou provocar transformações e/ou reflexões a partir das interações construídas.

A questão do relacionamento com o outro é uma constante em toda a temática do cuidado de si. Foucault sublinha em numerosas ocasiões a necessidade deste vínculo intersubjetivo (em forma agonística). Sem a presença do outro não se pode produzir nenhum auto-relacionamento satisfatório; o cuidado de si precisa do outro. A constituição do indivíduo como sujeito ético efetua-se só por meio de relações complexas com o outro (cujo estatuto e formas são diferentes segundo a época) (ORTEGA, 1999, p.126).

O informante Ricardo sobre sua compreensão do futuro e em relação à morte afirmou certa tranquilidade e ausência de medo, ressaltou a possibilidade de encontrar uma clínica somente para o público gay mais velho, destacou que seria divertido, ao mesmo tempo em que acredita que na velhice um poderia auxiliar o outro, no grupo, servindo como suporte para cuidados e para enfrentar eventuais momentos de solidão.

“Ah, a idade... [pausa] Mesmo que tenham pessoas jovens com certa maturidade, mas lógico que a experiência vem com o tempo mesmo. A gente tem um planejamento na nossa relação a médio e longo prazo, e já estamos planejando que moraremos num local sem escada e não teremos carro, e nós temos uma

perspectiva de envelhecermos juntos, agora se isso vai ocorrer ninguém sabe né?” (Ricardo, 57 anos).

Em mais de uma reunião os integrantes do grupo levantaram a possibilidade de, em um futuro próximo, passarem a morar próximos uns dos outros a fim de conviver e de prestar auxílio a alguém quando necessário. Os informantes mais velhos comentaram até em morar em um mesmo condomínio para ficar ainda mais próximos. Otávio destacou que tem certa pressa em viver intensamente o momento presente, em aproveitar a vida ao máximo, sem pensar na morte ou no futuro, relatou contar com a família e com o Áureo, seu companheiro, caso venha a necessitar de cuidados futuramente.

É possível construir ou encontrar um lugar que possa abrigar homoafetivos idosos afins, que possam se ajudar mutuamente, morando juntos e dividindo espaços, despesas, direitos e deveres? Deveria existir um asilo para esse segmento social? Ou seria mais adequado se integrarem a uma instituição geriátrica, encarando e dissolvendo preconceitos, sem fugir do convívio social? Seria, mesmo, bom criar um espaço de convivência específico para esse grupo, reforçando a ideia de gueto? Ou seria melhor amigos homoafetivos morarem num edifício, próximos uns aos outros? Ou poderia ser erguido um condomínio horizontal em que houvesse uma lavanderia e uma área de lazer, com piscina, como locais de uso comum, com funcionários e serviços custeados por todos? Como seria resolvido o problema das diferenças de renda entre eles para manter esses serviços? E como ficaria a questão da herança, diante da morte de um deles, cuja casa geminada passaria a ser habitada por uma família heteroafetiva? Essas e outras questões ligadas à velhice dos homoafetivos foram alguns dos assuntos tratados na última reunião com 11 participantes. O próximo encontro será em 29 de janeiro, às 19 horas, no Morro Santo Antônio, no Partenon, bem defronte à igreja do mesmo santo. Durante a reunião, alguém informou que, em Suzano, São Paulo, estão construindo um condomínio específico para homoafetivos, com casas populares. As opiniões dividiram-se quanto à localização do condomínio: praia, mato, campo ou cidade? Para evitar que a ideia de um condomínio exclusivamente destinado a homoafetivos seja desvirtuada por problemas de herança, surgiu a sugestão, proposta por um advogado informalmente consultado dias antes da reunião, que se criasse uma associação, juridicamente bem constituída, proprietária de todas as moradias. O falecimento de um morador reverteria a posse do imóvel para a entidade. Seria uma forma de comodato, evitando-se que herdeiros se habilitassem junto à Justiça ao direito de residirem no condomínio. Uma cozinha única poderia fornecer as refeições para os idosos, atenta a problemas individuais de diabetes ou colesterol, ou cada casa poderia ter um local de cozimento. Não deveria estar situado o condomínio ou o edifício longe de hospitais e médicos, por motivos óbvios, o que colocaria em dúvida se seria viável residirem no campo, no mato ou na praia. Para determinado companheiro, o essencial é cada idoso se manter independente, durante o maior

número de anos possível, garantindo autonomia de ação. Outro oficineiro sublinhou que a velhice deve ser, com antecedência, psicologicamente preparada como etapa de vida. Aqueles que criam filhos com a ilusão de que vão cuidar dos pais durante a chamada terceira idade - ressaltou - acabam percebendo que tal crença não passa de uma falácia. Na SPAAN, reforçou ele, a maioria dos idosos recolhidos não recebem visita de familiar algum, embora tenha filhos e netos. Determinado integrante da Oficina... reclamou que o assunto de discussão sobre um lugar para os homoafetivos morarem todos juntos, ajudando-se mutuamente, já foi debatido há muitos anos, sem que nada tenha sido feito, na prática, para que se torne a ideia concreta. Foi sugerido, então, que cada oficineiro traga no próximo encontro alguma proposta objetiva, recolhida com advogados ou pessoas que possam clarear a situação, para que haja avanços na execução do projeto (Ata de reunião, janeiro de 2010).

A passagem acima destaca a preocupação do Alberto (talvez mais dele do que o restante do grupo) com possíveis complicações mais sérias decorrentes do avançar da idade. Em mais de um momento o assunto sobre as relações entre autonomia, dependência e doença tomou a centralidade das reuniões, envolvendo a todos do grupo – os mais velhos, os da chamada “meia idade” (que compreende os período dos 40 a 55 anos, aproximadamente) e os mais jovens. Percebi um esforço e algumas tentativas de resolver tais situações no próprio grupo, sem recorrer a familiares ou serviços especializados. Até o momento do acompanhamento do grupo nenhuma ação foi tomada, efetivamente, no sentido de combinação futura sobre a proximidade de moradia entre eles. No entanto, em momentos além do espaço das reuniões o assunto sempre voltava à discussão por meio dos subgrupos.

(Diário de Campo, 16/01/2010): Alberto afirmou que “*a idade acomoda a gente*” e Fábio completou: “*A gente fica mais seletivo*”. Gilmar disse claramente que tem medo e se preocupa com a velhice e com a morte. A partir daí todos se manifestaram intensamente. Alejandro, o mais calado do grupo, estava bem falante nesta noite, inclusive alguns do grupo perceberam e o elogiaram por isso. O mesmo afirmou que “*A vida ensina, a vida prepara a gente... como eu iria cuidar dele doente? E cuidei e fiz tudo sozinho e consegui*” (referindo-se ao companheiro doente que cuidou até a sua morte). Alejandro novamente destacou, que no próprio grupo já foi abordada a questão de algum deles tomar uma iniciativa para o seu próprio futuro: morar mais perto um do outro, fazer um condomínio fechado em um só

terreno, morar num mesmo prédio talvez. Cogitaram até nos empregados coletivos que poderiam ter: profissionais da saúde, segurança, limpeza e cozinha, planejado de uma maneira coletiva e solidária. Outro integrante relatou que não poderá contar com sua família quando precisar e já está se preparando para, futuramente, for morar em um “bom asilo” que possa pagar. Arlindo concordou e colocou que também acredita que sua família não irá cuidá-lo como ele gostaria e que a imagem de um velho só atrapalharia a rotina de uma casa, segundo ele, e que entre seus familiares, um velho seria um “estorvo”. Ficou evidente a preocupação da maioria em relação ao futuro, onde, a principal questão foi: Como todos viveriam quando deixassem de ser independentes fisicamente? Alejandro defendeu a ideia de não morar junto com alguém, nem mesmo com os colegas do grupo, mas sim, “*cada um com sua casinha, independente, uma ao lado da outra*”. A ideia sugerida de todos morarem em um mesmo local ou condomínio gerou discussão, pois alguns acharam complicado, pois a diferença de suas rendas financeiras são diferentes.

Percebi que apesar de um esforço em reunir os integrantes do grupo em certo clima de harmonia e homogeneidade, como manifestaram alguns informantes, tensões e pequenas divergências sempre fizeram parte da maioria das reuniões que presenciei. O planejamento para um tempo futuro, entre eles, acerca das possibilidades de moradia coletiva exemplificou esta questão. O assunto apareceu em algumas reuniões e nenhuma proposição ficou efetivamente combinada entre eles. Ao mesmo tempo a compreensão do avançar da idade pareceu impedir a realização do desejo de morar com outro homem, denotando certa resistência em compartilhar experiências, sob o mesmo teto, e/ou uma cristalização de comportamentos e posturas individualistas, ou egoístas que estariam associadas ao envelhecimento, como destaca o informante abaixo.

“Já estou numa idade, mas morar junto agora, não rola, eu tenho as minhas manias, a individualidade, é complicado dividir o espaço” (João, 50 anos).

(Diário de campo, 04/02/2010): Alguns integrantes lembraram lugares que já freqüentaram na cidade como o “*Bataclã* e a “*Flowers*”: os bons tempos da “putaria”, segundo eles. Arlindo dispara: “*É difícil depois de uma certa idade iniciar um relacionamento*”. Ricardo, como sempre, conta suas experiências afetivas e sexuais

em todas as reuniões, todos concordam que ele foi um dos que mais namorou antes de se casar, e que o seu “currículo” é enorme, “de respeito”, e é, de certa forma, admirado pelo restante do grupo.

(Diário de Campo, 27/03/2010): O assunto mais animado e participativo da reunião: os lugares que eles freqüentavam antigamente, em Porto Alegre. Durante um bom tempo ficaram contando suas aventuras afetivas e sexuais da época. “*Bons tempos aqueles!*”, alguém comenta denotando certo saudosismo e nostalgia. Contaram que os policiais da época também “comiam” as bichas, para namorar escondido eles iam em direção ao local chamado de “recanto chinês”. Alguém logo comenta: “*Pois é, e hoje? Tem muita violência*”. Comentaram de bares e boates freqüentados na época, também falaram de RJ e Florianópolis. Alguns relataram que hoje em dia a relação se restringe à transa em si e não ao amor e romantismo. Um integrante diz que sente uma solidão muito grande atualmente e se questiona sobre o futuro: “*Onde iremos parar?*”, outro afirma: “*Mas a gente vai se adaptando, pra nós é um choque!*” – A maioria concordou que hoje as relações mostram-se mais imediatistas, por prazer sem envolvimento e criticaram a sociedade cada vez mais individualista. Um informante do núcleo velho disparou: “*Eu não tenho mais paciência para boates, é tudo superficial, hoje transam muito e depois vem um vazio!*”

(Diário de Campo, 02/10/10): A reunião inicia e logo o clima ‘esquenta’: o assunto sobre diferenças entre as idades e o envelhecimento é um tema que envolve a todos. Ao mesmo tempo em que a beleza e jovialidade dos mais jovens encanta à maioria do grupo, todos aconselham a tomar cuidados para não deixar-se explorar por eles. Fábio afirmou: “*Imagina eu com um guri de vinte anos?*” “*Que beleza!*”, logo respondeu Ricardo. Alberto volta a comentar que está há muito tempo sem sexo e mostra-se disposto a ir à sauna com outros colegas do grupo e comenta: “*Há tempos que eu estou na segura né? Convidei 2 amigos pra ir à sauna, eu estava louco pra ir mas inventei uma desculpa na hora e não fui. É a terceira vez que eu faço isso. Acho que lá a energia deve ser pesada!*” Destacou que estava se sentindo sozinho na semana anterior e ligou para outro integrante do grupo, Ricardo, para

conversar. Otávio afirmou que começou a freqüentar saunas depois dos 30 anos, quando já estava ‘velho’.

Tais passagens de meu diário de campo remetem, na maioria das vezes, a certa valorização ou glamourização de tempos passados, configurando a alguns informantes tons saudosistas de uma época melhor ou mais atraente e segura que o tempo atual. Filiações ao amor romântico em oposição somente às “transas” novamente foram demarcadas e reforçadas nas reuniões. Segundo alguns informantes mais velhos, sobre suas experimentações sexuais, estas se encontram nas tensões entre posturas contemplativas de lugares e de relações que necessitem de mais profundidade e envolvimento com outros homens (sem priorizar as práticas sexuais) e o desejo de intensificá-las, preferencialmente no espaço das saunas.

Como os homoafetivos devem se preparar quanto à velhice, a ser passada em asilos e casas geriátricas, tendo consciência de que não terão as visitas de netos e filhos? Será que, para os homossexuais, velhice será necessariamente sinônimo de solidão, abandono e cuidados por terceiros que, nem sempre, lhes oferecerá afeto e a devida atenção de que necessitam os idosos? Como nos prepararmos psicologicamente para que possamos atravessar emocionalmente incólumes essa fase da existência? Como se explica que, num mesmo asilo, há idosos que são alegres, comunicativos e felizes e outros que, sob as mesmas circunstâncias de abandono e rejeição familiares, se sentem deprimidos e infelizes? (Ata de reunião, abril de 2011).

A busca por afeto, por relações significativas e profundas em detrimento a contatos casuais, mesmo que prazerosos, foi intensamente defendida no grupo. Com o avançar do tempo e a proximidade da morte, da finitude, os informantes mostraram-se preocupados em estreitar ainda mais seus vínculos afetivos, de amizade (sem sexo) a fim de buscarem um suporte, uma proteção, um auxílio para enfrentamento de uma possível adversidade ou doença. Esta preparação para a velhice anuncia alguns receios ou fragilidades destes informantes – ficar solitário, sozinho, depender de alguém e/ou sentir-se rejeitado pela família ou amigos. Ainda que alguns destes citados podem ser vivenciados atualmente. A questão que alguns deles mesmos colocaram foi: “Com a velhice tudo isso se acentuará?”

7.10 Terapias, depressão e solidão: Autoajuda?

A ideia de autoconhecimento, do processo e da necessidade de assumir-se como uma promessa em busca “da felicidade” caracterizou o grupo desde o início do trabalho de campo. Mesmo não se reconhecendo como um grupo de autoajuda, as experiências pessoais dos participantes foram constantemente estimuladas pelo coordenador do grupo e reforçadas por alguns integrantes quando se questionam entre si sobre as dificuldades enfrentadas ao longo na vida.

“Ou seja, vamos nos comunicar, vamos brincar, vamos falar. Saber que cada um tem um segredo que nós sabemos, mas mesmo que a pessoa seja impelida de contar, que a ameaça seja zero, que a gente não desse um sorrisinho irônico, aliás que eu sinto nas reuniões. Tu foste naquela que eu chorei? Sabe que eu, normal assim, jamais ia falar sobre um problema meu, mas eu gosto muito de vinho branco suave, ele não deixa o cara bêbado, ele solta, relaxa, mas não no sentido agressivo, e ali eu via tudo e sabe de uma coisa eu vou contar mesmo. É o caso da minha mãe que marcou muito e cada vez que eu lembrava me dava um calafrio. E na hora que você solta isso pro grupo o problema já é do grupo, não é mais meu, é do grupo! Até o Alberto me disse: você me chocou!” (Robson, 71 anos).

Dificuldades enfrentadas na família e no ambiente profissional, a complexa convivência com os companheiros, a constante busca por um relacionamento fixo, estável, e suas aventuras sobre as histórias do passado foram compartilhadas inúmeras vezes no grupo. A intimidade do aconchego e do clima das casas dos participantes (preparadas especialmente para receber as reuniões) configuraram um ambiente favorável a relatos importantes sobre as trajetórias dos integrantes, propiciando confidências emocionadas que algumas vezes chegaram às lágrimas. A temática acerca do enfrentamento de momentos de crise - advindos de solidão, quadros depressivos, ausência e busca de relações sociais e questionamentos sobre a vida gay foram relevantes em pelo menos dois informantes do núcleo velho (de um total de seis) e de outros integrantes mais jovens do grupo.

“No início o grupo me ajudou bastante, Alberto, Fábio, serviu de contato, se não fosse o grupo eu não sei o que seria. Hoje eu gosto mais de escutar, de aprender, a gente aprende muitas coisas observando e escutando os outros. Antes eu era muito

fechado e não saía por causa do meu companheiro, ele era muito reservado e não deixava, essa vida de ir à sauna e boates jamais!” (Alejandro, 64 anos).

Se analisarmos bem qual é o papel da Oficina da Gente e o valor das nossas reuniões quinzenais, notaremos que somos privilegiados. Sem dúvida. Quantos homoafetivos não gostariam de estar em nosso lugar? Quantos andam cambaleando e tropeçando em seus problemas, sem encontrar um oásis, uma âncora, um cais, um momento de alívio e esperança? Há quem diga que não dá para afirmar que a comunidade homoafetiva está imersa em inúmeros obstáculos, já que ela é imensa, heterogênea e exibe muitas faces, da mais conservadora à mais avançada. Só que a realidade nos aponta que existem muitos homoafetivos precisando de ajuda, de referências, de caminhos mais felizes e saudáveis a serem percorridos. Nós não agimos assim. Somos melhores que os outros por isso? Claro que não. Seríamos muito tolos e presunçosos se nos considerássemos assim. Por não nos acomodarmos, estamos nos reunindo a cada 15 dias para propor a nós mesmos que sejamos diferentes, que transitemos por estradas bem alheias àquelas da maioria. Perseguimos o autoconhecimento, e o fazemos a trancos e barrancos. Mas, estamos construindo-o, apesar de todas as mazelas. Em nossos encontros, falamos muita abobrinha? Sem dúvida, mas também abordamos assuntos sérios em que alguns de nós expomos suas dificuldades, por sentirem que há uma egrégora ou clima propício aos nossos desabafos, às nossas histórias, às nossas lamúrias. (Ata de reunião, abril de 2010)

Ao auto-identificar-se como “Oficina da Gente” a ideia em questão é a busca da construção e transformação de si, do autoconhecimento como aponta o coordenador. Muitas vezes pareceu-me que o grupo, ao aconselhar e orientar seus integrantes atua como uma espécie de salvador da pátria dos problemas que os gays (que eles próprios) enfrentam. Posso pensar se as reuniões permitem que as pessoas mudem e se reinventem, ou se acabam reforçando como elas são/estão, uma vez que mantém um grupo de amizade que não estimula, de maneira explícita, a mudança, embora a discuta exaustiva e profundamente. O relato do informante abaixo ilustra esta reflexão.

“Então eu acho muito interessante participar do grupo, só que ao mesmo tempo eu acho que, individualmente, as pessoas não fazem lá muita coisa pra ter uma vida deles própria, boa, para além do grupo. Às vezes tenho outro programa com outros amigos, infelizmente me parece que as pessoas do grupo estão sempre disponíveis aos sábados para as reuniões, eu não” (Otávio, 59 anos).

De um modo geral, fui compreendendo que os encontros não colocam os participantes em confronto, de maneira propositiva, com o mundo, pelo contrário,

acaba acentuando a noção de um mundo à parte, o mundo deles, a partir das salas de suas casas, exclusivo. Muitos dos informantes acabam por acomodarem-se nesta rotina onde a proximidade de seus problemas os identifica, os une e mesmo com alguns ensaios de mudança, muitas vezes pareceu-me que estavam estáticos, em posição de observar e não conseguiam atuar, a agir, a propor caminhos de transformação e ressignificação de si, dos outros e do mundo.

(Diário de Campo, 27/08/2009): O primeiro assunto a ser discutido na reunião foi sobre depressão. Comentaram a respeito do colega Pedro (onde estava prevista a reunião anteriormente) que escreveu uma carta ao grupo relatando que não está se sentindo muito bem. O grupo decidiu que iria apoiá-lo.

Em relação a este informante especificamente, ao longo das reuniões alguns integrantes do grupo relataram que ligaram algumas vezes para ele, se oferecendo para auxiliar de alguma maneira. Pedro, após este episódio de ausência, devido a um quadro depressivo, retornou ao grupo em apenas uma reunião, depois voltou a não freqüentar mais os encontros do grupo até o momento de acompanhamento desta pesquisa, ou seja, até o mês julho de 2012. As causas ou motivos sobre sua tristeza ou recolhimento também não foram discutidas no coletivo do grupo.

(Diário de campo, 22/10/2009): Um tema que foi destaque nesta reunião foi novamente sobre depressão. Identificaram as diferenças entre tristeza e depressão. Comentou-se em terapias e medicamentos utilizados. Reconheceram que pelo menos quatro colegas do grupo já sofreram de depressão e foram auxiliados pelo grupo. Fábio relatou que já sofreu do problema, e que ainda hoje toma medicação específica desde 2006.

(Diário de Campo, 16/01/2010): (...) o tema da reunião evoluiu para o “medo” e a maioria destacou os seus: Mário relatou que faz psicanálise e que atualmente trata e enfrenta seus medos da melhor maneira em relação quando era jovem e afirmou, com ênfase, que a questão afetiva era um problema central quando mais jovem, e que atualmente não.

Vamos, portanto, continuar nos autoconstruindo, revendo nossos passos, comportamentos, atitudes e decisões para que nos enxerguemos como somos, sem medos, melindres, sustos ou autorrejeições. A troca de experiências nos ensina, sem dúvida, a que sejamos melhores. Sempre. Compareçamos, portanto, ao próximo encontro com a certeza de que nosso acolhimento àquilo que os companheiros têm para trazer à reunião é o passaporte que nos permitirá viajar à construção de uma vida muito mais serena e feliz, leve e proveitosa, para todos nós. Nossos encontros têm demonstrado que essa é uma grande e indesmentível verdade. Conquista irremovível de todos nós. Exitosos por estarmos dispostos à luta pela vitória sobre nós mesmos. A maior. A mais importante, embora seja a mais difícil. Um grande desafio. Todos lá na próxima reunião, com o desejo e a determinação de auxiliar os outros e nos ajudar a percorrer caminhos menos pedregosos. Porque, com o apoio dos amigos, também na Oficina..., conseguiremos remover as pedras que se tornam obstáculos à edificação de nossa felicidade. (Ata de reunião, janeiro de 2010).

O grupo demonstrou apontar a prática da terapia como um caminho, como “a solução” para poder enfrentar seus medos e desafios em relação à aceitação da homossexualidade e as questões decorrentes do envelhecer. Indicação de livros a respeito do tema e até de psicólogos especializados fizeram parte de inúmeras reuniões do grupo. Ainda que pequenas resistências rejeitem o olhar clínico sobre a homossexualidade, muitos integrantes, além do núcleo velho, fazem ou já fizeram terapia.

(Diário de Campo, 27/03/2010): Ricardo informa sobre um livro de um psicólogo que destaca ser interessante e que talvez traga para o grupo conhecer. O coordenador anuncia a todos que voltou a fazer terapia, comenta que tem consciência da forte ligação com a mãe e que isto o atrapalha em várias questões de seu cotidiano.

Não é meu objetivo aqui generalizar afirmando que se trata de um grupo triste, pesado e chato, pelo contrário; como já destaquei anteriormente, o grupo ao longo de sua trajetória procurou se adaptar para (sobre)viver e foi inventando diferentes modos de fazer e de se constituir. Tensões e movimentos significativos marcaram a história do grupo. No entanto, a maioria dos integrantes sofre dos mesmos males – fato este que os une - e, de certa forma, reconhecem as dificuldades e desafios para reverter tal quadro. Problemas decorrentes da não aceitação da homossexualidade, auto-rejeição e falta de amigos caracterizaram a

maioria dos integrantes do grupo, associado à constante busca por parceiras sexuais e, principalmente, por relações duradouras. Neste sentido, acredito que em alguns momentos a dinâmica do estar em grupo tanto auxilia quanto pode atrapalhar, tanto estimula quanto inibe o planejamento de algumas ações, o enfrentamento e a superação dos desafios que compartilham nas reuniões. Assim, ao mostrar as potencialidades e fragilidades deste coletivo, procuro evitar uma postura de condenação ou supervalorização do mesmo, de modo a não seguir a direção de apontar um juízo apressado.

No início do ano de 2010 o grupo passou por um momento delicado, e, para minha surpresa, anunciou uma crise. A notícia veio do próprio Alberto, chamado carinhosamente/ironicamente pelos demais de “Madre Superiora”. Alguns integrantes, indignados, não concordaram com a ideia de crise, mas logo o debate em tentar enquadrar o grupo voltou a aparecer: seu objetivo mais amplo seria de um grupo de autoajuda, segundo eles próprios, com um viés mais ligado à terapia, ou um grupo de amigos?

Neste período de crise, Alberto, que exerce a função de coordenador desde o início do grupo, anunciou certo cansaço e pediu ajuda para as tarefas que a coordenação exigia: enviar e-mails, telefonar a todos do grupo avisando o local da próxima reunião, fazer as atas das reuniões e disponibilizar a todos. Alguns integrantes se ofereceram para dividir as tarefas. No mês seguinte Alberto seguiu sozinho na coordenação do grupo e na centralização das tarefas antes colocadas como um problema. Algumas discussões sobre “o que seria o grupo” ocuparam debates em várias reuniões. Amizade, autoajuda e terapia dividiram as opiniões. Percebi, mais uma vez, que há uma preocupação por parte do coordenador em incentivar o compartilhamento de angústias e problemas enfrentados por homossexuais na sociedade.

Notei, em vários momentos das discussões, um esforço em associar a dinâmica do grupo, realmente, como uma espécie de exercício e ritual terapêutico, onde era preciso “confessar” e compartilhar algum episódio, sensação ou sentimento para que logo em seguida os conselhos dos demais integrantes possam orientar o colega. A respeito da incitação e proliferação dos discursos sobre o sexo, e sua aceleração a partir do século XVIII, Michel Foucault destacou que a partir da

evolução da pastoral católica foi instalada uma verdadeira prática de confissão onde o essencial era a

multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazer falar ele próprio sob a forma de articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (FOUCAULT, 1988, p. 24)

Alberto relatou várias vezes problemas de relacionamento e destacou suas sessões de terapia com uma psicóloga. No entanto, como já me referi anteriormente, o grupo apresenta algumas tensões entre a aceitação e a negação da figura de terapeutas e psicólogos como a verdade sobre os problemas compartilhados por eles enfrentados⁷⁶. A posição de um integrante é apresentada a seguir.

“A única coisa que me desagrada é aquela coisa do Alberto, com os mesmos problemas, mas as reuniões têm que ser assim, tem que ser livre, espontânea, às vezes a gente discute coisas sérias, às vezes só diz bobagem, porque o mais importante disso é a socialização, é essa amizade, conhecer as pessoas, saber o que elas podem o que elas não podem, o que gostam, a camaradagem que se imprime e cria nisso, mas no momento em que tu começa a tornar estas reuniões com o aspecto mais clínico aí tu esculhamba, não... Uma vez veio uma psicóloga e veio com um desenhinho e aí não! Crise? O que é o grupo? O que não pode ser é uma terapia! (Fábio, 62 anos)

Parece que a vida nos convida a nos reunirmos para estarmos juntos, fortalecendo vínculos de afeto e amizade. A Oficina da Gente, para uns, chega a ser um pretexto para que nos encontremos e troquemos carinhos e afagos, nessa celebração fascinante do amor fraterno. É, para esses, um momento de convívio social. Todos precisamos conviver com os outros e trocar coisas boas com eles. Há quem veja a Oficina..., não como uma terapia de grupo, informal, mas como uma motivação para que estejamos bem próximos, como amigos. Para outros, é um exercício de prospecção de nossos sentimentos e emoções para que nos conheçamos e procuremos refazer nossos caminhos, se assim entendermos que isso se faz necessário, ou conveniente, para o instante de nossas andanças (Ata de reunião, maio de 2010).

Ao mesmo tempo em que eu imaginava que já conhecia a rotina do grupo o suficiente, a convivência com este grupo de homens não raras vezes me surpreendia. Quando me parecia que o grupo estava acomodado em sua rotina de

⁷⁶ Embora, como já me referi anteriormente, a prática de convidar pessoas para falar sobre o tema da homossexualidade no grupo é uma constante. Entre a relação de convidados, os psicólogos são os preferidos do grupo. Todos foram indicados pelo coordenador.

reuniões surgia um tema novo ou algum conflito entre os integrantes que movimentava a todos, dando novas cores e sabores às reuniões do grupo. Neste período de acompanhamento os integrantes mostraram-se muito reflexivos sobre a dinâmica das próprias reuniões, os objetivos do grupo e os desejos de encontros para além de suas próprias casas. Mesmo com as críticas e tensões apresentadas no coletivo, alguns integrantes do núcleo velho solicitaram um maior tempo de duração das reuniões. Geralmente agendadas entre 19 às 24 horas, aproximadamente, em alguns períodos seu início foi antecipado para as 18 horas, a fim de que seus integrantes passassem mais tempo juntos, à pedido deles próprios.

De fato, apesar das divergências apontadas, posso afirmar que os integrantes do grupo “não se largavam” e valorizavam muito a sistemática e o tempo de convívio das reuniões. Mesmo com a antecipação do horário de início, algumas vezes ouvi alguns integrantes reclamando que, ainda assim, alguns chegavam mais cedo ainda que o horário combinado, antes que a casa estivesse pronta para recebê-los. A maioria deles ficava até o término das reuniões, geralmente saíam juntos, e mostrava significativa ligação e interesse pela continuidade das mesmas.

Neste sentido, compreendi que o grupo constrói e alimenta um movimento “para dentro”, isto é, de ajuda e de auxílio mútuo, e que isto se mostrou um pouco diferente da ação militante que se constitui sempre “para fora”. A partir dos relatos do grupo parece que os militantes já são/estão “resolvidos” e por isso lutam e necessitam de uma sociabilidade extremamente visibilizada, ao contrário deles. Ao mesmo tempo em que o grupo observa e acompanha o para fora, a ênfase de sua dinâmica configurou-se extremamente para dentro, para o “cuidado de si”.

8 “O BLOCO DAS IRENES”: POR UMA ERÓTICA DO ENVELHECIMENTO

Neste capítulo procuro apontar algumas possibilidades que este grupo de homens, sobretudo meus seis colaboradores, ensaiou a respeito de seus desejos, experimentações sexuais (para além da pedagogia homonormativa presente no grupo) e da busca pelo prazer, as quais relaciono com o que Michel Foucault chamou de desenvolvimento de uma arte erótica (*ars erótica*), nesse trabalho, uma erótica do envelhecimento. Com isso busco mostrar que apesar da potente presença (e do comando) do coordenador, e de parte do próprio grupo, sobre os modos mais recomendáveis de viver a homossexualidade, percebi algumas resistências e até pequenas subversões em algumas iniciativas e atitudes de alguns informantes no sentido de estilizar a própria vida.

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido ou do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos (FOUCAULT, 1988, p.65).

Ao se debruçar sobre a produção e o consumo da pornografia e sobre a representação do obsceno no cinema e em vídeos “pornô”, Nuno Cesar Abreu esclarece que os termos erotismo e pornografia transitam e misturam-se em um mesmo terreno de significações e destaca certa dificuldade em estabelecer um limite definido entre ambos. O autor destaca que “(...) o termo erotismo surgiu no século XX a partir do adjetivo erótico, derivado de Eros, deus do amor, do desejo (sexual) em sentido amplo” (ABREU, 1996, p.15). A historiadora Mary Del Priore aponta, por sua vez, que o termo erótico apareceu na França, em dicionário, pela primeira vez, em 1566, designando tudo àquilo que tivesse relação com o amor ou procedesse dele (PRIORE, 2001), e destaca que os conceitos e seus respectivos conteúdos podem mudar e transformar-se no tempo e no espaço.

Para Georges Bataille o conhecimento do erotismo exige uma experiência da ordem do interdito e da transgressão, onde esta se situa fora da vida ordinária, definida pelo secreto. Este autor destaca que “(...) o erotismo difere da sexualidade dos animais no ponto em que a sexualidade humana é limitada pelos interditos, cuja transgressão pertence ao campo do erotismo. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa do interdito” (BATAILLE, 1987, p. 238). Como destaquei no decorrer da tese, vários interditos foram apontados segundo as normas do grupo: não aparecer muito afeminado nem se relacionar ou namorar com outros homens afeminados; não frequentar (muito) paradas gays e saunas; não praticar a promiscuidade; não praticar sexo grupal e, principalmente, não se relacionar sexualmente, entre os integrantes do grupo.

Neste sentido, arrisco a pensar que se aproximar de uma erótica poderia se configurar como um caminho produtivo a alguns integrantes do grupo, no sentido de escapar das normas circulantes no mesmo (que provocaram várias tensões e conflitos) a fim de vivenciar e experimentar prazeres outros: mais significativos, sem culpas, sem medos. Enfim, permitir-se. Ao relacionar práticas sexuais entre homens e mulheres e, entre espaços públicos e privados, Joel Birman coloca que “Se a família era, assim, o sacrossanto espaço pra a reprodução da espécie, o espaço social enquanto tal era o lugar efetivo para a existência do erotismo” (BIRMAN, 2001, p.72).

Prazeres e desejos sexuais, erotismo e diferentes formas de expressão da(s) sexualidade(s) foram os temas investigados por Camilo Braz, sobretudo as implicações de marcadores da diferença como classe, raça/cor, idade e estilo sobre as novas formas do erotismo contemporâneo. Seu estudo buscou compreender a produção discursiva das subjetividades e a materialização dos corpos de homens frequentadores dos chamados “clubes de sexo” na cidade de São Paulo. Relaciono algumas cenas encontradas no estudo de Camilo às possibilidades de experimentações eróticas que alguns de meus informantes puderam vivenciar no ambiente das saunas de modo a se libertar de preconceitos em relação a outros homens e, também, de sentimentos de auto-rejeição. “Os mais velhos ou se aproveitavam dos momentos em que as pessoas se aglomeravam em volta de uma “cena” nova para “tirar uma casquinha” dos rapazes, ou apenas olhavam de longe”

(BRAZ, 2009, p.224). Segundo meus colaboradores que frequentavam (e os que passaram a frequentar) saunas relataram-me que era interessante e que valia a pena sair de casa e circular pelos ambientes da sauna: conversar com outros homens e beber no bar, paquerar, assistir outras “transas”, participar ou não delas. Afirmaram que poderiam “transar” ou não, que isto fazia parte da rotina e dos códigos “de caça” das saunas e que teriam que administrar e conviver com isso. Ainda destacaram que, em alguns momentos, poderiam conhecer rapazes que preferissem “coroas” e que isto poderia acontecer e que, segundo eles, “seria o ideal”.

As cenas problematizadas por Fernando Pocahy em um bar e uma sauna frequentados, majoritariamente, por homens envelhecidos me auxiliaram a compreender o potencial erótico desses corpos - em uma medida e postura muito mais presentes que os meus informantes do grupo - a partir de códigos negociados, contingentes, e produtores de prazer. Esta sociabilidade erótica deve levar em consideração os jogos performáticos que transformam o “abjeto” em “objeto” de desejo e de tesão.

Acredito que se poderia afirmar que esta é uma sociabilidade erotizada, que pode ou não envolver o ato sexual propriamente dito, e que ela oferece algumas possibilidades de resistência aos discursos estigmatizantes sobre o envelhecimento e as práticas sexuais entre homens (POCAHY, 2011, p.74).

Para Camilo resgatar uma dimensão “produtiva” do erotismo

(...) requer desconstruir sua noção substancializada dentro da matriz heterossexual, possibilitando que se pense o erótico enquanto transgressão contextual de posicionalidades de sujeito informadas por marcadores de gênero, idade, classe e raça (...) Sugiro, portanto, que os marcadores sociais de diferença informam não apenas a constituição discursiva dos sujeitos e a inscrição das corporalidades inteligíveis e desejáveis nos clubes de sexo, mas também, em algumas circunstâncias, podem ser elementos a partir dos quais são criadas possibilidades de transgressão erótica, de deslocamento de convenções criadas a partir de arranjos diversos entre esses mesmos marcadores (BRAZ, 2009, p.232)

De acordo com Fernando Pocahy (2011) busquei problematizar os jogos de verdade associados às práticas homoeróticas de homens idosos que se aproximam da perspectiva de uma ascense para uma vida criativa, a partir de uma inspiração

foucaultiana. Neste sentido, ao considerar as muitas representações e disputas que se relacionam ao processo do envelhecer ou da velhice, mesmo que a maioria dos dados do campo investigado apontou para muitas críticas a uma “bichice afeminada e/ou promíscua”, destaco algumas cenas/passagens de uma velhice gay que se configura como pequenos ensaios de resistência ou ressignificação aos modos de viver prescritivos ou normativos. Tais possibilidades de contestação ou de (re)invenção da própria vida mostraram-se, no grupo, associadas diretamente ao avanço da idade e a alguns desdobramentos decorrentes dela conforme ilustram os relatos dos dois informantes abaixo.

“Agora eu estou vivendo mais, mais livre de preconceito, eu faço o que eu quiser, com mais liberdade, hoje em dia não me interessa mais os outros, a idade que agora eu tenho eu sinto mais autonomia, eu percebo o medo dos outros em não aparecer e com muito medo da família e não vivem por causa dos outros, eu não! A velhice dá mais liberdade, se tu queres fazer alguma coisa tu fazes, a aposentadoria me dá segurança, hoje busco viver com mais qualidade” (Alejandro, 64 anos).

“É um momento assim que eu chamo do “chutar o pau da barraca”, como tu não tem que dar explicação para ninguém, tu tá tranquilo contigo mesmo então foda-se o que estão pensando. Tu vais levando a tua vida como dono do teu nariz, isso não tem preço cara! Isso a idade trouxe pra mim, embora eu veja pessoas que a questão da idade é muito mais complexa, alguns gays que estão se aproximando da terceira idade e que estão preocupadíssimos com a decadência física, com uma série de coisas. Então assim tu não tens que dar mais satisfação pra ninguém isso te dá uma tranquilidade de vida que não tem preço” (Ricardo, 57 anos).

Percebi que as sociabilidades e o potencial erótico dos corpos velhos que acompanhei ganharam força e maior significação a partir da sensação de pertencimento e acolhimento propiciados e oferecidos pelo grupo, onde o encorajamento e a determinação para a vivência dos prazeres possíveis passaram, na maioria das vezes, pelo (e por causa) do outro.

“Uma vez nós fomos a uma boate e eu nunca tinha ido sozinho e não iria, mas fui à convite de dois integrantes do grupo, pois tem pessoas que não têm condições ou coragem de ir sozinho a bares, boates ou até saunas do movimento gay. Ela se sente mais forte, acolhida, porque se acontecer alguma coisa ela tem o amigo, tem pessoas pra ajudar, porque eu imagino que certas situações do mundo gay é muito complicado para algumas pessoas em função da idade também” (Ricardo, 57 anos).

“Por exemplo, há um ano eu tinha muita vergonha de trazer um cara aqui pra casa por causas dos vizinhos... Hoje não, eu já trouxe vários caras aqui pra dentro, com segurança é claro, mas sem essa vergonha excessiva que eu tinha, sem esse constrangimento. Até uma conhecida travesti eu trouxe aqui, os demais do grupo não quiseram recebê-la por causa dos outros, de vergonha, mas ela veio aqui na minha casa e isso faz parte da minha auto-aceitação e de não me importar com os outros, sem medo, com certeza o grupo me ajudou muito mesmo” (Alberto, 62 anos).

“Mas se tu tá com 3 ou 4, aí será o “bloco das irenes” que chegou e vai arrasar entendeu? É completamente diferente! Eu jamais iria numa boate sozinho mas se estiver 2 ou 3 do grupo eu estou lá e vou soltar a franga, vou me espalhar, vou me sentir à vontade pelo fato de ter amigos que estão na mesma condição e na mesma faixa etária que eu, pois daria uma boa segurança isso” (Ricardo, 57 anos).

Embora a circulação de normas e regras sobre os modos aceitáveis e recomendáveis acerca da(s) expressão(ões) homossexual(is) mostrou-se significativamente presente no grupo, foram, exatamente, nos espaços de (homo)sociabilidades (anteriormente criticados) que alguns informantes experimentaram e ensaiaram prazerosas vivências eróticas. Sob este aspecto Fernando Pocahy destaca que

A norma homossexual também não hesita em significar como precários e desprezíveis os espaços de sociabilidade dos ditos “desviantes” do bom modelo da homossexualidade ou do bom gênero da homossexualidade. Seguramente a sauna ou o cinema pornô se configuram como espaços determinados como impensáveis e passam a ser representados como lugares inferiores, desprezíveis, repugnantes, precários, anormais (POCAHY, 2011, p.91).

“Eu só vou numa sauna atualmente. Quando era jovem ia às saunas de entendidos, mas agora como tem as saunas de michês, os caras são muito bonitos e é mais prática a abordagem, tenho preferido elas. Eu e um amigo vamos juntos e ficamos conversando e paquerando no bar da sauna, uma vez por semana. Tenho preferido a sauna de garotos de programas, por ser uma pessoa muito prática. Nas saunas de entendidos tem todo o ritual da paquera, que às vezes acaba não dando em nada. Nas saunas de michês eu escolho o garoto e pronto. Alguns garotos são completos na cama, fazem de tudo, e alguns são mais carinhosos. Nós conversamos antes para ver o que eu quero e o que ele me oferece. Às vezes o garoto me agrada e o que ele faz na cama não me interessa, pois o que quero é estar com ele. Alguns beijam. Alguns são ativos, outros passivos. Na sauna não faço quase penetração, pois não gosto. Eu gosto mais de um arreto, de beijar e abraçar. Os amigos me questionam se eu não me sinto mal por ir lá e pagar, se eu poderia ir à outra sauna e encontrar alguém especial, mas prá mim tá bom assim. As saunas de entendidos são mais chinfrin e são as que mais têm em Porto Alegre, as melhores são as de

michê, as outras são horríveis. Quando vou às saunas gays sou bastante paquerado. Quem sabe qualquer dia eu não volte a frequentá-las” (Arlindo, 58 anos).

“Tudo o que eu não fazia antes eu tô fazendo agora, vou à boate de 2 a 3 vezes por semana” (Robson, 70 anos).

Estes depoimentos sobre a questão do prazer sexual, tal como apontam, também, POCAHY (2011) e NUNES (2012), mostram que esta erótica acaba por dissolver alguns preconceitos e leva o sujeito à fruição e ao deleite das diferentes formas de experimentação de prazeres. Estes, ainda que tarifados e circunscritos a contextos específicos, encaminham alguns informantes à outra esfera de vivências, mesmo criticando ou, por vezes, se culpando, eles mostraram-se atraídos e, de alguma forma, tensionam a moral vigente no grupo, principalmente dos seis mais velhos.

Acredito que os movimentos e transformações que caracterizaram o grupo desde sua criação e em sua trajetória, decorreram, além da insistência de Alberto, dos significativos vínculos de amizade e do comprometimento ao outro construído a partir das relações estabelecidas. As próprias críticas às paradas gays e às saunas mostraram-se quase que superadas pelos depoimentos dos integrantes que lá estiveram e, de certa forma, acabaram encorajando e mudando a opinião dos demais. De fato, as opiniões de uns sobre os outros, sobre as sociabilidades homoeróticas e sobre a própria vida são muito importantes para estes homens.

As reuniões do grupo além funcionar como (mais) um espaço de sociabilidade configuraram-se como um verdadeiro fórum a fim de resolver e de aconselhar a seus integrantes sobre as mais diversas questões vivenciadas por eles. Além de experimentar outras relações para além do espaço do grupo meus informantes também se esforçaram a modificar as reuniões com mais leveza e dimensão artística, nomeadas de saraus. Percebi que esta novidade acabou não só qualificando os encontros como chamando a atenção para o retorno daqueles que não compareciam ao grupo há algum tempo. Compreendi que a amizade no grupo circula e se alimenta entre e no interior dos subgrupos, entre os novos integrantes e no retorno daqueles afastados de modo a conferir, geralmente, outros e novos tons às relações propostas e inventadas por eles.

9 DA SAUNA AO SARAU: A AMIZADE COMO UMA POLÍTICA DE ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Após os períodos de acompanhamento ao grupo ficou evidente que além de compartilhar suas próprias experiências de vida, seus integrantes também demonstraram certa disposição, e até mesmo uma inquietude, constante, no sentido de conhecer-se e transformar-se para somente então evoluir. Compreendo uma conexão de tal movimento com os conceitos de “conhecimento e cuidado de si” e “ascese”, sobretudo, com a questão da amizade. “*Ascese, conversão, parrhesia e amizade* são conceitos-chave na obra de Foucault que até agora foram negligenciados” (ORTEGA, 1999, p.25). De acordo com Michel Foucault o que caracterizou os textos dos primeiros séculos, além das prescrições e interdições sobre os atos, é certa insistência, certa atenção que se deveria ter para consigo mesmo. Esta intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constituía enquanto sujeito de seus atos configurou o “(...) desenvolvimento daquilo que se poderia chamar uma “cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo” (FOUCAULT, 1985, p.49).

Pareceu-me que para os integrantes do grupo a busca e a conquista da felicidade, ou de momentos felizes, passam, inevitavelmente, pelo autoconhecimento e pelo esforço em melhorar-se, em transformar-se em um ser humano melhor. Ainda que o cuidado de si no grupo apresentasse forte relação com práticas terapêuticas e/ou confessionais, isto é, com a ênfase no diálogo e na exposição, este coletivo de amigos pareceu apoiar e buscar certa coragem para falar e também para ouvir a opinião dos demais no momento das reuniões.

Temos arestas a serem podadas e vitórias a serem comemoradas, como mérito de todos os que participaram e participam de nossas análises coletivas sobre temas que nos felicitam ou nos incomodam como homoafetivos (...) Não estamos nos encontrando a cada 15 dias para simplesmente celebrarmos a amizade que nos aproxima. Esse é um motivo forte para nossos encontros, mas não é o único - nem o essencial. Podemos temer nos enxergarmos como somos, podemos alimentar conversas banais para fugirmos de nós mesmos, podemos desviar nossas preocupações e nossos interesses da construção de nossas personalidades, podemos escapar do nosso autoconhecimento, mas não poderemos jamais

escapular de nossa consciência quando fomos chamados a prestar contas a nós mesmos sobre nossos gestos, nossas atitudes, nossas ações e omissões, nossos sentimentos e nossas emoções. E quem dá o norte para nossas vidas é o autoconhecimento. Quando fazemos uma prospecção em nosso mundo emocional e rasgamos a máscara de nos enganarmos, simuladora de que tudo está bem e que não precisamos imergir em nós mesmos, em nossas estruturas emocionais, demonstramos esperteza, inteligência, maturidade e lucidez. Por estarmos caminhando em direção à felicidade a que visamos. Só o autoconhecimento nos salva (Ata da reunião, abril de 2010).

Na ata acima, Alberto novamente procura deixar bem marcada a função e o objetivo principal do grupo: construir-se como seres humanos melhores. O interessante é que a noção de amizade, segundo ele, é colocada em segundo plano, como se condenasse certa superficialidade existente entre amigos, a qual pudesse desviá-los do objetivo principal. Sobre este aspecto penso que uma situação delicada é posta: os integrantes do grupo devem expor suas situações mais íntimas e problemáticas, mas não podem ficar “muito amigos” e/ou compartilhar de assuntos outros, mais leves, tão comuns entre amigos. Assim sendo, como confiar no outro?

Uma questão interessante a ser destacada é o forte apelo religioso, de punição, de “juízo final” presente nos seus escritos. Apesar de ser praticante do Espiritismo, o qual prega uma filosofia mais tolerante em relação às demais religiões e que defende o livre arbítrio, onde cada um é responsável por seus atos, muitas vezes o discurso de Alberto nos lembrou, enfaticamente, os sermões de padres das Igrejas católicas, onde a ideia de felicidade eterna e da busca por salvamento é constante e mostrou-se presente, em algumas vezes, nas atas analisadas.

Um dos interditos, talvez o mais potente, mostrou-se como uma espécie de proibição (ainda que de forma velada, sutil, sublinhada) de envolvimento sexual entre os participantes do grupo. Por várias vezes, tanto nos momentos das entrevistas quanto nos posicionamentos de Alberto esta questão ficou evidenciada. De alguma forma todos do grupo costumavam destacar que a amizade e o autoconhecimento eram seus objetivos principais, mas constantemente me perguntei o que isso dizia do grupo: quais (pre)conceitos tinham eles sobre “o sexo”? E se alguém, no grupo, se apaixonasse? Se, por meio das relações de amizade, do convívio ao longo do tempo, vontades e desejos eróticos aparecessem? Isso iria influenciar e/ou prejudicar as reuniões? As pessoas sairiam do grupo?

No entanto, pareceu-nos que, novamente, a presença de Alberto destacava (e separava) esse aspecto afetivo e, não, “sexual” do grupo. Mas qual seria o “problema” do sexo entre os participantes? Afinal, eles não estão unidos pela identidade sexual? A afetividade não contemplaria a dimensão sexual? Os relatos, sobretudo do coordenador, apontaram que não. Quando questionado sobre a possibilidade de algum interesse ou envolvimento entre os participantes do grupo ele, como que em uma posição defensiva, relatou que

“Não, isso nunca aconteceu, porque no nosso grupo, ninguém tem interesse sexual por ninguém, e mesmo nessas épocas antigas... Porque o que nos une é a amizade, e antes disso existe um interesse das pessoas se encontrarem e se ajudarem. Hoje existe este clima de se ajudar e estarem juntas, hoje é mais fácil, eu nem chamo mais pessoas. O texto que eu envio atrai mais pessoas para o grupo e ajuda a não faltarem e manter o grupo. Já houve um casal que veio junto ao grupo. Hoje a Oficina está muito mais amadurecida, de conteúdo, acho que o Gilmar me disse, que é natural, as pessoas envelheceram estão mais experientes e mais maduras, eu acho que hoje as pessoas estão reunidas pra se auto-conhecerem mesmo, eu sinto que a maioria quer exatamente isso, se ajudar, uma ajuda mútua, além de encontrar, os amigos, claro, o convívio” (Alberto, 62 anos).

Talvez esta seja uma característica marcante e diferenciada deste grupo: a forte separação entre “o sexo” e amizade, associada a uma constante orientação para ajudar o próximo, advinda, provavelmente, da filiação espírita de Alberto e dos dois integrantes do núcleo velho do grupo.

Francisco Ortega, ao estudar a obra de Michel Foucault, se propõe a aprofundar a dimensão agonística⁷⁷ e intersubjetiva do cuidado de si⁷⁸ relacionando-a com a análise da amizade onde esta é compreendida como

(...) um convite, uma apelo à experimentação de novos estilos de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade, as quais, como

⁷⁷ Relações agonísticas são relações livres que apontam para o desafio e para a incitação recíproca e não para a submissão ao outro (ORTEGA, 1999, p.168).

⁷⁸ Refere-se à “(...) noção grega, bastante complexa e rica, muito freqüente também, e que perdurou por toda a cultura grega: a de *epimelía heautoû*, que os latinos traduziram, com toda aquela insipidez, é claro, tantas vezes denunciada ou pelo menos apontada, por algo assim como *cura sui*. *Epimelía heautoû* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc.” (FOUCAULT, 2010, p.4)

observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas (ORTEGA, 1999, p. 26).

Ao privilegiar o tema das práticas de si, das técnicas de subjetivação e do histórico vínculo entre os conceitos de subjetividade e verdade, Michel Foucault buscou compreender o sujeito pelo campo da ética onde o autor

(...) não cessa de insistir sobre o fato de que o sujeito suposto por essas técnicas de si, pelas artes da existência é um eu ético, antes que um sujeito ideal de conhecimento. Isto significa que o sujeito é compreendido como transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através de exercícios, das práticas, das técnicas, etc. (GROS, 2008, p.127)

A articulação proposta entre subjetividade e jogos de verdade remete à clássica cultura greco-romana e às práticas ascéticas das antigas escolas filosóficas as quais sinalizaram a Foucault para a constituição de um sujeito singular. Este deixa de ser constituído somente na imanência de práticas que o sujeitam, e, ao mesmo tempo, “(...) torna-se sujeito e objeto para si próprio, denotando uma subjetivação ética irreduzível aos mecanismos disciplinares e às regulações do biopoder das modernas sociedades ocidentais” (CANDIOTTO, 2008, p.89).

Frédéric Gros, editor da obra *Hermenêutica do Sujeito*, curso pronunciado em 1982, no *Collège de France* por Foucault, confirma a inspiração foucaultiana na filosofia antiga, ou seja, nos modos de subjetivação platônico e helenístico (estóico e epicurista); em um tenso e complexo contraponto à filosofia cristã que, mais tarde, tratou e ressignificou a temática. Nesta perspectiva, o cuidado de si constituiu para Michel Foucault, um enunciado fundamental da cultura antiga. Este, ao propor uma leitura da ética grega (e aqui consiste uma das críticas a ele):

(...) não defende uma moral particular: não se trata, para ele, de apresentar a ética grega como um modelo a ser seguido, um ideal de comportamento proposto para todos. Ele propõe uma leitura desta, mas não se coloca no plano do proselitismo (GROS, 2008, p.131).

Neste sentido, Foucault aborda e distingue em suas aulas três períodos: o momento socrático-platônico (no século V a.C.), a idade de ouro do cuidado de si (nos séculos I e II d.C) e a passagem do ascetismo pagão ao ascetismo cristão (nos séculos IV e V d.C.) (KOHAN, 2009). Sob este aspecto este autor esclarece que

Em primeiro lugar, o cuidado de si comporta uma atitude geral, uma maneira de estar no mundo, de preocupar-se com os próprios atos e de ter certas relações com os outros. O cuidado de si é uma atitude frente a si, aos outros e ao mundo. Em segundo lugar, o cuidado de si é uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si é deslocar o objeto do próprio olhar do exterior para si mesmo. Implica uma atenção especial ao que se pensa e ao que se dá no próprio pensamento. Em terceiro lugar, o cuidado de si designa um conjunto de ações e práticas de si sobre si. Há uma ampla gama de ações, exercícios, técnicas, pelas quais “o si” se modifica, se transforma, se transfigura. (KOHAN, 2009, p.418)

Estudioso da obra de Michel Foucault Cesar Candiotta chama a atenção sobre a relação entre cuidado de si e conhecimento de si. Associado à figura de Sócrates, o imperativo “conhece-te a ti mesmo” é sempre referido ao princípio basilar do cuidado de si (*epimeléia heautoû*), portanto, constituiu-se um desdobramento deste. O cuidado de si indica

(...) a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos; sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade (CANDIOTTO, 2008, p.91).

Assim, posso destacar que a compreensão do cuidado de si, portanto, não remete à figura de um eu solitário, autossuficiente ou de um sábio orgulhoso, ao contrário, trata-se de um processo de intensificação social, da busca por vivenciar outros modos a relação com os outros e com os contextos. Esta orientação por outros modos do viver que apontem e promovam modificações da maneira de ser e de estar no mundo seriam desencadeados pela busca dos chamados “conhecimentos úteis”, isto é, àqueles que se referem a um saber relacional (CANDIOTTO, 2008). Nesta direção, aposto na concepção de amizade, a partir das teorizações foucaultianas e das proposições de ORTEGA (1999; 2002) como uma alternativa, criativa, destas relações imaginadas, acerca das práticas e possibilidades homoeróticas das relações compartilhadas e inventadas pelo grupo investigado.

Os últimos estudos de Foucault se concentraram em um aprofundamento da dimensão ético-política das relações entre os indivíduos e apontam em uma genealogia da amizade como uma alternativa às técnicas de subjetivação dos

processos disciplinares modernos e do chamado biopoder. Os conceitos de biopolítica e biopoder surgem da reflexão foucaultiana como ponto final de sua genealogia dos micropoderes disciplinares, iniciada nos anos 80 (DUARTE, 2008). Nesta perspectiva, “o poder” não é compreendido como uma essência, nem é uma “coisa” que alguns possuem em detrimento de outros. O poder, compreendido como relações de poder, configura-se sempre plural e relacional, isto é, se exerce em diferentes práticas e produz determinados efeitos. Sob este aspecto André Duarte destaca que

Foi apenas no final do percurso genealógico de sua investigação que Foucault chegou aos conceitos de biopoder e biopolítica, tendo em vista explicar o aparecimento, ao longo do século XVIII e, sobretudo, na virada para o século XIX, de um poder disciplinador e normalizador que já não se exercia sobre os corpos individualizados, nem se encontrava disseminado no tecido institucional da sociedade, mas se concentrava na figura do Estado e se exercia a título de política estatal com pretensões de administrar a vida e o corpo da população (DUARTE, 2008, p.48).

Os processos de normalização e moralização característicos do poder disciplinar englobam os elementos da disciplina, da vigilância e do exame. Ao descrever a dinâmica de exercício do biopoder Foucault também apontou suas possibilidades de resistência, de contestação e transgressão à(s) norma(s). Nesta linha de pensamento compartilho das reflexões de Richard Miskolci sobre a construção e o desenvolvimento de novas formas de relacionamento que podem resultar em uma maior liberdade em relação às pressões e aos constrangimentos exercidos pelos efeitos do poder.

A prova das alternativas disponibilizadas pelo trabalho de crítica do presente atende pelo nome de estética da existência. Foi justamente ela que marcou as últimas reflexões do filósofo francês. Entre fins da década de setenta e início dos anos oitenta, a descoberta das comunidades *gays* norte-americanas e a reestruturação do projeto dos últimos volumes da História da Sexualidade levaram Foucault a refletir sobre as possibilidades de transformação social abertas pelos novos estilos de vida criados pelos *gays*. (MISKOLCI, 2008, p.228)

De acordo com Francisco Ortega tal compreensão de amizade poderia oferecer uma forma de resistência ao poder moderno na medida em que o cuidado de si encontra-se articulado a um projeto de subjetivação coletiva e como forma de

vida – na busca por espaços de criação e resistência autônoma, anárquica. Os saberes constituintes do campo da Ética, dessa relação “de si para consigo” não devem ser analisados separadamente dos demais eixos de análise foucaultiana: ser-saber e ser-poder, nos quais o sujeito configura-se como um produto, simultaneamente, dos saberes, dos poderes e da ética (VEIGA-NETO, 2007). Neste sentido, esse *ethos* estaria vinculado a uma atitude de permanente reflexão e transgressão, que segundo Alfredo Veiga-Neto, Foucault chamou de *atitude-limite*. Um novo conceito de liberdade seria exercitar esta condição como a busca para a crítica e para a mudança.

Este novo paradigma, fundado em uma política de amizade e na intensificação dos prazeres, foi tematizado desde a Antiguidade e renomeado, estrategicamente, na era Cristã, onde o conceito de Amizade “cedeu” lugar ao conceito de Amor. Vale destacar a contribuição de Richard Miskolci quando afirma que desde a Antigüidade a

(...) a amizade tendia a ser compreendida como uma relação que excluía a sexualidade, mas foi no Cristianismo que sua “ambigüidade” foi resolvida por Santo Agostinho, o qual substituiu a *philia* pela *ágape*, ou seja, a amizade pelo amor ao próximo fundado na *cáritas* cristã. A política da amizade proposta por Foucault reverte esta “dessexualização” e estabelece as bases para a constituição de novos estilos de vida, os quais o filósofo prefigurava no contato com as comunidades gays norte-americanas (MISKOLCI, 2008, p.229).

No entanto, segundo a posição deste autor, sua crítica diz respeito que, passados mais de vinte anos da morte de Michel Foucault, o quadro atual é outro. O desejo daquele potencial criativo acerca das relações afetivas e sexuais entre homens parece ter sido praticamente reduzido pelos relativos avanços de uma política identitária, da organização e intensificação do mercado e pelas lutas do Movimento, sobretudo em relação ao casamento gay. Apostar na amizade como um estilo de vida apontaria para uma espécie de deslocamento da dimensão individual para a coletiva, para a possibilidade de transformação não apenas de si, mas de sua relação com o outro e com a sociedade, ou seja, uma ascese como aprendizado.

A questão acerca de um poder produtivo da amizade poder-se-ia configurar-se como uma transgressão, uma subversão à norma heterossexual – a heteronormatividade - e à concepção tradicional de família e matrimônio baseada na

concepção do amor romântico. Michel Foucault já nos alertou sobre as interdições que atingiram o discurso da sexualidade, esta passou a ser “nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada” (1996, p.67) a partir da potência dos discursos biológicos, literários, religiosos, médicos, jurídicos, entre outros. Apesar de reconhecer no grupo uma ética e uma moral um tanto conservadoras e familiares, a defesa da monogamia, do romantismo, da discrição, a crítica às travestis e afeminados, aliados a importância de preservar o anonimato, a dinâmica das reuniões e os desdobramentos a partir dela permitiram, significativamente, aos sujeitos que dele participam modificações importantes em suas vidas, além de servir como apoio para momentos de depressão, para ajudar nos momentos das crises, até mesmo para espantar a solidão de um sábado à noite.

Durante o trabalho de campo, a preocupação em estabelecer vínculos entre os integrantes do grupo foi uma constante: não somente pelos presentes, mas por aqueles que se afastaram por algum tempo ou que deixaram de participar das reuniões. Ao seguir apostando no caminho de estimular a todos a exposição das dificuldades em relação à homossexualidade, com certa ênfase em relação às temáticas abordadas, em grande parte pela presença de Alberto, algumas reações como os períodos de ausência de alguns integrantes e a desistência de outros foram discutidas no grupo, as quais costumavam refletir, constantemente, acerca dessa sistemática e do nível de profundidade exigida. Algumas reflexões apontadas pelo coletivo do grupo foram do tipo: *“Será que estamos no caminho certo?”*

(Diário de Campo, 02/11/10): Alguns integrantes, ao referir-se a outros que não mais frequentam o grupo imaginam que tenham sido preconceituosos e não tenham acolhido corretamente os colegas. O próprio Alberto comentou: *“Acho que, às vezes, falta um maior acolhimento de nossa parte”*. Outro integrante continuou: *“Será que nós não fizemos isso com alguns colegas que não vieram mais?”* Ricardo sugere outro motivo para a desistência dos colegas: *“Eu acho que alguns colegas não vêm mais por causa do nível intelectual do grupo que é alto”*. E Fábio complementa: *“Eu acho que a gente está exagerando, as pessoas não vêm mais porque não gostaram. Só isso”*.

“Mas não ser tão rígido como era que assustava as pessoas, era quase que uma sessão de análise assim... Hoje a coisa tá mais solta, mas eu acho que poderia mesclar como está hoje com o que era antes, com temas pré-definidos, e não ir muito pesado nas opiniões pra não agredir de repente, mas nós também não somos profissionais, mas sem querer a gente pode dizer alguma coisa forte né? Eu sempre procuro participar, aquilo já faz parte da vida da gente, eu não sei como seria a minha vida sem o grupo, eu nunca pensei nisso” (Arlindo, 58 anos).

Arlindo relatou que a discussão de diversos temas no grupo é o que acha mais interessante e que a visão dos outros pode interferir e acrescentar algo em sua conduta de vida, que a partir das afinidades encontradas novas amizades podem ser construídas.

“Então o grupo continua bom, a gente sempre aprende, não parece, mas sempre vai acrescentando muito aos poucos, então é lógico que eu sou outra pessoa desde que comecei no grupo, mas por essa diversidade de ideias, pessoas diferentes, agora com idades diferentes também” (Arlindo, 58 anos).

Ricardo destacou, em mais de um momento, que apesar das reclamações de alguns integrantes, seu objetivo principal é a amizade, onde busca confraternizar a vida e dividir experiências, sejam elas positivas ou não.

“Os gays que participam do grupo se sentem mais empoderados, com certeza, pertencer a um coletivo, trocar ideias, se auto afirmar enquanto gay. Porque o grupo sempre tem, toda reunião, por mais fútil que ela seja, menos elaborada nas questões filosóficas e tal sempre tem um que diz coisas da atualidade sobre as notícias políticas dos direitos homossexuais, a gente tá sempre acompanhando, durante os 15 dias que a gente não se reúne a gente fica coletando na internet e isso reforça pra levar pra reunião, de uma maneira fantástica” (Ricardo, 57 anos).

No entanto, o foco das reuniões era, a todo o momento, lembrado por Alberto quase como que como uma missão de orientar e auxiliar os homoafetivos e de trazê-los a um território seguro: o grupo.

“(...) E sempre notei que o gay é muito atrapalhado, ele precisa muito disso com as coisas dele, de pontos de referência, de ajuda e de apoio por isso foi criada a Oficina. Eu me lembro do jardineiro que era atrapalhado, de Ipanema, que trabalhava em uma mansão. Porque a Oficina sempre teve resultados na vida das pessoas, ele era muito atrapalhado com as suas coisas, e um dia esse guri disse

que até pensava em se matar e o grupo começou ajudar e tal, apesar da falta de vínculo, mas tinha, a gente acolhia o pessoal e depois ele acompanhou outras fases do grupo também. E desistiu da ideia e até hoje ele tá bem” (Alberto, 62 anos).

“Eu vejo outros gays, eu acho eles mais infelizes, muito imaturos, a vida deles é só fazer cassação, nas viagens em vez de curtir os locais, só pensam em sexo, e às vezes os amigos deles só são pra sair em festas e, muitas vezes, não têm amigos pra desabafar né? Então eu acredito que esses gays são mais infelizes, eu comparo, mesmo que no grupo tem pessoas assim também, mas se não fosse o grupo seriam mais infelizes, né? Sem o grupo eu seria mais imaturo” (Arlindo, 58 anos).

O uso do termo “oficina” norteou a trajetória do grupo: discutir problemas e buscar auxílio e solução visando construir-se como um ser humano melhor. Consertar, costurar, refazer, arrumar, transformar. As questões que Alberto lançava, por email antes das reuniões, reforçavam críticas severas à promiscuidade, às práticas sexuais casuais e à busca de prazer sem um parceiro fixo, às demonstrações de desejo e experimentações exageradas em público, ao consumismo e individualismo contemporâneo. As Pedagogias da sexualidade (LOURO,1999; 2004) que circularam no grupo demarcaram modos de estar e de expressar-se gay, ou melhor, “homoafetivo”, como alguns se autodenominaram, de modo a vivenciar uma conduta permanente de auto-reflexão baseada na discrição, na busca pela auto-aceitação e na procura por relações monogâmicas saudáveis e duradouras. Podemos pensar que o termo oficina pode remeter a uma (micro)política do grupo que se aproxima a determinadas práticas homonormativas como também lembram a política da heteronormatividade, como um único caminho, aceitável, como o modo de vida correto. O grupo, neste sentido, além de consertar um sujeito “estragado”, também abre possibilidade de ajudar no conserto dos outros e esta tarefa tão complexa e filosófica pode ser feito sem militância, sem exposição demasiada de cada um, entre pessoas “discretas”.

Tais objetivos propostos nesta Oficina costumavam gerar certo rigor na condução das reuniões do grupo. Algumas resistências foram claramente marcadas na tentativa de construir outro clima para as reuniões: de maneira mais informal, sem temas pré-definidos ou regras pré-estabelecidas. Frente a esta questão de rebeldia de seus pupilos, o próprio Alberto, a “Madre Superiora”, manifestou seu desejo em abrir outras filiais do grupo e voltar a convidar lésbicas, travestis e michês,

relembrando o tempo que as reuniões ocorriam em espaços das duas ONGs anteriormente citadas. Como já citei anteriormente, ao mesmo tempo em que uma parte do grupo manifestou-se aberta à ideia, outro segmento a repudiou totalmente e defendeu a atual configuração de rodízio nas casas, com participação somente por indicação, isto é, a maioria admitiu sua preferência à continuidade do grupo fechado. A presença do Alberto é, mas uma vez, reforçada no trecho abaixo.

Ainda resistimos a nos ver como somos e fugimos de nós mesmos, de mil formas, apelando às futilidades para que não mergulhemos no nosso universo emocional. Temos medo dele. Preferimos ainda esconder-nos de nós mesmos. Cada reunião é um momento importante para nós, apesar de todas essas contradições. Um momento em que encontramos os amigos, mas muito, além disso, podemos ser o que somos, sem vergonhas, constrangimentos, medos ou barreiras para que nos refugiemos numa mentira. A mentira de não ser o que somos. Por isso, diante de milhares de homoafetivos que gostariam de se deparar com uma Oficina em suas existências, somos privilegiados. Porque estamos na luta pela nossa redenção. E evolução. Em todos os sentidos (Ata de reunião, abril de 2010).

Por alguns momentos me pareceu quase que uma pequena obsessão, a ideia fixa de Alberto de que, segundo ele, a maioria dos gays vive infeliz e solitária administrando problemas emocionais. Na significativa quantidade de material que reuni das atas das reuniões, desde 2009, a valorização e exaltação do grupo como um lugar seguro e melhor ficou evidente. Segundo ele, quem não participa de um grupo seria menos feliz. Mesmo compreendendo que este grupo fez uma enorme diferença na vida de destes homens, procuro evitar generalizações deste tipo. Penso que as pessoas procurariam outros modos de enfrentar, de resistir e de compartilhar a complexidade da vida.

“Eu acho que o grupo faz diferença, pois as pessoas que saíram e que não participam de grupos eu acho que perderam muita coisa, o amadurecimento, a aceitação, eu acho que nós somos privilegiados. Se não tivesse o grupo minha vida seria mais fútil eu acho, eu teria que buscar alguma coisa, eu acho que tem que participar de grupos, faz diferença, eu faria terapia, mas não é a mesma coisa. Bem, hoje tem terapia em grupo mas seria muito pesado eu acho, então o grupo é uma mistura de psicoterapia com amizade, melhor coisa que existe” (Arlindo, 58 anos).

(Diário de campo,12/11/11): Esta reunião foi na casa de um integrante novo no grupo, um professor universitário de 45 anos. Além dele outras duas novas pessoas

também ajudaram a lotar a sala de seu apartamento: uma lésbica, que passou a freqüentar algumas reuniões do grupo, e um frei católico, amigo do Rogério, o integrante mais jovem do grupo. O primeiro assunto foi sobre vaidades: maquiagem, laser, depilação e cuidados corporais, logo alguém pergunta: “*É maquiagem discreta?*” e logo em seguida: “*Mas que veedagem é essa?*”. Alberto abre, oficialmente, a reunião e destaca: “*Nós carregamos uma bandeira de calor humano e fraternidade*”. O novo integrante do grupo questiona: “*Quando vai ser uma reunião na boate? Eu fui sozinho!*” E Fábio responde: “*Só tem bichinha fashion lá!*”. O novato no grupo reclama da falta de sexo e logo todos exploram o assunto: diferentes posições sexuais, comportamento de ativos e passivos e os prazeres que proporcionam, memórias das pegações entre primos e vizinhos na infância e/ou adolescência. Um integrante dispara: “*Até o coordenador desencalhou!*” E este em seguida responde: “*Graças a Deus, a psicóloga está me ajudando*”. Outro integrante provoca o grupo: “*A gente fala muito e não faz nada!*”.

O trecho acima nos permite refletir sobre duas questões: uma ideia que circula no grupo de que os demais homens gays vivem uma vida repleta de prazeres e amores; e a crítica de que “muito se fala e pouco se faz” no grupo – destacada pelo novo integrante logo nas primeiras reuniões em que participou. A partir disso é válido destacar uma questão: ou os informantes acreditam que os demais gays fora do grupo são infelizes, ou eles pensam que os demais gays vivem uma vida repleta de prazeres e futilidades, e também consideram isso uma infelicidade. Percebi, mais uma vez, um movimento para estreitar os laços afetivos no próprio grupo e/ou nos subgrupos. As parcerias, como destaquei anteriormente, mostraram-se contingenciais, um tanto superficiais, mas produtivas, se relacionadas ao coletivo do grupo. De fato, neste pequeno coletivo de homens, uns precisam dos outros e arriscaria a apostar que se tornam mais satisfeitos ou felizes por isso.

(Diário de Campo, 12/11/11): Aproveitei que estavam comentando sobre vida social em Porto Alegre e perguntei: *Se não existisse o grupo, o que você faria aos sábados à noite?* Otávio: “*Sempre tenho o que fazer com o Áureo*”; Fábio: “*Ficaria em casa, eu não vou à boate porque não tenho companhia, às vezes vou à sauna*”; Ricardo:

“Ficaria em casa”; Alejandro: *“Sauna e TV”*; um novo integrante: *“Em casa, ou ligaria para alguém”*; Bento: *“Ligaria para amigos”*; Arlindo: *“Teatro, shows ou janta com amigos”*; Dino: *“Ficaria em casa com minhas gatinhas, ou internet, ou sairia a um bar gay”*; Alberto: *“Em casa na internet, eu acho que seria mais solitário”*. Vários integrantes do grupo afirmaram que gostariam de sair mas que não têm companhia.

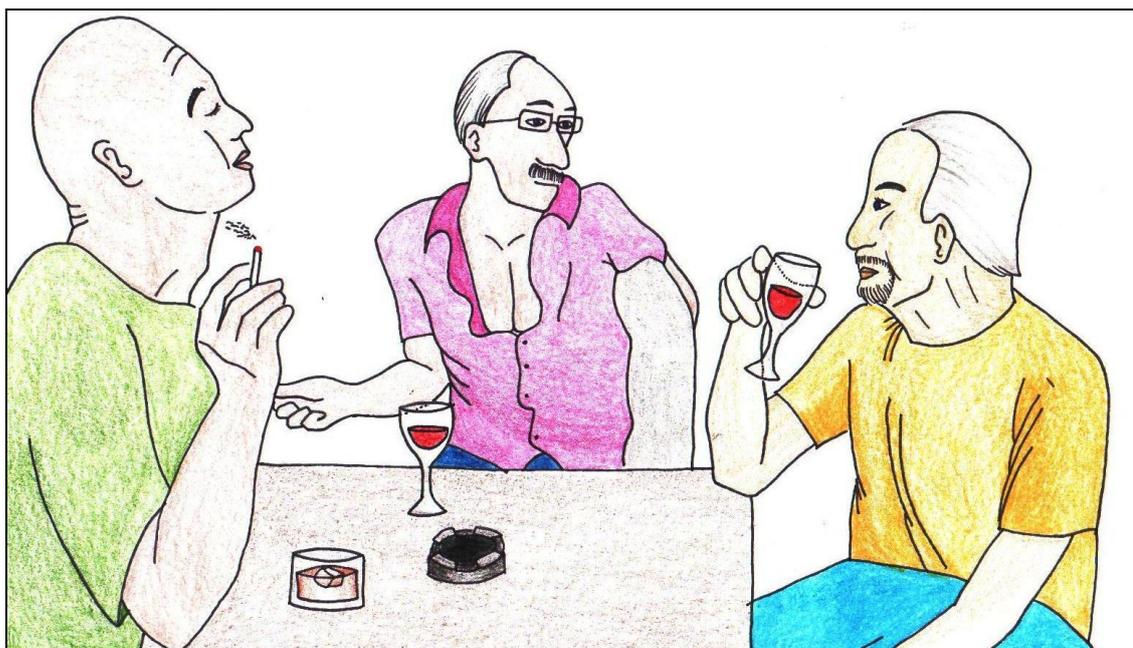


Figura 14: Entre amigos

Posso pensar que estes homens gays têm companhia sim, mas para as reuniões, entre eles. Ao invés de saírem em espaços outros de sociabilidade preferem se reunir em casa ou na casa dos outros, “dentro” do grupo. Quando se reúnem, nos subgrupos, geralmente os programas não são à noite, e ainda assim, apresentaram-se escassos. Os pedidos para encontros extra-reuniões acompanharam o grupo especialmente no último ano da pesquisa.

“Por que onde é que eu poderia, solitário nessa cidade, arrumar 14, 15 pessoas pra dizer que eu encontrei um cara legal na sauna? Sem culpa ou vergonha nenhuma? Fora não teria esse espaço, aí tu terias que guardar pra ti essa felicidade ou frustração tudo tu terias que ficar pra ti, tu vais contar pra quem? Lá não, lá a gente pode dizer olha fiz e aconteceu, chorei, ou não e as pessoas todas ouvem e isso é este ponto importante do grupo, é essa terapia que a gente faz, no fundo isso é uma terapia, não é uma terapia clínica mas é uma coisa que flui naturalmente, não precisa ter algum medico ou psicólogo, a gente faz isso dizendo besteira, há muito tempo!” (Fábio, 62 anos)

Há pessoas que ainda não assimilaram o valor de nossas reuniões. De vez em quando, rola a dúvida: é um grupo de convivência? É um grupo de busca do autoconhecimento? Tem valor ou intenção terapêutica, ainda que despretensiosa e informal, muito informal? Na realidade, tudo se mistura, e o grupo... não possui uma cara única. Sua face é a de todos nós, de cada um, porque nós a fazemos assim ou assado. Não será A ou B que determinará que ela tenha esse ou aquele rosto. Identidade é construção. O grupo... já definiu uma? Tudo indica que não. Mas, há 12 anos, estamos juntos, e as histórias narradas pela realidade mostram que seus resultados são excelentes. E aquele companheiro que era só passivo com o ex-namorado e se sentia muito desconfortável, e até humana e psicologicamente diminuído, por isso? Quem o ajudou? Tu, eu, ele, todos nós. Ou seja, a Oficina... Hoje, ele está muito bem, graças a Deus, e a ela... Quando veio agradecer pela ajuda que o grupo lhe proporcionou, fazendo-o compreender que a posição na hora do sexo em nada reduz nossa dignidade, esse companheiro conferiu um enorme aval à importância do grupo... E o jardineiro de Ipanema, que se valorizou como ser humano, participando de nossos encontros, até escapando da possibilidade de suicídio? Outra conquista, histórica, do grupo. E aquelas reuniões inesquecíveis, ao lado do hoje camelódromo, na sede do Nuances, em 2000, quando travestis, drag queens, michês, lésbicas, transexuais, todos somados, eram acolhidos, com dignidade e respeito, calor humano e atenção, como não poderia ser diferente? Naqueles momentos, com a junção de estilos de vida, nós nos revelávamos humanos, civilizados e democratas, na prática, recebendo, sob o mesmo teto, pessoas bem diferentes entre si, incluindo aqueles que têm uma trajetória certinha, comportada, jamais cogitando de viver uma vida semelhante a essas figuras humanas. Uma caminhada, como tu vês, bem diversa de todas elas, personagens do mundo homossexual. Não te esqueças de que aquele outro companheiro chegou à reunião no Passo da Areia, em 28 de agosto de 2010, acuado, encolhendo-se num pedaço do sofá. Hoje, é outra pessoa, aberta, descontraída, solta, alegre, muito mais bem resolvida quanto à sua sexualidade. Esse fato se deve a quem? A ti, a mim, ao grupo... E ainda há gente que não dá valor a ele... (Ata de reunião, janeiro de 2011).

O trecho acima reforça a visão de Alberto que viveu intensamente os treze anos do grupo, no entanto, a maioria dos participantes atualmente não participou desta época, são mais recentes e, portanto, os olhares mostraram-se diversos. Este é um ponto de conflito e de tensão no grupo: a missão quase que terapêutica reforçada pelo coordenador e a busca por parcerias amigáveis e mais leves como relatou a maioria dos integrantes.

Não temos uma sede pelo fato de a maioria de nós querer preservar esse caráter intimista de nossos encontros, onde alegria e calor humano tornam esses momentos muito gratificantes. Em função dessa decisão coletiva, não procuramos, como grupo, ser conhecidos com a ajuda da Imprensa. Queremos ampliar nossos horizontes, tomando contato com outras visões da realidade, recebendo pessoas

qualificadas que nos possam ajudar nesse sentido (Ata de reunião, fevereiro de 2011).

“Eu continuo no grupo porque justamente este grupo de amigos que me dá isso, a oportunidade de extravazar sem que eu tenha que disfarçar, sem que eu tenha que me controlar, eu nunca fui desmunhecado mas se eu quiser desmunhecar no grupo eu posso, então isso me parece substancial, eu poder me expor e não tem ninguém lá pra me criticar, tem pra dar risada, mas tudo bem, é isso que é bacana! Pra isso que serve o grupo pra ajudar a gente nesse sentido, não no sentido psiquiátrico ou psicológico – isto tudo poderia estar englobado no que se poderia chamar de sociabilização, nós criamos uma sociedade de homossexuais não pra fazer suruba, como tem, mas que não é o caso, a gente tá em outra e que funciona, e hoje eu posso te dizer que eu tenho amigos, eu posso me expor, posso falar o que eu quiser, então se não fosse o grupo, se não fosse vocês como amigos, eu iria conversar com quem? Com o vizinho? Com as filhas? Não funciona... não teria como – sim tem coisas que eu só compartilho no grupo, só no grupo, fora não tem como” (Fábio, 62 anos).

“Como no grupo a gente está entre pessoas amigas, eu me sinto completamente à vontade. E o grupo vai se reciclando, tem pessoas que acho que enche o saco saem e depois voltam, faz parte, agora, por exemplo, voltou um integrante que estava afastado há um bom tempo e voltou com tudo, com ideias novas e mais participativo, muito interessante” (Ricardo, 57 anos).

Se a reunião do grupo, agendada para 27 de dezembro, terça-feira, às 19 horas, a última de 2011, for tão acolhedora e proveitosa como a de 10 de dezembro, fecharemos o ano com um saldo de encontros muito gratificantes. De fato, a reunião desse sábado discutiu assuntos muito importantes ligados à homoafetividade, papos que a tornaram uma das melhores de 2011 em relação a conteúdos. Resta apostar que o encontro de 27 de dezembro siga o exemplo, e supere o último já realizado. Escolhemos uma terça-feira para nos agregarmos em torno de nossos objetivos de nos atualizarmos sobre o que rola quanto à homossexualidade no Brasil e no mundo, de reforçarmos nossas amizades e de nos ajudarmos mutuamente, estimulando o autoconhecimento, em função de que 24 e 31 de dezembro são vésperas de Natal e Ano Novo, dia, o sábado, em que normalmente nos aproximamos em torno de nossa identidade sexual comum. Resta um desafio a ser enfrentado: o que fazer em 2012 para tornar o grupo cada vez mais interessante, rica e fecunda para que nos sintamos com muito maior bem-estar e saúde, inclusive emocional? Encaremo-lo, sem fuga nem dúvidas. (Ata de reunião, dezembro de 2011).

Nosso grupo é muito estranho. Se tu propões uma pauta, ele descarta. Se não há uma, as reuniões correm o risco de ficarem xoxas, vazias, sem conteúdo, como na última. O problema, ao meu ver, é que as pessoas se escondem delas mesmas, ou seja, fogem de sua realidade interior. Penso que um grupo como o nosso deveria se autoanalisar, individual e coletivamente, como, aliás, era a proposta original da

Oficina. Há no grupo pessoas que escapam de olhar o rosto no espelho, e isso as faz refratárias de um avanço coletivo. De certa forma, elas são o freio de que o grupo não precisa. Essa história do grupo não ter uma cara, uma identidade, é, em grande parte, responsável pelo nosso recuo ou atraso. Porque quem não progride, de uma certa maneira, retrocede, porque os outros caminham. E a vida não permite estacionamentos, a não ser em terrenos baldios, nas grandes cidades. Falta, também, na minha opinião, um coordenador, eleito pela maioria. Alguém que tenha pulso para imprimir um rumo às reuniões e a todo o grupo..., nelas ou fora delas. Cada encontro exige trabalho. É preciso divulgar as reuniões, passando recados eletrônicos. É indispensável conseguir um lugar para os encontros, apelando a cada morador que os abrigue. E, não raro, é necessário colocar as pessoas no colo e niná-las, porque algumas têm problemas emocionais que precisam ser empurradas. Tudo exige dedicação, que paga a pena quando vemos o povo reunido e os encontros acontecerem, em geral, com muito bom conteúdo. Já observaste como eles me chamam de Madre Superiora? No fundo, eles, pela brincadeira, ou rejeitam minha liderança, de organizador, ou não querem nenhuma. Gostariam de que o grupo fosse uma mera reunião de amigos, sem compromisso, sem objetivos, sem nada mais palpável. (Ata da reunião – março de 2011).

Estas atas das reuniões, redigidas por Alberto, destacam como sua visão se mostra contraditória, pois em alguns momentos o grupo seria um ótimo lugar para conviver e, em outros, ele não avança, se concentra em conversas simples e fúteis. O que significaria, para ele, avançar? Ficar mais visível? Arrisco a dizer que não, talvez fosse investir (mais ainda) no compartilhar de relatos de problemas pessoais, emocionais, sobre a auto-aceitação gay e seus desdobramentos em diferentes contextos.

No acompanhamento do grupo investigado, principalmente no primeiro ano das reuniões, a postura e vivência dos integrantes sobre as práticas homoeróticas e sobre a própria vida, apontaram para outra compreensão de amizade, a qual a dimensão política foi praticamente inexistente. Entendo que esta dimensão política da amizade não se refere, apenas, à questão de engajamento à militância gay, mas, sobretudo, a possibilidades criativas de reinvenção de si mesmo e das relações com o(s) outro(s).

“Então se não fosse o grupo e alguns amigos que eu cultivo eu acho que a minha vida seria uma merda, completa. Eu seria uma pessoa extremamente solitária, resmungão, e eu já sou um pouco né? Tu achas que eu iria numa boate? Sozinho? Que eu ia bater perna de sauna em sauna catando alguém? , eu acho que não, pra mim seria muito complicado” (Fábio, 62 anos).

A concepção de amizade privilegiada entre os integrantes do grupo apontou, na maioria das vezes, muito mais para uma postura “passiva”, de observação do outro, no sentido de ouvir as dificuldades compartilhadas do que para alguma intervenção mais propositiva, de transformação individual a partir das interessantes tensões do coletivo do grupo. Além de uma leitura espiritualizada do mundo, que propõe a prática da caridade ao próximo, onde três dos seis integrantes do núcleo velho, principais colaboradores desta pesquisa, seguem a filosofia espírita, a maioria dos integrantes do grupo parece reforçar o modelo hetero(homo)normativo em seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Ao encaminhar a finalização da tese destaco a singular compreensão de amizade, a partir da compreensão dos integrantes mais velhos, os quais planejaram e constituíram este pequeno coletivo de homens ao longo de sua trajetória. As relações que teci entre corpo-idade-prazer e seus desdobramentos entre os integrantes do grupo permitiram-me sublinhar processos significativos, no sentido de apontar algumas possibilidades de reinvenção de si mesmos, de compreensão da própria vida e de suas relações com o(s) outro(s). É oportuno destacar que esta reinvenção de si nem trilhou o caminho da militância, nem do assumir-se como modernamente ele tem sido tratado, nem o caminho da completa discrição e anonimato. Meus informantes parecem ter inventado algo original, respeitando as trajetórias e medos de cada um, e recusando novos modelos de vida gay apegados a prazeres, uma vez que apontam interesse especial para um elemento de dedicação ao outro, de ajuda e trabalho para a melhoria do mundo. Tais características que busquei descrever e contextualizar ao longo da tese acabam por marcar a singular escolha de modo de vida destes homens.

A partir dos velhos e novos ambientes e contextos pelos quais circularam e estabeleceram (re)significações, arrisco a afirmar que participar de um pequeno coletivo, de forma sistemática, ainda que quinzenalmente, fez (e faz) uma diferença significativa na vida destes homens, principalmente do núcleo velho e da periferia flutuante, ou seja, dos mais velhos do grupo. Seja nos momentos das reuniões, de passeios e viagens ou, das relações vivenciadas nos subgrupos, percebi que estar entre os “seus pares” produziu sentimentos de pertencimento, de identificação e de certa proteção e acolhimento afetivo - sem sexo – os quais permitiram organizar um

enfrentamento mais elaborado às dificuldades e angústias, das mais diversas ordens, compartilhadas no (e a partir do) espaço das reuniões.

Ainda que minha presença como pesquisador possa ter provocado alguns movimentos no grupo, no sentido de incentivar a reflexão sobre o mesmo, compreendi que as possibilidades de sociabilidade destes homens não só aumentaram, se comparadas ao início de minha entrada no campo, como se mostraram diferenciadas. Apesar das críticas o desejo de frequentar saunas e de espaços do chamado “circuito gay” saiu do plano das ideias e se concretizou, em outros tons, mais leves, às recorrentes “rabugices” da maioria dos integrantes do grupo, inclusive do próprio coordenador. Crítico severo de tais lugares devido à banalização do sexo e às baixas e negativas “vibrações energéticas”, a “Madre Superiora”, após o falecimento de sua mãe e do retorno às sessões de terapia, passou a conviver com maior frequência e aceitar os convites para sair dos demais companheiros do grupo.

Acredito que o fato da entrada dos novos integrantes, na faixa dos 40 anos, e com uma maior disposição e vontade de se encontrar ou mesmo para sair de casa, tenha contribuído para esta nova movimentação no grupo. Todos solteiros, chegaram às reuniões do mesmo modo dos demais, indicados por algum integrante, e o interessante foi que manifestaram, com cuidado, algumas críticas à sistemática caseira do grupo, como se cobrando outras ações em espaços distintos, além do ambiente das salas das casas dos participantes. Ao mesmo tempo a recente entrada de uma nova integrante, uma “lésbica”, ativista política, provocou uma disposição maior para o engajamento e respectivo encorajamento dos informantes à luta dos direitos do movimento LGBT, até então inexistente no grupo.

“Olha, eu percebo que quando o grupo está reunido em ambientes sociais aí parece que a gente tem uma força maior de se deixar mais natural. Por exemplo, se vai um casal gay vai jantar num lugar tem um comportamento e tal, mas se vai um grupo grande de pessoas parece que reforça, sabe? Então essa coisa eu notei que quando estamos em grupo em lugares públicos há um reforço, parece que tu te sentes mais seguro, tu te sentes num grupo, tu te sempre pertencente a algo, no coletivo do grupo, claro, exatamente. E dá pelo menos a impressão, digamos, que se houver alguma coisa o grupo está presente e o grupo vai se manifestar e vai te defender, inspira até uma certa proteção” (Ricardo, 57 anos).

“Eu acho que mesmo cada um tendo a sua vida, se eu precisar pedir alguma coisa eu vou ter atenção, senão de todos pelo menos da maioria, o interessante nesse grupo são as pessoas jovens que estão nele, o Rogério de 23 anos, o Maurício, o Áureo e agora a Mônica, pessoas com menos de 40 anos já tem umas quantas!” (Fábio, 62 anos)

É importante destacar que embora o grupo apresentasse uma moral hegemônica, não apenas de Alberto, mas respaldada por parte do grupo, e que esta se mostrou conservadora, isto não impediu que as pessoas, a partir das próprias questões discutidas no grupo, viessem a apresentar resistências, ao modo de Foucault, ou subversões, a esta moral do grupo, experimentando coisas novas, diferentes. Apesar da circulação de fortes críticas às paradas gays em todo o país, acerca de uma banalização e certa carnavalização do corpo e do “sexo fácil”, em especial à de Porto Alegre, um dos informantes, Ricardo, relatou emocionado que participou pela primeira vez da parada gay da cidade, em 2010. Compartilhou, em uma das reuniões, que foi ao evento sozinho, sem seu companheiro e sem os amigos do grupo. Afirmou que *“foi uma experiência incrível”*, que não se arrependeu e que pretende participar das próximas. Ricardo, espírita, “casado”, surpreendeu a todos quando passou a frequentar aulas de teatro, em um projeto da prefeitura da cidade. Afirmou que buscava um espaço onde pudesse sentir-se mais pleno e para poder expressar-se melhor. Ao final do curso relatou, emocionado, no grupo, que se apresentou em uma peça teatral e que a experiência foi única e extremamente prazerosa. As possibilidades de expressão corporal e de interagir com pessoas de diferentes perfis, sobretudo jovens, foram as questões mais significativas apontadas por este informante.

O informante Fábio, o “urso”, um dos mais críticos e expressivos do grupo, anunciou a criação de seu próprio *blog*⁷⁹ onde, além de expressar suas opiniões sobre as temáticas discutidas nas reuniões, compartilha suas percepções sobre a vida, sobre a homossexualidade e sobre os “ursos”. O conteúdo do blog é recheado com textos de Fábio sobre o cotidiano em Porto Alegre, além de suas próprias ilustrações: seus comentados desenhos. Isto foi uma grande surpresa para mim: descobri que um “artista” fazia parte do grupo. Descobri também, que o informante

⁷⁹ O blog “saiu do ar”, isto é, deixou de funcionar no ano de 2012 quando Fábio deixou de morar sozinho e voltou a dividir residência junto da ex-mulher e de suas filhas.

Alejandro costumava desenhar, também com o auxílio do computador, produções sobre temas que mais apreciava. Como atuou como professor de patinação artística, seus desenhos geralmente abordaram essa temática, além de questões religiosas e de diferentes percepções sobre a figura do corpo masculino.

Além das reuniões formais, onde o debate de ideias e o compartilhar de situações cotidianas prevalecia, outra modalidade de reunião foi inventada pelo grupo, denominada de “Sarau”. Após inúmeros pedidos dos integrantes Alberto organizou encontros onde se poderia relembrar e cantar músicas, declamar poemas e poesias, tudo associado a um cardápio caprichado e original. Enfim, reunião com ares de celebração! Neste sentido, se pensarmos na ideia de utopia como um mundo perfeito e idealizado, estes homens, ao contrário, buscaram algo que possa aproximar àquilo que Foucault chamou de heterotopia – a invenção de outros espaços, diferentes dos habituais, uma forma de contestação à ordem vigente, um contrapositionamento. No sentido foucaultiano, sabemos que a liberdade jamais é algo que está dado, se exercita continuamente no âmbito dos contextos onde resistências se mostram produtoras à criação de outros modos de vida e de novas possibilidades de experimentações.

Em 12 anos de existência, esta foi a primeira vez em que a Oficina de Gente promoveu um sarau. Foi ontem, sábado, 17 de setembro de 2011, na Cidade Baixa, defronte à Praça Garibaldi. Não digas que não foste avisado(a). Se não compareceste, paciência. Não percas o próximo. Estava simplesmente delicioso. Um clima aconchegante, numa moradia acolhedora, só poderia resultar num encontro muito agradável de amigos em que a música nos aproximou e espalhou calor humano e prazer pela sala. Fartos, meu caro... Como descrever aquela atmosfera com que a música vai se impregnando em nossas almas em momentos em que nos afasta das asperezas do dia-a-dia? Música?... Quem falou nela? Coisa de profissional, desses ambientes de bares da Cidade Baixa, na década de 80 ou 90. Na reunião de ontem, talentos foram revelados. Nosso amigo Fábio, cujo pendor artístico todos desconhecíamos? Logo ele que, na juventude, foi crúner de um conjunto musical em Santo Ângelo. E os poemas, acredita, eram de Elisa Lucinda. O bônus foi "Operário em Construção", do grande Vinícius de Moraes, muito apropriado, numa residência que exala consciência política. Assim, dá licença, já estão debochando das nossas sensibilidades. Para que tenhas uma ideia, o repertório dos dois cantores incluiu - dá-lhe, competência ! - Chico Buarque, Dorival Caymmi, João Bosco, Tom Jobim, Baden Powell, Ednardo, Nat King Kong, Johnny Mathis, Ary Barroso, David Nasser, Milton Nascimento, Vitor Ramiel, Nei Lisboa, Luiz Gonzaga, Jayme Florence-Augusto Mesquita, Juca Chaves, Ciro Monteiro, Paulinho da Viola, Vicente Celestino, Jacob do Bandolim, os

irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, Carlos Lyra, Vinícius de Moraes, Moacir Santos, "tu que não és um, és tantos", como diria o Poetinha, e Seu Jorge, além dos cearenses Edmar Gonçalves e Flávio Paiva. Fica, sim, muito difícil traduzir em palavras o que foi essa tertúlia. Só quem passou esses momentos tão felizes pode aquilatar o ganho de quem a ela compareceu e a perda de quem, sem nenhum motivo mais consistente, não quis ir. Precisamos realizar outros saraus. Perdeste esse, companheiro. Lamento. Quem avisa amigo é...Tomara que onde estiveste o clima tenha sido bem melhor. Especialmente se a companhia dispensou nosso encontro festivo. Nós aproveitamos a noite, e como! Com certeza, outros saraus virão... Vale muito a pena (Ata de reunião, 17 de setembro de 2011).

Uma das questões que mais me surpreendeu no grupo, talvez tenha sido sua capacidade de adaptação às adversidades que enfrentou ao longo de sua trajetória e os laços (ou seriam "nós"?) de parceria entre seus integrantes. Para alguns, o grupo funciona como a (primeira) segunda família onde, mesmo afinizados por subgrupos, quando há necessidade de auxiliar algum deles a questão é levada ao coletivo, como uma espécie de fórum ou plenário preocupado em estabelecer estratégias de suporte, de práticas de aconselhamento e de cuidados do outro.

Nosso grupo é maior que cada um dos companheiros que a compõem. Ele se supera, dá a volta por cima, ressurgue sobre as cinzas, feito Fênix, e adquire mais vigor, porque as pessoas querem que se fortaleça. Procurar, sim, a transparência é a proposta maior da Oficina... Uma escola para que aprendamos a nos olharmos nos olhos e nos querermos muito bem, como uma construção na qual não escasseia o amor dividido entre todos. E cá entre nós: o que somos sem os amigos, sem gente que nos aceite ou se esforce para nos aceitar e acolher, sem pedir nem pressionar para que sejamos assim ou assado? (Ata de reunião, agosto de 2011).

"Os pilares desse grupo é o Alberto, ele gosta muito disso, e eu acho que o grupo continua a longo prazo, porque existe uma população flutuante mas existe uma população fixa no grupo e esta população fixa realmente necessita em termos de compreensão. Então eu acho que o grupo vai continuar, ele pode se modificar com o tempo. Há propostas do grupo ter uma sede própria pra ampliar e se tornar uma coisa mais formal, e até mais inserido politicamente no contexto, mais atuante, que ele teve no passado" (Ricardo, 57 anos).

Ao mesmo tempo em que Alberto mostrou-se preocupado em não revelar sua homossexualidade para qualquer pessoa, ele próprio continuou a planejar estratégias de ampliação ou modificação das reuniões do grupo no sentido de

visibilizá-la, como uma espécie de sonho solitário, uma vez que a maioria dos integrantes, até o final desta pesquisa, preferiu continuar com as reuniões caseiras.

“Eu pensei, a partir do movimento quilombista, que eu já participei, em fazer uma parceria com a Secretaria Municipal da Educação, e fazer isso e puxar o grupo nas escolas ou ONGs pra falar sobre sexualidade e homossexualidade, porque temos gente qualificada ali que poderia fazer isso, pelo menos 1 vez por mês, algumas palestras e tal” (Alberto, 62 anos).

“Então eu acho que a maioria do grupo não tem a dimensão da profundidade, grandeza, extensão e importância da Oficina da Gente, a todos nós, talvez a madre superiora tenha porque ela e outras pessoas cresceram bastante com este grupo e eu também cresci com esse grupo em várias questões” (Ricardo, 57 anos).

A questão da amizade deste grupo de homens esteve intimamente associada às temáticas do assumir-se e ao preconceito com gays afeminados como também verificou Carolina Parreiras, em sua dissertação de mestrado, onde investigou as relações entre as homossexualidades e erotismo de homens a partir de uma comunidade virtual (PARREIRAS, 2009). Alguns jovens do referido estudo só manifestavam seu desejo por outros homens no ambiente virtual, sem que outras pessoas da própria família ou amigos soubessem. Segundo eles o fato de compartilhar sensações e, de certa forma, “confessar”-se gay com outros gays auxiliaria na convivência com este “segredo” e possibilitaria relações de afeto, mesmo no ambiente virtual-real.

É impossível pensar em fantasias sem levar em conta a confissão, este ato de criar um discurso sobre si, o sexo e o corpo. Foi ela o instrumento que permitiu abordagem de questões muitas vezes consideradas tabus, como, por exemplo, assumir-se gay. E é ponto fundamental, pra esse momento confessional, o anonimato, facilitado pelo *on-line*. Não saber quem está do outro lado da tela pode favorecer a criação de relações mais íntimas e com maior envolvimento (emocional e afetivo) das partes. O confessionário virtual tem fins múltiplos. De um lado, é a possibilidade, às vezes única, para muitos “saírem do armário” e assumirem suas preferências sexuais e afetivas. De outro, converteu-se em uma maneira de dar vazão a desejos, fantasias e fetiches e também à configuração de formas específicas de erotismo (PARREIRAS, 2009, p.365).

De certa forma, situação semelhante ocorreu com o grupo que investiguei: meus informantes, bem mais velhos que os da pesquisa de Carolina Parreiras, ao invés de participar de comunidades virtuais com seus pares, encontraram um grupo,

fechado e discreto, para participar e compartilhar suas experiências. Posso apontar outra semelhança entre os estudos – a rejeição contra gays afeminados. A autora também coletou vários depoimentos agressivos a essa questão.

Muitos dos que postaram neste tópico faziam parte de uma outra comunidade chamada “Gay sim, bicha nunca!” e não consideravam sinal de preconceito adotar uma postura de repúdio a comportamentos afeminados, o conhecido “dar pinta” (PARREIRAS, 2009, p.358).

A compreensão do “cuidar de si”, contemporâneo, da “Oficina da Gente” configurou-se em movimento. Situa-se, como já mencionei anteriormente, entre a sala e a rua, entre sair e permanecer no armário e, entre o desejo de uma beleza jovial e a sabedoria do avançar da idade e, sobretudo, se alimenta, se apoia e se ressignifica entre eles próprios, no coletivo.

Ao concluir esta tese acredito ser relevante destacar certa originalidade da dinâmica do grupo em relação ao “cenário e mercado gay”, atualmente, em comparação às demais trajetórias de outros grupos citados no trabalho. A preocupação de auxílio entre os participantes e sua maneira caseira e extremamente ritualizada e regrada de olhar e de conviver com seus desejos e experimentações afetivo-sexuais me soou, muitas vezes, quase que exclusivas. Neste sentido, percebi no grupo vários elementos de contraste com o modo de vida gay hegemônico, destacada a partir das críticas de meus informantes. Penso que o grupo investigado apresenta outro estilo e percepção de vida: nem tão militante, nem tão enrustido, nem tão *fashion*, ou seja, de acordo com seu contexto e a trajetória de seus integrantes. No entanto, construíram-se como observadores atentos, estudiosos, das questões acerca do movimento LGBT ao levar as discussões atuais para dentro do grupo e aprofundá-las.

Compreendi que o grupo funciona como uma espécie de janela, de observatório do mundo onde seus integrantes compartilham suas experiências à moda de uma “terapia coletiva” e filosofam sobre a(s) homossexualidade(s) e seus desdobramentos, sobretudo suas relações com o processo do envelhecer. A mesma “janela” que observa o mundo, “para fora”, observa e “cuida” os próprios integrantes, “para dentro”, que ora assume as posições do coletivo, ora assume a potente presença da “Madre Superiora”. Ou seja, se não se vai ao mundo, se traz ele para

dentro da sala das casas dos informantes. Tudo planejado anteriormente, com rigor e riqueza de detalhes em ambientes agradáveis e acolhedores, com cardápios que foram da simplicidade de sanduíches e refrigerantes a coquetéis e vinhos selecionados, quando da presença de convidados e nas reuniões-saraus. Foi assim que me senti durante o acompanhamento das reuniões no trabalho de campo: algumas vezes desafiado, questionado, testado; mas na maioria delas, acolhido, respeitado e tratado como um “amigo”, como “um deles”.

“Não citei que a Oficina... já soma 13 anos de existência nem de que ela busca atingir três objetivos. É uma reunião de amigos que estão juntos por se quererem bem, sem qualquer outro interesse, a não ser celebrar uma sadia amizade. Visa também nos atualizar sobre o que rola no Brasil e no mundo em relação à homossexualidade e procura promover o autoconhecimento, permitindo que qualquer um de nós, sob um pacto de sigilo, possa expor um problema que o esteja incomodando para que os oficinairos possam dar opiniões e ajudá-lo a refletir sobre aquele momento, respeitado sempre o livre arbítrio” (Ata de reunião, janeiro de 2012).

As relações de convivência e postura do grupo constituíram-se em um modo protegido de sociabilidade homoerótica, na maioria das vezes previsível, pouco ousada ou contestadora em relação às questões político-sociais apontadas pelo movimento LGBT. As ações e movimentos de engajamento que presenciei se referiram a eles próprios, dentro do grupo, com algumas iniciativas de sair dele e buscar um diálogo e parcerias mais produtivas. As relações entre o “eu e o(s) outro(s)” baseadas em uma política de solidariedade espiritualizada, mostraram-se como um pano de fundo das reuniões do grupo.

Conforme Francisco Ortega as concepções de ética e de sociabilidade “(...) nascem da relação face-a-face e renunciam a proposição de verdades normativas generalizáveis e a universalização de ações morais” (ORTEGA, 1999, p.139). Portanto, concepções sobre casamento, família, asilo, doença, podem ser problematizadas e recriadas a partir de outras relações sociais e modos de vida possibilitadas pela questão da amizade e de suas orientações criativas, porosas, flexíveis. A amizade como proposição de estilística da existência aponta para a criação de uma nova erótica, não disciplinada, ou seja, uma economia de prazer não normatizada sexualmente. “A vida pode ser uma obra de arte e o cuidado de si não

se confunde com os apreços hedonistas com o corpo ou com o espírito” (PASSETTI, 2008, p.111).

Assim, posso compreender que as rotinas e os rituais do grupo, ou seja, seus movimentos e tensões acabam por dar, constantemente, vitalidade ao mesmo e praticamente garantir “o futuro” da Oficina da Gente. A recente entrada dos novos integrantes aponta nesta direção. Ao compartilhar sua experiência sobre o processo de envelhecimento, no coletivo, além de reforçar algumas representações da figura do velho, no Brasil contemporâneo, seus integrantes têm a oportunidade de inventar outras possibilidades e de ressignificar a própria velhice. Ao articular o processo de envelhecimento com a questão da amizade compreendi ser possível ensaiar e promover novos modos de envelhecer, produtores de prazer e de um cuidado de si, ético, baseado em relações intersubjetivas.

Dado o exposto, destaco a produtiva configuração deste grupo que leva seus integrantes, a partir de nível original de dimensão coletiva, a compartilhar e discutir tanto questões individuais quanto àquelas relacionadas à militância e ao movimento LGBT. A sociabilidade construída por eles certamente lhes permitiu modificar atitudes e construir formas ou ensaios de resistência à solidão, à discriminação e ao próprio viver, um tanto mais criativas do que se estivessem cada um em seu canto, principalmente em relação à questão do assumir-se e ao processo do envelhecer e seus desdobramentos.

REFERENCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar Pornô: a apresentação do obsceno no cinema e no vídeo**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

ALBUQUERQUE-JUNIOR, Durval M. **Michel Foucault e a Mona Lisa ou Como escrever a história com um sorriso nos lábios**. In.: Figuras de Foucault - Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALVARENGA, Luis F. C. **“Flores de plástico não morrem?” – Educação, saúde e envelhecimento na perspectiva de gênero**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Feral do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2006.

ANTUNES, Pedro, P. S. **Travestis envelhecem?** In.: Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

BARROSO, Fernando L. A. **Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre, RS, para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Porto Alegre, RS, 2007.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre, L&PM, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, Elza. **Considerações sobre o Envelhecimento da população no Brasil**. In.: Velhice e Sociedade – Anita L. Neri, Guita Grin Debert (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 1999.

BIRMAN, Joel. **Gramática do Erotismo: feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Organizado por Paulo Paim. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Silêncio, Suor e Sexo: Subjetividades e Diferenças em Clubes para Homens**. In.: Prazeres Dissidentes – María Elvira Díaz-Benitez, Carlos Eduardo Figari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor-identidade homossexual, educação e currículo**. Revista de Educação AEC, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.

BORRILLO, Daniel. **A Homofobia**. In.: Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio. Tatiana Lionço; Debora Diniz (organizadoras). Brasília, Letras Livres: Ed. UnB, 2009.

CAMARA, Cristina. **Cidadania e Orientação Sexual: a trajetória do Grupo Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CANDIOTTO. **Figuras de Foucault** – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARRARA, Sérgio. **Só os viris e discretos serão amados?** Disponível em <http://www.clam.org.br/publique>. Acessado em dezembro de 2009.

CARRARA, Sérgio e VIANNA, Adriana R.B. **“As Vítimas do Desejo”: os Tribunais Cariocas e a Homossexualidade nos Anos 1980**. In.: Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras. Adriana Piscitelli, Maria F. Gregori e Sergio Carrara (orgs.). Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2004.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHASSOT, Attico. **A Ciência é Masculina?** São Leopoldo: Editora Unisinos – Coleção Aldus, 2003.

CONNEL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. In. Revista Educação e Realidade, V.20, n. 02, Faced/UFRGS, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **O referente da identidade homossexual**. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996.

COUTO, Edvaldo. **Corpos Mutantes – Ensaio sobre novas (d)eficiências Corporais** – Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2007.

DEBERT, Guita Grin. **As representações (estereótipo) do papel do idoso na sociedade atual.** (polígrafo), Porto Alegre/RS, 1998.

_____, Guita Grin. **A Construção e a Reconstrução da Velhice: Família, Classe Social e Etnicidade.** In.: Velhice e Sociedade / Anita L. Neri, Guita G. Debert (orgs.) Campinas, SP: Papirus, 1999.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** Ed. Planeta do Brasil, 2011.

DOLL, Johannes. **O campo interdisciplinar da gerontologia.** In: PY, Lígia (Org.). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 83-108.

DUARTE, André. **Biopolítica e resistência – o legado de Michel Foucault.** In.: Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

EIZIRIK, MARIA F. Michel **Foucault: sobre a passagem do poder/saber à genealogia da ética.** In.: Cadernos de Sociologia – Programa de Pós-graduação em Sociologia, v.7, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

FACHINNI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e a Produção de Identidades Coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

FERRARI, Anderson & CASTRO, Roney. **“Sair do Armário” – Entre a Ficção e a Realidade: desdobramentos no cotidiano escolar.** In.: Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do Discurso em Educação.** Cadernos de Pesquisa, n. 114, Nov. 2001.

FONTANARI, Ivan P. **Nu, em público: o diário de campo fora do lugar.** In.: Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Patrícia Schuch, Miriam S. Vieira e Roberta Peter (orgs.). Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARDNER, Paula J. **Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas em Língua Inglesa.** In.: Revista Movimento, v.12, n,02, Ed. da UFRGS, Porto Alegre/RS, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GOELLNER, Silvana V. **Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness.** In.: Labrys - Estudos Feministas, 2006

GOELLNER, Silvana V. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

GREEN, James. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GROS, Frédéric. **O Cuidado de Si em Michel Foucault.** In.: Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz, Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HEILBORN, M. L. **Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção de identidade social.** In: PARKER, R. ; BARBOSA, R. M. (orgs.) Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns.** Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2002.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 4, Nº 9, 1998.

KOHAN, Walter Omar. **Do Fascismo ao Cuidado de Si: Sócrates e a relação com um mestre artista da existência.** In.: Para uma vida não fascista / Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2009

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Gênero, História e Educação:** construção e desconstrução. In.: Revista Educação & Realidade. UFRGS – v.20, n.2 – Porto Alegre/Rs, 1995.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (org). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, p.541-553, 2001.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In.: **Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação.** Guacira L. Louro, Jane F. Neckel, Silvana V. Gollner (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Corpo, Escola e Identidade.** In. Revista Educação & Realidade, V.25, n.2 – UFRGS/POA/RS, 2000.

MAcRAE, Edward. **Em defesa do gueto**. In.: Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. James Green & Ronaldo Trindade (orgs.) São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MEYER, Dagmar E.E.; SOARES, Rosângela de Fátima. **Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme**. In.: Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras / Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel E. Bujes (org.). – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In.: **Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. Guacira L. Louro, Jane F. Neckel, Silvana V. Goellner (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Estética da existência e pânico moral**. In.: Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. In.: Estudos Feministas, 14(3), 272 – Florianópolis, 2006.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MOTTA, Alda Britto. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, N.13, Ed. da Unicamp, Campinas, 1999.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa**. In: SILVA TRIVIÑOS, Augusto; MOLINA NETO, Vicente. A Pesquisa Qualitativa na Educação Física. : alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS; Sulina, 1999.

NERI, Anita L. **Paradigmas Contemporâneos sobre o Desenvolvimento Humano em Psicologia e em Sociologia**. In.: Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas / Anita Liberalesso Neri (org.). – Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2001.

NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2005.

NUNES, Claudio R. F. **Trazendo a noite para o dia: apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade**. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PAIVA, Antonio C. S. **Corpos/Seres que não importam – Sobre homossexuais velhos**. Bagoas: Revista de Estudos Gays. v.3. p. 191-208 – UFRN, 2009.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1992.

_____. **Abaixo do Equador**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARREIRAS, Carolina. **Fora do Armário... Dentro da Tela: Notas sobre Avatares, (homo) sexualidades e Erotismo a partir de uma comunidade virtual**. In.: Prazeres Dissidentes – María Elvira Días-Benitez, Carlos Eduardo Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PASSETTI, Edson. **Heterotopia, anarquismo e pirataria**. In.: Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS, Porto Alegre/RS, 2011.

ROHDEN, Fabíola. **Ginecologia, Gênero e Sexualidade na Ciência do Século XIX**. Horizontes Antropológicos, n.17, vol.8, 2002.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Graal Editora, 1999.

_____. **Genealogias da Amizade**. Iluminuras, 2002.

SAGGESE, Gustavo S. R. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no *coming out* de homens homossexuais**. Dissertação

(Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, RJ, 2009.

SANTOS, Daniel Kerry & LAGO, Mara Coelho de Souza. **Porosidades da velhice: experimentações (homo) eróticas de corpos dissidentes**. In.: Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

SANTOS, Daniel Kerry dos & FILHO, Fernando Silva Teixeira. **Proposições e pistas cartográficas nos estudos de gênero e das sexualidades**. In: Anais do Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. UDESC, 2010.

SCHIRMER, Anderson. **Saindo dos Armários**. In.: Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria útil de Análise Histórica**. In.: Revista Educação e Realidade, v.2, n.2, UFRGS - Porto Alegre/RS, 1995.

SEDGWICK, E. K. **A Epistemologia do Armário**. Cadernos Pagu, Campinas, Nº 28, 2007.

SEFFNER, Fernando. **O jeito de levar a vida: trajetórias de soropositivos enfrentando a morte anunciada**. (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS, Porto Alegre, 1995.

_____. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. UFRGS, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Alessandra Dartora. **Entre a saudade do passado e os desafios do presente: representações de velhice, saúde e doença entre homens**. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, Porto Alegre 2008.

SILVA, José Fábio Barbosa da. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. In.: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, UNESP, 2005.

SILVA & MONTENEGRO. **Jovem e bonito, velho e feio? Os homossexuais e as publicações homoeróticas brasileiras**. In.: Anais do VI Congresso Internacional de

Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH. Volume 1, Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

SILVA, Tomaz, Tadeu da (org.). **O que é, Afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SIMÕES, Julio A. & FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Editora Fund. Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Julio de Assis. **Homossexualidade masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais.** In.: CARRARA, Sergio *et al* (org.) Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras – Garamond, Rio de Janeiro, 2004.

SIQUEIRA, Maria E. C. de. **Teorias Sociológicas do Envelhecimento.** In.: Desenvolvimento e Envelhecimento – Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas / Anita L. Neri (org.). Campinas, SP: Papirus, 2001.

SOUZA, Nadia G. S. de. **“Fases de vida”: discursos biológicos, religiosos, midiáticos...** In.: Ensaio em estudos Culturais, Educação e Ciência. – Maria Lucia Wortmann, Luis H. Santos *et al* (orgs.). Porto Alegre/RS: Ed. da UFRGS, 2007.

SWAIN, Tania N. **Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista.** In.: Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TERTO JÚNIOR, Veriano de Souza. **No escurinho do Cinema... socialidade orgiástica nas tardes cariocas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade.** Edição revista e ampliada. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VANCE, Carole S. **A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico.** *Physis*, vol.5, n.1, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WEEKS, J. **O Corpo e a Sexualidade.** In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte> Autêntica, 2001.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In.: SILVA, T. T. da. (org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lucia C. **Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes.** In.: Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras / Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel E. Bujes (org.). – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ZALUAR, Alba. **Teoria e Prática do Trabalho de Campo: alguns problemas.** In.: A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa – Ruth Cardoso (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA 1ª ENTREVISTA

I – Caracterização do Informante

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Endereço:
- 1.4 Reside com alguém?
- 1.5 Religião?
- 1.6 Renda:

II – Sobre a relação com o Grupo

- 2.1 Como soube do grupo?
- 2.2 Participas há quanto tempo?
- 2.3 Por que participas do grupo?
- 2.4 Qual sua relação com os demais integrantes do grupo?
- 2.5 Ficaste algum tempo afastado do grupo?
- 2.6 Há alguma coisa no grupo que você não goste/concorde?
- 2.7 Você mudaria alguma coisa no grupo?

III – Sobre as relações familiares

- 3.1 Você possui familiares?
- 3.2 Como é a sua relação com a família?

IV – Sobre atividade profissional

- 4.1 Qual sua profissão?
- 4.2 Como é/foi a sua relação de trabalho com colegas e chefe?

V – Sobre sociabilidade

- 5.1 Como é sua vida social atualmente?
- 5.2 Costuma sair em Porto Alegre? Onde? Com quem?
- 5.3 O que achas da noite de Porto Alegre?
- 5.4 Como vives sua (homo)sexualidade atualmente?

VI – Sobre a compreensão de Saúde

- 6.1 Como você está de saúde?
- 6.2 Faz alguma coisa para manter a saúde?
- 6.3 Tens alguma prática de cuidado de si, da vaidade ou da beleza?

VII – Sobre a compreensão da morte/finitude

- 7.1 Qual sua compreensão da morte?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA 2ª ENTREVISTA

I – Sobre a relação com o Grupo

- 1.1 Como está sua relação com o grupo?
- 1.2 Sua relação com o grupo se modificou desde que começaste a freqüentá-lo?
- 1.3 O grupo tem contribuído para modificar a sua vida? Em quais circunstâncias?
- 1.4 Além do grupo tens relações com outras pessoas?
- 1.5 Caso você não participasse deste grupo, sua rotina/vida seria diferente? Em que sentido?

II – Sobre a questão do “assumir-se”

- 2.1 Você se considera mais “assumido” atualmente a partir da convivência com o grupo?
- 2.2 Seus familiares e amigos conhecem sua “orientação sexual”? Sabem sobre seus desejos e relações com outros homens?
- 2.3 Você enfrenta problemas a este respeito?

III – Sobre o processo de envelhecimento

- 3.1 Como percebe seu processo de envelhecimento daqui para frente?
- 3.2 O avanço da idade trouxe alguma questão ou preocupação nova sobre seu modo de vida?

IV – Sobre envelhecimento e religiosidade

- 4.1 Percebe alguma relação entre homossexualidade – envelhecimento e religiosidade/espiritualidade?
- 4.2 Sua crença e/ou fé em algo ou alguma coisa se modificou com o passar da idade?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Você está convidado a participar da pesquisa intitulada: **“O Bloco das Irenes”:** **articulações entre Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de Envelhecimento** que tem como objetivos principais investigar as relações entre a homossexualidade masculina e o processo de envelhecimento; compreender as negociações acerca da visibilidade e do “assumir-se” (estratégias de *comig out*) gay nas relações cotidianas; investigar a vivência da sociabilidade homossexual de um grupo de homens e identificar a compreensão de suas relações de amizade. Solicito seu consentimento informado para sua participação nesta pesquisa. Sua participação será por meio de entrevistas gravadas individualmente, as quais poderão ser interrompidas, a qualquer momento, para maiores esclarecimentos, além de conversas informais e do aceite de minha presença nas reuniões do grupo investigado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo a sua pessoa, sua participação é voluntária e pode ser encerrada a qualquer momento.

Os dados produzidos nesta pesquisa e as informações individuais estarão sob sigilo ético, não serão divulgados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado posteriormente. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e de ter esclarecido todas as minhas dúvidas, concordo em participar da referida pesquisa.

.....

Nome do Participante

.....

Assinatura do participante

Prof^o. Orientador: Fernando Seffner (51) 3308-3993

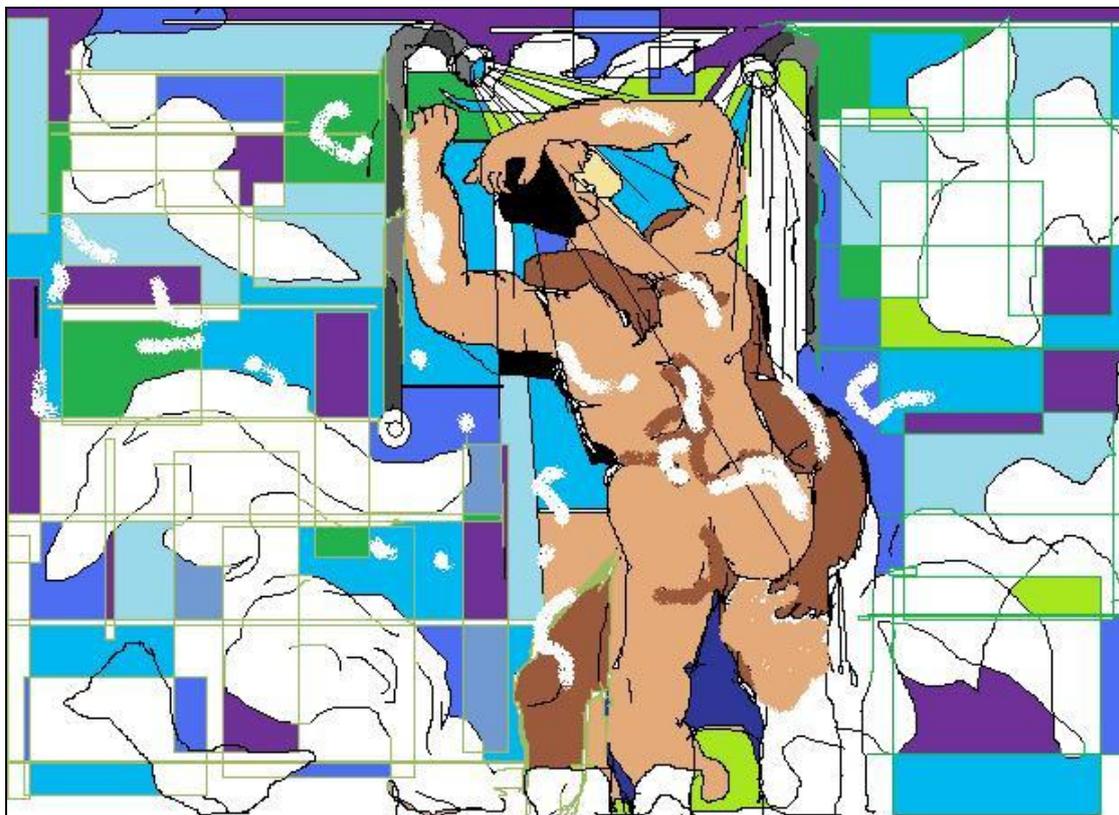
.....

Gustavo de Oliveira Duarte: Pesquisador responsável (53) 8462-2702

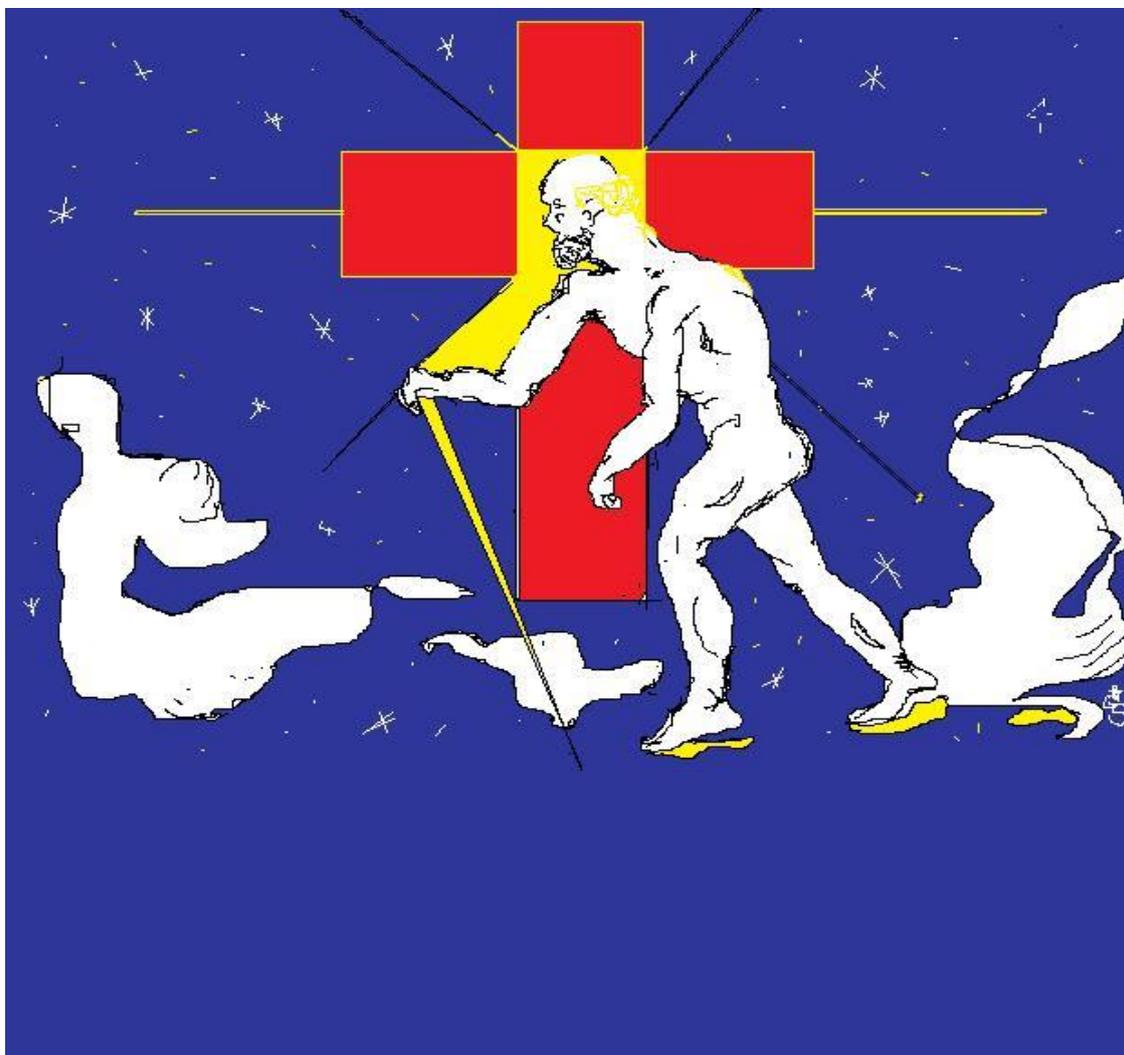
Data:

ANEXOS - Os “Artistas” do Grupo

ANEXO A: Curtindo na Sauna - (Alejandro, 64 anos).



ANEXO B: À procura do Eterno - (Alejandro, 64 anos)



ANEXO C: Reflexões (Fábio, 62 anos)

*“Tuas necessidades, eu sei, são prementes e pulsam
na tua alma e nos ônibus que habitas.
Só que não mais existem espaços decentes nas cidades, amor
e lá ou aqui qualquer paz é sofrida, lutada, de gosto amargo.
Em teu desconforto, porém, não te esqueças que meu coração é
um campo florido cheio de sol e nenhum perigo,
onde andamos de bicicleta por trilhas de planícies
em eternos declives sempre suaves.
Mas adianta te revelar a verdade que conheço?
Falo da futilidade e impermanência das conquistas
e do esforço hercúleo a produzir um leite raso.
- A felicidade não é a conquista,
a felicidade é a permanência, amor.
Meu coração possui uma casa nesse campo florido
e quanto te der na cachola vem de muda”.*

ESCREVO COMO SE CHUVA FOSSE

*Escrevo, luz da minha vida,
como se chuva fosse a escorrer e molhar os papéis
onde tento dar forma aos meus fenômenos.*

*Caracteres de gotas em queda suave,
minha escrita é pura energia vital
em busca de uma direção produtiva
dentre tantos horizontes possíveis.*

*Invento aguaceiros que se tornam rios,
rios que invadem, inundam e alimentam
meus parágrafos de seca os quais
- ó lírio imenso do meu prado,
são só tristes e gretados cenários
de sonhos e desejos que se acumulam
à espera de que um dia eu chova.*

*Sim, eu choverei um dia, mas não para atender rezas
ou xamânicas e inocentes danças da chuva;
saibam os sedentos de toda espécie que não negocio promessas,
nem aceito penitências, romarias, novenas...*

*Não, sequer chovo quando choro!
Na verdade, só me precipito em águas quando amo
e só me fecundo quando teu amor imploro.*